1ESTUDOS92 19/12/07 14:19 Página 3

AGÁLIA

PUBLICAÇOM INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇOM GALEGA DA LÍNGUA

números 91|92 2º Semestre 2007

1ESTUDOS92 19/12/07 14:19 Página 4

AGÁLIA

nº. 91|92 2º 2007

director:

Carlos Quiroga

conselho de redacçom:

Carlos Figueiras, Carlos Garrido, Carmen Villarino Pardo, Isaac Alonso Estraviz, Isabel Morám Cabanas, J. Henrique Peres Rodrigues, Joám Manuel Araújo, Mário Herrero Valeiro, Oscar Diaz Fouces, Paulo Valério, Raquel Bello Vázquez, Vítor Meirinho.

conselho científico:

Alberto Garcia Vessada, Aurora Marco, Carlos Campoy, Cláudio Lôpez Garrido, Felisindo Rodríguez, Higino Martínez Estêvez, Joám Trilho Pêrez, José Agrelo Ermo, José António Souto, José Luís Rodríguez, José-Martinho Montero Santalha, José Posada, Luís Gonçales Blasco, Manuela Rivera Cascudo, Marcial Gondar Portasany, Maria das Dores Rei Teixeiro, Ramom Nogueira Calvo, Ramom Reimunde Norenha, Xavier Vilhar Trilho [Galiza]

Evanildo Bechara, Gilda da Conceição Santos, Júlio Barreto Rocha, Márcio Ricardo Coelho Muniz, Raúl Antelo, Reynaldo Valinho, Yara Frateschi Vieira [BRASIL]

Albano Martins, Álvaro Iriarte Sanromám, Amadeu Torres, Benjamim Moreira, Carlos Assunção, Inocência Mata, José Luís Pires Laranjeira, Mário Gomes dos Santos, Óscar Lopes [PORTUGAL]

Onésimo Teotónio de Almeida [ESTADOS UNIDOS]

Fátima Mendonça [MOÇAMBIQUE]

N O T A D A R E D A C Ç O M

1. *AGÁLIA* reserva-se o direito a publicar originais nom solicitados.
2. A revista nom se responsabiliza da devoluçom de originais.
3. Os trabalhos publicados passam a ser propriedade da revista.
4. Os trabalhos publicados aparecerám na normativa de carácter reintegracionista que defende AGAL (no seu *Prontuário Ortográfico Galego*), ou em qualquer outra normativa do nosso sistema lingüístico. O envio de originais supom a aceitaçom desta norma.
5. Os textos assinados som da responsabilidade dos autores, nom se identificando, necessariamente, a revista com os respectivos pontos de vista.

[*Vid.* Normas para envio e publicaçom no final do volume]

Assinatura anual da Revista

30 € *Estado Espanhol*
34 € *Europa*
37 € *Outros Continentes*

Desenho e Maquetaçom: Carlos Quiroga
Imprime: *LITONOR* artes gráficas
Santiago de Compostela
litonor@litonor.com

Dep. Legal: C-250-1985
ISSN: 1130-3557

R E C E P Ç O M D E O R I G I N A I S E A S S I N A T U R A S

Apartado dos Correios 453 - 32080 OURENSE (Galiza)

Fax: 986 438 856

pragalia@agal-gz.org ♦ fgtinta@usc.es

www.agal-gz.org

1ESTUDOS92 19/12/07 14:19 Página 5

S U M Á R I O

ESPECIAL *XOSÉ MARÍA ÁLVAREZ BLÁZQUEZ*

9 **Um artigo inédito de José Maria Álvarez Blázquez sobre o trovador Airas Moniz d' Asma**
José-Martinho Montero Santalha

33 **Un trovador rompe a lei do segredo: *y-vel-sa***
[*Xosé María Álvarez Blázquez*]

39 **Dois poemas inéditos de José Maria Álvarez Blázquez**
[Nota introdutória de José-Martinho Montero Santalha]

ESTUDOS

45 **Interferência entre sistemas e políticas de traduçom. Práticas paradoxais no sistema literário galego**
Isaac Lourido Hermida

65 **Relaçons lingüísticas entre gírias gremiais e os argots dos ámbitos sociais marginais**
Jorge Rodrigues Gomes

83 **A (Sócio)Linguística Política e a Actual Norma do Português do Brasil**
Vítor Meirinho

105 **As Escolas de Emigrantes da Costa da Morte criadas pola ABC do Partido Judicial de Corcubiom**
José Paz Rodríguez

123 **Gandhi e sua relevância,** Shyama Prasad Ganguly

139 **Autonomismo vs Reintegracionismo. Um conflito normativo visto desde a Análise Crítica do Discurso Especializado**
Paulo Malvar Fernández

171 **José Ramon Fernández-Ogea: vida e obra,** Isaac Alonso Estraviz

185 **Da natureza primeira e última de todas as coisas, da mundanidade e da saudade**
Paulo Borges

RELATO / POESIA

215 Francisco Rogido: «Sem ar», «Adão, Eva, o cigarro, o vinho e os espelhos», «Os últimos teus, de Mateus», «A parte maldita da corpo», «Amar é...».

221 Antonieta Preto: «A língua das rosas».

F O T O S **Rui Sousa,** capas e interiores
<pp 7 e 32 cedidas por Celso Álvarez Cáccamo para o especial Álvarez Blázquez>

1ESTUDOS92 19/12/07 14:19 Página 6

Concha Rousia: «Antela», «Invernia» (228)
João Vasco Henriques: «Poema escrito na areia» (230)
Duarte Drumond Braga: «O rosto dos homens» (231)

ENTREVISTA

233 **Onésimo Teotónio de Almeida: A narrativa incisiva de um contador no esplendor**
por Carlos Quiroga

NOTAS

247 **Documentos medievais galegos (5)**
José-Martinho Montero Santalha

253 **Um exemplo de posmodernismo minimalista**
Ivone Ferreira

259 **Manifesto da *Nova Águia*, Revista de Cultura para o século XXI**
Direcção da Nova Águia

267 **Um sonho a caminho de ser realidade**
Isaac Alonso Estraviz

274 **Teatro e Literatura ao serviço da identificaçom de um país. *Turismo Infinito*: Nova e maior vida para os heterónimos...**
Joel R. Gômez

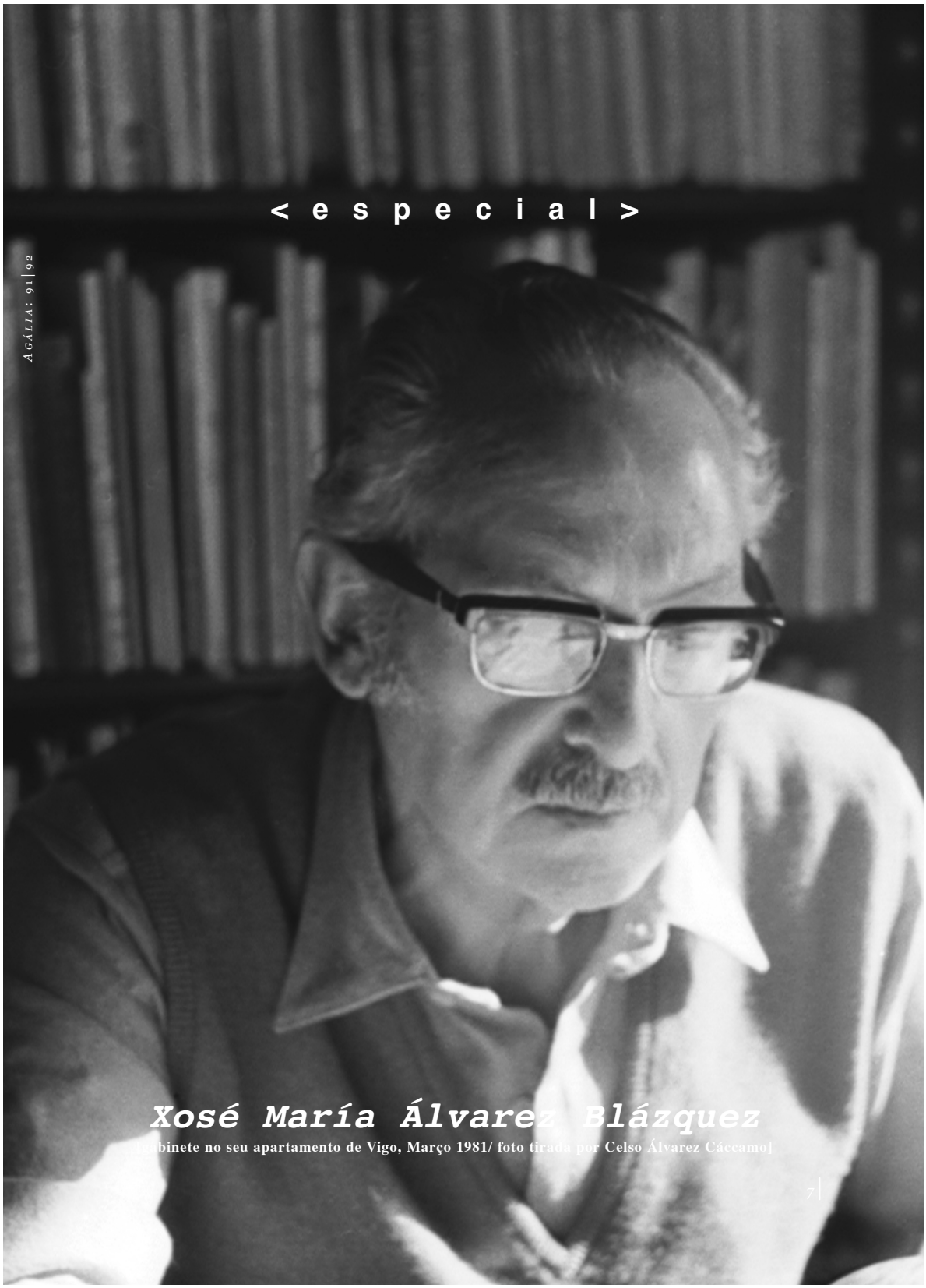
279 RECENSONS de Luís G. Soto (280), José-Martinho Montero Santalha (284, 287), Carlos Garrido (290) e Joel R. Gômez (293)

297 PERCURSO

PROPOSTA SOBRE *CARTA EUROPEIA DAS LÍNGUAS* VETADA / MEMÓRIA DE ELIXIO RODRÍGUEZ E LUÍS SOTO / ESCOLARIZAR EM GALEGO / SUPLEMENTO DE HUMOR 'O PASQUIM' NO *NOVAS DA GALIZA* / XI EXPOFEIRA DA LUSOFONIA EM VIANA / VOZDAGALIZA.COM / O NOVO VALEDOR DO POVO / V.O. / NOVO CENTRO SOCIAL / XXXI JORNADAS DO ENSINO / LÍNGUA PORTUGUESA CRESCE A GRANDE RITMO NA REDE / CONGRESSO LUSÓFONO DE EDUCAÇOM AMBIENTAL / CURSOS DE PORTUGUÊS EM VIGO E PONTE VEDRA / «FRONTEIRAS» NA REDE / PORTUGUÊS GANHA FORÇA... NA ESTREMADURA / II FESTIVAL DA MOCIDADE EM VILAR DE SANTOS / 'FILLOS DA GALICIA' ATINGE OS 5 MIL MEMBROS REGISTADOS / *CURTAS MINHOTAS*, FESTIVAL DE CINEMA GALEGO-PORTUGUÊS / PROMOTORA DA ACADEMIA / VI COLÓQUIO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA / CENTROS SOCIAIS GALEGOS NO GOOGLE MAPS / AGAL E «I JORNADAS DE DIDÁCTICA» / *GALEGUIA* DEDICADA A CABO VERDE / CONGRESSO «O PENSAMENTO LUSO-GALAICO-BRASILEIRO ENTRE 1850 E 2000» / LUSO-GALAICO-FRANCESES DO LIVRO INFANTIL E JUVENIL / RUBÉM CELA RECEBEU A AGAL / AGAL NUM ENCONTRO BROFFICE / *LA VOZ DE GALICIA* RECEBE QUASE 1 MILHOM DE EUROS / LÍNGUA PORTUGUESA OBRIGATÓRIA NO URUGUAI / A ASSOCIAÇOM «GALICIA BILINGÜE» / TELEVISÕES PORTUGUESAS NA GALIZA / JORNADAS DE FORMAÇOM SOBRE LÍNGUA E SOCIEDADE EM VIGO / ACORDO ORTOGRÁFICO PARA A LÍNGUA PORTUGUESA / PUBLICA-SE O *MANUAL GALEGO DE LÍNGUA E ESTILO* / ADIGAL RENOVA PÁGINA WEB / «MANA GALIZA», DE FERNANDO VENÂNCIO / CINEMA GALEGO EM BRAGA / DO REINO DA GZ À LUSOFONIA / MEDALHA DÍAZ PARDO / EFEMÉRIDES DE ERNESTO GUERRA DA CAL / **ESCOLHAS NARRATIVAS**

319 NORMAS para o envio e selecçom de Trabalhos para *Agália*

1ESTUDOS92 20/12/07 13:48 Página 7



Xosé María Álvarez Blázquez

[No gabinete no seu apartamento de Vigo, Março 1981/ foto tirada por Celso Álvarez Cáccamo]

1ESTUDOS92 20/12/07 13:48 Página 8

AGÁLIA, 91-92

1ESTUDOS92 19/12/07 14:19 Página 9

AGÁLIA nº 91-92 / 2º SEMESTRE (2007): 009 - 031 / ISSN 1130-3557

Um artigo inédito de José Maria Álvarez Blázquez sobre o trovador Airas Moniz d' Asma

José-Martinho Montero Santalha
(Universidade de Vigo)

A figura de José Maria Álvarez Blázquez (Tui 1915 - Vigo 1985), a quem a Real Academia Galega decidiu acertadamente dedicar o Dia das Letras Galegas do ano 2008, é um caso admirável de versatilidade cultural: para além de activista da cultura galega com iniciativas variadas (entre as quais destaca a de fundador de empresas editoras: Editorial Monterrey, Edicións Castrelos), foi criador literário de grande qualidade (poeta e narrador)[1], e, ademais, investigador, inteligente e rigoroso, em variados campos (literário, histórico, etnográfico, arqueológico e epigráfico)[2].

No que se refere à investigação sobre a história literária da Galiza, o seu labor coalhou em diversos estudos monográficos, em geral publicados em revistas e colectâneas, e na edição, sempre cuidada e bem informada, de muitos textos, especialmente poéticos, tanto de autores

1. Livros de poesia: *Poemas de ti e de min*, Colección Benito Soto, Pontevedra 1949; *Roseira do teu mencer (1949-1950)*, Edicións Monterrey, Vigo 1950; *Cancioeiro de Monfero (Século XIII)*, Edicións Monterrey, Vigo1953; *Canle segredo (1951-1953)*, Edicións Castrelos, Vigo 1976 (mas escrito en 1954). Narrativa: *A pega rabilonga e outras historias de tesouros*, Edicións Castrelos, Vigo 1971. O seus contos «Os Ruíns» foram impressos na revista *Nós*, no número que correspondia aos núms. 139-144, de 1935; mas devido ao começo da guerra civil em julho de 1926, esse número não chegou a distribuir-se.

2. Para uma visão de conjunto da personalidade de Álvarez Blázquez, veja-se o livro do seu filho Alfonso Álvarez Cáccamo, *Xosé María Álvarez Blázquez: Escritor, conferenciante, editor, arqueólogo, investigador; galeguista de aceiro e pedra fina*, Vigo: Ir Indo Edicións 1994, 64 pp. (com este livro iniciava esta editora a colecção «Galegos na Historia»). Também é de notar o número da revista *Castrelos, Revista do Museo Municipal «Quiñones de León»* (Vigo) dedicado a José Maria Álvarez Blázquez, correspondente ao ano 1987, no qual apareciam os trabalhos do seu filho Xosé María Álvarez Cáccamo «Vida e obra de Xosé Mª Álvarez Blázquez» (pp. 9-20), e do bibliógrafo Antonio Odriozola «Los libros de José María Álvarez Blázquez». De resto, podemos considerar que na homenagem à figura de José Maria Álvarez Blázquez concretiza-se o reconhecimento da Galiza a toda uma família, pela sua prolongada e multíplice dedicação ao serviço da cultura galega: os Álvarez, a partir do fundador Emílio Álvarez Giménez (1830-1911: um sanabrês estabelecido em Pontevedra como catedrático de Literatura do Instituto, pai dos Álvarez Limeses, e avô dos Álvarez Blázquez), constituem uma saga familiar, que, como outras (os Carré, por exemplo, outra família também merecedora de homenagem pública), mas talvez mais que nenhuma outra, realizou –e continua a realizar, por obra dos membros das novas gerações– contributos que devemos qualificar como decisivos na nossa história cultural.

1ESTUDOS92 19/12/07 14:19 Página 10

clássicos da nossa literatura (por exemplo, Rosalia, Pondal, Curros, Amado Carvalho, Castelao, Antom Alonso rios) como de criações literárias de procedência popular. Este trabalho de edição ficou plasmado de modo mais visível nos dois primeiros volumes da *Escolma de Poesía Galega* (em 4 volumes) editada pela Editorial Galaxia na década dos 50. Os dois tomos organizados por Álvarez Blázquez são os dedicados à poesia trovadoresca o primeiro[3] e, o segundo, aos trovadores da decadência e ao período moderno (os chamados «séculos obscuros» da literatura galega: séculos XVI-XVIII)[4].

Um artigo inédito

Entre os trabalhos que Álvarez Blázquez deixou inéditos encontra-se o artigo que agora damos a lume. Foi transcrito do manuscrito original pelo seu filho Celso Álvarez Cáccamo, professor de Linguística na Faculdade de Filologia da Universidade da Corunha. Como se verá, aparece quase pronto para publicação; falta porém a última demão, em que o autor pensava introduzir algum material que nesta redacção aparece só indicado[5].

Trata-se de um manuscrito de 9 meios fólios de papel, acompanhados por dois breves apontamentos em folhas avulsas. Inicia-se com um pré-título, no canto superior esquerdo, "Estudos". O título próprio do artigo é Un trovador rompe a lei do segredo. Sob este título, e algo afastado, aparece como uma espécie de subtítulo (ou de prolongação do título), centrado: "y-vel-sa ——", que é a referência ao nome semi-oculto que o

3. Xosé M[aría]. ÁLVAREZ BLÁZQUEZ, *Escolma de poesía galega, I: Escola medieval galego-portuguesa (1198-1346): Edición, notas crítico-biográficas e glosario,* Vigo: Editorial Galaxia, 1952. [Ampla antologia trovadoresca, por autores, com informação biográfica e bibliográfica. Aparece apresentada por um «Limiar» (pp. 7-10) de Manuel Rodrigues Lapa; «Proloquio do colector» (pp. 11-15). No fim inclui índices onomástico (pp. 213-214), toponímico (pág. 215) e dos primeiros versos (pp. 217-221)]. Reeditou-se em 1975, revista e ampliada: Xosé M[arí]ª. ÁLVAREZ BLÁZQUEZ, *Escolma da poesía medieval (1198-1354),* Vigo: Edicións Castrelos, 1975, 272 pp. [Revista e acrescentada com umas 30 novas composições: no «Proloquio» (pp. 7-14) o autor adverte que "resulta unha obra distinta, dadas as engádegas e correccións introducidas. Un total de trinta cantigas agora incorporadas, as máis delas de escárneo e maldicer, así como a inclusión de tres novos trovadores e a revisión pormiúda dos testos poéticos e notas biográfico-críticas, xustifican a nosa afirmación" (pág. 7). Em contrapartida, teve que sacrificar, daquela primeira edição, o «Limiar» de Rodrigues Lapa e os índices onomástico, toponímico e dos primeiros versos. Mantém os mesmos critérios ecdóticos].

4. Xosé M[aría]. ÁLVAREZ BLÁZQUEZ, *Escolma de poesía galega, II: A poesía dos séculos XIV a XIX,* Vigo: Editorial Galaxia, 1959.

5. O artigo será incluído na colectânea de estudos literários, históricos e etnográficos de José Maria Álvarez Blázquez que o professor Celso Álvarez Cáccamo prepara para ser publicada proximamente pela editora Laiovento, vários deles inéditos. Quero agradecer aqui ao amigo Celso a confiança o honor que para mim e para a revista *Agália* significa a publicação deste inédito de seu pai.

1ESTUDOS92 19/12/07 14:19 Página 11

Um dos aspectos mais reveladores do ~~amor~~ servo "hermético" no amor servil, que procuravam e cantam as suas trovas medievais, é a obriga de um descobrir ~~revelar~~, por nada dizer mundo - mia ainda do outro -, o nome da mulher amada. Mas é isto, certamente, uma nota axial dos poetas galaico-portugueses, senão lendo - ou de cantos - dos mundos e mundos ocitânicos.

O feito, um embarpantes, tanto aqui como acolá era preciso, a o amador tinha de guardar as formas importas por ~~divisadas~~ uma mínima cautela. A mulher objecto de aquel rendido vasalaxe amoroso era, realmente, muba dona cercada, non se sabería nunca en qué casos era real e amor verdadeiro, e en qué outros criatura ma- rivada e simple pretexto lírico. Pero, de muba forma e mais outra ~~forma~~, o segredo revelábase preciso; no primeiro caso, porque había un marido, un ho- me, mais ou menos eminente e poñido da sua honra; no segundo, porque a propia ficción pre- cisaba do arbitrio.

Podemos aventurar que, na meirande parte

1ESTUDOS92 19/12/07 14:19 Página 12

texto vai desvelar. O manuscrito está sem datar; segundo a dedução do transcritor, pode ter sido escrito a finais dos 1950 ou começos dos 1960[6].

Álvarez Blázquez apresenta aqui uma proposta original de interpretação da cantiga «Pois mi nom val d' eu muit' amar» (*Bb* 6) [= *D' Heur* 6 = *Tavani* 13,2], do trovador Airas Moniz d' Asma. Tratar-se-ia de uma contravenção que este trovador realizaria à habitual norma trovadoresca do segredo sobre a identidade e o nome da mulher amada: Álvarez Blázquez crê descobrir que na sequência *i-vel-sa* dos versos 7-8 da cantiga ("já eu chus no-na negare***i: / vel sa***berám de quem tort' hei!") se esconde, com a ordem das sílabas mudada, o nome *Isabel*, que seria o da amada cantada por Airas Moniz d' Asma[7].

Desenvolve a exposição ordenadamente, nos seguintes passos:

1. A lei trovadoresca do segredo de amor.
2. A morte por amor.
3. A infracção da lei do segredo: o caso do trovador Airas Páez.
4. A revelação do nome da mulher amada na cantiga de Airas Moniz.

Com carácter de introdução ao artigo inédito, apresento alguma informação adicional que pode ajudar a situar melhor a ideia de Álvarez Blázquez no momento presente da investigação trovadoresca; nomeadamente, ofereço, em primeiro lugar, alguns dados sobre a figura do trovador Airas Moniz d' Asma, e também a minha edição crítica da cantiga aqui comentada.

No mesmo texto de Álvarez Blázquez introduzo algumas notas complementárias, a fim de facilitar a referência às informações da minha introdução. Para que resulte fácil distingui-las das notas próprias do autor (que são apenas 3), assinalo as minhas com número precedido de um asterisco.

Assumo a transcrição realizada pelo amigo Celso, que respeitou escrupulosamente o original de seu pai, mesmo nas eventuais

6. Outros trabalhos de Álvarez Blázquez sobre a poesia trovadoresca, ademais dos já citados: «Sobre la voz *señor* en los trovadores (Concepto del 'amor servil')», em: *Cuadernos de Estudios Gallegos* (Santiago - Madrid) 15 (1950), pp. 87-104; «Pedro Amigo de Sevilla y Pero de Ambroa (Interpretación de una amistad)», em: *Cuadernos de Estudios Gallegos* 10 (1955), fasc. 30, pp. 159-193; «Una réplica literaria de Don Enrique el Senador a su hermano Alfonso el Sabio», em: *Cuadernos de Estudios Gallegos* 12 (1957), pp. 65-91; «A mulher na lírica medieval galego-portuguesa», em: *Bracara Augusta* (Braga) 14-15 (1963), núms. 1-2 (49-50), pp. 86-102. [*Actas do «Congresso Histórico de Portugal Medievo»*, Braga, 1963 = *Bracara Augusta* vols. XIV-XIX (1963-1965)]; «O trovador lugués D. Lopo Lías en terras de Pontevedra», em: *Grial* (Vigo), vol. 3 (1965), núm. 10 (outubro - dezembro de 1965), pp. 446-452.

7. Esta proposta interpretativa de Álvarez Blázquez não está livre de possíveis objecções, de índole tanto literária como filológica, e pessoalmente parece-me pouco provável; mas não por isso deixa de ser interessante e merecer atenção, e, seja como for, a exposição do estudioso resulta ilustrativa e até cativante, como todos os seus trabalhos.

1ESTUDOS92 19/12/07 14:19 Página 13

irregularidades ortográficas, de resto muito leves (como é o emprego irregular de acentos gráficos). Algum caso de dúvida indica-se com ponto interrogativo entre colchetes [?]. Renumerou as três notas originais segundo a ordem no manuscrito. Supondo que o subtítulo "y-vel-sa —" (a que antes me referi) pode ajudar a completar o conteúdo do artigo, optamos por incorporá-lo ao título, prescindindo dos traços que seguem (que, segundo o autor explica no texto, quereriam sugerir que talvez também o apelido da dama estivesse escondido na cantiga).

O trovador Airas Moniz d' Asma

O nome do trovador

Antes de nada, cumpre fazer uma observação sobre o nome do trovador.

Deve considerar-se errada a leitura *Asme*, que se vem dando tradicionalmente ao seu sobrenome, que se deve ler *Asma*. Por duas razões (que a seguir explicarei): 1) Porque no manuscrito trovadoresco aparece *Asma* e não *Asme*; e 2) Porque o suposto topónimo *Asme* não existe nem parece ter existido nunca, enquanto *Asma* é topónimo antigo e ainda hoje bem vivo.

1) No manuscrito aparece *Asma* e não *Asme*. Nos manuscritos trovadorescos ocorre uma única vez o nome (completo) do trovador: aparece escrito de mão de Colocci no cancioneiro *B*, no centro da margem superior da página em que se transcrevem as suas duas cantigas (fólio 11r = p. 31 da edição facsmilar[8]): *Ayras Moniz Dasma*. Este é o único testemunho que conservamos do nome do trovador; no códice vaticano *V* (que parece ser outra cópia do mesmo cancioneiro *exemplar* de que foi copiado *B*) não se nos transmitiram as composições deste trovador (por causa de lacuna textual de *V*, que afecta toda a parte inicial de *B*); no índice *C*[9] (que parece ter sido confeccionado por Colocci a partir do

8. Indico as páginas correspondentes na edição facsimilar do cancioneiro *B*: *Cancioneiro da Biblioteca Nacional (Colocci-Brancuti) Cod. 10991; 1 Reprodução facsimilada*, Lisboa: Biblioteca Nacional, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1982, 760 pp.

9. Vid. Elsa GONÇALVES, «La tavola colocciana *Autori portughesi*», em: *Arquivos do Centro Cultural Português* (Paris) 10 (1976), pp. 387-448, mais 15 lâminas a seguir a última página, as quais reproduzem fotograficamente as 15 páginas do ms. [O texto, de mão de Colocci, forma parte de um volume miscelâneo, o Ms. Vat[icano]. Lat[ino]. 3217; trata-se de uma lista de autores, que parece ser um índice, feito por Colocci para o seu uso pessoal, do cancioneiro *B*. Elsa Gonçalves edita o texto, com introdução, notas e comentários e uma reprodução fototípica do ms.; a autora declara no início: "É mio proponimento presentare una lettura interpretativa della *Tavola*, accompagnata dalla riproduzione fototipica dell'originale" (pág. 388); editado primeiramente por Monaci 1875, pp. XIX-XXIV].

1ESTUDOS92 19/12/07 14:19 Página 14

cancioneiro *B*, talvez para o seu uso pessoal) não aparece este nome (seguramente por descuido involuntário de Colocci).

A leitura *Asme* é a interpretação (errada) que os editores deram ao nome escrito por Colocci no cancioneiro *B*. O primeiro em adoptar essa forma foi Molteni, em 1880, na sua edição daquelas partes do cancioneiro *B* não presentes no Cancioneiro da Biblioteca Vaticana[10] (que fora publicado cinco anos antes por Monaci[11]). Logo, na esteira desta edição de Molteni, com a qual se deu a conhecer aos interessados a obra e o nome do nosso trovador, e dependendo dessa edição, conservou a mesma forma *Asme* Carolina Michaëlis, que incoporou as duas cantigas de Airas Moniz d' Asma no apêndice da sua edição do Cancioneiro da Ajuda[12] e tratou sobre a figura do trovador no volume correspondente[13]. Os sucessivos editores, estudiosos e comentaristas (Nunes, Tavani, D' Heur, V. Beltrán, M. L. Indini, M. Brea...) conservaram a forma *Asme*.

Ora, a interpretação da escrita de Colocci como *Asma* é errada: embora não seja sempre fácil distinguir na caligrafia colocciana entre *-a* e *-e* finais, há bons motivos para concluir que no caso presente parece tratar-se efectivamente de *-a*, portanto *Asma*.

Para confirmarmos esta leitura, podemos encontrar um *-a* final de palavra com uma feitura similar à de *Asma* noutros nomes de trovadores

10. Enrico MOLTENI, *Il canzoniere portoghese Colocci-Brancuti, pubblicato nelle parti che completano il codice vaticano 4803*, Max Niemeyer, Halle a.S. 1880 («Communicazioni dalle biblioteche di Roma e da altre biblioteche per lo studio delle lingue e delle letterature romanze a cura di Ernesto Monaci», vol. 2). [Edição diplomática do jovem Molteni, discípulo de Monaci, que foi quem publicou o volume, pois entretanto Molteni falecera, com apenas 24 anos].

11. Ernesto MONACI, *Il canzoniere portoghese della Biblioteca Vaticana messo a stampa da Ernesto Monaci, con una prefazione, con facsimili e con altre illustrazioni* («Communicazioni dalle biblioteche di Roma e da altre biblioteche per lo studio delle lingue e delle letterature romanze a cura di Ernesto MONACI / Vol. I»), Max Niemeyer Editore, Halle a.S. 1875; XXX + 458 pp. + 2 lâminas.

12. [Carolina MICHAËLIS DE VASCONCELLOS], *Cancioneiro da Ajuda: Edição crítica e commentada por Carolina MICHAËLIS DE VASCONCELLOS,* Max Niemeyer, Halle a.S. 1904, 2 volumes («Volume I: Texto, com resumos em alemão, notas e eschemas métricos»; «Volume II: Investigações bibliográphicas, biográphicas e histórico-literárias») de 924 e 1001 pp. respectivamente; o texto da cantiga aparece editada com o núm. 316, pp. 637-368 do volume primeiro.

13. [Carolina MICHAËLIS DE VASCONCELLOS], *Cancioneiro da Ajuda: Edição crítica e commentada por Carolina MICHAËLIS DE VASCONCELLOS,* Max Niemeyer, Halle a.S. 1904 («Volume II: Investigações bibliográphicas, biográphicas e histórico-literárias»), 1001 pp.; uma breve biografia do trovador, na pág. 525. [Este segundo volume da edição do Cancioneiro da Ajuda é uma obra verdadeiramente enciclopédica e monumental, fundamental na história da investigação do trovadorismo em língua portuguesa e ainda hoje imprescindível. Publicaram-se três reedições facsimilares (nos três casos, da obra completa, com os dous volumes): primeiramente, pela editora Bottega d'Erasmo, Turim 1966; depois pelo editor Georg Olms, Hildesheim - New York 1980; e, por terceira vez, pela Imprensa Nacional - Casa da Moeda, Lisboa 1990; esta terceira reimpressão facsimilar leva o seguinte título: *Cancioneiro da Ajuda: Edição de Carolina MICHAËLIS DE VASCONCELLOS; Reimpressão da edição de Halle (1904), acrescentada de um prefácio de Ivo CASTRO e do glossário das cantigas (Revista Lusitana, XXIII)*, e, como se indica no título, incorpora (no fim do primeiro volume), igualmente em reprodução facsimilar, o «Glossário» (de 95 pp.) que a mesma Carolina Michaëlis publicou anos mais tarde (1920) na *Revista Lusitana*].

1ESTUDOS92 19/12/07 14:19 Página 15

escritos pelo mesmo Colocci nas rubricas atributivas das seguintes cantigas do códice *B* (assinalo em itálico as letras em foco):

– em *B* 46 (fólio 15v = p. 40 da ed. facsmilar): "Fern*ã* fige?r*a* V figueiro de lemos";

– em *B* 74 (fólio 20v = p. 50): "Dom fern*ã* paaez V paez de Tama lãcos";

– em *B* 104 (fólio 27r = p. 63): "Joh*ã* soayrez ssomesso";

– em *B* 227 (fólio 61r = p. 137): "Dom fernam Garci*a* esgarauungha";

– em *B* 244 (fólio 64r = p. 143): "Jo*ã* Lobeyra".

Podemos também contrastar com a grafia *Asma* a forma que adopta o *-e* final de palavra na escrita de Colocci noutras rubricas de *B*, para verificarmos que a letra *-e* final tem forma diferente à letra final de *Asma*:

– em *B* 44 (fólio 15r = p. 39): "Monio V Nuno fernandez [*roto*] Mirapeyx*e*";

– em *B* 140 (fólio 35v = p. 80): "Pero velho d*e* Taueroos";

– em *B* 337 (fólio 78r = p. 183): "Roy paez d*e* Ribela".

Mais claramente podemos ver a diferença entre *-e* e *-a* finais de palavra na caligrafia de Colocci na rubrica de *B* 144 (fólio 36r = p. 81), na qual ocorrem várias vezes essas letras: "Est*a* cantig*a* fez Mª soarez com' *ë* manr*ã* d*e* tezon paay soarez et *e* de scarnho. est*e* Mª soarez foy".

Em resumo: Colocci escreveu *Asma* (exactamente *Dasma*; isto é, *d' Asma*), não *Asme*.

2) Topónimo *Asma*, não *Asme*. *Asma* é topónimo galego bem conhecido, documentado abundamentemente já na Idade Média, pois designava o rio (afluente do Minho pela margem direita) que atravessa o território do actual concelho de Chantada, e toda a comarca que circunda a sua bacia, pelos actuais concelhos de Chantada, Tavoada e Carvalhedo, na parte meridional da actual província de Lugo, pela margem direita do rio Minho, na zona central da Galiza[14].

O topónimo *Asma* pervive hoje no nome do rio e no de 5 freguesias dessa comarca: Santa Cristina de Asma, do concelho de Carvalhedo, na zona alta da bacia do rio Asma, e 4 freguesias do concelho de Chantada: Santaugia de Asma, Sanjurjo de Asma, São Salvador de Asma (estas três

14. Podem ver-se várias referências a diversos documentos em que ocorre o nome *Asma* em: Miguel ROMANÍ MARTÍNEZ, *A colección diplomática do mosteiro cisterciense de Sta. Maria de Oseira (Ourense) (1025-1310)*, Santiago de Compostela: Tórculo Edicións, 1989, vol. 2º, pág. 1378.

1ESTUDOS92 19/12/07 14:19 Página 16

no curso médio do Asma), e, Sanfiz de Asma (na zona da desembocadora, já na beira do Minho)[15].

Da importância medieval dessa comarca dá ideia o facto de que do topónimo *Asma* procedem vários topónimos *Asmaos* (interpretados popularmente como *As Maos*) da zona meridional da Galiza (no sul da actual província de Ourense, na zona limítrofe com Portugal), que indicam a procedência dos respectivos repovoadores nos primeiros tempos do processo de reconquista e colonização do território. São em total 5: duas freguesias: Asmaos [São Pedro], do concelho de Vilar de Bairro, e Asmaos (de Salas) [Santa Eulália], do concelho de Moinhos (na qual existe também um lugar chamado *Asmaos*, que, como aconteceu outras vezes, seria o que deu origem ao nome de toda a freguesia); e três lugares chamados *Asmaos* nas freguesias de Ordes [Santa Maria], no concelho de Rairiz de Veiga (OU), dos Banhos (de Vande) [São João], no concelho de Vande (OU), e de Tosende [São Lourenço], no concelho de Baltar (OU)[16].

De outro gentilício similar a *asmãos* procede o topónimo galego *Armeses*, freguesia do concelho ourensano de Maside, que está bem documentado na época medieval como *Asmeses* (< lat. ASMENSES 'naturais ou originários de Asma'): ano 1102 "de nostro monasterio propio quos vocitant Asmeses, qui est in territorio Castella", ano 1258 "ex altera parte iuxta vineam fratrum de Asmeses quam nos tenemus"[17].

Pelo contrário, não parece ter existido nunca um topónimo *Asme*, pois o que se vinha citando como tal nos arredores do Porto parece ser na realidade *Asmes*, nome com que se conhecia até o começo do século XX a

15. Sobre a possível etimologia de *Asma*, seguramente pré-latina, têm-se ocupado Higínio Martínez Estévez e Edelmiro Bascuas. Higínio Martínez Estévez, na sua obra *As tribos calaicas* (em grande parte ainda inédita), supõe que a origem de *Asma* será a mesma da vila castelhana de *Osma* (documentada em época latina como *Auxuma*): em ambos os casos, a origem estará no céltico **Ouxsama* 'Altíssima', formado com a desinência feminina do superlativo: "Vejamos agora o rio *Asma*, que será simplesmente o célt. *OUXSAMA "Altíssima", com evoluçom que o disfarçou. Floro adapta à fonologia latina o nome da vila celtibera homónima, e põe *Auxuma*. Em Carvalhedo sofreria a reduçom do ditongo que houve em *asturo-* (< *austuro-*). **Axuma* deu depois *Asma* regularmente. De qualquer jeito, supõe um caminho intricado: céltico > latim > céltico. O certo é *-sma* ser desinência feminina de superlativo" (*As tribos calaicas*, capítulo 15, § 8. Conheço este trabalho –que desejaria ver publicado proximamente– por amigável gentileza do autor, a quem agradeço cordialmente a sua atenção). Pela sua parte Edelmiro Bascuas propõe derivar *Asma* da raiz hidronímica indoeuropeia **ap-* 'água, rio', alongada em **aps-*, e com sufixo *-ma*, "frecuente en formaciones hidronímicas paleoeuropeas, como *Masma, Porma, Lima, Arma*". Desse modo, para *Asma*, "Como forma originaria puede reconstruirse **Aps-ma*, con normal reducción del grupo *ps* > *s*" (BASCUAS, Edelmiro (2002): *Estudios de hidronimia paleoeuropea gallega*, Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela ("*Verba*, Anexo 51"), 408 pp.; a citação, na p. 178, § 102.1).

16. Da mesma origem deve de ser o topónimo *Mãos* existente no concelho de Ponte de Lima, na zona mais setentrional do território português.

17. Os documentos citados procedem, o primeiro, de 1102, do mosteiro de Osseira, e o segundo, de 1258, da catedral de Ourense. Vid. as referências na obra de Edelmiro Bascuas citada na nota 15, p. 178.

1ESTUDOS92 19/12/07 14:19 Página 17

povoação de Ermesinde, do concelho de Valongo, no distrito do Porto[18]. De resto, este Asmes aparece documentado como *Ázomes* em época medieval, com o que se afasta ainda mais do suposto *Asme*.

O trovador

A figura histórica do trovador não está ainda suficientemente identificada. Pelo sobrenome toponímico "d' Asma" devemos supor que procederá dessa zona central da Galiza, arredor do curso médio do rio Minho. Ademais, pela colocação das suas cantigas no início da colectânea da nossa poesia trovadoresca devemos supor que seria da época inicial do nosso trovadorismo (primeiro terço do século XIII) e de condição social nobre, provavelmente cavaleiro. Que era cavaleiro deduz-se, de resto, da segunda das suas duas cantigas, na qual aparece dialogando com a sua *senhor*, que se dirige a ele interpelando-o repetidamente como *cavaleiro* (vv. 10 e 18).

Parece, pois, que dificilmente poderá ser o trovador um "Airas Moniz, notário de Asma" que exara no ano 1216 um documento do mosteiro de Osseira, que se encontra perto da zona assinalada ("Arias Muni, notarius Asme, notuit")[19].

Um "Airas Moniz de Asma" aparece em 1224 como testemunha noutro documento do mosteiro de Osseira; porém, a sua categoria social não é a de cavaleiro mas a de escudeiro ("Arias Nuni de Asma, armiger"), portanto de classe inferior. Teríamos que supor que mais tarde ascendeu a cavaleiro (o que não é impossível, pois há documentado algum caso similar). Eis o texto desse documento[20]:

> 1224, maio, 20 (Osseira)
> *Pedro Fernández, leigo de Ribadávia, chamado «Dente», decidido a ingressar*

18. "Só depois da proclamação da República [1910] se começou a usar o nome de *Ermesinde* para designar esta freguesia, que até então era chamada *Asmes*, do seu orago, *S. Lourenço de Asmes*" (Alexandre DE CARVALHO COSTA, *Lendas, historietas, etimologias populares e outras etimologias respeitantes às cidades, vilas, aldeias e lugares de Portugal continental: compilações; Prefácio do Dr. Fernando Venâncio PEIXOTO DA FONSECA*, Porto: Livraria Civilização Editora, 1959, 704 pp., pág. 420, recolhendo uma citação do *Arquivo Nacional* 5 (1936), pág. 247, núm. 249); "Ermesinde que primeiramente pertenceu à freguesia de Águas Santas e depois constituiu uma paróquia chamada S. Lourenço de Asmes, tornou-se a povoação mais importante do concelho de Valongo", *ibidem*, recolhendo esta vez uma cita de Xavier FERNANDES, *Topónimos e Gentílicos*, vol. 2º, 1944, pág. 302. Vid. igualmente a *Grande Enciclopedia Portuguesa e Brasileira*, vol. X, pp. 952-953.

19. Vid. Miguel ROMANÍ MARTÍNEZ, *A colección diplomática do mosteiro cisterciense de Sta. Maria de Oseira (Ourense) (1025-1310)*, Santiago de Compostela: Tórculo Edicións 1989, vol. 1º, doc. 166, pp. 168.

20. Tomo-o da citada edição de Miguel Romaní (vol. 1º, doc. 249, pp. 246-247), com leves adaptações.

1ESTUDOS92 19/12/07 14:19 Página 18

como monge no mosteiro cisterciense de Osseira, faz testamento dos seus bens: doa ao mosteiro, entre outras propriedades, várias vinhas que possui na vila de Ribadávia e a renda anual de 50 soldos que devem produzir outras quatro (uma delas em Santo Estêvão, aforada a Pero Fernández), pela sua alma e da sua mulher Maria Pêrez e dos seus pais, e deixa outra vinha ao seu filho Pedro Pêrez.

In Dei nomine.

Ego Petrus Fernandi, laycus, de Burgo Ripe Avie, dictus Dente, volens sumere habitum religionis, tale de rebus meis concedo testamentum.

In primis, offero me ipsum Deo et ordini cisterciensi in monasterio Ursarie. Et do ibi in perpetuum possidendas vineas meas quas habeo in Burgo Ripe Avie: unam videlicet iuxta atrium ecclesie Sancte Marie, quam habeo cum Petro Petri Barva, et aliam in foz Minei (videlicet, portionem meam), et aliam in Sancto Stefano, que iacet inter vineas Petri Fernandi et Munionis Petri.

Aliam vero que iacet inter villam Burgi et domos malatariorum mando quod teneat eam Petrus Petri, filius meus, in vita sua; post mortem vero eius recipiat monasterium Ursarie medietatem ipsius vinee, et habeat eam in pace et in perpetuum sine diminutione possideat

Mando super vineam quam dedi ad forum Petro Fernandi in Sancto Stephano et super aliam que iacet iuxta ecclesiam Sancti Stephani et iuxta vineam Lupi Mauri et super alias duas quas ibidem habeo iuxta casale Sancte Marie Ursarie, quod, Deo dante, detur conventui Ursarie annuatim in perpetuum, de fructu istarum IIII supradictarum vinearum, ad emendum panem frumenti et piscibus, L solidos, pro remedio anime mee et uxoris mee Marie Petri et parentum meorum, in die Ascensionis Domini, ut nos secum ascendere et consedere faciat meritis ipsius et aliorum conventuum.

Mando etiam eidem monasterio medietatem unius vinee que iacet in Vallequi et [?] ficulneas que fuerunt de Fernandino contra aquam de Barvada.

Et mando ibi unam cupam et unam archam.

Facta donatione apud Ursariam era Mª CCª LXIIª, XIIIº kalendas iunii.

Regnante rege Alfonso in Legione, Stremadura, Asturiis et Gallecia; tenente burgum Avie Martino Sancii; domno Stephano episcopo tudensi; Laurentio episcopo auriensi; Martino lucensi.

Si quis autem contra hanc meam donationem venerit vel aliquid fecerit, iram Dei et indignationem beate Marie semper Virginis incurrat, et sit anathema maranatha.

1ESTUDOS92 19/12/07 14:19 Página 19

> Qui presentes fuerunt testes: Petrus Nuni prior; Fernandus Goestei, Petrus Iohannis, Pelagius Martini, Iohannes Petri, monachi Ursarie; Fernandus Muni de Alvan, miles, et Michael Pelagii, miles, et sobrinus eius Egydius Odarii, miles de Luneda, et frater eius Giraldus Odari de Froianes, armiger; **Arias Nuni de Asma, armiger**; Pelagius Roderici, pelliparius de Dezon; Iohannes Petri, filius Petri Fernandi; Arias Fernandi [...]; Petrus Fernandi; et alii quamplures.
>
> Munio Suerii, conversus Ursarie, qui scripsit hanc donationem de mandato Petro Fernandi.

Não faltam na documentação galega da época trovadoresca outros indivíduos chamados Airas Moniz; porém, a falta do sobrenome de procedência, por um lado, e a relativa frequência do nome *Airas* e do patronímico *Muniz* (ou das suas variantes *Núniz* / *Núnez*), por outro, tornam insegura (e, por vezes, abertamente improvável) a identificação com o trovador.

No cartulário do mosteiro de Fiães[21] (hoje freguesia do concelho de Melgaço, portanto situado em território português a meia dúzia de quilómetros para o sul do rio Minho, no ponto em que o curso do rio começa a servir como fronteira política entre a Galiza e Portugal) aparece documentado um cavaleiro chamado Airas Muniz (ou também *Nuniz*), que faz de testemunha numa doação de Dom Rodrigo Gômez e da sua mulher Dona Maior (ano 1243); vista a relação de Dom Rodrigo Gômez com o movimento trovadoresco, merece atenção esse cavaleiro Airas Muniz, por se houver possibilidades de que se tratasse do nosso trovador. Por outros documentos do mesmo mosteiro vemos que esse nome ocorre várias vezes ao longo da primeira metade do século XIII, e neles podemos confirmar que era efectivamente cavaleiro pelo menos desde o ano 1233 ("miles": 1233, 1241, 1243); e ademais conhecemos que era filho de Dona Maior Gonçálvez (1219) e de um Nuno, e que tinha vários irmãos: Miguel, Rodrigo, Fernando, Sancha, Pedro, todos com o patronímico *Muniz* (1219, 1234, 1241), e que estava casado com Maior Díaz (1225). Pelos meno vários destes documentos, para além de referirem-se a propriedades e pessoas da Galiza, deveram de ser redigidos em território galego, visto que a referência cronológica se faz aos reis Afonso IX e Fernando III de (Galiza e) Leão e Castela.

Eis, em ordem cronológica (que abrange de 1219 a 1246) as passagens que nos interessam desses documentos:

21. FERRO COUSELO, Xesús (1995): *Tumbo de Fiães: Transcripción; Introducción, edición e índices: Aser Ángel Fernández Rey*, Ourense: Museo Arqueolóxico Provincial (Anexo 20 do *Boletín Auriense*), 374 pp.

1ESTUDOS92 19/12/07 14:19 Página 20

– ano 1219, doc. 133, pág. 100: "ego Michael Muniz et Rudericus Muniz et Fernandus Muniz et *Arias Muniz* [...] et Santia Muniz [...] et ego Petrus Muniz". [Parecem ser todos irmãos, e filhos da outorgante do documento "Domna Maior Gundisalvi", que, visto o patronímico *Muniz* que levam os seus filhos, deveu de estar casada com um Nuno].

– ano 1225, doc. 380, pág. 233: "Hoc est placitum quod est inter Domnus Gundisalvus abbatem et conventum de Fenalibus et *Ariam Muniz* et uxorem suam Maiorem Didaci de tota sua hereditate quam habent in Froianes", "Regnante rege domno Alfonso in Legione". [O *Froianes* do documento é hoje Freás, ao sul do Minho, na província de Ourense, muito perto da fronteira portuguesa].

– ano 1233, doc. 212, pág. 142: como testemunha, um "*Arias Nuniz, miles*". [Documento redigido na Galiza, ao parecer, não em Portugal, visto que a referência cronológica é ao rei Fernando III de Castela e Leão: "Regnante rege Ferdinando"].

– ano 1234, doc. 209, pág. 140: "Petrus Nuni et *Arias Nuni* facimus cartam et forum tibi Johani Gundisalvi de nostro monte", "Domno Fernando rege in Legione et Castella regnante".

– ano 1235, doc. 346, pág. 216: "*Arias Nuniz* ts.; Johannes Petri ts.", "In Legione et Castella regnante rege domno Fernando".

– ano 1241, doc. 211, pág. 141: aparecem como testemunhas "Domnus Petrus Nuni ts.; frater eius *Arias Nuni militi* ts." [Também redigido na Galiza: "regnante rege domno Fernando Castella et Legione"].

– ano 1243, doc. 382, pág. 234: "ego Rodericus Gomecii una cum uxore mea Maiore Garsie do [...]", "Testes donationis domne Froyle, *Arias Nuni, miles*", "regnante rege domno Fernando in Castella et Legione".

– ano 1246, doc. 392, pág. 239: "*Arias Munionis* ts", "Regnante rege domno Fernando in Legione, Castella".

Porém, nada nos assegura que nessas passagens se trate efectivamente do trovador, pois em nenhuma delas aparece com o sobrenome "de Asma". De resto, nem sequer é absolutamente seguro que em todos os casos citados se esteja falando da mesma pessoa, e não de distintas pessoas com o mesmo nome.

No que diz respeito à cronologia de Airas Moniz d' Asma e ao ambiente em que desenvolveu a sua actividade poética, é interessante a

1ESTUDOS92 19/12/07 14:19 Página 21

proposta do professor Vicenç Beltrán[22]: relaciona a primeira das composições de Airas Moniz d' Asma com uma cantiga provençal de Bonifácio Calvo, baseando essa relação de dependência na coincidência de esquema métrico-rimático e estrófico entre ambas as composições, com a particularidade de que na primeira estrofe as palavras rimantes dos versos primeiro e final são também coincidentes.

A estas coincidência formais Beltrán acrescenta uma semelhança geral de conteúdo. Deste modo, seria Airas Moniz d' Asma o imitador, e ademais a sua cantiga seria de tom irónico e portanto paródia da de Bonifácio Calvo[23]. Daí deduz que, dado que de Bonifácio Calvo sabemos que se achou na corte castelhana de Afonso X nos começos do seu reinado, também Airas Moniz d' Asma deveria pertencer a essa época.

Há, porém, algumas dificuldades que debilitam a força dessa proposta, de resto digna de análise. Em primeiro lugar, as coincidências formais entre as composições aduzidas não parecem tão significativas que não possam explicar-se dentro da intertextualidade geral da escola trovadoresca, e até, em pontos mais concretos como alguma esporádica palavra rimante, ser fruto da casualidade (ou de algum elementar dicionário de rimas que talvez circulava em cópias entre os trovadores, pelo menos nos círculos aristocráticos); e as coincidências relativas ao conteúdo não são mais marcadas que as existentes entre outras cantigas de amor. De resto, na composição de Airas Moniz d' Asma não parece haver indícios seguros de que o seu tom seja irónico ou paródico, e não simplesmente retórico (e portanto exagerado).

Em segundo lugar, como antes se advertiu, a colocação nos cancioneiros assinala para o nosso trovador uma cronologia algo anterior aos meados de século, o que torna mais difícil, se não impossível, o encontro de ambos os trovadores na corte castelhana no reinado de Afonso X.

Dessarte, em caso de haver dependência entre as duas cantigas em foco, teria que ser antes de Bonifácio Calvo a respeito de Airas Moniz d'

22. Vicente BELTRÁN, «Los trovadores en las cortes de Castilla y León: Bonifaci Calvo y Airas Moniz d' Asme», em: *Cultura Neolatina* 45 (1986), pp. 45-57; Vicente BELTRÁN, «Tipos y temas trovadorescos: Bonifaci Calvo y Airas Moniz d' Asme», em: *Revista de Literatura Medieval* 1 (1989), pp. 9-13; V[icente]. BELTRÁN, «Bonifaz de Genua (Bonifaci Calvo)», em: [VÁRIOS], *Dicionário da literatura medieval galega e portuguesa: Organização e coordenação de Giulia LANCIANI e Giuseppe TAVANI*, Editorial Caminho, Lisboa 1993, 698 pp., pp. 106-107.

23. "o trovador galego Airas Moniz d' Asme interpretou do mesmo modo a canção [de Bonifácio Calvo] *Tant auta domna.m fai amara / Amors* (ed. nº 2) que parodiou noutra composição onde afirmava que *iá chus seu nome non direy: / c' a feito [ia] mh a nomeey*" (V[icente]. BELTRÁN, «Bonifaz de Genua (Bonifaci Calvo)», em: [VÁRIOS], *Dicionário da literatura medieval* (citado na nota precedente), pp. 106-107).

1ESTUDOS92 19/12/07 14:19 Página 22

Asma, e poderia explicar-se por simples conhecimento textual, sem necessidade de contacto directo entre ambos os trovadores.

De Airas Moniz d' Asma conservamos duas cantigas, ambas de amor:

1) «Pois mi nom val d' eu muit' amar» (*Bb* 6) [= *D' Heur* 6 = *Tavani* 13,2].

2) «– Mià senhor, vim-vos rogar» (*Bb* 7) [= *D' Heur* 7 = *Tav* 13,1].

A cantiga «Pois mi nom val d' eu muit' amar» (*Bb* 6) [= *D' Heur* 6 = *Tavani* 13,2]

I
Pois mi nom val d' eu muit' amar
a mià senhor, ne-na servir,
nem quam apost' eu sei negar
o amor que lh' hei [e] 'ncobrir
([a] ela, que me faz perder!),
que mi_o nom podem entender,
já eu chus no-na negarei:
vel saberám de quem tort' hei!:

II
da que há melhor semelhar
de quanta[s] no mund' home vir,
e mais [manso sabe falar]
das que home falar oir.
Nom vo-la hei chus a dizer
[e] quenquer xa pod' entender;
já chus seu nome nom direi,
ca afeito mi_a nomeei.

III
E quem bem quiser trastornar
per t[o]d[o]_o mund', e [re]ferir,
mui festinho xi_a pod' achar;
ca, por vos home nom mentir,
nom há ela tal parecer
com que s' assi possa_asconder:

1ESTUDOS92 19/12/07 14:19 Página 23

per como a eu dessinei,
24 achá-la-ám, cousa que sei.

IV O[s] que me soíam coitar
26 f[u]i-lhes mià senhor descobrir:
já mi_ora leixarám folgar
28 (ca lhis nom podia guarir),
ca bem lhe-la fiz conhocer,
30 porque me nom quis bem fazer.
E tenho que bem me vinguei,
32 poi-la_em concelho_averiguei.

Lição do manuscrito (único: *B*):

1 Pors mí non ual deu muytamar ‖ **2** A mha senhor nen aseruir ‖ **3** Nen quam aposteu sey negar ‖ **4** Oamor quelhey ancobrir ‖ **5** Eela que me faz perder ‖ **6** Que mho non pode) entender **7** Ja eu chus nona negarey ‖ **8** Uel saberam de quentortey *B*

9 Da que a melhor semelhar ‖ **10** De quanta e no mundome uir ‖ **11-12** E mays das que home falar oyr ‖ **13** Non uola ey chus adizer ‖ **14** Quenquer xa podentender ‖ **15** Ja chus seu nome non direy ‖ **16** Ca afeytomha nomehey *B*

17 E quen ben quiser trastornar ‖ **18** p̲ tedeo mundeferir ‖ **19** Mui festinho xhapodachar ‖ **19** Ca por u^{9} home non mentir ‖ **21** Non a ela tal parecer ‖ **22** Con quessassy possa asconder ‖ **23** Per comoa eu dessiney ‖ **24** Achalaam cousa que sey *B*

25 Or queme soyam coitar ‖ **26** Failhes mha senhor descobrir ‖ **27** Jamhora leixaram folgar ‖ **28** Calhis non podia guarir ‖ **29** Ca benlhela fiz conhocer ‖ **30** Por que me non quis ben fazer ‖ **31** E tenho que ben me uinguey ‖ **32** Poyslla en concelho auey guey *B*

Fórmula rimática:]ababccdd[.

Esquema métrico-rimático:]8a 8b 8a 8b 8c 8c 8d 8d[.

No verso 1 Colocci sublinhou as palavras *mi non ual*, e logo, na margem inferior da página, debaixo da primeira coluna, anotou: "Mi nõ ual - nõ mi ual", reparando, como se vê, na particular ordem sintáctica da partícula negativa.

1ESTUDOS92 19/12/07 14:19 Página 24

O verso 18 é duvidoso: o sentido de *ferir* não parece plenamente satisfactório no contexto, embora este verbo apresente na época medieval vários significados; mas nenhum deles parece adequado neste caso, de modo que talvez fosse outro o verbo realmente empregado aí pelo poeta. Carolina Michaëlis (no glosário do *Cancioneiro da Ajuda*, s. v. *ferir*) já o achou problemático, e sugeriu duas possibilidades a partir do mesmo contexto: *trasferir* ou, se não, *per-ferir*: "Na cantiga 316 há os versos seguintes 7006 a 7007: *E quen ben-quiser trastornar / per todo o mundo e ferir*. Se o prefixo *tras* (*trans*) era separável, como julgo, devemos compreender *tras-tornar* e *tras-ferir*, tomando o último verbo no sentido de 'atravessar' e 'rebuscar'. Tendo todavia *per* em conta de advérbio superlativo, teremos de entender 'quem quiser trastornar e perferir o mundo inteiro'".

Tendo em conta que o sentido esperado seria algo assim como 'comparar' (isto é, "quem ande todo o mundo e compare"), poderíamos supor *conferir*, mas, entre outras dificuldades, este verbo não explica facilmente a lição do manuscrito. Na dúvida, opto por editar como forma conjectural *referir*, verbo bem documentado na época trovadoresca, ao qual se pode atribuir um sentido muito próximo a 'comparar'.

No verso 32 a lição do ms. (*auey guey*) parece indicar que a palavra rimante será *averiguei*, com o sentido de 'dei-a a conhecer publicamente', 'tornei-a de público conhecimento', bem adequado ao contexto. Assim o entendem os editores, e assim edito também eu; mas talvez não seria impossível que se tratasse de *avergonhei*, verbo que o trovador usa repetidamente na outra das suas cantigas: "E, cuid' eu, *avergonhar* / se vos prouguer, devedes" (vv. 5-6), "e sempre vos servirei / se m' hoj' *avergonhades*" (vv. 23-24)[24].

Notas complementárias ao artigo

Nota 1: A (suposta) "morte por amor" dos trovadores Joám Soárez de Pávia e Pero Rodríguez de Palmeira

Joám Soárez de Pávia e Pero Rodríguez de Palmeira são dois poetas dos inícios do nosso trovadorismo. Pelo índice colocciano sabemos que

24. A interpretação comum desta cantiga é a que brevemente formula Maria Luisa Indini: (a cantiga) "expõe um engenhoso plano de vingança em relação à insensível *senhor*: o poeta tenciona torná-la facilmente identificável, mesmo sem quebrar directamente o silêncio obrigatório acerca do nome dela; os urgentes *cousidores*, graças à minuciosa descrição das qualidades da mulher feita pelo amante injustamente rejeitado, poderão encontrá-la e reconhecê-la bem depressa, ficando o poeta, por fim, tranquilo e satisfeito com a sua vingança" (M[aria]. L[uisa]. INDINI, «Airas Moniz d' Asme», em: [VÁRIOS], *Dicionário da literatura medieval galega e portuguesa: Organização e coordenação de Giulia LANCIANI e Giuseppe TAVANI*, Editorial Caminho, Lisboa 1993, 698 pp., pág. 26).

1ESTUDOS92 19/12/07 14:19 Página 25

apareciam contíguos nos fólios iniciais da primitiva colectânea trovadoresca como autores de cantigas de amor, mas essas composições não se conservaram, por lacuna dos códices coloccianos que nos transmitiram a maior parte da produção profana dos trovadores. Eis a lista dos trovadores como aparece nesse ponto no citado índice colocciano (assinalo em negrito os nomes dos trovadores afectados pela lacuna):

12 Diego Moniz
13 pero paeç bazoco
21
20 Joan velaz
22 Don Juano
23 Joan Soarez de paulia
29 pero Rodrigues de palmeyra
31 Don Rodrigo diaz dos Cameyros
34 Ayra S oarez
37 Osoyranes
44 Monio uel Nuno fernandez de mirapeyxe

De Joám Soárez de Pávia perdemos, por essa lacuna, segundo da numeração presente no índice se pode deduzir, 6 cantigas de amor (que corresponderiam, se se conservassem, a [*B* 23-28]). Conservamos, porém, uma cantiga de escárnio, famosa por ser frequentemente considerada como a cantiga trovadoresca mais antiga das que podem ser datadas com certa probabilidade: «Ora faz host' o senhor de Navarra» (*Be* 1330[b], *V* [937]) [= *D'Heur* 1348 = *Tavani* 80,1].

Por causa dessa lacuna, de Pero Rodríguez de Palmeira não conhecemos nenhuma composição, mas pelo índice citado deviam de aparecer na colectânea duas cantigas (que deveriam ser de amor, e corresponderiam, se se conservassem, a [*B* 29-30]).

A tradição sobre a morte por amor de Pero Rodríguez de Palmeira foi transmitida no *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro*, onde se faz referência ao mesmo assunto por duas vezes[25]:

25. Cito pela edição de Mattoso: *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro*, Edição crítica por José Mattoso, Lisboa 1980, Publicações do II Centenário da Academia das Ciências, 2 volumes. ["Portvgaliae Monvmenta Historica a saecvlo octavo por Christvm vsque ad qvintvmdecimvm ivssv Academiae Scientiarum Olisiponensis edita", Nova Série, volume II/1-2].

1ESTUDOS92 19/12/07 14:19 Página 26

> "Este Dom Gonçalo Gonçálvez foi casado com Dona Maria Paáez (a por que **morreu d' amor Pero Rodríguez de Palmeira**, assi como se mostra no título [LIII], párrafo [...]. E esta Dona Maria Paáez susodita foi filha de Dom Pai Curvo de Toronho, em Galiza; e o dito Gonçalo Gonçálvez fez em esta Dona Maria Paáez sa molher üa filha que houve nome Dona Maria Gonçálvez" (parágrafo 37E4, vol. 1, pág. 439).
>
> "E Dom Martim Paáez Ribeira (filho de Dom Paai Moniz e de Dona Orraca Moniz) foi casado com Dona Maria Paáez (filha de Paai Soárez de Valadares, **a por que morreu Pero Rodríguez de Palmeira d' amor**; e fora ela ante casada com Gonçalo Gonçálvez), e fez em ela Dom Lourenço Martïiz e Dom Gil Martïiz e Dona Tareija Martïiz" (parágrafo 53A4, vol. 2, p. 66).

Como se vê, a identificação da dama (Dona Maria Paáez) que foi causa da morte do poeta está ambiguamente identificada: como "filha de Dom Pai Curvo de Toronho, em Galiza" num caso, e como "filha de Paai Soárez de Valadares" noutro.

O Marquês de Santillana na sua conhecida *Carta-Proémio ao Condestável de Portugal*, ao tratar dos trovadores galego-portugueses afirma que do trovador Joám Soárez de Paiva se dizia que morrera na Galiza por amores. Mas não parece haver outra notícia ao respeito em outras fontes. Pelo contrário, a morte de amor atribuía-se a outro trovador, Pero Rodríguez de Palmeira, como acabamos de ver. Como na colectânea dos cancioneiros ambos apareciam contíguos no início, o Marquês, que está contando recordos algo vagos da sua já longínqua infância, deveu de sofrer uma confusão entre esses dois nomes. Eis o contexto em que aparece essa afirmação[26]:

> [XIV] Entre nosotros usóse primeramente el metro en assaz formas; assí como el *Libro de Alexandre, Los votos del pavón,* e aun el *Libro del Arcipreste de Hita.* E aun desta guisa escrivió Pero López de Ayala, el viejo, un libro que fizo de las maneras del Palacio, e

26. A *Carta-Proemio* conservou-se em vários manuscritos, e tem sido editada várias vezes completa, e mais frequentemente de modo fragmentário. Ainda que já tratara dela Argote de Molina, contribuiu especialmente ao conhecimento deste texto o Padre Sarmiento, que a citou repetidamente nos seus escritos, mas não chegou a publicá-lo; publicou-o Sánchez em 1779. Não todas as edições são satisfactórias desde o ponto de vista filológico, embora sim o sejam para o conhecimento histórico-literário. Para a citação que apresento, parto da edição fragmentária de Menéndez Pidal (mas modificando levemente alguma das passagens à luz das variantes manuscritas, e adoptando critérios ecdóticos algo diferentes): [Ramón MENÉNDEZ PIDAL], *Crestomatía del español medieval por Ramón Menéndez Pidal con la colaboración del Centro de Estudios Históricos. Acabada y revisada por Rafael Lapesa y María Soledad de Andrés*, Madrid: Editorial Gredos, 2 volumes, 2ª ed. 1976, 676 pp.; o texto citado encontra-se no vol. 2º, p. 594.

1ESTUDOS92 19/12/07 14:19 Página 27

> llamaron los *Rimos*. E después fallaron esta arte que «mayor» se llama e el arte común, creo, en los reinos de Gallizia e de Portogal, donde non es de dubdar que 'l exercicio destas sciencias maá que en ningunas otras regiones e provincias de España se acostumbró, en tanto grado que non ha mucho tiempo cualesquier dezidores e trobadores destas partes, agora fuessen castellanos, andaluzes o de la Estremadura, todas sus obras componían en lengua gallega o portugesa; e aun destos es cierto rescebimos los nombres del arte, assí como «maestría mayor e menor», «encadenados», «lexaprén» e «mansobre».
>
> [XV] Acuérdome, señor muy magnífico, siendo yo en edad non provecta mas assaz pequeño moço, en poder de mi avuela Doña Mencía de Cisneros, entre otros libros aver visto un grand volumen de cantigas, serranas e dezires portugueses e gallegos, de los cuales toda la mayor parte era del rey Don Dionís de Portugal (creo, señor, sea vuestro bisauelo), cuyas obras aquellos que las leían, loavan de invenciones sotiles e de graciosas e dulces palabras. Avía otras de Joan Suares de Pavia (el cual se dize aver muerto en Gallizia por amores de una infanta de Portogal) e de otro Fernand Gonçales de Senabria. Después dellos vinieron Vasco Peres de Camoes e Fernand Casquicio, e aquel grande enamorado Macías, del cual no se fallan sino cuatro canciones, pero ciertamente amorosas e de muy fermosas sentencias, conviene a saber: «Cativo de miña tristura», «Amor cruel e brioso», «Señora, en quien fiança», e «Provey de buscar mesura».

Já Carolina Michaëlis advertia que essa notícia do Marquês carecia de confirmação histórica: "Da lenda por ele apontada, segundo a qual João Soares teria morrido na Galiza, de amores por uma infanta de Portugal, nunca se encontrou vestígio comprovativo"[27].

Em nota Michaëlis adverte ademais que "Parece que confundiu dois trovadores diversos, de nome João Soares". Ela sugere que pôde haver confusão com o trovador Joám Soárez Somesso; e pensa que, supondo acertada a sua ideia de identificar este trovador como membro da linhagem de Valadares, na notícia do Marquês poderia haver então uma alusão, a essa família, porém não poderia ser ao trovador Joám Soárez, mas a seu pai, pois foi ele quem casou em segundas núpcias com uma infanta da Galiza. "Mas do fadário do filho nada consta"[28].

27. *Cancioneiro de Ajuda*, vol. 2, p. 570.
28. *Cancioneiro de Ajuda*, vol. 2, p. 570, nota.

1ESTUDOS92 19/12/07 14:19 Página 28

Como se vê, ainda assim, o ponto focal da notícia do Marquês, que é a morte por amor, não se aplicaria nem sequer ao pai. Parece, de resto, uma hipótese excessivamente complicada: de facto, suporia uma múltipla confusão por parte do Marquês: em primeiro lugar, não só teria confundido um João Soárez com outro, mas, em segundo lugar, teria aplicado a este um facto da vida de seu pai, e, em terceiro lugar, teria introduzido indevidamente a notícia da morte por amor. Tampouco podemos imaginar que o Marquês estivesse tão informado desses pormenores históricos, e, por outro lado, sempre fica por explicar donde provém a notícia da morte por amor. Parece, pois, mais natural supor que a confusão do Marquês foi entre os dois trovadores contíguos no início do cancioneiro, unidos vagamente no seu recordo.

Nota 5: O trovador Airas Páez

Álvarez Blázquez afirma que o trovador Airas Páez deu a conhecer a identidade da sua amada, e depois teve de sofrer a consequência de não poder vê-la mais.

As rubricas dos cancioneiros apresentam o trovador Airas Páez com a qualificação de jogral ("Airas Páez, jograr"). Dado que as suas duas cantigas de romaria fazem alusão a "Santa Maria de Reça", que é uma freguesia nos arredores da cidade de Ourense, na beira do rio Minho, provavelmente seria originário dessa zona. No entanto, à vista da sua modesta condição de jogral, não parece que possa identificar-se com um Dom Airas Páez, burguês de Ourense, que em 1284 se documenta como comprador, junto com a sua mulher Urraca Eanes, da renda de duas casas no centro da cidade. É mais provável que devamos identificá-lo, como fez Menéndez Pidal, com o jogral do mesmo nome que aparece nas contas do rei Sancho IV de Castela correspondentes a junho de 1293. Depois parece localizar-se em Navarra, e em 1303 e 1304 na corte aragonesa do rei Jaime II.

Das 4 cantigas que dele se conservaram, duas são de amor e outras duas de amigo. A referência à suposta infracção da lei do segredo amoroso estaria nas cantigas de amor, o que não parece seguro[29]. Eis a minha leitura de ambas:

29. Álvarez Blázquez reproduz a mesma ideia também na apresentação deste trovador na sua *Escolma*: "De ser certo o que di nunha das súas cantigas, cometería o desaforo de pubricar o nome da súa «senhor» e pagaría dempóis, co encerro dela, a coita mortal de a non poder ollar xa máis" (p. 203); seguidamente transcreve as duas cantigas de amor de Airas Páez, e uma das de amigo (pp. 203-204 = 164-165 da 1ª edição).

1ESTUDOS92 19/12/07 14:19 Página 29

Airas Páez 1 [= 1102 = *Tav* 15,1]
«Dizem [i] pela terra, senhor, ca vos amei»
(*Ba* 1100, *V* [691])

[*Cantiga de amor; de refrão.*
O trovador lamenta que o seu amor seja conhecido pela gente, o que torna mais penosa a sua situação pessoal de namorado].

I Dizem [i] pela terra, | senhor, ca vos amei;
2 e de toda-las coitas | a vossa maior hei!
E sempr' eu, namorado,
4 *hei a viver coitado!*

II Dizem [i] pela terra | que vos amei, [senhor];
6 e de toda-las coitas | a vossa hei maior!
E sempr' eu, namorado,
8 *hei a viver coitado!*

III E de toda-las coitas | a vossa maior hei,
10 e nom dôrmi'_aa noit', e | o dia peior hei!
E sempr' eu, namorado,
12 *hei a viver coitado!*

IV E de toda-las coitas | a vossa hei maior,
14 e nom dôrmi'_aa noit', e | o dia hei peor!
E sempr' eu, namorado,
16 *hei a viver coitado!*

Os versos 1 e 5 aparecem hipométricos (falta uma sílaba) nos manuscritos.

1ESTUDOS92 19/12/07 14:19 Página 30

Airas Páez 2 [= 1103 = *Tav* 15,2]
«Maior guarda vos derom ca soíam, senhor»
(*Ba* 1101, *V* [692])

[*Cantiga de amor; de refrão.*
O trovador manifesta o seu temor de que não poderá seguir vivendo, já que lhe impedem ver a sua amada].

I
Maior guarda vos derom ca soíam, **senhor**,
e viv' eu mais penado por vós e hei **maior**
coita, que nom cuid' a **guarir**.
Senhor, se vos guardarem e vos eu nom vir,
*nom cuid' um dia mais **guarir**.*

II
Mui gram doo haveríades de mim, **senhor**,
se vós soubéssedes a coita que hei **maior**,
ca nom poss' eu sem vós **guarir**.
Senhor, se vos guardarem e vos eu nom vir,
*nom cuid' um dia mais **guarir**.*

Assinalo em negrito as palavras rimantes repetidas, a fim de que assim se perceba melhor o artifício procurado pelo trovador.

No primeiro verso do refrão talvez falte uma sílaba; assim, este verso teria a mesma medida (13 sílabas) dos dois primeiros versos de cada estrofe. As possibilidades de completar a medida seriam várias. Em primeiro lugar, à vista da expressão *dar guarda* usada no verso 1 ("guarda vos derom"), em vez de *guardarem* poderíamos ler "se vos guarda [de]rem". Ou, se não, podríamos intercalar alguma partícula na segunda parte do verso: "e [se] vos eu", ou "e vos eu [i] nom", ou "e vos eu nom [er] vir"...

Os vv. 6-7 aparecem permutados nos mss. Com efeito, é de supor que as palavras-rima *senhor* e *maior* ocupavam o mesmo lugar que na primeira estrofe, de modo que deveu de haver aí um erro no processo de transmissão textual.

1ESTUDOS92 19/12/07 14:19 Página 31

Nota 7: Uma cantiga de Pero da Ponte

Álvarez Blázquez faz referência à cantiga de Pero da Ponte «Mort' é Dom Martim Marcos?! Ai Deus!, se é verdade?» (*Ba* 1655, *V* [1189]) [= *D' Heur* 1667 = *Tavani* 120,27]. Ocupei-me dela noutro lugar, propondo e intentando justificar uma nova leitura, com estrutura métrica diferente da habitualmente adoptada[30]. Reproduzo aqui o texto da composição, tal como aí propunha editá-la:

I Mort' é Dom Martim Marcos?! Ai Deus, se é verdade?
Sei ca, se el é morto, morta é torpidade,
morta é bavequia
e morta neicidade,
morta é covardia
e morta é maldade.

II Se Dom Martinh' é morto, sem prez e sem bondade,
hoimais, maos costumes, outro senhor catade;
mas no-no acharedes
de Rom' atá Cidade:
se tal senhor queredes,
alhu-lo demandade.

III Pero um cavaleiro sei eu, par caridade,
que vos ajudari' a tolher del soidade;
mais, que vos diga [o]nde
[é], bem [adevinh]ade:
nom éste rei nem conde,
é-x' outra podestade,

F que nom direi, que direi, que nom direi...

30. José-Martinho MONTERO SANTALHA, «A cantiga de escárnio de Pero da Ponte "Mort' é Dom Martim Marcos?! Ai Deus, se é verdade?" (*Ba* 1655, *V* [1189])», em: *O mundo de língua portuguesa (Galiza - Portugal - Brasil - PALOP* ["Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa"]*: Atas do III Congresso Internacional de Literaturas Lusófonas (em comemoração do V Centenário da Universidade de Santiago)*, Pontevedra - Braga 1995, 544 pp., pp. 238-248. [Actas do Congresso celebrado na "Faculdade de Ciências Económicas, Departamento de Ciências Políticas, 21-23 Setembro 1995, Universidade de Santiago de Compostela". Este volume de Actas constitui um número especial da revista *Nós: Revista Internacional da Lusofonia* (Pontevedra - Braga), números 41-50 (1995)].

1ESTUDOS92 20/12/07 13:48 Página 32

AGÁLIA, 91-92

1ESTUDOS92 19/12/07 14:19 Página 33

Un trovador rompe a lei do segredo: *y-vel-sa*

[Xosé María Álvarez Blázquez]

Un dos aspeitos máis reveladores do senso "hermético" no amor servil, que procraman e cantan os nosos troveiros medievaes, é a obriga de non descobrir por nada diste mundo –nin ainda do outro– o nome da muller amada. Non é isto, certamente, unha nota orixinal dos poetas galaico-portugueses, senón herdo –un de tantos– dos modos e modas ocitánicos.

O feito, non embargantes, tanto eiquí como acolá, era preciso, se o amador tiña de gardar as formas impostas por unha mínima cautela. A muller ouxeto de aquel rendido vasalaxe amoroso era, xeralmente, unha dona casada, non se saberá nunca en qué casos ente real e amor verdadeiro, e en qué outros criatura maxinada e sinxelo pretesto lírico. Pero, de unha forma e mais outra, o segredo resultaba preciso; no primeiro caso, porque había un marido, un home, mais ou menos ciumento e pagado da sua honra; no segundo, porque a propia ficción precisaba do arbitrio.

Podemos oxe postular que, na meirande parte dos namoramentos, pintados con ardentes termos no *Cancioeiro de Amor* galaico-português, non se trata de outra cousa que dunha postura estética, ou ben de un recurso pra suscitar a sempre esperta curiosidade feminina. Mais non convén esquencer o feito real de que algúns poetas, tanto na Provenza como en Galicia, na Edade Media, dempois e sempre, teñan morto certamente de amor –Pero Rodrigues de Palmeira, Johan Soares de Paiva–[1] ou vitimas da fervente anguria que lles fixo perder a "mesura" cortés, porque non todo é maxinativo na vida e morte de Macías*[1].

Lenda oriental ou traxedia verdadeira, lembremos o que se di do troveiro catalán Guillerme de Cabestanh (1162-1212). Namorado tolamente da muller de Ramón de Castell-Roselló, a fermosa Sermonda,

1. Do primeiro hai notiza no "Livro de Linhagens", onde se di que o mataron amores dunha cuñada da famosa Ribeiriña, amante de D. Sancho I O Vello, de Portugal (1159-1211). Do segundo sabemos polo Marqués de Santillana: "Avia otras [cantigas] de Johan Xoares de Pavía, el qual se diçe aver muerto en Galiçia por amores de una infante de Portugal" ("Prohemio e Carta al Condestable de Portugal").

*1. Veja-se na introdução a nota complementária 1.

1ESTUDOS92 19/12/07 14:19 Página 34

tanto a louvóu nas suas trovas, sen embazo de facelo nas propias barbas do marido, que éste mandouno matar, pra lle arrincar o corazón e darllo a comer, ben adobado con pimenta, a namorada dona. Desque o houbo comido, o terribel vingador reveloulle á sua muller qué carne era aquela. A triste Sermonda respondéu: "Señor, tan bó é o manxar que me déstedes que nunca máis quero comer outro". E guindouse dunha fiestra[2].

Casos semellantes, mais históricos que leendarios, poderíanse citar ainda, apesares daquil estrano segredo en que se gardaba o nome da muller amada, cando non o mesmo amor. Descoberto éste, por algunha confidenza turdia ou por calquer indiscreción dos propios interesados, o fin tráxico era de esperar. Ben certo é que, no chamado "amor cortés", todo costumaba a resumirse nunha preparación artilleira de verbas, que nunca remataba co asalto definitivo á fortaleza. Pero non por iso serían menos de temer as reaccións iradas dos esposos. Vel ahi a principal razón de que provenzaes e galegos –poetas, si, mais homes tamen– calasen cautamente o nome da muller louvada, e non somente por motivos convencionaes. O uso –dí con acerto R. Lapa– "mais do que uma convençao, era uma necessidade social de disciplina doméstica"[3].

Agora ben, tamén no arte "a necesidade cria o costume". E o certo foi que a necesidade se impuxo coma iñorma convencioal, dando por resultado, primeiro, aquil pechado silenzo encol dos nomes femininos na poesia medieval (nomes que, en casos isolados, tradúcense por tropos concisos –os provenzaes "Vel-Vezer" = Bela Vista, "Miels de Domna" = Mellor que Dona; os galegos "A do mellor parecer", "A ben tallada"); logo os empalagosos pseudónimos de Filis, Galatea e demais familia; e ainda os inxenuos anagramas de Nises e Belisas.

Certo trovador galego, Airas Paez, que foi xograr asalariado nas cortes de Sancho IV de Castela e Xaime II de Aragón, cometéu o tremendo desaforo de facer púbrico o nome da sua "señor". Isto dí él nunha das suas cantigas, e o resultado foi que xa non puido ver máis á dona amada, pechada dende entón baixo sete chaves por quen tiña poder pra elo. É, cicais, o único caso que conecemos antre nós de

*2. "Se trata de una leyenda de lejana ascendencia oriental, que durante los siglos XII a XIV se extendió por países de lengua italiana, provenzal, francesa y alemana, individualizándose luego en la persona de tres poetas medievales: el trouvère Le Châtelain de Coucy, el minnesinger Reinmann von Brennenberg y el trovador Guilhem de Cabestanh. Adscrita a éste tomó forma literaria en el Decamerone de Boccaccio (gior. IV, 9) y modernamente en De l'amour de Stendhal (cap. 52)". (Martín de Riquer: "Resumen de Literatura Provenzal Trovadoresca", Barcelona, 1948. — Pp. 76-77).

*3. "Lições de Literatura Portuguesa. Época Medieval". - 3ª ed. Coimbra, 1952, p. 133.

1ESTUDOS92 19/12/07 14:19 Página 35

semellante quebrantamento. Na vella Provenza, seria punido co desterro ou outras penas mais fortes (Buscar)*(4).

Non conecemos a cantiga onde Airas Paez decrara o nome da muller das suas coitas, si é que en verdade chegóu a romper tan abertamente co código ao uso. E, por tanto, tampouco sabemos qué razóns serían as súas pra cometer tal imprudenza. Cicais, nin siquera fosen "razóns trovadas"; é decir, que o poeta non chegase a mentar á dona nunha cantiga, senon somente a facer púbrico alarde do seu amor (¿correspondido?)*(5).

Por iso cobra mais interés ante nós certo desafogo de un despeitado trovador, Airas Monis, que a critica non ten ata agora estudado –que eu saiba– no seu íntimo contido. Vela eiqui:

Pois mi non val...
(Nunes, p. 230)*(6)

Pois mi non ual d' eu muyt' amar
a mha senhor, nen a seruir,
nem quam apost' eu sey negar
o amor que lh' ey [e] a 'ncobrir
a ela que me faz perder,
que mh-o non pode[n] entender,
iá eu chus no'-na negarey,
vel saberam de quem tort' ey.

*4. Pelo que parece, o autor pensava completar neste ponto a documentação sobre o tema aí tratado. Talvez estivessem pensados para integrar aqui os apontamentos que aparecem em duas folhas soltas, com referências ao tratamento que vários trovadores (Afonso Sánchez, Bernaldo de Bonaval, Rui Páez de Ribela, Roi Fernández de Santiago) dão ao segredo amoroso.

*5. A respeito do trovador Airas Páez veja-se na introdução a nota complementária 5.

*6. Como se vê, neste ponto Álvarez Blázquez pensava transcrever o texto da cantiga de Airas Moniz d' Asma. A referência a Nunes deve de ser à sua divulgada *Crestomatia* (pois na edição das cantigas de amor de Nunes este trovador não foi incluído, como aconteceu com todas as cantigas que foram já publicadas por Carolina Michaëlis na edição do *Cancioneiro da Ajuda*). Tomo, pois, da *Crestomatia* o texto que aqui reproduzo (que, efectivamente, coincide com o das citas fragmentárias de Álvarez Blázquez ao longo do artigo, com as adaptações gráficas que ele costuma introduzir nos textos trovadorescos). Cito pela sétima edição, de 1970: José Joaquim NUNES, *Crestomatia arcaica: Excertos da literatura portuguesa desde o que mais antigo se conhece até ao século XVI acompanhados de introdução gramatical, notas e glossário; 7ª edição*, Livraria Clássica Editora, Lisboa 1970, 482 pp.; o texto aqui transcrito aparece nessa edição na p. 156. Trata-se de uma obra clássica, cuja primeira edição data de 1906, logo reelaborada pelo autor para a segunda edição de 1921, e depois reeditada repetidamente (3ª ed. 1943, 5ª 1959) pela mesma casa editora sem mudanças no substancial. Álvarez Blázquez cita na bibliografia da sua *Escolma* trovadoresca a quinta edição, de 1959.

1ESTUDOS92 19/12/07 14:19 Página 36

Da que á melhor semelhar
de quanta[s] no mund' ome vir
e mays [mansa sabe falar]
das que home falar oyr,
non uo-la ey chus a dizer...
quenquer x' a pode entender;
iá chus seu nome non direy;
c' a feito [iá] mh a nomeey.

E quen ben quiser trastornar
per tod' o mundo e ferir
mui festinho xh-a pod' achar,
ca, por uos home non mentir,
non á ela tal pareçer
con que ss' assy poss' asconder
per como a eu dessiney,
acha-la-am, cousa que sey.

Os que me soyam coitar
foi-lhes mha senhor descobrir;
iá mh ora leixaram folgar,
ca lhis non podia guarir,
ca ben lhe'-la fiz conhocer,
porque me non quis ben fazer,
e tenho que ben me uinguey,
pois l' en concelh' aueriguey.

Non precisa acraración o fenómeno espritoal que motiva ista cantiga, tan fondamente humán. Refusado pola que tén "mellor semellar de quantas no mundo ome vir", quérese vingar, procramando "en concello" quen é ela. Non se trata de facer un sinxelo retrato, polo que a poidan reconecer, cun xogo anfibolóxico de palabras, no que tan destros eran os poetas medievaes. Trátase de nomeala abertamente, con toda craridade. E xa nos derradeiros versos da segunda estrofa asegura o trovador que o fixo:

1ESTUDOS92 19/12/07 14:19 Página 37

"ia chus seu nome non direy,
ca a feito ia mi a nomeey".

E logo na terceira estrofa:

"non á ela tal pareçer
con que se asy posa asconder;
per como a eu desiney,
achala an, cousa que sey".

É evidente que pra "achala", pra conocer o nome dela, haberá que facer algún esforzo, posto que na cantiga non aparez esprícito. É unha sorte de adiviñanza. Tornemos atrás, pois é lóxicamente no comén da cantiga onde o nome oculto figurará. Deseguida o atoparemos, nos dous derradeiros versos:

"ia eu chus non a negarey
vel saberan de quen torto ei".

(Xa eu máis non a ocultarei; antes, todos saberán de quen rescibo inxustiza).

É un sinxelo anagrama: y-vel-sa = Ysavel. Cicais o cognomen esteña tamén por ali: cicáis "beram", cicáis "torto". ¿Quén sabe? Pra o concello aberto das faladurías cortesáns, onde o poeta bulía, non sería grande misterio dar co apelido, se acaso na cantiga figuraba tamén. Moi craro tiña que ser pra os demais a identificazón, cando o trovador non dubida en afirmar:

"ca ben lhe'-la fiz conhocer,
. . . . . .
e teño que ben me vinguey
pois la en concelho averigüey".

Era unha forma habilidosa, se ben non fose moi "cortés", de revelar a identidade da "señor". Por tal sistema, o poeta podería negar logo o

1ESTUDOS92 19/12/07 14:19 Página 38

feito, coma cando, nos escarños e maldiceres, uns se "asañaban" cos outros, sen dar nomes, pero aludíndose coa fina ironía das "palabras encobertas". Airas Monis, ao romper nun intre de despeito cas leis do código poético, botou man de un recurso moi semellante a aquil de Pero da Ponte, cando quería nomear, e non quería, a certo digno sucesor do malvado D. Martin Marcos[*(7)]:

> "non est rei nen conde, mais é outra potestade,
> que non direi, que non direi, que non diréi..."
> (C.V. 1189)

E o caso era que, pra os que escoitasen, partillantes do mesmo segredo a voces, o nome xa estaba dito.

*7. Trata-se da cantiga de Pero da Ponte «Mort' é Dom Martim Marcos?! Ai Deus!, se é verdade?» (*Ba* 1655, *V* [1189]) [= *D' Heur* 1667 = *Tavani* 120,27], que Álvarez Blázquez incluiu na sua antologia trovadoresca (p. 45 da 1ª ed., e p. 47 da 2ª); a citação que aqui faz dos versos finais coincide exactamente com a adoptada na antologia. Veja-se na introdução outra proposta de edição deste texto na nota complementária 7.

1ESTUDOS92 19/12/07 14:19 Página 39

Dois poemas inéditos de José Maria Álvarez Blázquez

[Nota introdutória de José-Martinho Montero Santalha]

Publicamos dois poemas inéditos de José Maria Álvarez Blázquez, que nos facilitou o seu filho o professor Celso Álvarez Cáccamo, a quem manifestamos mais uma vez o nosso agradecimento[1]. Oferecemos a reprodução facsimilar dos respectivos originais manuscritos, e uma transcrição.

Ambos os poemas apresentam a particularidade de estar escritos (e elaborados) pelo próprio autor numa normativa intencionalmente reintegrada, embora com erros e incoerências, aliás bem explicáveis e desculpáveis. Que se saiba, não se conservam de Álvarez Blázquez mais textos em grafia portuguesa.

Os poemas pertencem à época juvenil do autor (anos 1932 e 1934)[2].

Segundo nos informa Celso, nessa época Álvarez Blázquez escrevia as suas composições poéticas geralmente a lápis, e depois copiava a versão final, com caligrafia cuidada e a tinta, nuns cadernos de poesia. Uma série dessas poesias tinha o título «Abril»; dela extraiu poemas em castelhano para o seu primeiro livro poético, intitulado também *Abril* (publicado em 1932, quando tinha só 17 anos e seguia o primeiro curso da carreira de Magistério em Pontevedra). Outra série intitulava-se «Iris».

Cronologicamente, os poemas começam no ano 1927, quando era um adolescente de apenas 12 anos: o seu primeiro poema em galego, «Queixa», escreveu-o com essa idade, 12 anos.

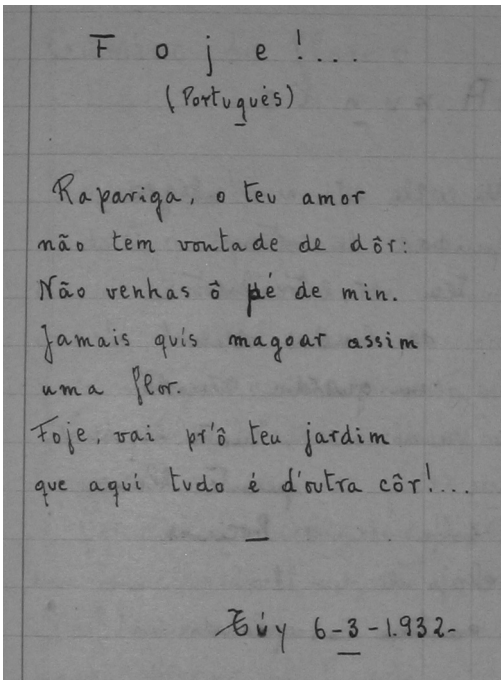
O primeiro dos dois poemas inéditos aqui publicados, intitulado «Foje!», está datado "Túy 6-3-1932", portanto quando o autor tinha 17 anos. Aparece com o subtítulo "Portugués", e faz parte de uma série de poesias que constituíam exercícios em "línguas distintas": outro poema

1. Não foram incluídos na sua *Poesía galega completa* organizada pelo seu filho Xosé María Álvarez Cáccamo: ÁLVAREZ BLÁZQUEZ, Xosé M.ª (1987): *Poesía galega completa: Prólogo de X. L Méndez Ferrín; Presentación, cronoloxía e bibliografía de Xosé M.ª Álvarez Cáccamo; Epílogo de Emilio Álvarez Blázquez*, Vigo: Edicións Xerais de Galicia, 168 pp. Está previsto que sim apareçam publicados numa nova edição da poesia galega completa de Álvarez Blázquez que prepara Xavier Rodríguez Baixeras.

2. Anuncia-se que, dentro do programa de actividades comemorativas do centenário de José Filguera Valverde, o Museu de Pontevedra publicará proximamente a "antologia consultada da poesia galega" que Filgueira organizara pelos anos da Segunda República, e que ficou inédita até hoje, e que entre os poetas aí incluídos aparece também José Maria Álvarez Blázquez com várias composições, que deverão portanto proceder do mesmo tempo que as duas aqui publicadas.

1ESTUDOS92 19/12/07 14:19 Página 40

tem o subtítulo «Francés», e outro «Italiano». Neste caso, portanto, o «português» é para ele uma língua distinta. É o poema num. 3 do caderno manuscrito intitulado «Abril».



F o j e !...

(Portugués)

Rapariga, o teu amor
não tem vontade de dôr:
Não venhas ô pé de min.
Jamais quís magoar assim
uma flor.
Foje, vai pr'ô teu jardim
que aquí tudo é d'outra côr!...

—

Búy 6-3-1.932-

O segundo, intitulado «A final...», é o poema núm. 5 do caderno que leva o título «Iris». Está datado "Pontevedra 4-2-34", que era o dia do seu 19 aniversário. Escreveu-o, pois, quando residia em Pontevedra a estudar Magistério. Morava na casa de seu tio, também poeta em galego, Gerardo Álvarez Limeses. Filha de Gerardo era Amália (portanto prima dele), casada com Alexandre Bóveda, que fazia visitas frequentes à casa dos sogros.

É possível que fosse precisamente o contacto com esse ambiente galeguista e intelectual da família, da cidade e da época, o que o movesse a "experimentar" neste poema uma grafia distinta. Aqui não aparece anotação alguma do autor a respeito da "língua" utilizada, e o poema encontra-se entre outra série deles em galego. Quer dizer, não parece que neste caso o moço Álvarez Blázquez visse este uso da normativa linguística como uma prática noutra "língua".

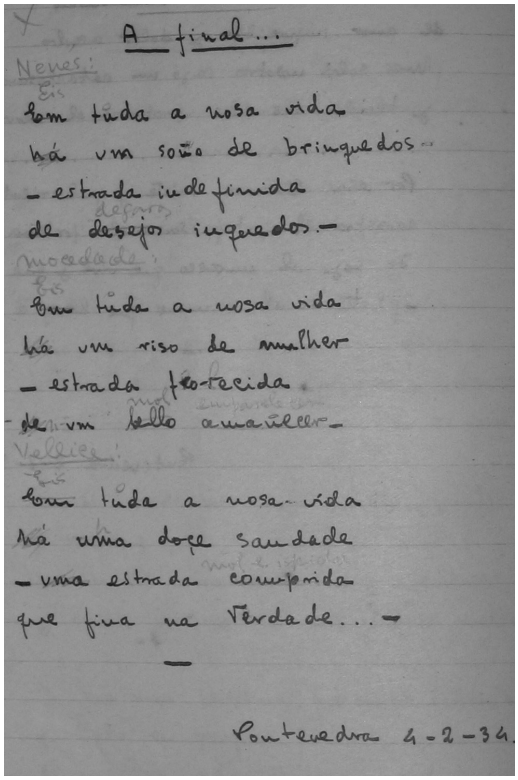
Posteriormente parece que quis "regularizar" essa normativa linguística, seguramente com vistas a uma possível inclusão do poema num livro, e introduziu com esse fim algumas modificações no texto. Em princípio parece que deveríamos tomar essa versão "corrigida" como definitiva; mas o filho Celso advertia fundadamente que, se assim fosse, seu pai a teria copiado em caligrafia cuidada, como sempre fazia; de facto, não incluiu o poema em nenhum dos seus livros poéticos. De modo que parece mais acertado assumirmos como definitiva a versão original; no entanto, em notas assinalaremos em cada caso as variantes introduzidas por cima a lápis.

1ESTUDOS92 20/12/07 13:49 Página 41

Foje!...
(Portugués)

Rapariga, o teu amor
não tem vontade de dôr:
Não venhas ô pé de min.
Jamais quís magoar assim
uma flor.
Foje, vai pr' ô teu jardim
que aquí tudo é d'outra côr!...

Túy 6-3-1932-


A final...

Nenés:

Em tuda a nosa vida
há um soño de brinquedos
– estrada indefinida
de desejos inquedos.–

Mocedade:

Em tuda a nosa vida
há un riso de muller
– estrada feorecida
de un bello amañecer–

Vellice:

Em tuda a nosa vida
há uma doce saudade
– uma estrada comprida
que fina na Verdade...–

Pontevedra 4-2-34

A final...[1]

Em tuda[2] a nosa vida
há um[3] soño[4] de brinquedos
– estrada indefinida
de desejos[5] inquedos–.

1. Por cima do título primitivo *A final...* foi escrito a lápis um novo título *Síntese*; em ambos os casos, os títulos aparecem sublinhados. À esquerda desses títulos foi traçado também a lápis um sinal em forma de xis maiúsculo, que parece ser uma indicação pessoal do autor para prescindir desse texto, talvez no momento de escolher poemas para algum destino particular (como seria a publicação de algum dos seus livros poéticos).
2. Sobre a versão original do poema o autor introduziu posteriormente, a lápis, três títulos intermédios, um para cada uma das três quadras: «Nenés» (isto é, *Nenez*), «Mocedade» e «Vellice», os três sublinhados e seguidos de sinal de dois pontos, para indicar que cada um desses subtítulos faz referência à quadra seguinte. Modificou também os dois vocábulos iniciais de cada quadra *Em tuda*: Sobre a linha por cima de *Em* anotou *Eis*, e por cima do *u* de *tuda* escreveu um *o*, isto é, *toda*; de modo que em vez de *Em tuda* resulta nos três casos uma nova versão *Eis toda*.
3. Sobre a versão primeira *há um* o autor riscou a lápis o primeiro vocábulo, *há*, que ficaria assim suprimido, talvez com a intenção de evitar uma forma pouco usual na fala da Galiza (onde a forma normal é *hai*), e também com o fim de eliminar a sinalefa algo violenta entre *há* e *um*, exigida pela regularidade métrica do verso (pois todo o poema está composto em versos hexassílabos, contando segundo o cômputo métrico português; isto é: heptassílabos no cômputo castelhano). Com essas correcções muda também a construção sintáctica dos dois primeiros versos (e o mesmo acontece nas outras duas estrofes): no fim do primeiro há um sinal de dois pontos, com o que o verso segundo fica convertido num desenvolvimento explicativo do primeiro ("Eis toda a nosa vida: / um sono de brinquedos").
4. O poeta riscou com pequenas raias o til da letra *ñ*, de maneira que em vez de *soño* ficou *sono*.
5. Em vez de *desejos* anotou por cima *degaros*.

1ESTUDOS92 19/12/07 14:19 Página 42

Em tuda[2] a nosa vida
há um[3] riso de mulher
– estrada florecida[6]
de um[7] vello amañecer[8]–

Em tuda[2] a nosa vida
há uma[9] doçe saudade
– uma[10] estrada comprida[11]
que fina na Verdade...–

Pontevedra 4-2-34.

2. Sobre a versão original do poema o autor introduziu posteriormente, a lápis, três títulos intermédios, um para cada uma das três quadras: «Nenés» (isto é, *Nenez*), «Mocedade» e «Vellice», os três sublinhados e seguidos de sinal de dois pontos, para indicar que cada um desses subtítulos faz referência à quadra seguinte. Modificou também os dois vocábulos iniciais de cada quadra *Em tuda*: Sobre a linha por cima de *Em* anotou *Eis*, e por cima do *u* de *tuda* escreveu um *o*, isto é, *toda*; de modo que em vez de *Em tuda* resulta nos três casos uma nova versão *Eis toda*.
3. Sobre a versão primeira *há um* o autor riscou a lápis o primeiro vocábulo, *há*, que ficaria assim suprimido, talvez com a intenção de evitar uma forma pouco usual na fala da Galiza (onde a forma normal é *hai*), e também com o fim de eliminar a sinalefa algo violenta entre *há* e *um*, exigida pela regularidade métrica do verso (pois todo o poema está composto em versos hexassílabos, contando segundo o cômputo métrico português; isto é: heptassílabos no cômputo castelhano). Com essas correcções muda também a construção sintáctica dos dois primeiros versos (e o mesmo acontece nas outras duas estrofes): no fim do primeiro há um sinal de dois pontos, com o que o verso segundo fica convertido num desenvolvimento explicativo do primeiro ("Eis toda a nosa vida: / um sono de brinquedos").
6. Na palavra *florecida* foram corrigidas as letras *l* e *r*, anotando a lápis sobre elas *r* e *l* respectivamente, de modo que resulta a forma *frolecida*.
7. Em *de um* riscou *de* e acrescentou *n-*, de modo que fica *n-um*.
8. Em vez de *bello amañecer*, palavras riscadas com lápis, anotou por cima da linha *mol empardecer*. Os dois versos finais dessa quadra ficavam, pois, assim: "– estrada frolecida / n-um mol empardecer–". Ademais dessa mudança, parece ter convertido o *v* inicial de *vello* em *b* (*bello*); mas seguramente terá razão seu filho Celso quando comenta (em mensagem particular que, pela sua autoridade, me tomo a liberdade de reproduzir): "para mim é mais provável a leitura *vello*: embora se vê um *b*, o traço do *v* é mais forte, como se reforçado; além, duvido que XMAB utilizasse a grafia arcaizante *ll* para *belo*; é mais provável uma hesitação *ll* ~ *lh*, como com *ñ* ~ *nh*. Além, no verso final de cada quarteto (e em outros) parece haver um contraste semântico positivo / negativo, isto é: *desejos* (+) / *inquedos* (-); *finar* (-) / *Verdade* (+) ; e *vello* (-) / *amañecer* (+) seria coerente com isto, enquanto *bel(l)o amañecer* é redundante".
9. Como nas duas estrofes precedentes, o autor riscou a lápis a palavra *há*, e por cima da linha sobre *uma* anotou um *h*, querendo indicar, supomos, a grafia *umha* (poderia pensar-se que indicava *unha*, mas não há nenhum traço que modifique a letra *m*). Os dois versos iniciais dessa estrofe ficariam, portanto, assim: "Eis toda a nosa vida: / umha doçe saudade"
10. A palavra *uma* foi riscada, indicando que devia ser suprimida.
11. Em vez de *comprida* escreveu por cima da linha *mol e ispida*. O verso ficariam assim: "– estrada mol e ispida".

1ESTUDOS92 19/12/07 14:19 Página 43

AGÁLIA, 91-92

estudos

1ESTUDOS92 20/12/07 13:49 Página 44

1ESTUDOS92 19/12/07 14:19 Página 45

AGÁLIA nº 91-92 / 2º SEMESTRE (2007): 045 - 063 / ISSN 1130-3557

Interferência entre sistemas e políticas de traduçom. Práticas paradoxais no sistema literário galego (*)

Isaac Lourido Hermida

Resumo:

Partindo da noçom de sistema literário, e do alargamento que esta ideia apresenta a respeito da mais convencional de "literatura", tenta-se a exposiçom e o esclarecimento de algumhas questons que atingem o ámbito das políticas de traduçom praticadas no sistema literário galego. Reconhecendo na traduçom um mecanismo privilegiado de contacto e interferência entre dous sistemas, a focagem central do artigo está ocupada polas condiçons em que esta interferência tem lugar entre os sistemas galego e espanhol, de umha parte, e os sistemas galego e português da outra, situando sempre o sistema galego como sistema receptor. Este último factor provoca a apariçom de práticas de importaçom que se podem considerar como anómalas ou paradoxais. No segundo dos cenários apontados, a ideia de considerar traduçom o que nom é mais do que umha adaptaçom de algum dos padrons ortográficos do ámbito lusófono às normas ortográficas oficializadas na Comunidade Autónoma Galega, junto com umha revisom léxica e fraseológica, é denominaçom tirada da *doxa* dominante no sistema literário galego. As conseqüências da adopçom e extensom desta *doxa*, aparelhadas à restriçom da difusom do livro em português na Galiza, conduzem ao cerne dos razoamentos que se tentam colocar.

Palavras-chave: sistema literário galego, interferência sistémica, políticas de traduçom, construçom da identidade.

Abstract:

Partant de la notion de système littéraire et de l'élargissement que cette idée implique face à celle plus conventionnelle de littérature, on essayera l'exposition et l'éclaircissement de quelques questions qui touchent le domaine des politiques de traduction pratiquées dans le système littéraire galicien. Puisque la traduction est reconnue comme un mécanisme privilégié de contact et interférence entre deux systèmes, la focalisation centrale de l'article est occupée par les conditions dans lesquelles cette interférence se produit entre les systèmes galicien et espagnol d'un côté, et entre les systèmes galicien et portugais de l'autre côté, tout en situant le système galicien comme système récepteur. Ce dernier facteur provoque l'apparition de pratiques d'importation susceptibles d'être considérées anomales ou paradoxales. Dans le deuxième contexte dont on a parlé, l'idée de considérer comme traduction ce qui n'est qu'une simple adaptation d'un des patrons orthographiques du milieu lusophone aux normes orthographiques officialisées dans la Communauté Autonome Galicienne, avec une révision lexicale et phraséologique, c'est une dénomination tirée de la doxa qui domine dans le système littéraire galicien. Les conséquences de l'adoption et du étalement de cette doxa, en plus de la restriction de la diffusion du livre portugais en Galice, mènent à l'essentiel des raisonnements que l'on essaye de développer.

Key words: *système littéraire galicien, interférence systémique, politiques de traduction, construction de la identité.*

(*) A leitura, as sugestons e a companhia de Cristina M. Teixeiro fôrom imprescindíveis na redacçom e finalizaçom deste artigo. No entanto, qualquer erro é de responsabilidade exclusiva do autor.

1ESTUDOS92 19/12/07 14:19 Página 46

1. Traduçom e paradoxo no sistema literário galego.

Tomando como ponto de referência a Teoria dos Polissistemas tal e como foi formulada por Itamar Even-Zohar em 1990, e ainda tendo em conta as reformulaçons que o teórico israelita introduziu nos anos posteriores, orientadas cara à proposta de umha teoria geral para o estudo dos fenómenos culturais, o presente estudo pretende tirar partido deste marco teórico numha direcçom fundamental: a sua eficácia para dar conta dos mecanismos de interferência entre sistemas literários e culturais, processos que, à luz das sugestons polissistémicas, devem ser incorporados como imprescindíveis para o estudo das leis e normas que regem um sistema literário e o seu desenvolvimento histórico. Tal e como refere Even-Zohar, a interferência entre sistemas constitui um dos procedimentos básicos para a criaçom de dinamismo no interior de um sistema literário, processo que garante a sua sobrevivência e que consegue especial e particular relevância naqueles sistemas que podem ser caracterizados como *fracos* ou *dependentes* (EVEN-ZOHAR, 1990: 55).

Os ámbitos em que esta interferência pode ter lugar apresentam identidades e condiçons diferentes segundo o sistema de que se esteja a falar, mas há consenso comum em considerar a traduçom como a estratégia fundamental para o intercámbio de repertórios entre sistemas, integrada nas particulares tendências de importaçom e exportaçom que se registrem numha comunidade determinada. Neste sentido, quer na área própria da traduçom quer na da introduçom directa de textos criados noutros sistemas culturais, convém atender este fenómeno, numha aproximaçom mínima que neste estudo tem sempre como referência o sistema receptor, desde umha dupla perspectiva: o papel que as estratégias de importaçom jogam na construçom da identidade da comunidade receptora e as relaçons que se estabelecem entre essas estratégias e o campo do poder.

Estabelecido o marco teórico primário, a intençom fundamental passa por fixar a atençom nalguns procedimentos das políticas de traduçom seguidas no sistema literário galego que se podem considerar paradoxais: a traduçom para o galego (e para o sistema literário galego) de textos produzidos inicialmente em espanhol e a adaptaçom ortográfica, léxica e fraseológica para o sistema galego de textos produzidos inicialmente em qualquer outra das variedades da língua portuguesa. O paradoxo principal de ambas práticas parte da resposta negativa a umha necessidade básica que se lhe supom a toda traduçom, a de servir para fazer legível um texto a um determinado grupo de

1ESTUDOS92 19/12/07 14:19 Página 47

pessoas. Deste jeito, faz sentido que a Editorial Galaxia traduza os romances de Paul Auster para o *galego*, por quanto a maior parte de membros da comunidade galega nom possuem a suficiente competência lingüística para ler as obras desse autor na sua versom original e por quanto, para além, a geraçom de traduçons próprias para textos escritos em língua alheia evita ter que passar pola *aduana lingüística* do castelhano, com todas as repercusons lingüísticas, culturais e sistémicas que essa recorrência véu provocando na situaçom deficitária do sistema literário galego. Mas, por colocar dous casos que exemplifiquem as práticas que aqui se querem pôr em causa: Quantos participantes do sistema literário galego nom tenhem a suficiente competência lingüística para ler a César António Molina na sua língua de criaçom maioritária, o castelhano? E quantas pessoas do mesmo colectivo seriam incapazes de ler com normalidade *A casa da paixão*, de Nélida Piñon? (E neste segundo caso, se calhar, umha pergunta complementária deve ser: Porquê?).

2. As traduçons do espanhol para o galego.

Um primeiro posicionamento crítico para afrontar este apartado procede do reconhecimento da concorrência dos sistemas literário galego e espanhol num mesmo espaço político, cultural e de mercado, e, para além, no reconhecimento das características que este tipo de contactos possui normalmente. Seguindo a descriçom que Even-Zohar (1990: 53-72; 2005: 46-60) coloca para estes casos, e nom sendo difícil identificar no marco galego situaçons concretas que exemplifiquem estes preceitos teóricos, pode-se afirmar que ali onde há contacto entre sistemas tenhem lugar, antes ou depois, processos de interferência entre os mesmos; além disto, nos contactos estabelecem-se sempre hierarquias entre os sistemas participantes, de tal forma que é controvertido qualificar como *pacífica*, *inócua* ou *harmónica* a convivência de dous sistemas num mesmo espaço. A competência na oferta editorial de umha mesma obra em galego e em castelhano é o exemplo mais claro desta concorrência conflitiva: o mercado obriga a escolher umha só opçom.

Alguns indícios de hierarquizaçom existentes na interferência sistema espanhol – sistema galego, e pertinentes para o aspecto concreto de que este apartado se ocupa, podem ser tirados da certeza de que qualquer leitor galego tem a suficiente capacidade para ler em castelhano (nom se passa o mesmo, a priori, com a língua galega: semelha que nem todas as pessoas leitoras da Galiza tenhem a capacidade suficiente para ler em *galego*). Aliás, qualquer pessoa participante do sistema literário galego tem um acesso ao mercado editorial espanhol, no mínimo e em princípio,

1ESTUDOS92 19/12/07 14:19 Página 48

em igualdade de condiçons que ao mercado galego. Mas, contodo, permitem as próprias condiçons do mercado esta *igualdade de oferta*? Nom promove (e inclusive necessita) precisamente este sistema a competitividade para o seu funcionamento? Neste terreno, a informaçom e a publicidade das obras geradas no sistema literário espanhol (originais em língua castelhana ou importadas de outros sistemas) contam com muitos espaços de difusom (entenda-se: muitos mais que as obras em galego) e alguns mui significativos, como os suplementos literários ou culturais dos principais jornais de ámbito estatal e de parte dos de ámbito galego. Para além, joga um papel decisivo o labor de substrato originado pola posiçom de máxima (e quase única) relevância que a literatura espanhola desempenhou (e continua a desempenhar?) no currículo escolar da maioria das pessoas leitoras activas do sistema literário na Galiza, colocando ou impondo no lugar mais alto do cánone as consideradas como obras mais representativas da literatura espanhola.

Por mais que a traduçom de textos em castelhano para o galego seja umha prática minoritária, nom convém desprezar o significativo que resulta a sua própria existência nem renunciar a procurar fixar umha listagem de modelos traduzidos e, em última instáncia, um conjunto de motivaçons / justificaçons associadas a cada caso. Umha vista de olhos nem todo o exaustiva que devera é suficiente para localizar os seguintes modelos de obras traduzidas do castelhano para o galego[1]:

1. *Clássicos imprescindíveis* da literatura espanhola (e, por extensom, *universal*): *Don Quixote da Mancha; Lendas*, de Gustavo Adolfo Bécquer; *Platero e mais eu*, de Juan Ramón Jiménez[2].
2. Obras criadas em castelhano, de autores monolingües em castelhano na sua produçom literária, mas *de espírito* galego (quer pola procedência do autor, quer polos motivos temáticos expostos, quer pola introduçom de léxico que se identifica com o da populaçom galega, etc.): *Os pazos de Ulloa* e *A pedra angular*, de Emilia Pardo Bazán; *Mazurca para dous mortos*, de Camilo José Cela;

1. Os exemplos que se colocam nom pretendem ser, desde logo, a mostra completa das obras que se poderiam considerar para cada apartado. Constituem, simplesmente, alguns exemplos ilustrativos das últimas décadas.
2. Miguel de Cervantes Saavedra, *Don Quixote da Mancha*. Dirección Xeral de Promoción Cultural: Santiago de Compostela, 2005. Traduçom de Valentín Arias et al. A primeira versom desta traduçom foi concebida como umha ediçom para especialistas de apenas trezentos exemplares (*O enxeñoso fidalgo don Quixote da Mancha*. Xuntanza, Boreal: A Corunha, 1998) / Gustavo Adolfo Bécquer, *Lendas*. Toxosoutos: Noia, 1999. Traduçom de Xuan Carlos Domínguez Alberte. / Juan Ramón Jiménez, *Platero e mais eu*. Ediciós do Castro: Sada, 1990. Versom galega de Manuel Beiras (Eubensei).

1ESTUDOS92 19/12/07 14:19 Página 49

A illa dos xacintos cortados e *O conto da serea*, de Gonzalo Torrente Ballester[3].

3. Textos de autores galegos que alternárom na sua trajectória a produçom em castelhano e em galego, especialmente aqueles que gozárom de umha especial relevância no ámbito do galeguismo cultural e/ou político: *Dende o ceo*, de Manuel Murguía; *A filla do mar*, de Rosalía de Castro; *Enchen as augas* e *Na vila hai caras novas*, de Xosé Maria Álvarez Blázquez; *Vida e fugas de Fanto Fantini* e *San Gonzalo*, de Álvaro Cunqueiro[4].
4. Textos de autores nascidos na Galiza de obra total ou maioritária em castelhano: *Soños nos cantís* (antologia poética de César Antonio Molina)[5].

É um lugar comum do subcampo da traduçom a exposiçom das causas que justificam a traduçom mesma ou, por dizê-lo de outra forma, os objectivos que motivam o esforço e a inversom editorial e humana. Para cada um dos casos apontados podemos diferenciar justificaçons parciais (declaradas) e um denominador comum, com diferente peso em cada tipo, orientado cara ao *mui nobre* objectivo de prestigiar a literatura galega, incorporando ao seu repertório toda umha série de disposiçons que, esta é umha das chaves, na maior parte dos casos já tinha incorporado ou rejeitado (o contacto entre os sistemas espanhol e galego nom procede majoritariamente das traduçons espanhol-galego...). As justificaçons parciais no caso dos *clássicos imprescindíveis* vinculam-se normalmente à necessidade de contar com determinada obra, *por fim*, vertida na língua galega. Nos exemplos das obras *de espírito galego*, registram-se argumentaçons tendentes à demonstraçom do orgulho que supom para a literatura galega a incorporaçom / recuperaçom de aqueles autores nados no país e, por esta via, re-aproximados a ele. Em ambos casos trata-se com freqüência de justificaçons de ordem

3. Emilia Pardo Bazán, *Os Pazos de Ulloa*, Toxosoutos: Noia, 2001. Traduçom de Olga Patiño e *A pedra angular*. Xerais: Vigo, 2003. Traduçom de Mónica Bar Cendón. / Camilo José Cela, *Mazurca para dous mortos*. Xunta de Galicia, Consellería de Cultura, Comunicación Social e Turismo: Santiago de Compostela, 1999. Traduçom de Xesús Rábade Paredes. / Gonzalo Torrente Ballester, *A illa dos xacintos cortados*. Ediciós do Castro: Sada, 1983. Traduçom de Alfredo Conde e *O conto da serea*. Juventud: Vigo, Barcelona, 1994. Traduçom de Valentín Arias.
4. Manuel Murguía, *Dende o ceo*. A Nosa Terra: Vigo, 2000. Traduçom de Francisco A. Vidal. / Rosalía de Castro, *A filla do mar*. Toxosoutos: Noia, 2001. Traduçom de Olga Patiño. / Xosé María Álvarez Blázquez, *Na vila hai caras novas*. Ir Indo: Vigo, 1993. Traduçom de Alfonso Álvarez Cáccamo e *Enchen as augas*. Ir Indo: Vigo, 1995. Traduçom de Alfonso Álvarez Cáccamo. / Álvaro Cunqueiro, *Vida e fugas de Fanto Fantini*. Edicións Positivas: Santiago de Compostela, 1991. Traduçom de Xosé Henrique Costas González e *San Gonzalo*. Ir Indo: Vigo, 2000. Ediçom e traduçom de Mª Teresa Monteagudo Cabaleiro.
5. César Antonio Molina, *Soños nos cantís*. Espiral Maior: A Corunha, 2006. Traduçom de Tareixa Roca.

1ESTUDOS92 19/12/07 14:19 Página 50

institucional, ainda que a promoçom das traduçons nom parta nem na maioria dos casos do campo do poder. Reconheçamos um exemplo destes últimos no limiar que acompanha a ediçom de *Don Quixote*, financiada pola Junta da Galiza presidida por Manuel Fraga Iribarne. O próprio presidente (sic.) colocava como argumentos que justificam a traduçom a suposta relaçom de Cervantes com a Galiza ou a possibilidade de umha origem galega do autor[6]. Indo além, recorre-se à autoridade de Filgueira Valverde para afirmar o seguinte: "Segundo Filgueira, o sangue galego outorgoulle a Cervantes 'o humor dos ollos alegres, o cultivo da sátira encuberta, o xogo incomparable de tenrura e ironia e o sentido da aberta convivencia". Argumentos tingidos polo mesmo perfil romántico som os que coloca Mónica Bar Cendón no limiar de *A pedra angular* (p. 20):

> Como traductora é sempre arriscado enfrontarse a unha gran narradora e –coa maior discreción posible– 'traizoala'. Pero sentíame motivada nesta empresa pensando en que diría Pardo Bazán ao lerse traducida ao galego, naquel dialecto que ela asociaría ao doméstico, ao intimismo ou á xente de aldea. Unha persoa da súa embergadura [sic.] intelectual había de gozar de descubrirse noutra lingua literaria; unha lingua que pasaría a regularse por unha Academia e que, para máis inri, ía ter por morada a casa onde ela deu as primeiras letras.

Nos casos das traduçons de obras em castelhano de autores que alternárom na sua produçom literária o castelhano e o galego, os razoamentos que se exibem estám relacionados normalmente com umha ideia de *reparaçom* ou *restituiçom* da obra no lugar que *verdadeiramente* lhe correspondia. É mui ilustrativa a justificaçom colocada por Alfonso Álvarez Cáccamo para a traduçom do romance *Na vila hai caras novas*, escrito por Xosé María Álvarez Blázquez, seu pai:

> [Meu pai] tivo que apostar a escribir nun idioma alleo esta magnífica novela que daquela titulou *En el pueblo hay caras nuevas* e que resultou finalista do Premio Nadal no ano 1945. Eu agora, coñecedor do seu desexo xamais confesado, titulareina para sempre *Na*

6. Além da (falta de) autoridade crítica de Fraga Iribarne no sistema literário da altura, este tipo de intervençons públicas constituem um indício significativo da heteronomia do sistema literário galego, por umha banda, é um exemplo do tipo de práticas que os responsáveis políticos costumam efectuar para tentar converter o capital específico acumulado no campo do poder em capital simbólico, através de umha legitimaçom conseguida no campo cultural.

1ESTUDOS92 19/12/07 14:19 Página 51

> *vila hai caras novas*, en galego, que é no idioma no que el sentía as cousas. Podería afirmar que non se trata, pois, o meu traballo dunha tradución, senón máis ben da retradución dunha obra nacida para ser escrita no noso idioma, e que eu quero situar no lugar emocional do que nunca debeu saír se daquela tivese funcionado a máquina da liberdade (pp.7-8).

O último modelo proposto neste apartado, o daqueles autores que na contemporaneidade mais inmediata praticam umha actividade literária nas duas línguas, apresenta no caso aqui escolhido, o de César Antonio Molina, umha argumentaçom afim ao que poderíamos chamar "elogio do bilingüismo", sem que faltem tampouco mençons a esse espírito restaurador que anotamos para o caso de Álvarez Blázquez[7]. Assim o expressa Luís G. Soto no prefácio da obra:

> Que [os poemas] aparezan en galego, lingua en que César Antonio Molina publicou algún libro, é algo máis que unha simple tradución. Vén sendo, en parte, unha restitución, un reencontro: a translación do castelán ao galego sería como unha aterraxe no solar natal (...).
> Ese diálogo [entre castelhano e galego], esa retroalimentación en beneficio mutuo, é unha maneira non xa de honrar, facéndolle xustiza, senón, alén diso, de prolongar, facéndoa frutificar, a matriz bilingüe que está nas orixes e mesmo no cerne da súa poesía (p. 7).
>
> O suxeito bilingüe, vinculado a dúas (ou máis) linguas, está –paradoxo só aparente– pouco suxeito pola linguaxe: non se encontra atado por esta, nin con esta ao mundo. É, ao contrario, un suxeito liberto: o bilingüismo é como un sexto sentido que potencia todos os demais (a comezar, pola vista, mais tamén o propio ouvido). De

7. É umha questom recorrente na literatura galega o retorno superficial e interessado sobre o debate de *que é literatura galega? Que autores e obras pertencem a ela?* etc. A ninguém se lhe escapa que no interior do sistema, hoje, este debate está neutralizado. A activaçom e imposiçom das práticas que Xoán González-Millán (1994) designou no ámbito do "nacionalismo literário" permitírom associar à literatura galega apenas as obras escritas em língua galega. Observe-se como o avivamento da polémica sobre a questom procede normalmente de autores e / ou grupos mediáticos deslocados por este mecanismo de regulaçom sistémica e participantes activos do sistema literário espanhol. O caso mais recente é o da romancista luguesa Marta Rivera de la Cruz, que chegou a denunciar a situaçom de marginaçom e ignoráncia à que a conduzia a sua figura de escritora galega em castelhano numha série de intervençons públicas em que nunca faltava o elogio *sincero e nobre* do bilingüismo (Veja-se por exemplo, a entrevista publicada em *Faro de Vigo*, 17-10-2006). Para a introduçom de uns parámetros extraordinariamente sugestivos nesta questom das balizas autodefinidoras que cada sistema constrói, entre elas a baliza lingüística, e, já directamente para o caso galego, a questom da possibilidade de contemplar umha literatura bilíngüe ou, indo além, a necessidade de reconhecer a pertença à literatura galega de textos escritos em castelhano em determinada altura histórica (casos de Murguía ou Rosalia de Castro), pode consultar-se o estudo de TORRES FEIJÓ (2004).

1ESTUDOS92 19/12/07 14:19 Página 52

> aí, quizá, unha estrañeza inicial e persistente ante o mundo, mais tamén a tentativa da conquista dunha familiaridade, no entanto evanescente (p. 24).

Reconhece-se, pois, umha finalidade explicitamente declarada em todo este leque de razoamentos: a de contribuir para o reforço e o prestígio da literatura galega ou, em termos sistémicos, a de favorecer a incorporaçom de elementos repertoriais procedentes de obras e sistemas especialmente *necessários*. É conveniente, contodo, marcar umha distáncia suficiente com esta argumentaçom de raiz romántica e bem intencionada e, partindo (nom se esqueça) da suspeita que produze a *inutilidade* prática deste tipo de traduçons[8], procurar algum outro tipo de explicaçons que sirvam, no mínimo, para responder a perguntas do tipo: Quem som as pessoas destinatárias destas publicaçons? A quem favorecem? Qual dos dous sistemas em contacto vê reforçada ou agredida a sua autonomia?

Convém na resposta fazer distinçons entre os casos apresentados. Um primeiro grupo aglutinaria os casos daqueles autores que, independentemente da sua escolha lingüística em parte ou em toda a obra, jogam um papel destacado no imaginário político-literário galeguista. Ainda tratando-se de exemplos mui distintos, cada um com umhas especificidades relacionadas com a época em que escrevérom, os géneros que freqüentárom e a sua particular trajectória literária e política, tira-se a conclusom geral de que nestes casos se inscreve esta prática no conjunto das que favorecem esse *nacionalismo literário* de que falara González-Millán (1994), no sentido de que actua como mecanismo para reintegrar essas obras ao catálogo das pertencentes à literatura galega e, nalguns dos autores, reforça a sua (mais fraca) posiçom dentro da mesma. A eficácia da estratégia vê-se ampliada pola circunstáncia de que, na maior parte dos textos, se trata de obras dificilmente accessíveis na sua versom original, fruto da distáncia temporal e do desinteresse editorial.

8. A introduçom da suspeita em nome da "inutilidade" pode ficar neutralizada em casos coma os de *Enchen as augas*, de Xosé María Álvarez Blázquez. Na contracapa do livro adverte-se que a ediçom em castelhano quase nom circulou e que isso motivou o desconhecimento existente sobre a obra. Apresenta-se, entom, a traduçom como umha recuperaçom em sentido duplo: a da obra em si própria e a da obra na língua em que deveu ter aparecido já a primeira vez. Obvia-se em todo momento nesta justificaçom a consideraçom, estendida de forma maioritária na lógica dos sistemas literários, da preferência que se deve ter pola obra *consumida* na língua em que foi criada e posta em circulaçom, e sobre a que qualquer traduçom nom pode evitar interpor umha prática mediadora. Evite-se sobre este apontamento ultimo qualquer matiz de carácter pejorativo, mas considere-se em quem isto escreve umha prudente adesom a esse *habitus* que dá preferência às obras na sua versom original.

1ESTUDOS92 19/12/07 14:19 Página 53

O segundo grupo englobaria o resto de tipos propostos. Em todos os casos semelha que o principal favorecido pola traduçom é o próprio escritor (ou a sua imagem, a sua figura) que, dependendo dos casos, pode ver medrar a sua quota de capital simbólico, desde logo no sistema em que ele está instalado e de que participa: o sistema literário espanhol. Nom é infreqüente aludir ao número de línguas às que umha obra ou um autor estám traduzidos para demonstrar a sua *qualidade* ou, no mínimo, a sua projecçom além das fronteiras da literatura própria. Convém apontar também a possibilidade, desde umha óptica instalada no sistema espanhol, de que o reconhecimento na cultura de origem e a entrada (ainda que seja por este meio) no sistema galego seja valorada de forma positiva[9]. Em ultima instáncia, o beneficiário subsidiário é o próprio sistema espanhol, que através deste tipo de traduçons, nom se esqueça que auspiciadas por agentes próprios do sistema literário galego, estende a sua posiçom dominante sobre um sistema em que já pesa umha ameaça evidente de dependência. Um caso extremo associável a estas ideias é o da mencionada segunda ediçom da traduçom galega do *Quixote*, que há que julgar nas suas coordenadas políticas concretas (a editora da obra é a Junta da Galiza, ocupada naquela altura por um governo do Partido Popular) e que constitui umha prática afastada do *habitus* do sistema. Neste caso concreto, justifica-se a publicaçom como umha *homenagem* que a Galiza oferece no ano da celebraçom do quarto centenário da primeira ediçom da obra (p. 7).

Exemplo de características peculiares é o da antologia *Soños nos cantís*, de César Antonio Molina. Publicada em 2006 por Espiral Maior, a sua apariçom na literatura galega serviu como prefácio para a *rentrée* do escritor no terreno da poesia escrita em galego, feito materializado com a ediçom da obra *Eume*, por conta da Editorial Galaxia, em 2007. A particular trajectória biográfica e política de Molina, que passou nos últimos anos por ser director do Instituo Cervantes da língua espanhola e, desde época recente, ministro de Cultura do Governo da Espanha e anunciado número um pola província de A Corunha nas listagens do PSOE para os próximos comícios estatais, tem gerado adesons e resistências igualmente significativas em relaçom com o seu último livro. Pode-se contrastar a admiraçom geral na crítica, por dizê-lo em linguagem menos técnica, de *perfil neutro* e homóloga nos seus posicionamentos à crítica mais institucionalizada do sistema espanhol

9. Quer dizer, poderia-se falar de umha legitimaçom externa ao sistema galego fronte um rechaço nas disposiçons simbolicamente dominantes no interior do mesmo, partidárias da autonomia do sistema (posiçom construída em boa media por oposiçom ao sistema espanhol).

1ESTUDOS92 19/12/07 14:19 Página 54

com a reprovaçom que o livro mereceu no artigo elaborado por Manuel López Foxo para o semanário nacionalista *A Nosa Terra* (Manuel López Foxo, "O Eume como motivo literario", *A Nosa Terra*, 1282, 27 de setembro – 3 de outubro de 2007, p. 27).

3. A adaptaçom de textos em língua portuguesa.

A possibilidade de acceder a textos literários escritos em língua portuguesa no sistema galego passa por duas opçons, alternativas e divergentes no seu espírito: a posta em circulaçom das obras escritas na sua língua e forma originais fronte à adaptaçom ortográfica, léxica e fraseológica dessas obras segundo as convençons oficializadas na Comunidade Autónoma Galega (designada como *traduçom* na *doxa*[10] que impera no sistema literário galego).

A primeira das opçons conta com umha argumentaçom favorável que remete, por sintetizar, para o discurso sustido polos agentes ligados ao reintegracionismo lingüístico, cujas ideias-eixo som a defesa da incorporaçom da língua galega ao seu tronco lingüístico internacional e ao ámbito cultural em que este se inscreve (a lusofonia), a promoçom de um novo padrom ortográfico que tenda à convergência com os padrons ortográficos oficiais nesse mesmo ámbito e a convicçom de que esta estratégia é a mais eficaz para assegurar a sobrevivência do galego no conflito diglóssico que mantém com o castelhano. Além desta consideraçom, esta opçom alinha-se também na crença de que é preferível o acesso a umha obra na sua língua original, antes da intervençom de qualquer outra instáncia mediadora entre o processo de ediçom na língua original e a sua leitura. Os argumentos contrários que se colocam habitualmente para esta possibilidade aludem à condiçom destes textos como *textos estrangeiros*, na medida em que nom fôrom criados *para o público galego*, circunstáncia que exige umha adaptaçom formal e cultural que facilite ou faga possível a melhor das leituras[11].

10. Emprega-se o termo *doxa* no sentido exposto por Pierre Bourdieu, quer dizer, como o substrato implícito que governa o campo literário, o conjunto de crenças que nom se discutem no campo e que se defendem com categoria de *verdade*. A doxa conforma o *sentido comum* do campo e nela assentam os discursos hegemónicos que o dominam temporariamente.

11. Observe-se como a disputa de base está na consideraçom de se o que se conhece de forma comum na Galiza como *galego* e *português* som (ou devem ser) a mesma língua. A introduçom ou a existência de textos assinados por autores hispano-americanos no sistema literário espanhol nom produz este tipo de polémicas e disputas. A unidade lingüística nom está em discussom e, por isso mesmo, a interposiçom de umha mediaçom entre a criaçom da obra e o seu consumo nom afecta normalmente aos níveis ortográfico, léxico ou fraseológico (com a excepçom de algumhas ediçons de carácter crítico ou académico, com anotaçons para este tipo de aspectos e para muitos outros).

1ESTUDOS92 19/12/07 14:19 Página 55

A adaptaçom ortográfica, léxica e fraseológica dos textos em língua portuguesa viria corrigir os perigos da falta de legibilidade assinalados agora mesmo. Contra esta opçom podem apontar-se várias perguntas: É a adaptaçom a melhor das soluçons para aproximar o público galego às obras redigidas em língua portuguesa? É melhor esta opçom que a partidária da (singela) alfabetizaçom do público leitor galego e da aproximaçom cultural que, de forma efectiva, se realizaria pola leitura dos textos na sua forma original? E, definitivamente, e como questons de fundo que atingem o próprio processo de configuraçom do sistema cultural galego: A quem é que prejudica a existência e a promoçom do livro em português na Galiza? Em que sectores é que devemos situar os prejudicados (editorial, da criaçom, académico, propriamente institucional...)? Que tipos de capital (económico, cultural, distintos tipos de capital simbólico) som os que se vem em risco?

Antes de avançar mais neste apartado, semelha oportuno colocar alguns apontamentos para o que devera ser um estudo sistemático destas transferências entre o sistema galego e o português, através da *traduçom*. No relativo à *selecçom* dos elementos importados seria necessária a catalogaçom de obras, autores e modelos *traduzidos*, categorizados segundo critérios coma o grau de capital simbólico e económico dos autores no sistema de origem ou a estimaçom da sua relaçom e projecçom no sistema galego, entre outros. Para o reconhecimento dos índices de *assimilaçom* desse repertório importado, haveria que analisar e sistematizar os mecanismos e tipos de traduçom desenvolvidos (se se prima a compreensibilidade do leitor galego ou a importaçom da cultura do sistema de origem, por exemplo), a recepçom crítica de cada obra ou o seu sucesso comercial, índice este último decisivo para a compreensom das políticas editoriais praticadas em determinada época.

Ao igual que no caso dos exemplos que fôrom objecto de análise no apartado anterior, também nom se pode dizer que o número de obras em português adaptadas à ortografia oficializada do *galego* seja mui amplo. Atende-se à questom, como já se indicou, como prática de *traduçom* regida por uns parámetros paradoxais e que pode servir como indício para a extracçom de algumhas conclusons provisionais sobre as interferências que o sistema galego estabelece com sistemas vizinhos. Dentro desse relativamente restringido número de casos semelham conviver autores de reconhecimento académico internacional (Eugénio de Andrade, Miguel Torga)[12]; escritores de vocaçom comercial,

12. Eugénio de Andrade, *De tanto ollar* (antologia). Via Láctea: A Corunha, 1992. Selecçom, ediçom e traduçom de Luís Rei Núñez. / Miguel Torga, *Contos da montaña*. Galaxia: Vigo, 1993. Traduçom de Irene Concepción Fernández e Beatriz Real Pérez.

1ESTUDOS92 19/12/07 14:19 Página 56

enquadrados no subcampo da grande produçom (Paulo Coelho)[13], e um outro grupo de criadores caracterizados por um reconhecimento académico nom incompatível com o sucesso nas listagens de vendas (como Nélida Piñon ou Lídia Jorge)[14]. Caso especialmente significativo é o da portuguesa Alice Vieira, autora especialista em literatura infanto-juvenil, profusamente *traduzida* para o estándar galego na década de 90[15].

Desta forma, semelha primar o factor económico, o interesse por aqueles autores de perfil mais potencialmente comercial para o público galego, nas mais recentes escolhas levadas a cabo nesta área polas duas principais editoras galegas (Edicións Xerais e a Editorial Galaxia). Repare-se em que Eugénio de Andrade e Miguel Torga fôrom vertidos *ao galego* a começos da década de 90, momento em que ainda nom se intuía o que hoje há comum acordo em considerar o *boom* da traduçom no sistema literário galego (com a criaçom, mesmo, de Rinoceronte Editora, especializada neste campo)[16]. Do mesmo jeito que Paulo Coelho responde de forma mais evidente e estreita a esta consideraçom geral do interesse comercial das editoras galegas para oferecer os seus livros, também cabe considerar para ele a questom da sua afecçom por um dos elementos patrimonializados polo imaginário identitário galego, o Caminho de Santiago, protagonista de um dos seus romances *traduzidos*. A aparente nivelaçom entre os reconhecimentos de caracter autónomo (dos seus pares, da própria instituçom literária) e os heterónomos (sucesso de vendas, grandes promoçons editoriais, etc.) nos exemplos de Nélida Piñon e Lídia Jorge, mais clara na primeira, encontram no sistema galego elementos que contribuem a condicionar a sua entrada (e a reforçá-la, em princípio). É já um tópico nas informaçons produzidas na Galiza sobre Nélida Piñon o recordo da sua origem familiar galega e o

13. Paulo Coelho, *O alquimista*. Galaxia: Vigo, 1998. Traduçom de Ana Belén Costas Vila e Eva Lozano Carpente; *O peregrino a Compostela: diario de um mago*. Galaxia: Vigo, 1998. Traduçom de Ana Belén Costas Vila e Eva Lozano Carpente; *Veronika decide morrer*. Galaxia: Vigo, 2000. Traduçom de Ana Belén Costas Vila.

14. Nélida Piñon, *A República dos soños*. Galaxia: Vigo, 2004. Traduçom de Carmen Torres París e Mª Dolores Torres París; *A casa da paixón*. Galaxia: Vigo, 2006. Traduçom de Marga do Val. / Lídia Jorge, *Marido e outros contos*. Xerais: Vigo, 2005. Traduçom de Xavier Rodríguez Baixeras.

15. A primeira obra de que se pode falar é *A lúa non está en venda* (Galaxia: Vigo, 1990. Traduçom de Antón Piñeiro. Reeditada em 1993); A mais recente é *Caderno de agosto* (Xerais: Vigo, 1999). Neste último caso nom se consigna tradutor nem se declara que é umha traduçom. Sobre este tipo de casos, José Lambert (1995: 99) advirte que "it is often one of the functional strategies of translation to remain unidentified, to escape from being identified as a foreign text".

16. No caso de Miguel Torga é necessário avaliar a sua projecçom no sistema literário galego polas vias temática e da recepçom. No primeiro destes aspectos poderia-se avaliar a conexom de *Contos da montanha* com o imaginário *arraiano.*

1ESTUDOS92 19/12/07 14:19 Página 57

peso que a *dimensom desterritorializada* joga no conjunto da sua obra. Por sua vez, o exemplo que se maneja de Lídia Jorge está incluído na agora retomada colecçom de Xerais de narrativa escrita por mulheres, *As Literatas*, dirigida por María Xosé Queizán e com umha mais que provável asignaçom positiva de capital simbólico no conjunto do sistema, derivada do cachê internacional que se lhes outorga às integrantes do catálogo: Carson McCullers, Jean Rhys, Katherine Mansfield, Marguerite Yourcenar ou Angela Carter, entre outras.

Convém prestar atençom também à recepçom crítica que esta actividade *tradutora* gerou no sistema galego. É um lugar comum que nas resenhas elaboradas sobre este tipo de livro apareça de forma explícita ou implícita o debate sobre a pertinência de traduzir / adaptar as obras em língua portuguesa para a sua leitura no sistema literário galego. É interessante também atender à recepçom crítica que provocam iniciativas ilhadas, de editoras galegas, para pôr em circulaçom textos de autores lusófonos nos seus padrons oficiais, caso de *Um corpo na infância*, de Celeste Craveiro (A. C. Amaía, Compostela, Colecçom Letras de Cal, 1998), *Vozes do deserto*, da própria Nélida Piñon (Candeia, Compostela, 2004) ou as achegas incluídas na colecçom *Vento do Sul* da editora Laiovento, em que compartilham espaço obras de carácter teórico, antologias e obras de criaçom originais. O contraste de umhas críticas com as outras e a identificaçom da situaçom do crítico em relaçom com a *doxa* dominante no sistema (favorável, em princípio, à traduçom / adaptaçom) proporcionam alguns indícios para um estabelecimento do estado da questom.

Como queira que o número de obras de que se está a falar nom é mui amplo, é habitual que se encarreguem de resenhar a apariçom dos casos que nos ocupam um número também restringido de críticos. Conhecida e exposta a posiçom maioritária no ámbito do reintegracionismo sobre a questom, é especialmente significativa a análise dos argumentos que se colocam desde os sectores favoráveis ao *status quo* actual. As posiçons do professor e crítico Xosé Manuel Dasilva representam com claridade umha postura que se baseia nos seguintes argumentos: quase nom há um público galego preparado nem interessado na leitura dos autores lusófonos (nom galegos) na sua versom original; é imprescindível a traduçom ao galego normativo (RAG-ILG) desses autores para a sua circulaçom no sistema literário galego; a existência de *traduçons* nas transferências entre os sistemas português e brasileiro justifica as realizadas no sistema galego; qualquer outra opçom deve enquadrar-se dentro de estratégias improdutivas, quiméricas e partidárias.

1ESTUDOS92 19/12/07 14:19 Página 58

Conheçamos de primeira mao algumhas das suas afirmaçons sobre o sucesso experimentado na Galiza por *A República dos soños*:

> A pesar da grandísima aceptación do público, houbo unhas poucas voces que, de maneira moi difícil de entender, se lamentaron ou ata se rebelaron diante da realidade de que unha tradución galega ocupase un lugar así de privilexio. A causa non foi outra que *A República dos soños* estivese escrita orixinalmente en portugués, posto que os galegos, na opinión integrista destes individuos, deberían ter a obrigación de acceder, por sistema e sen excepcións, aos libros lusófonos directamente, sen a axuda, pois, de tradutores (...). En fin, sen entrarmos agora a afondar na práctica de que se produzan traducións –por desgraza non ben coñecidas, polo visto en Galicia- no mesmo ámbito da lusofonía –do portugués do Brasil ao portugués de Portugal, si, e tamén viceversa-, é oportuno evocar un estudo de Dolores Vilavedra, autora xa antes citada, que deita a luz sobre este falso debate. O estudo en cuestión, titulado "Galego, portugués e castelán. Unha interacción produtiva", demostra que en Galicia poida que haxa un grupo de lectores con algunha capacidade para acceder a un texto brasileiro en versión orixinal –unha cousa diferente, que se faría preciso elucidar, é a porcentaxe de comprensión dese texto por parte de ditos leitores–, ao igual que existe outro sector, ben amplo, que le textos lusófonos en traducións ao galego cando ten estas á súa disposición –*A República dos soños* sería a mellor proba diso–, sen que sexa posible ignorar, por último, un terceiro grupo que, sen máis, se serve de versións en castelán (Dasilva, 2005: 323-325).

Além do tom empregado, questionável num artigo académico, esta intervençom de Dasilva nom acaba de argumentar a sua posiçom com mais elementos que o da assunçom da situaçom actual (sem exercer sobre esta umha análise crítica ou valorativa verbo da sua idoneidade) e a negativa a tentar, nem sequer, entender a lógica que regula o posicionamento contrário. Retomando o seu convite, pode-se pegar no citado artigo de Dolores Vilavedra, comunicaçom em que se advirte umha confusa e contraditória argumentaçom alicerçada nas seguintes afirmaçons:

- É possível e recomendável a introduçom do livro português na Galiza, mas o debate ortográfico nom é pertinente neste assunto.
- O livro português, o livro em português traduzido para o galego e o livro em português traduzido para o castelhano tenhem públicos distintos e complementares.

1ESTUDOS92 19/12/07 14:19 Página 59

- Todas estas vias devem ser reforçadas.

Alguns parágrafos bem representativos das fórmulas ambivalentes empregadas por esta autora som os que seguem:

> ¿Cal serían as estratexias que poderían incrementar esa expansión [do livro português na Galiza]? En primeiro lugar, habería que pensar en incrementar a competencia lingüística que a cidadanía galega posúe do portugués, o que pasaría necesariamente pola presenza deste nos planos de estudio do ensino secundario como segunda ou terceira lingua, en pé de igualdade co inglés, o francés ou o alemán; as novas estratexias de promoción do que se coñece como bilingüismo receptivo entre linguas semellantes deberían facilitar esa aprendizaxe. Seguramente a adopción de criterios máis achegados ó portugués no proceso de normativización da lingua galega contribuiría tamén a mellorar esta competencia, mais este é un tema polémico no que non procede entrar (Vilavedra, 2006: 64-65).

> En Galicia o libro portugués orixinal non compite co libro portugués traducido ó galego: teñen públicos distintos –sen dúbida, minoritario o primeiro–, potencialmente ampliables e, o que é máis interesante, creo que o circuíto do libro portugués en galego tampouco colisiona co do libro portugués en castelán porque o primeiro é un circuíto moi vencellado ao ensino non universitario (...). Creo que ó libro portugués lle convén seguir explorando a vía da traducción ao galego, aínda que isto poida semellar un tanto incoherente co anteriormente sostido verbo da necesidade de potenciar a presenza do libro en portugués en Galicia (Vilavedra, 2006: 66).

Um discurso que defende a harmonia e a complementaridade dificilmente pode ser admitido desde posiçons sistémicas, por quanto a própria concorrência de vários produtos tam similares e com um mesmo público potencial acabam por gerar o conflito e a discriminaçom de algum deles. Nom é outra a lógica que a das leis de mercado, instalada de facto no sistema literário galego (ainda com dificuldades) e à que a Teoria dos Polissistemas tem prestado tanta atençom para a afirmaçom dos seus posicionamentos. Se calhar, para o mesmo caso de Vilavedra, convém atender com maior atençom os princípios de base com os que a autora trabalha, em relaçom com a situaçom lingüística na Galiza e com os atributos que se lhe colocam à língua galega no seu contexto peninsular. Avalie-se, deste ponto de vista, a seguinte afirmaçom, em que se enredam argumentos de carácter antropológico e filológico de aroma romántico e essencialista:

1ESTUDOS92 19/12/07 14:19 Página 60

> Somos, por dicilo así, os tradutores naturais do portugués ao castelán pola nosa condición lingüística híbrida e pola nosa condición histórica e ontolóxica permanentemente escindida; hai nos galegos unha sorte de saudade edénica de Portugal, o que explica unha longa tradición de tradutores galegos ao castelán (Vilavedra, 2006: 67)

Já para finalizar este apartado, nom está de mais incluir umha *terceira via*, pouco representada (polo menos de forma explícita) nos meios públicos da crítica e a investigaçom da literatura galega, que sendo partidária em princípio do regime normativo oficializado declara o seu rechaço à adaptaçom ortográfica que como norma geral se realiza. Esta reflexom da crítica Maria Liñeira foi escrita precisamente a propósito do livro *Marido e outros contos*, de Lídia Jorge:

> Que andamos a facer traducindo do portugués para o galego? Que necesidade temos de investir tantos esforzos (horas de traballo, cartos) en traducir textos que son lexíbeis no orixinal en habendo tantas marabillas en línguas incomprensíbeis. Que ninguén se atreva a dicir que o lector que se vai achegar (motu propio) a estes deliciosos contos non seria quen de lelos en portugués. Non nos enganemos, os que lemos neste país tamén lemos Alem Minho. Ademais, se podemos entender a introdución teórica de Maria Lúcia Lepecki en bo padrão por que non a Lídia Jorge? Lembro con especial cariño os fragmentos que de Alice Vieira, escritora portuguesa de literatura infantil, traían os primeiros libros de texto de lingua galega. Eran tempos. Todos os cativos liamos aquilo sen máis dificultades que as que un recadriño previo se encargaba de resolver; variantes gráficas, máis nada (Liñeira, 2005)

4. Traduçom, interferência sistémica e construçom da identidade.

A partir de toda a casuística exposta até o momento, e dos traços de carácter geral que se tentárom postular como marco para um estudo completo e sistematizado do tipo de práticas qualificadas como paradoxais, é possível detectar algumhas das implicaçons que se estabelecem, em primeiro lugar, entre traduçom literária e (auto-)configuraçom discursiva e, em segundo lugar, entre as políticas de traduçom e o campo do poder.

No primeiro destes aspectos assinalados som úteis as reflexons expostas por Clement Robyns (1994). Partindo da base de que todas as actividades desenvolvidas no interior de um sistema servem para tentar

1ESTUDOS92 19/12/07 14:19 Página 61

ajustar umha (auto)definiçom precisa do mesmo, a análise das práticas e das políticas de traduçom som os instrumentos principais para retratar e avaliar a integraçom e a adaptaçom dos elementos discursivos procedentes do *estrangeiro*. Robyns (1994: 408-424) coloca, neste sentido, quatro possíveis modelos de sistema, segundo a sua atitude diante do feito da traduçom e das suas implicaçons como mecanismo auto-identificador: o modelo *imperialista*, que silencia e assimila o feito importador; o *defensivo*, que se autodefine por oposiçom a outros modelos em que percebe perigo e ameaça e que, por esse motivo, ainda que importe elementos repertoriais foráneos esforça-se em marcá-los como estrangeiros; o *transdicursivo*, modelo em que *o outro* nom é visto como tal nem como ameaça e as suas contribuçons integram-se como próprias num espaço discursivo comum, e o *defectivo*, que nom apenas sente como perigosa a importaçom de elementos discursivos de outros sistemas, mas que se vê na obriga de recorrer a eles para, na linha do apontado por Even-Zohar, superar a sua situaçom *fraca* ou *dependente*, e conseguir encher os ocos vazios do sistema cara a umha situaçom de maior autonomia.

Robyns caracteriza as atitudes defensiva e defectiva sob a etiqueta comum do *reactivo*, por quanto se associam a sistemas que "they explicitly react against either the presence or the absence of discursive migrations and will therefore thematize translation" (ROBYNS, 1994: 409). Vários indícios parecem favorecer a opçom de situar o sistema literário galego na órbita desta atitude reactiva. A postura defensiva semelha ser a promocionada por aqueles grupos que estám a triunfar na luita por impor as bases constitutivas do sistema literário galego contemporáneo. O sistema oposto, e marcado como estrangeiro, normalmente identifica-se com o sistema espanhol, por determinaçons políticas, históricas e de sobrevivência que a qualquer participante ou conhecedor da cultura galega nom se lhe escapam. Sem ser umha opçom maioritária, polo menos formulada de forma explícita, semelha que em certo grau e desde certos grupos também se lhe está a adjudicar ao sistema literário português (e, em menor medida, ao resto dos sistemas integrados no espaço cultural lusófono) esse papel antagonista a respeito da literatura galega; a resistência à importaçom repertorial procedente da literatura portuguesa materializada na quase obrigada conversom dos textos à normativa oficializada, além da aversom que a opçom ortográfica reintegracionista causa na actualidade nos agentes integrados na *doxa* dominante do sistema, actua neste caso como principal activo e símbolo dessa tendência.

1ESTUDOS92 19/12/07 14:19 Página 62

Neste caminho som reveladoras as achegas de José Lambert (1995) em que se aponta o *princípio do território* como o argumento mais recorrente dos empregados como justificaçom para o rechaço de certos materiais susceptíveis de ser importados. Esse *princípio do território* alertaria, numha das suas vertentes, do comprometedor que resulta que um grupo determinado comparta gostos com membros de outras sociedades mais de que com o resto dos membros da sociedade própria. Desde o convencimento de que a traduçom, como discurso social que é, tende a tomar as suas regras e valores do contexto político em que se inscreve, a aplicaçom desse princípio do território neste aspecto específico concretiza-se, segundo Lambert (1995: 113) numha "very ambition to standardize language and to prohibit foreign languages (or to submit translation to strict target rules)".

A postura defectiva, por outra parte, foi assumida polo sistema galego desde os seus começos, por quanto se fixárom umhas inércias tendentes à convergência no nível, digamos, *arquitectural* (géneros, prémios, instituiçons, etc.) com o modelo de sistemas consolidados mais próximos, modelos, por outra parte, associados a um Estado determinado (com todas as repercusons institucionais que isso aparelha na sua constituiçom e nos seus mecanismos de promoçom e conservaçom) e atravessados já polos interesses da economia de mercado (quer dizer, com umha parte do sistema consagrada à produçom de vocaçom comercial, com um público consumidor identificado e assegurado, com umha infra-estrutura editorial preparada para assumir essa tarefa, etc.).

Da mao destas inércias impujo-se no sistema galego umha opiniom comum favorável à *normalizaçom* da literatura galega, processo que só se podia / pode entender ligado (em relaçom bidireccional) com o processo de normalizaçom lingüística e que, na prática, se apoiou nas bases de umha configuraçom sistémica orientada nas linhas institucional e económica que se venhem de traçar. Para o processo em geral, e para o apartado da traduçom em particular, a assunçom da posiçom de fraqueza institucional do sistema literário motivou o desenvolvimento de umha acçom correctora por parte do sistema político, materializada na adopçom de iniciativas de apoio e subsídio da actividade editorial em galego. O prolongamento destas políticas e a criaçom de dependências entre as duas esferas é um dos lugares comuns de discussom quando se tenta descrever a configuraçom do sistema literário galego. Neste percurso, a consciência do valor estratégico da traduçom como principal mecanismo de importaçom repertorial semelha que apenas recentemente acadou um presença destacada.

1ESTUDOS92 19/12/07 14:19 Página 63

A escassa firmeza com que o sistema se afiançou ou a inegável existência de carências nos níveis institucional e repertorial provocárom, e continuam a provocar, a permanência de um debate sobre as estratégias mais ajeitadas para garantir a autonomia e a estabilidade do sistema, debate que nom por acaso desborda as próprias fronteiras do sistema cultural e alcança o território do campo do poder. O que é mais: é comum que se coloque o conjunto língua-literatura galegas como sinédoque da cultura galega em geral, circunstáncia à que nom é alheia o papel primordial e imprescindível (e mesmo essencial) que a língua tem jogado nas definiçons identitárias mais consolidadas de entre as propostas para a (auto)definiçom da comunidade.

Deste ponto de vista, a recepçom de textos escritos numha língua marcada como estrangeira (o português) provoca o rechaço inconsciente de amplos sectores do público leitor, e serve para evidenciar a latência de toda umha série de disposiçons que excedem o ámbito da recepçom literária e a análise das práticas de leitura para adentrar-se no campo da *imagologia*, quer dizer: do estudo da imagem que de *todo o português* está inscrita no sentido comum do público leitor galego e dos pressupostos culturais próprios de que se parte no estabelecimento dessa imagem. Esta circunstáncia vê-se favorecida e alimentada pola dependência que de facto existe entre o sistema literário e o poder político, de tal forma que resulta inevitável que a adopçom de estratégias de importaçom e de ediçom alternativas às da *doxa* imperante (*Galiza é um território autónomo, que deve ter umha literatura de seu, veiculada única e exclusivamente numha lingua que também lhe pertence de forma exclusiva*) tenham repercusons além do próprio sistema literário e sejam vinculadas rapidamente a esse mesmo campo político de que aquele continua a depender.

Observe-se, para finalizar, como este leque de questons nom é pertinente para a interferência entre os sistemas galego e espanhol, por quanto dificilmente se pode registrar como maioritário o sentimento de estrangeirice aplicado aos elementos do sistema espanhol que convivem com os do sistema galego. Reconhecer essa estrangeirice, estabelecê-la como parte do *sentido comum*, implicaria, de facto (repare-se no sector comercial do livro, na medida harmonia dos planos de estudo, no compartilhamento de espaço nos meios públicos, etc.), assumir umha situaçom colonial ou de ocupaçom que, desde logo, nom está a ser colocada como matéria de debate nem polas elites do poder político nem polas suas mais poderosas prolongaçons no sistema literário.

1ESTUDOS92 19/12/07 14:19 Página 64

Bibliografia

DASILVA, Xosé Manuel. 2005. "O éxito de *A república dos soños* en Galicia (xunto cunha reflexión de Nélida Piñon sobre o feito tradutor)", *Viceversa*, 11: 321-332.

EVEN-ZOHAR, Itamar. 1990. *Polysystem Studies*. Volume monográfico de *Poetics Today*, 11, 1.

EVEN-ZOHAR, Itamar. 2005. *Papers in Culture Research*. The Porter Chair of Semiotics, Tel Aviv University, Tel Aviv.

GONZÁLEZ-MILLÁN, Xoán. 1994. "Do nacionalismo literario á literatura nacional. Hipóteses de traballo para un estudio institucional da literatura galega", *Anuario de estudios literarios galegos*: 67-81.

LAMBERT, José. 1995. "Literatures, Translation and (De)Colonization", in *Proceedings of the XIIIth Congress of the International Comparative Literature Association*. Vol. 4, *Translation and Modernization*: 98-117. International Comparative Literature Association: Toquio.

LIÑEIRA, María. 2005. "Viaxe ao íntimo do corazón". *Lg3. O soportal da literatura galega*. Accessível em <http//:www.culturagalega.org/lg3/extra_recension.php?Cod_extrs=746&Cod_p rdccn=557> [Última consulta: 15 de novembro de 2007]

ROBYNS, Clement. 1994. "Translation and Discursivity Identity", in *Poetics Today*, 15, 3: 405-428.

TORRES FEIJÓ, Elias. 2004. "Contributos sobre o objecto de estudo e metodologia sistémica. Sistemas literários e literaturas nacionais", in Anxo Abuín e Anxo Tarrío (coords.): *Bases metodolóxicas para unha historia comparada das literaturas na Península Ibérica*: 423-444. Universidade de Santiago: Santiago de Compostela.

VILAVEDRA, Dolores. 2006. "Galego, portugués e castelán. Unha interacción produtiva", in Xosé Manuel Dasilva (ed.), *Perfiles de la traducción hispano-portuguesa*: 63-71. Universidade de Vigo: Vigo.

1ESTUDOS92 19/12/07 14:19 Página 65

AGÁLIA nº 91-92 / 2º SEMESTRE (2007): 065 - 081 / ISSN 1130-3557

Relaçons lingüísticas entre gírias gremiais e os argots dos ámbitos sociais marginais (*)

Jorge Rodrigues Gomes
(Comissom Lingüísitca da AGAL)

Resumo:

As gírias gremiais e o calom som linguagens especiais diferentes mas que partilham algumhas características e léxico comum. Contudo as percentagens de coincidências lexicais e, em menor medida, morfológicas, diferem conforme a gíria gremial e o ámbito lingüístico de que se trate. Os criptolectos gremiais do ámbito galego-português, ástur-leones e castelhano apresentam um interessante conjunto lexical também documentado nos antigos calão e *germania*.

Palavras-chave: Linguagens especiais, lexicologia.

Abstract:

Professional cryptolects (i.e., special languages of craftsmen) and the language of marginal groups in society are different codes but both types of special language share some features and words. In fact, the proportion of lexical coincidence and, to a lesser extent, of morphologic coincidence between those language types vary according to the professional cryptolect and base natural language being considered. Professional cryptolects of the Galician-Portuguese, Astur-Leonese and Castilian linguistic areas comprise an interesting lexical set that can also be documented in the old calão and *germanía*.

Key words: *Special languages, lexicology*.

As gírias gremiais fôrom sempre relacionadas e às vezes indentificadas com outras linguagens especiais de grupo, como som as faladas em ámbitos sociais marginais, com freqüência próximos ao mundo da delinqüência, incluídos em galego-português sob a denominaçom de *calom*, e designadas em castelhano por termos vários como *argot*, *cheli*, *caliente* ou *germanía*, entre outros. As diferenças entre as primeiras e as segundas tenhem sido esclarecidas em numerosas ocasions[1], por isso apenas nos limitaremos agora a lembrá-las brevemente.

(*) O presente trabalho foi publicado anteriormente traduzido para asturiano. A traduçom foi infeliz já que contém numerosas gralhas que alteram o sentido original do texto, tendo sido modificados, inclusivamente, alguns fragmentos do mesmo por parte do desconhecido tradutor ou tradutora, sem consulta prévia ao autor. O resultado foi que o valor original do trabalho foi parcialmente adulterado. Por este motivo publicamo-lo agora na sua versom original em galego.

1. Veja-se, por exemplo, a diferenciaçom precisa que oferece Alejandro Álvarez López (2005) no seu interessante trabalho sobre o Burón.

1ESTUDOS92 19/12/07 14:19 Página 66

Nas gírias gremiais predomina a sua funçom críptica, amostrando umha firme intençom de ocultar a mensagem, para o qual modificam e disfarçam os termos da língua comum. Nos *calão* e *argot* prima a funçom de identidade ou *signum de grupo*, sobre a críptica. Este valor identitário existe tamém, evidentemente, nas gírias gremiais. Outro traço que diferencia estes dous géneros de falas especiais é o alto grau de elaboraçom que se verifica nas dos antigos grémios, possuidores de toda umha série de recursos e procedimentos lingüísticos para deformar o léxico da língua comum utilizados de forma sistemática. No *calão* e no *argot*, embora existam, estám muito menos formalizados e o seu uso é sempre ocasional. As gírias gremiais caracterizam-se no que se refere ao léxico por verterem para a sua fala os termos da língua comum com quase total exactitude, com escassa criaçom de conceitos novos, fora dos específicos da sua actividade profissional. O *calão* e o *argot* possuem vocabulários para campos semánticos mais limitados, mas, por outro lado, si criam com freqüência novos conceitos, muitos deles carregados de emotividade expressiva, de elementos lúdicos e humorísticos, os quais, amiúde e devido à sua expressividade, acabam passando à língua coloquial comum. Esta última seria outra característica que separa estas duas maneiras de se exprimir: os termos e expressons de *calão* e *argot* podem utilizar-se fora do seu ámbito específico com diferentes géneros de valores expressivos, geralmente na linguagem coloquial e familiar. Muito polo contrário as linguagens dos grémios estudados apenas se usam no seu ámbito, estabelecendo umha fronteira nítida com a língua comum. Rematamos esta diferenciaçom salientando a já citada fronteira nítida que existe entre as gírias esotéricas dos grémios tradicionais e a língua comum, nunca confundidas, e a muito mais ténue que se estabelece no caso do *calão*/*argot*, a qual leva muitas vezes a dificultar o limite entre estes e os registos mais informais da língua coloquial.

A respeito das gírias gremiais julgamos que, sendo a principal característica destas a funçom críptica, podemos propor como denominaçom alternativa e mais exacta a de *criptolecto gremial*. O termo *criptolecto* (formado de raízes gregas que significam "oculto" e "linguagem") já tem sido utilizado para se referir a variantes lingüísticas esotéricas (Geipel, 1995: 135; Lipski, 1997, 2001: 12), e é umha denominaçom análoga à de criptografia ou criptograma, que designam escritos cifrados; no nosso caso é a própria expressom oral de um idioma a que se oculta e cifra. Consideramos que é umha denominaçom mui apropriada para estas manifestaçons lingüísticas que se definem por pertencer a um grupo profissional fechado e por procurar o segredo.

1ESTUDOS92 19/12/07 14:19 Página 67

Quando no nosso estudo nos referimos às relaçons entre as gírias gremiais e o calom ou *argot* marginal há que esclarecer de que calom ou argot estamos a falar, dado este amostrar umha grande variabilidade diacrónica e sincrónica, e assim diferenciamos argots de épocas determinadas, como a *germanía* dos delinqüentes castelhanos dos séculos XVI e XVII, e igualmente identificamos dentro do dumha época determinada diferentes variedades de calom ou *argot* como som o do cárcere, o dos consumidores de drogas ilegais, o da prostituiçom, etc. No trabalho presente centramos as nossas referências no antigo *calão* e na *germanía*, visto ser com estes que as gírias dos grémios apresentam maiores relaçons.

Em todos os criptolectos estudados encontramos alguns termos comuns com os antigos *calão* e *germania*. Embora o *calão* faga referência à gíria do submundo português alguns dos seus termos tamém fôrom ou som utilizados na Galiza: *baril* 'bom', *cagarrom* 'cárcere', *galrar/garlar* 'falar', *moucha* 'cabeça' (em *calão «mocha»*), todos eles documentados nos dicionários galegos. Há termos que ainda que nom fossem classificados como tais, podemos considerá-los tamém próprios de um "calom" galego, dado o seu uso restringido e conotaçons marginais: *charpela* 'cárcere', *ful* 'mau', *lúmia* 'prostituta' (de origem romani), *lúrpia* 'bebedeira'. O facto de nom se ter falado nunca de um calom ou gíria marginal galega tem a ver com a sobrevivência apenas num registo coloquial do idioma galego-português na Galiza, unido isto aos limites entre o calom e a língua familiar nom serem, como se sabe, muito rígidos, o que provocou a confusom nos primeiros lexicógrafos, os quais tratárom o galego como um idioma sem registos.

Existe tamém algum caso que chama a atençom pola sua excepcionalidade e por contradizer os princípios dos criptolectos: o termo *esgueirar*, registado em várias gírias galegas e portuguesas, além de noutras, existe na língua comum e assim aparece recolhido em todos os dicionários galegos e portugueses; nom se trata, portanto, de um termo dialectal, desusado ou arcaico que as gírias tenham conservado. Encontramo-lo igualmente nos dicionários de *calão*. Estes dados incitam-nos a suspeitar que podemos estar ante um vocábulo originariamente gírico, o qual acabou passando à língua comum, provavelmente através do calom.

No cômputo que segue incluímos como *calão* tamém os citados termos galegos. Há que advertir que algumhas vozes coincidem no *calão* e na *germania*, nestes casos contabilizamo-los naquel que se identifique com a língua base, quer dizer, nos galegos e portugueses no *calão* e no resto,

1ESTUDOS92 19/12/07 14:19 Página 68

incluídos os ásturo-leoneses, na *germania*. O número de vozes coincidentes com o *calão* e/ou a *germanía* em cada criptolecto é o seguinte[2]:

- 9 do *calão* (0,2 %) e 4 da *germanía* (0,1 %) no Verbo dos Arguinas (canteiros galegos)
- 22 do *calão* (0,7 %) e 4 da *germanía* (0,1 %) no Verbo dos Cabaqueiros (telheiros galegos)
- 8 do *calão* (1 %) e 1 da *germanía* (0,1) no Verbo dos Chafoutas (alvanéis galegos de Tominho)
- 11 do *calão* (0,7 %) e 8 da *germanía* (0,5 %) no Baralhete (afiadores e outros ambulantes ourensanos)
- 18 do *calão* (1,8 %) e 6 da *germanía* (0,6 %) no Lapizarro (cesteiros de Mondariz, Galiza)
- 14 do *calão* (3,1 %) e 7 da *germanía* (1,6 %) no Verbo dos Xingreiros (músicos galegos)
- 2 do *calão* (2 %) na Lafrada (alvanéis galegos de Bueu, Galiza)
- 4 do *calão* (3,7 %) e 1 da *germanía* (0,9 %) no Baralhete dos Granhudos (vendedores ambulantes da Granha, Covelo, Galiza)
- 17 do *calão* (8,1 %) nos Verbos dos Arguinas de Oliveira do Hospital (canteiros portugueses)
- do *calão* (8,7 %) no Galramento (alvanéis e oleiros portugueses)
- 3 do *calão* (2,3 %) no Latim dos Canhoteiros (canteiros portugueses de Viana do Castelo)
- 24 do *calão* (4,3 %) no Verbo dos Erguinas da Póvoa de Varzim (canteiros portugueses)
- 29 do *calão* (12,6 %) na gíria Quadrazenha (contrabandistas portugueses)
- 5 do *calão* (2,3 %) no Lainte (vendedores ambulantes de Castanheira de Pêra, Portugal)
- 10 do *calão* (17,8 %) na gíria dos contrabandistas de Albergaria-a-Velha (Portugal)
- 4 do *calão* (0,4 %) na Piação do Ninhou (cardadores de lá de Minde, Portugal)
- 1 do *calão* (0,1 %) e 16 da *germanía* (2,4 %) no Bron (caldeireiros de Miranda, Avilés, Astúrias)

2. Apresentamos afinal do artigo dous apêndices com a listagem dos termos coincidentes nos criptolectos gremiais e no *calom/calão* e a *germanía*.

1ESTUDOS92 19/12/07 14:19 Página 69

- 2 do *calão* (1 %) e 11 da *germanía* (4 %) no Burón (albardeiros de Fornela, Leom)
- 1 do *calão* (0,4 %) e 1 da *germanía* (0,4 %) no Tixileiro (cunqueiros de Astierna e Trabado, Astúrias)
- 4 da *germanía* (1,4 %) no Varbéu (cesteiros de Peñamellera Baxa, Astúrias)
- 6 da *germanía* (2,1 %) no Mansolea (çapateiros de Pimiangu, Ribedeva, Astúrias)
- 5 da *germanía* (1 %) na Xíriga de los Tamargos (telheiros de Llanes e Ribesella, Astúrias)
- 4 da *germanía* (1,2 %) na Pantoja (canteiros de Trasmiera, Cantábria)
- 11 da *germanía* (3,1 %) na Gacería (criveiros de Cantalejo, Segóvia)
- 2 da *germanía* (0,9 %) na Migaña (tosquiadores de Milmarcos e Fuentelsaz, Guadalaxara)
- 2 da *germanía* (0,8 %) na gíria dos arrieiros de Quintanar de la Orden (arrieiros, Toledo)

Nas gírias galegas encontramos alguns termos comuns com o calão e outros com a *germanía*, sendo sempre mais numerosos os primeiros. A sua presença é proporcionalmente maior nas gírias de ofícios nom relacionados com a construçom, embora em números absolutos surprenda o Verbo dos Cabaqueiros (telheiros) com 22 vozes comuns com o *calão*; esta gíria limita geograficamente com Portugal o que pode explicar a presença destes vocábulos.

Entre as gírias portuguesas salientam as percentagens das duas de contrabandistas, com certeza a ilegalidade da sua profissom aproxima-as mais aos grupos sociais que falavam *calão*.

Nas gírias ásturo-leonesas a presença mais alta de vocábulos comuns com a *germanía* registamo-la no Bron e no Burón, os quais tamém som, junto com o Tixileiro, os únicos com palavras comuns com o *calão* inexistentes na *germanía*. Destes dous criptolectos já verificamos a sua forte relaçom com os galegos e portugueses. Nas gírias castelhanas salientam os 11 termos da Gacería.

A maioria das palavras comuns com a *germanía* repetem-se em várias das gírias estudadas com poucas excepçons, algumha destas encontramo-la no Baralhete: *bornar* 'enforcar'.

Podemos concluir que:

- As galegas, o Tixileiro, o Bron e o Burón som as únicas que tenhem termos comuns com o calom galego-português e com a *germanía* castelhana simultaneamente.

1ESTUDOS92 19/12/07 14:19 Página 70

-As portuguesas som as que partilham com a gíria do submundo proporcionalmene mais léxico.

-Nas galegas e castelhanas som as de ofícios da construçom as que partillham menos léxico com as gírias do submundo. No caso das ásturo-leonesas, esta presença é em geral escassa nas do Cantábrico Central (Varbéu, Mansolea e Xíriga de los Tamargos) e no Tixileiro.

As coincidências lexicais com o *calom/calão* e a *germanía* nom se devem interpretar necessariamente como empréstimos destes aos criptolectos gremiais, mas como termos procedentes de um possível fundo lexical comum, sobretudo tendo em conta que alguns destes existem igualmente em criptolectos franceses e italianos.

Outro aspecto a considerar é a similitude ou diferença no processo de formaçom de novas palavras a partir da deformaçom das existentes na língua base. No *calão* tradicional produzem-se numerosas sufixaçons com o exclusivo fim de disfarçar a palavra (Coelho, 1892):

-ates: *arribates* 'arriba', *cimates* 'cima'

-mes/-nes: *aquimes/aquines* 'aqui', *alimes/alines* 'ali'

-nte: *notante* 'nota', *horante* 'hora'

-oso/a: *branquioso* 'branco', *maciosa* 'maçã'

-uncho/a: *faduncho* 'fado', *mesuncha* 'mesa'

-unfa: *escadunfa* 'escada'

O sufixo *-uncho* encontramo-lo no Verbo dos Xingreiros numha palavra, *terruncha* 'terra', e no Galramento noutra, *meduncho* 'medo', porém em nengumha das gírias gremias estudadas tem uso sistemático. Como um sufixo deformador rendível funciona *-unfo* no Bron. Os adverbiais *–ates* e *–mes* encontramo-los em várias gírias, mesmo aplicados às mesmas palavras que vimos no *calão*: *cimates* (Verbos dos Arguinas de Oliveira), *forates* (Verbo dos Arguinas galegos), *novates* (gíria dos Erguinas da Póvoa de Varzim), *aquimes* (Verbos dos Arguinas de Oliveira).

O sufixo *–oso/a* utiliza-se nos Verbos dos Arguinas (*ariosa, litroso, papeloso*) e tamém se encontram alguns exemplos soltos noutras gírias: *ramioso* 'ramo' (Erguinas da Póvoa de Varzim), *areosa* (Galramento), *papeloso* (Quadrazenha).

Contudo, e apesar destas coincidências, o carácter sistemático que a derivaçom externa, isto é, a deformaçom mediante sufixos desde a língua base, tem nos criptolectos gremiais afasta-a da que se produz no *calão*,

1ESTUDOS92 19/12/07 14:19 Página 71

muito menos generalizada. Há tamém que advertir que alguns dos casos de sufixaçom deformadora citados registam-se principalmente no *calão* do crime utilizado polos ladrons, gíria mais restrita e em que se procura o segredo da mesma maneira que nas gremiais.

Onde si se aproximam a maioria dos criptolectos gremiais estudados e o *calão* é na utilizaçom do sufixo *–nte* nos processos de modificaçom semántica, em que o objecto ou conceito é nomeado a partir de algumha característica que este realiza ou que possui, mas neste caso apresentada como um processo activo ao ter o sufixo citado valor de agente: *andante* 'pé', *apertante* 'corda', *chiante* 'carro de bois', *cantante* 'galo' / 'auto-rádio', *espumante* 'sabom', *palrante* 'advogado', *roncante* 'porco', etc. Porém apenas encontramos um caso, citado por Coelho (1892), em que este sufixo funciona como desubstantival, característica original de várias gírias gremiais do ámbito galego-português: *escamanta* 'sardinha'. Embora exista o verbo *escamar*, o significado do termo gírico nom tem a ver com o do verbo, 'tirar escamas', mas com 'ter escamas', portanto foi derivado do substantivo *escama*. É tamém umha forma feminina, rara na língua comum e freqüente em muitas destas gírias gremiais. A proximidade do termo citado com estas fica reforçada ao existir no Lapizarro a voz *escamante* 'bacalhau'.

Na antiga germania e no actual argot espanhol a deformaçom de palavras por processos derivativos tem menos importáncia, porém, existem exemplos como *libertarucho* 'libertad'. Igualmente encontramos formaçons com o sufixo *–ante* nos processos de modificaçom semántica da germania: *balante* 'carneiro', *pisante* 'pé' ou 'sapato', *sonantes* 'nozes'; é especialmente interessante a voz *mocante* 'lenço de assoar', derivado de "moco", já que nesta o sufixo actua como um desubstantival, da mesma maneira que em vários criptolectos galegos, e ao contrário da língua comum, tanto galego-portuguesa como castelhana onde sempre funciona como deverbal.

Quanto a metátese, um dos processos mais intuitivos para disfarçar palavras, conhece-se tanto no *calão* antigo como na *germanía*. No primeiro quase sempre acompanhado de outras modificaçons fonéticas: *dropa* 'pedra', *drope* 'pobre', *soquinha* 'cozinha' (citados por Coelho, 1892). Na germania Juan Hidalgo recolhe exemplos como *chepo* 'pecho', *greno* 'negro', *grito* 'trigo', *lepar* 'pelar', *taplo* 'plato', *toba* 'bota' (Salillas, 1896). Contudo, em nengum dos dous é um processo geral, mas ocasional de criaçom de termos. Nalguns criptolectos gremiais a metátese é um recurso básico, como na Lafrada, enquanto noutros é circunstancial (Rodrigues Gomes, 2004) .

1ESTUDOS92 19/12/07 14:19 Página 72

Em conclusom, verificamos relaçons lingüísticas entre os criptolectos gremiais e o *calão* e a *germanía*, mais importantes no aspecto lexical de que no estrutural, e de diferente intensidade segundo o criptolecto de que se trate.

APÊNDICE I

Léxico comum com o *calão* nos criptolectos gremiais

Lista de abreviaturas que identificam cada criptolecto:

Alb.: gíria dos contrabandistas de Albergaria-a-Velha (Portugal)

arg.: Verbo dos Arguinas (canteiros) de Cotobade e a Terra de Montes (Galiza)

arg.-Olv.: Verbos dos Arguinas (canteiros) de Oliveira do Hospital (Portugal)

bar.: Baralhete (afiadores e outros ambulantes de Ourense, Galiza)

bar.-granh.: Baralhete dos Granhudos (comerciantes da Granha, Galiza)

bur.: Burón (comerciantes do Val de Fornela, Berço)

cab.: Verbo dos Cabaqueiros (telheiros do Rosal, Galiza)

canhot.: Latim dos Canhoteiros (pedreiros do Minho, Portugal)

chaf.: Latim dos Chafoutas (alvanéis de Tominho, Galiza)

erg.-Vz.: Verbo dos Erguinas da Póvoa de Varzim (pedreiros da Póvoa de Varzim, Portugal)

ergue: gíria dos canteiros de Ribesella (Astúrias)

gac.: Gacería (criveiros de Cantalejo, Castela)

galr.: Galramento (alvanéis de Molelos, Portugal)

lafr.: Lafrada (alvanéis de Bueu, Galiza)

laint.: Lainte (comerciantes de Castanheira de Pêra, Portugal)

lap.: Lapizarro ou verbo dos Bogardeiros (cesteiros de Mondariz, Galiza)

mansol.: Mansolea (çapateiros de Pimiangu,Astúrias)

mig.: Migaña (gadeiros de Milmarcos e Fuentelsaz, Castela)

pant.: Pantoja (canteiros de Trasmiera, Cantábria)

piaç.: Piação do Ninhou (comerciantes de Minde, Portugal)

quadr.: gíria Quadrazenha (contrabadistas de Quadrazais, Portugal)

Quint.: jerga dos arrieiros de Quintanar de la Orden, Toledo (Castela)

tam.: Xíriga de los Tamargos (telheiros de Llanes, Astúrias)

tix.: Tixileiro (cunqueiros ou tigeleiros de Astierna e Trabado, Astúrias)

varbéu: gíria dos cesteiros de Peñamellera Baxa (Astúrias)

xingr.: Verbo dos Xingreiros (músicos da terra de Cela Nova, Galiza)

1ESTUDOS92 19/12/07 14:19 Página 73

alpista 'arroz': arg.-Olv.

ânsia 'água': xingr., arg.-Olv., erg.-Vz., quadr., bur., bron // *práusia*: galr. // *ñansa*: tam.

aranhota 'sardinha' → *aranheque* 'bacalhau': bar. // *aranhoto*: arg., chaf., erg.-Vz. // *ranhoto*: cab. // *aranhato* 'peixe': arg.

artife 'pam': lap., erg.-Vz., galr., quadr., laint., Alb. // *artifa, artoa* 'broa': tam., mansol., varbéu // *artifeiro*: arg.-Olv. // *articha* 'broa': pant.

artão → *artom* 'pam': lap., xingr., bur., bron, gac. // *artoua* 'broa': erg.-Vz. // *artoa* 'broa': tam.

badejo 'bacalhau', 'vulva' → *badeijo* 'cheiro do bacalhau': erg.-Vz. // *badejo* 'vulva': arg.-Olv.

baril 'óptimo': bar., quadr.

bater 'jogar as cartas': erg.-Vz.

bispar 'olhar': laint. // *bispante* 'olho': arg.-Olv. // *abispante*: galr.

brete 'pam' → *brote*: bar.

briol 'vinho': cab., quadr.

cagarrão 'cadeia': bar. // *cagarreria*: cab.

calcos 'sapatos', *calcorrear* 'percorrer' → *calcurros, calcúrrios* 'çapatos': arg., cab., bar., xingr., lap., arg.-Olv., galr. // *calcos*: arg., cab., chaf., quadr., bron // *calquetes*: arg., bar. // *calcorros* 'calças': xingr. // *calcurras* 'çapatos': bur. // *cazcorros*: varbéu, tam. // *cazcurros*: pant. // *cancúrrios, cancurros* 'tamancos': erg.-Vz.

calmar 'dar, bater': arg., bar., cab., lap., xingr., erg.-Vz.

cardenha 'casa': erg.-Vz. //*cardenho*: galr., quadr. // *cardenho* 'quarto': erg.-Vz.

cardina 'bebedeira': galr.

catropeo 'cavalo': pant. // *catrópio*: cab. // *catropo*: canhot. // *catroio* 'cavalo da baralha': bar. // *tróia*: piaç.

cemitendes 'cemitério': galr.

chalupas 'çapatos de salto', 'botas grosseiras': tam. 'tamancas'.

chelpa 'dinheiro' → *cherpes* 'dinheiro': bar. // *xerpos*: xingr., bron // *cherpos*: bur. // *cherfos*: bur., tix.

cheta 'dinheiro' → *chete*: quadr. // *chetes*: bar. // *cheto*: erg.-Vz.

chiante 'carro' → *chiám, chírrio* 'carro': bar. // *chiom*: cab. // *chiolo*: bar., canhot. // *chilro*: arg. // *chirlón, chirri*: mansol. // *chirli, chirrión*: varbéu

1ESTUDOS92 19/12/07 14:19 Página 74

// *chirriu*: tam. // *charriante*: quadr. // *churrón*: pant. // *churro*: erg.-Vz. // *chillón*: tix.

chispe 'pé': arg.-Olv., galr.

chocho 'beijo': piaç.

choina 'cama': quadr., Alb. // 'noite': laint.

chona, xona 'noite': arg., lap., xingr., arg.-Olv., erg.-Vz., galr., quadr., laint., bron

chonar, choinar 'dormir': Alb. // *jornar, xornar* 'dormir': lap., xingr., quadr. // *jornir*: arg.-Olv.

chulipa 'cama' → xubila: cab., lap.

clises 'olhos': mig. // *clisante*: bron.

cremalheira 'dentes': galr.

cúnfia 'confiança': erg.-Vz.

drope 'pobre': tam., pant.

duque 'cam': Alb. // *doco*: bar., xingr. // *doco* 'coelho': arg. // *doco* 'rato': arg., cab. // *duque* 'gato': bron, tam., ergue // *duque* 'ladrom': bur., bron // *doco, doque* 'gato': pant.

escamanta 'pescada' → *escamante* 'bacalhau': lap. // *escamelo*: xingr. // *escamuncho*: galr. // *escamocho*: canhot. // *escamello*: bur. // *escamela, camela* 'sardinha': arg. // *camoucha* 'sardinha': arg., cab. // *escamelo* 'xurelo': arg. // *camoucho* 'xurelo': cab. // *camela* 'truita': lap. // *escamel* 'peixe': bron // *escamoso* 'peixe': tam., gac.

espichar 'morrer': galr.

estafar 'morrer': arg., xingr. // → *estafunhar*: cab.

farpela 'roupa': arg. 'saia', cab. 'lençol', erg.-Vz., quadr. // *farpelo* 'fato': arg., cab.

fatela 'de má qualidade, reles' → *fate* 'mau': bar., xingr., bron, burón // *fatonho*: quadr.

ferro 'dinheiro': galr.

fuça 'cara': cab., chaf.

fugante 'espingarda' → *funganta* 'pistola' quadr.

galradeira 'língua': arg. // *galreadeira*: lap.

galrar 'falar muito e depressa': arg., bar., arg.-Olv., erg.-Vz., galr., quadr. // *garlar*: arg., bar., xingr., pant. // *galruar*: arg., cab. // *galrear*: lap. // *garlear*: bar., mansol., gac. // *garliar*: bron. // *garlipar*: bur.

1ESTUDOS92 19/12/07 14:19 Página 75

gamar 'furtar': erg.-Vz.

gámbia 'perna': arg., cab., lap., arg.-Olv., galr., quadr. // *gâmbia* 'mao': piaç.

gao 'piolho' → *gau*: xingr. // *gaus*: lap. // // *gau* 'piolho chato': erg.-Vz.

gebo,-a 'velho': arg., quadr., bron ("xebo")// 'pai', 'nai': arg., cab., lap., erg.-Vz. // *gebro,-a* 'velho,-a': galr. // *gepo,-a* 'velho,-a': xingr. // *gedo,-a* 'pai', 'nai': cab., chaf. // *xebral* 'velho': bron.

gera 'carne': bar., xingr., bur., bron // *xara*: arg.-Olv. // *xaira*: quadr. // *greda*: bar.-granh., arg., cab.

gídio 'bom', (em Queiroz Velloso, 1890, citado por Coelho, 1892) → *gido, xidu* 'bom': arg., cab., chaf., lap., canhot., arg.-Olv., tam. // *giro, xiro*: bar., bur., bron, calão // *gírio*: quadr. // *gíria*: lap. // *jidu*: mansol., varbéu // *jido*: pant. // *girado* 'bonito': galr.

giro 'bonito' → 'bom': bar., bron, bur. // *gírio, gíria*: lap., galr. // *girado* 'bom', 'bonito': galr.

gomarra 'galinha': bar., arg., lap., arg.-Olv., bur., bron, galr., Alb., mansol., tam., varbéu, pant., gac. // *gomaro* 'ovo': erg.-Vz. // *gumarreira* 'galinha': cab., arg.

granjola 'grande' → *granjo*: xingr., arg., quadr. // *granjano*: arg.., erg..-Vz. // *granjoilo*: arg..-Olv. // *granjemes* 'grande': arg.., cab.. // *granjoeiro*: galr.

grilo 'relógio': bar., quadr.

griso, gris 'frio' → *grísio*: galr. // *grixo*: lap. // *gris*: lap., canh // *grifola*: tam.

grude 'caldo'→ *grode* 'caldo': bar.-granh., arg., chaf., bur., bron // *gródio*: lap., xingr., galr. // *gródão*: arg.-Olv. // *groio*: quadr.

grunho 'porco': arg., cab., lap., xingr., arg.-Olv., bur., bron, quadr. // 'toucinho': bar.-granh. // *grunhento* 'porco': canhot. // *gruñón*: tix.

gilfo 'ladrom' → *guilfo*: arg. 'piolho'

laia 'prata': lap.

lascar 'defecar': lafr.

laurear 'vadiar', 'passear' → *lourear* 'cantar': lap.

Lísbia 'lisboa' → *Lisbiê* 'Lisboa': quadr.

lúmia 'meretriz': arg.

lupar 'ver': xingr., Alb.

lupante 'olho': bar., xingr., Alb. // → *alipante*: quadr.

lúzio 'dia': xingr., galr., quadr. // → *luz*: arg. // → *luzeiro*: lafr., lap., arg.-Olv. // *luzo*: canhot. // *luzio*: erg.-Vz.

1ESTUDOS92 19/12/07 14:19 Página 76

maco 'saco': bar.-granh., bron

manesa 'mulher', *menesa* 'concubina': laint., Alb. // *manês* 'rapaz', 'home': quadr., laint., Alb.

maralha 'malta', 'multitude' → 'público': xingr. // → 'ajuntamento de mulheres': quadr. // *manaya*: bron.

marau 'patife' → 'home': xingr.

marsapo 'pénis' → *marzápio* 'lap.' // *mazápio* 'semen': cab.

mimosa 'camisa' → *lamosa*: quadr.

mirantes 'olhos' → *mireus*: bar. // *mirelos*: bar.-granh

moca 'pénis': bar.

mocha 'cabeça': bron, bur. // *muchela*: quadr. // *moucha*: lap., xingr., tix.

mona 'cabeça' → *morna*: pant.

moquir, muquir 'comer': lap., xingr., erg.-Vz., quadr. bur., bron // *mosquir*: laint., Alb. // *mocar*: mansol. // *moquideira* 'boca': canhot., galr., quadr., Alb. // *muquidera*: bron.

naifa 'navalha': arg., chaf., erg.-Vz., galr., quadr.

nanja 'nom', 'nunca' → nanjo 'nada': galr.

nente(s) 'nada', 'nom': canhot., arg.-Olv., erg.-Vz., galr., quadr., laint. // 'nada': lap., erg.-Vz. // 'nom', 'niguém': bron // *nende* 'nom': cab., arg. // *nento* 'nom', 'nada', 'ninguém': xingr.

nhanha 'semen' → 'porcaria': cab.

nhurro 'estúpido', 'teimoso', 'falso': lap. // *nhúrrio* 'mau': arg., cab., chaf. // *ñurriu* 'padre': tam.

nicles 'nada' → *niques*: cab.

paio 'inútil', 'ingénuo' → *paia* 'mulher': xingr.

paivante 'cigarro': galr., piaç. // *paivo*: quadr. // *paivante* 'fumador': quadr.

penante 'chapéu': arg.-Olv. // *pinante*: quadr.

pescar 'perceber': arg., cab., erg.-Vz.

piar 'falar': piaç.

piela 'bebedeira' → *pielar* 'embebedar': lap. // *pielo* 'bêbedo': lap. // *pielo* 'vinho': bar.

pildra 'cama': arg.-Olv., quadr. // 'manta': laint. // *pildro*: galr. // *píldora*: bar.-granh. // *piltra*: arg., cab., chaf., lap., bar., bur., bron, tix., gac., mig. // *pelitra, piútra* 'cama': erg.-Vz.

pingadeira 'mênstruo': chaf.

1ESTUDOS92 19/12/07 14:19 Página 77

pirar 'fugir': cab.

quilhar 'fazer mal a alguém': → 'copular' cab., xingr., bur., Alb. // *quilar*: arg. // *quillar*: bron, gac. ('prejudicar').

raivoso 'vinagre': arg.-Olv.

reco 'porco': Alb.

redonda 'saia' → *redondaina*: lap.

rustir 'comer': arg.-Olv., erg.-Vz.

sornar, sornir 'dormir': xingr. // *jornar*: lap., xingr., quadr. // *sorniar*: bur., bron, gac. // *jornir*: arg..-Olv.

tefe 'cu': erg.-Vz., quadr.// *befe*: Alb.

tefe-tefe 'medo': quadr.

timbales 'testículos': bar., cab., chaf., varbéu

vagarosa 'cadeia': quadr., piaç.

xilindró 'cadeia': chaf.

zagré 'vinho': Alb. // *zegre*: canhot.

zenir 'andar depressa', 'fugir' → *zonar*: bar.

Comum com o *calão* do crime

ânsia 'chuva': xingr. // 'água': arg.-Olv., bur., bron.

aquimes 'aqui': arg.-Olv.

aranhota 'sardinha' → 'bacalhau': arg., chaf.

arribatos 'em cima de' → *arrinbunha* 'bar.'.

calmar 'bater': arg., cab., bar., xingr. // 'dar': lap.

cimaites 'em cima' → *cimates*: arg.-Olv.

cosque 'casa': quadr., Alb.

estafar 'matar': arg., xingr., bur., bron.

folhoso 'livro' ou 'jornal'

folhosa 'carta' → *folheca* 'carta': cab., chaf. // *folhanta*: canhot. // *refolha*: bron // *fuchúa*: tix. // *folheco* 'papel', 'periódico': cab., chaf.

laparoto 'falsificador de notas ou cheques' → *lapeta* 'carteirista', 'ladrom': bar., bar.-granh. // 'vigarista': cab. // *lapeante*: cab.

lodo 'ouro': quadr.

penosa 'galinha': arg.-Olv., galr., quadr.

raso 'padre': tix., bron, burón, Alb.

1ESTUDOS92 19/12/07 14:19 Página 78

talão 'loja' → *talón*: bur., bron, gac. // *taloa*: bar.-granh. // *talona* 'pousada': bar. // *tola* 'taberna', 'loja': bar., bar.-granh.

Sufixaçom no *calão* do crime:

-guinos: baguinos
-mes: aquimes
-nes: alines, aquines
-tes: arribates
-tos: arribatos
-unfa: escadunfa

Comum com o calom da Galiza

baril 'óptimo': bar., quadr.

briol 'vinho': cab., quadr.

cagarrom 'cadeia': bar. // *cagarreria*: cab.

charpela 'cadeia': arg., bar.

esgueirar 'fugir': bron, galr., quadr. // *esgueilar*: bar. // *ergueirar*: lap. // *esgueirante* 'ladrom': quadr. // *esgueirar* 'ir-se': bur. // *gueirar* 'ir', 'ir-se': xingr.

espichar 'morrer': galr.

lúmia 'prostituta': arg.. Origem romani.

lúrpia 'bebedeira': cab.

moucha 'cabeça': lap., xingr., tix. // *mocha*: bur.

APÊNDICE II

Léxico comum com a germania nos criptolectos gremiais

albaire 'ovo' → *albaile*: bron, bur. // *albário*: xingr.

altana 'igreja': xingr. // *otana*: bron.

altanado 'casado' → *altanar*: arg.-Olv., quadr. // *atanar*: lap., xingr.

ansia 'água': xingr., arg.-Olv., erg.-Vz., quadr., bur., bron // *práusia*: galr. // *ñansa*: tam

artife 'pam': lap., galr., quadr., laint., Alb. // *artifa, artoa* 'broa': tam., mansol., varbéu // *artifeiro*: arg.-Olv. // *articha* 'broa': pant.

artón 'pam': lap., xingr., bur., bron, gac. // *artoa* 'broa': tam.

1ESTUDOS92 19/12/07 14:19 Página 79

bornar 'enforcar': bar.

chone 'noite'→ *chona, xona*: arg., lap., xingr., arg.-Olv., erg.-Vz., galr., quadr., laint., bron

dátil 'dedo': cab., bur., bron, tam., gac., mig.

entrevar 'entender' → *entervar*: arg., bar., bar.-granh., cab., chaf., lap., xingr., bur., bron, quadr., mig. // *atervar*: arg.-Olv., gac. // *intervear*: tix. // *entervar* 'escuitar': bar.-granh.

ficar 'jogar'→ 'ganhar dinheiro': bar., bur.

gamba 'perna': arg. // *gámbia* 'perna': lap., cab., arg.-Olv., galr., quadr. // *gâmbia* 'mao': piaç. // *jamba* 'perna': arg. // *jámbia*: lap. // *jambra*: lap., xingr. // *jambarota*: arg.-Olv.

garlar 'falar': arg., bar., xingr., pant. // *galruar*: arg., cab. // *galrear*: lap. // *garlear*: bar., mansol., gac. // *garliar*: bron. // *garlipar*: bur. // *galrar*: arg., bar., arg.-Olv., erg.-Vz., galr., quadr.

gao 'piolho': *gaus*: lap.. // *gau*: xingr.// *gau* 'piolho chato': erg.-Vz. // *gabo*: xingr.. // *gabón*: varbéu

garulhas 'uvas' → *garula* 'uva': chaf., lap., xingr. // *garula* 'cereija': arg., cab., chaf., xingr.

gazuza 'fame': cab., gac. // *gatuza*: bar. // *garnusa*: arg.. // *pazuza*: pant.. // *ganzucha*: tix.

gruñente 'porco' → *grunho*, gruño 'porco': arg., cab., lap., xingr., arg.-Olv., bur., bron, quadr. // 'toucinho': bar.-granh. // *grunhento* 'porco': canhot. // *gruñón*: tix.

gomarra 'galinha': bar., arg., lap., arg.-Olv., bur., bron, galr., Alb., mansol., tam., varbéu, pant., gac. // *gumaro* 'ovo': erg.-Vz. // *gumarreira* 'galinha': cab., arg. // *gemarros* 'testículos': chaf.

guido 'bom' → *gido, xidu* 'bom': arg., cab., chaf., lap., canhot., arg.-Olv., tam. // *giro, xiro*: bar., bur., bron, calão // *gírio*: quadr. // *gíria*: lap. // *jidu*: mansol., varbéu // *jido*: pant. // *girado* 'bonito': galr.

muquir 'comer': lap., xingr., bur., bron, quadr. // *mosquir*: laint., Alb. // *mocar*: mansol. // *murcir* 'comer': cab. // *moquideira* 'boca': canhot., galr., quadr., Alb. // *muquidera*: bron.

murciar 'roubar': → *mauriciar*: cab., chaf.

nares 'nariz': bar., cab. // *ñarres*: bron.

picoa 'ola': bar., tam // *picona* 'caçarola': arg. // *picó, picoeiro* 'pote': arg., cab. // *picoeira* 'garrafa': lap. // *picoba* 'caçarola': tam. // *picobo*: pant. // *picoia* 'jarra': xingr. Em basco *lapiko*.

1ESTUDOS92 19/12/07 14:19 Página 80

pío 'vinho': lap. // *piar* 'beber': arg.-Olv., Alb., laint., gac.

piltra 'cama': arg., bar., cab., chaf., lap., bur., bron, tix., gac., mig.

sorna 'noite', 'sono'→ 'cama': xingr. // *jorna* 'noite': quadr.

sornar 'dormir'→ *sorniar*: bur., bron, gac. // *jornar* 'dormir': lap., xingr., quadr. // *jornir*: arg.-Olv. // *xonar, xoinar*: Alb.

talón 'estalagem': bur., bron, gac. // → *talona* 'pousada': bar. // *taloa*: bar.-granh. // // *tola* 'taberna', 'loja': bar., bar.-granh.

trena 'cárcere': arg., bar., lap., bar.-granh., bron, mansol.. // *trenante* 'carcereiro': arg.., bar. // *trenar* 'encarcerar': arg., bar., lap., bron.

xión 'si' → *siones* 'si': lafr.

Comum com o argot espanhol

aracha 'noite' → *racha* 'noite': arg., bar., lap., mansol., tam., pant. // *raucha*: lap.

beata 'peseta' → *bea*: bar., xingr., gac., mig.

cerote 'medo': bar., cab. // *cero* 'medo': lap. // *cerulho*: cab. // *cerolha*: bar.

charpe 'dinheiro' → *cherpes* 'dinheiro': bar. // *xerpos*: bar.-xingr., bron // *cherpos*: bur. // *lerxes*: cab., chaf. // *cherfos*: bur., tix.

charrán 'vil' → 'diabo': tam // *charra* 'polícia': bar. Em espanhol *charrán* significa 'desleal'. Origem basca.

ful 'falso'→ 'mau': bar.

gabriel 'gravanço': tam., gac., Quint.. // 'feijom': arg. // *grabiel* 'gravanço': bar., cab., bur., tix., tam.

gaul 'piolho'→ *gaus*: lap. // *gau*: xingr. // *gabo*: xingr. // *gabón*: varbéu.

maraña 'multitude'→ *maralha* 'público', 'gente': xingr. // *manaya*: bron.

marmota 'criada': cab.

morápio 'vinho': bar.-granh., cab., bur., varbéu, mig.

moreno 'monte': bar.

pirar 'ir-se': cab.

quilar 'copular': arg. // *quilhar*: cab., xingr., bur., Alb.

tabicarse 'fornicar' → *tabicar*: bar., arg., cab. // *tabicar* 'fazer', 'dizer': erg.-Vz. // *atabicar* 'entender': arg.-Olv.

viño moro 'vinho aguado': bar.

1ESTUDOS92 19/12/07 14:19 Página 81

Bibliografia citada

ÁLVAREZ LÓPEZ, Alejandro (2005), *El Burón. La jerga de los vendedores y albarderos ambulantes de Forniella*, Ponferrada, Academia de la Llingua Asturiana e Instituto de Estudios Bercianos.

COELHO, Adolfo (1892), *Os ciganos de Portugal, com um estudo sobre o calão*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, (1995).

GEIPEL, John (1995), «Caló: a linguagem "secreta" dos ciganos da Espanha», in BURKE, Peter e PORTER, Roy (1997), *Línguas e Jargões. Contribuições para uma história social da linguagem*, São Paulo, Editora Unesp, págs. 133-167.

LIPSKI, John M., (1997), «El lenguaje de los *negros congos* de Panamá y el *lumbalú* palenquero: función sociolingüística de criptolectos afrohispánicos», in *América Negra nº 14*, Bogotá, América Negra, págs.147-165.

LIPSKI, John M. (2001), *La africanía del español caribeño: estado de la cuestión.* www.personal.psu.edu/faculty/j/m/jml34/Africania.pdf (Consulta: 15 de Fevereiro de 2004).

RODRIGUES GOMES, Jorge (2004), «Três criptolectos gremiais galegos: o *verbo dos xingreiros*, a *lafrada* e o *baralhete dos granhudos*», in *Agália* nº 79/80, Corunha, 2004, págs. 105-140.

SALILLAS, Rafael (1896), *El delincuente español. El lenguaje. (Estudio filológico, psicológico y sociológico). Con dos vocabularios jergales.* Ediçom digital baseada na ediçom de Madrid, Librería de Victoriano Suárez. http://cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras/06814606872251623042 4822/

1ESTUDOS92 20/12/07 13:49 Página 82

AGÁLIA, 91-92

1ESTUDOS92 19/12/07 14:19 Página 83

AGÁLIA nº 91-92 / 2º SEMESTRE (2007): 083 - 103 / ISSN 1130-3557

A (sócio)linguística política e a actual norma do português do Brasil (*)

Vítor Meirinho

(Brooklyn College. The City University of New York)

Resumo:

Este trabalho pretende analisar, desde perspectivas políticas, linguísticas e sociolinguísticas, a emergência recente no Brasil de um determinado discurso ideológico que, a partir da distância entre o standard formal do português do Brasil e a sua forma coloquial, é construído com um marcado carácter nacionalista e populista, destacável sobretudo em obras como as de Marcos Bagno.

Palavras-chave: normatividade linguística, português brasileiro, nacionalismo, ideologias linguísticas, esquerda política.

Abstract:

This work intends to analyze, from political, linguistic and sociolinguistic perspectives, the recent emergency, in Brazil, of a particular ideological discourse that, starting from the existing distance between the formal standard of Brazilian Portuguese and its informal shape, is constructed with a strong nationalist and populist character, which is specially remarkable in such works as Marcos Bagno's.

Keywords: *linguistic normativity, Brazilian Portuguese, nationalism, linguistic ideologies, political left.*

Introdução

Quem tenha interesse por esse conjunto de países e falas que se chama *lusofonia*, quando chegar ao capítulo denominado *lusofonia brasileira* rapidamente topará, com probabilidade, uma persistente polémica que parece sobreviver todas as épocas desde a independência do Brasil: o chamado «problema da norma culta». Problema (aparente problema, diria eu) pelo qual passaram, nalguma época, todos os países americanos, mas que porém no caso brasileiro tem uma especificidade:

(*) O presente artigo é uma extensão e desenvolvimento da apresentação oral, com o mesmo título, feita na duodécima edição do Congresso Anual de Estudantes Graduados celebrado na City University of New York, no 23 de Março de 2007. Foi primeiramente publicado no volume especial «Proceedings of the Twelfth Annual Graduate Students' Conference» (2007) da revista electrónica *Language & Literatures Journal* (http://ojs.gc.cuny.edu).

1ESTUDOS92 19/12/07 14:19 Página 84

se noutros países esta questão morreu no século XIX ou, tardiamente, no XX, no Brasil do século XXI ainda está vivo. Há já bastantes décadas que Celso Cunha, por exemplo, escreveu a respeito da *Questão da norma culta brasileira*, e seria esperável (inclusive desejável) que a sua autoridade tivesse bastado para consensuar critérios ao respeito.

Porém, isto ainda não é assim. Actualmente vemos como se vendem bastantes manuais de língua prescritiva que, basicamente, aderem à linha defendida por Celso Cunha e os linguistas da sua geração. O exemplo mais conhecido deste tipo de literatura talvez sejam os livros e artigos de Pasquale Cipro Neto. Em oposição a ele, nas duas últimas décadas tem-se assistido à proliferação de uma série de obras, igualmente divulgativas mas de signo contrário, nas quais o prescritivismo «clássico» é fortemente repudiado. Exemplo disto são os livros polémicos e polemicistas (mais do que linguísticos) de Mário Perini ou Marcos Bagno. Quando este último se enreda numa pública estratégia de desqualificação contra os seus adversários chamando-os de «sumos sacerdotes da pureza estática da língua», e recebe como resposta a acusação de praticar um «esquerdismo de meia pataca»[1], podemos entender que o assunto é sério, pelo menos para os que estão envolvidos nele.

O complicado da discussão é que, como acontece sempre nestes casos, não é propriamente linguística, nem propriamente política, mas ambas as coisas, e, como é sabido, quem quiser fazer linguística a partir de conclusões políticas prévias e inamovíveis, é bastante provável que se veja condenado a empregar raciocínios tortuosos. A este problema pode-se acrescentar um outro: a pretensão de *impor* uma política (ou uma ideologia) de natureza contigente como a única possível, mediante a negação, justamente, da sua natureza contingente. O «jogo» é como segue: frequentemente existe uma divergência de caminhos que uma comunidade política pode seguir, sem maior criterio que a sua preferência. A sua escolha é *contingente*, motivada pela sua *vontade*. Mas se alguma das partes dessa comunidade quer negar a legitimidade de seguir o caminho contrário, pode ser que apele à *necessidade* de seguir o caminho que ela propugna, sustendo que é o *único possível*, sendo os outros antinaturais. Isto é, negar a natureza contingente do debate social e político, negando a sua natureza cultural e reduzindo a divisão a uma questão de «saber ler a realidade» ou ser «cegos». Nos tempos em que Deus ainda não tinha morto, a suposta interpretação da vontade divina

1. Veja-se a carta de Marcos Bagno à revista *Veja*, em www.portrasdasletras.com.br/pdtl2/sub.php?op=polemica/docs/bagnopasquale.

1ESTUDOS92 19/12/07 14:19 Página 85

era um método habitualmente procurado para negar a contingência inerente aos debates políticos; mais tarde, chegados os tempos do laicismo, a usurpação da ciência tem sido bastante socorrida para os mesmos propósitos. Algo importante dentro desta questão do «português brasileiro», como se verá. É aqui que a linguística se tinge de *necessidades políticas*. Por isso aludo no título à «linguística política». Neste contexto, a linguística histórica adquire, mesmo involuntariamente por parte dos seus investigadores, um papel legitimador para o qual não deveria ser aproveitada.

Segundo se pode perceber, o presente artigo procura uma analítica mais política do que linguística. As pequenas diferenças linguísticas, como todo o mundo sabe, não possuem uma importância política intrínseca fundamental além da que lhe quiser ser atribuída desde uma perspectiva ideológica. É sabido que entre a língua portuguesa falada —e escrita— em ambas margens do oceano Atlântico existem diferenças mais ou menos notáveis, inclusive nos padrões normativos vigentes nos dois principais países de língua oficial portuguesa, Brasil e Portugal — factualidade, aliás, que é normal em várias outras línguas além da portuguesa. Isso não é uma singularidade, mas sim parece singularidade que este facto fundamente a satisfação do que poderíamos chamar de algumas «necessidades» simbólicas que se transformam em apriorismo discursivo corrente, elaborado a partir de determinados factos propriamente linguísticos, embora não relacionados necessária e correlativamente com a simbologia construída por esse referido discurso.

O que a seguir procurarei analisar, do meu ponto de vista guarda em boa maneira semelhança com questões e polémicas nacionalistas sustidas no século XIX, especificamente entre as antigas metrópoles europeias e as suas recém independizadas colónias americanas. Naquela altura, na qual dominava —a respeito da identidade nacional a da sua teorização— o que hoje chamaríamos de *paradigma objectivista*, as diferenças linguísticas entre as variedades do espanhol americano (melhor seria dizer os *espanhóis* americanos) e o espanhol europeu (melhor seria dizer os *espanhóis* europeus), assim como entre as variedades portuguesas, faziam parte do conjunto de atributos étnicos que, com alguma arbitrariedade subjectiva e com alguma razão etnográfica também, serviam às elites nacionais —especialmente as americanas— para delimitar simbolicamente o seu país face à antiga metrópole «opressora». Visto desde hoje, sobretudo se não tivermos em conta a ideologia de época que impregna a questão nacional no século XIX, as razões aduzidas para assentar a nacionalidade sobre as diferenças

1ESTUDOS92 19/12/07 14:19 Página 86

entre variedades da mesma língua que, além de serem parte da mesma língua não se distinguem necessariamente mais entre si do que se distinguem as variedades internas de cada um desses países alegadamente «homogéneos», costuma parecer ingénuo. Por isso não é de estranhar que o discurso nacionalista etnicista da língua tenha mudado, em boa medida, por um discurso utilitário, que contudo serve igualmente como elemento simbólico e legitimador da nação, e não deixa de ser susceptível de apresentar outras arbitrariedades simbólicas, embora de tipo muito diferente. Mas não linguísticas.

Ora, a divulgação de um determinado tipo de discurso político (em parte de classe e em parte nacionalista), especificamente brasileiro, cujas coordenadas ideológicas, na minha opinião, têm uma grande semelhança com aquelas coordenadas nas quais se debatia, usando de argumentos linguísticos, a questão nacional nas recém independizadas colónias americanas, é caso diferente. Quer-se dizer que no dia de hoje existem (ainda!) alguns sectores ideológicos para os quais a independência política assenta simbolicamente nalgum tipo de independência linguística. O citado Marcos Bagno expressa isto às claras, bem que de uma maneira que diríamos, como linguistas, *naif*, mas não por isso menos efectiva simbolicamente (pelo menos para alguns). Cito as suas palavras:

> As três perguntas que dão título a este texto [o texto de Marcos Bagno] têm a ver com um problema sobre o qual se discute muito: o problema da identidade. Que país? Que povo? Que língua? Se para a pergunta "que país?" alguém me der a resposta "Brasil", e se para a pergunta "que povo?" alguém me der a resposta "brasileiro", terei dificuldade em aceitar para a pergunta "que língua?" a resposta "português". / Afinal, se estamos no Brasil e se nos definimos como povo brasileiro, por que continuar a insistir no uso desse rótulo português para identificar a língua que falamos aqui?[2]

Evidentemente, de um ponto de vista político, a leitura do fragmento anterior daria para perguntarmo-nos em que classe de cripto-elementos discursivos nos podemos apoiar para considerar um fragmento (e outros semelhantes), de manifesta vocação higiénica e anti-contaminante, como fazendo parte da esquerda política à qual dizem pertencer. Ora, o meu objectivo é mostrar como autores como o citado procedem a uma

2. De «Que país? Que povo? Que língua?», em www.marcosbagno.com.br.

1ESTUDOS92 19/12/07 14:19 Página 87

selecção dos dados linguísticos oferecidos pelo português falado e escrito na Europa e na América, e como, combinada com uma maneira distorcida de comprender a interacção sociolinguística, se fundamentam assunções linguísticas e políticas que contribuem para a construção de uma simbologia nacionalista do português brasileiro como *imagem* do povo do Brasil, simbologia que toma a língua portuguesa na Europa como o seu referente de oposição.

Para começar a análise que pretendo, farei umas breves notas introdutórias sobre o papel histórico da língua portuguesa e o seu padrão culto como elemento identificador da nação brasileira, em comparação com Portugal.

O padrão português e o padrão brasileiro

Com a independência política brasileira, criaram-se as condições para que a regulamentação *nacional* (com a sua correlativa especificidade e exclusividade) atingisse também o âmbito linguístico e normativo. Porém, a independência normativa no plano formal não se correspondeu —não se corresponde ainda nos dias de hoje— com uma igual distância no plano concreto. O padrão brasileiro e o português apresentam diferenças que se correspondem com especificidades das falas de cada país, mas a maneira em que o padrão brasileiro se corresponde (ou não) com as falas brasileiras não é exactamente a mesma maneira em que o faz o padrão europeu.

Seria interessante uma investigação detalhada, em termos estritos de linguística histórica, que confirmasse, negasse ou corrigisse a *tese crioula* para o português do Brasil. Esta tese não deixa de ter algumas implicações simbólicas que, porém, não referirei aqui, por não serem necessárias e porque provavelmente ocupariam mais espaço do que seria possível. De qualquer maneira, talvez a reconstrução da situação linguística no Brasil colonial seja um item interessante também a efeitos de ideologia nacional(ista), e do meu ponto de vista o interesse deste item está, justamente, na escassa resonância deste debate nos próprios meios académicos e no seu nulo impacto simbólico, ideológico e político. Seja como for, é evidente que o grau de distanciamento existente entre as falas brasileiras e o seu padrão normativo, distância maior do que no caso português, tem a sua causa histórica no carácter da língua portuguesa como língua de importação nas terras americanas. Mas isto foi motivo de discussão, na qual cabe pensar que a *representação social da nacionalidade* tinha algo que ver.

1ESTUDOS92 19/12/07 14:19 Página 88

Historicamente, há duas interpretações da génese da moderna variante brasileira. Nos inícios do século XX, Adolfo Coelho assinalou o que ele interpretava como influências de sustrato africano na gramática popular do português do Brasil. Esta hipótese foi respondida abundantemente no Brasil; especialmente, o estruturalismo (Mattoso Câmara) afirmou que a variação histórica do português brasileiro a respeito do europeu estava determinada pela própria *estrutura interna* da modalidade linguística de origem, que portaria dentro de si a *semente* da mudança. Posteriormente Gregory Guy elaborou a teoria crioulista: segundo ele, a extensão do português no Brasil durante o século XVIII teria decorrido por meio de um extenso e irregular processo de crioulização, processo que teria ido recuando durante o século XIX, devido à pressão da norma culta das classes dominantes, seguidoras dos usos linguísticos portugueses. O português popular falado do Brasil seria, daí, um *crioulo descrioulizado*. Portanto, contrariamente à tese estruturalista, o português brasileiro e o europeu não se teriam afastado linguisticamente; contrariamente teriam convergido durante os séculos XIX e XX.

Na década de 80, novamente, a histórica *africanidade* linguística do Brasil recebe resposta, esta vez do generativismo. Fernado Tarallo analisa mostras linguísticas brasileiras e portuguesas (escritas todas elas) de todas as épocas e conclui que em importantes aspectos gramaticais a *estrutura profunda* brasileira e a europeia estão em processo de afastamento[3]. Isto é, não podendo actuar nos dias de hoje um sustrato linguisticamente africano como motor desse afastamento, quer-se ver novamente a génese do português brasileiro em termos de *deriva endógena* e não de *mistura*.

A este respeito, a hipótese que julgo que provavelmente seja a mais correcta é a de Dante Lucchesi[4], segundo a qual a língua portuguesa (aceitando a tese de Guy), quando estendida maciçamente no Brasil, teria experimentado um processo de crioulização instável, processo que teria recuado na massa populacional, por causa da pressão constante do padrão culto, após a independência do país. Isto é: Dante Lucchesi corrige a ideia tradicional (e obviamente carregada das imagens românticas a respeito da deriva linguística) segundo a qual a distância física entre o Brasil e Portugal, ajudada posteriormente pela independência política, levaria a um constante e progressivo afastamento entre as

3. Veja-se Roberts & Kato (1993).
4. Lucchesi (1994).

1ESTUDOS92 19/12/07 14:19 Página 89

variedades de ambos continentes, deixadas ao influxo marcador do *génio popular*. A descrição de Lucchesi é mais complexa, e ao tempo acho que bem mais verossímil:

- A extensão de uma língua estrangeira, levada por um reduzido número de colonos, a uma massa heterogénea de ameríndios e africanos bastante maior não podia deixar de ter produzido efeitos de koinização e crioulização.
- Devido a que não existem rastos históricos de um crioulo estável nem crioulos do português transmitidos geracionalmente, deve-se postular o carácter instável destas tendências.
- Logicamente, devido à ligação com a metrópole e ao forte carácter do padrão europeu como marca de civilização e à previsível forte estigmatização das realizações «crioulizadas» nesse período, os registos escritos do português do Brasil mantiveram-se impermeáveis quanto a reflectirem as realizações linguísticas orais divergentes das portuguesas.
- A manutenção da variedade padrão como variedade socialmente varolizada, mais a sua difusão por meio da escola, dos meios de comunicação e, em definitiva, pelas instituições de integração social típicas do estado moderno, levaram, nos séculos XIX e XX, a um constante e progressivo debilitamento das realizações «crioulizadas» do português brasileiro, cujos falantes se achariam, aliás como acontece em todos os estados modernos, cada vez mais mergulhados na variedade padrão —que no caso do português brasileiro é fundamentalmente uma continuação da normativa historicamente herdada de Portugal.

A hipótese de Dante Luchesi é interessante porquanto corrige uma visão bastante tópica a respeito do distanciamento «progressivo» das duas margens do oceano, e mostra, em linhas gerais, justamente o contrário: a existência de um processo de confluência entre o português do Brasil e o de Portugal, a partir no início de uma realidade falada notavelmente diferente. A constatação observável e inegável de que a escrita portuguesa e a brasileira são indistinguíveis no início e que se vão diferenciando após a independência americana e sobretudo durante o século XX criaria, segundo isto, a falsa impressão do progressivo distanciamento entre as duas variedades. Não obstante, segundo Lucchesi, esta constatável diferenciação da escrita não deixa de ser reflexo de algo. A extensão da variedade padrão no Brasil leva à sua normalização como língua nacional, e daí à normalização dos seus

1ESTUDOS92 19/12/07 14:19 Página 90

desvios como realizações do registo informal. Umas reduzidas divergências surgidas da crioulização passaram, desta forma, o filtro social, e consolidaram-se como realizações normais (orais) no Brasil. Desta forma, ficaram para que, ao abrigo das tendências sociais informais e do descontraimento mais típicos da segunda metade do século XX, acabassem sendo reflectidas em todos os registos linguísticos brasileiros, e inclusivamente (embora em menor medida) na escrita.

A recente linguística brasileira

Partindo do quadro descrito acima, interessa conhecer como a realidade linguística, a realidade normativa e as conexões linguísticas e simbólicas entre ambas foram tratadas pelos linguistas brasileiros.

Tradicionalmente, os linguistas do Brasil cultivaram um discurso de «unidade na diversidade» que encaixaria bem com o discurso pretendido pelo conceito do que hoje chamamos lusofonia. A ideia principal deste discurso é bem conhecida: o sistema linguístico apresenta uma natural diversidade de registos e de dialectos, mas mantém a sua coesão e unidade substancial *graças* à situação superestrutural da norma culta. É lógico, portanto, que as normas cultas brasileira e portuguesa sejam fundamentalmente idênticas, apesar da diversidade das falas que *representam*, e daí é compreensível que se produza algum tipo de distância entre cada um dos padrões e as suas respectivas falas representadas por eles.

O discurso da «unidade na diversidade» foi sustido inclusivamente pela geração de linguistas estruturalistas que dominou até época recente na universidade do Brasil. Contudo, a extensão do generativismo no Brasil criou uns determinados interesses de investigação que coadjuvaram para um clima de opinião um tanto diferente[5].

A este respeito, é fundamental a obra de Fernando Tarallo, que abriu na década de oitenta uma linha linguística que, de alguma maneira, constitui uma nova «auctoritas» na universidade do Brasil. O estudo de Tarallo, e outros feitos apartir dele, focam-se na descrição e explicação de

5. É uma matização importante, que devo fazer, que não estou a atribuir ao generativismo brasileiro nenhum carácter ideológico intrínseco ou latente em relação com a ideia de lusofonia, ou em relação à normativa linguística brasileira. Tampouco estou a atribuir aos generativistas nenhuma atitude pessoal ou colectiva em particular. A pretensa relação entre a extensão do generativismo (ou das influências generativistas) nas universidades brasileiras e a mudança no discurso ideólogico-normativo, relação que assumo como a hipótese mais arriscada deste trabalho (ou a menos certa, de qualquer maneira) é notada por mim a respeito da colocação de determinados temas discursivos na palestra académica e pública, e da retirada de outros.

1ESTUDOS92 19/12/07 14:19 Página 91

características basicamente orais (embora frequentemente trasladadas à escrita) do português do Brasil, características que o distinguem sistematicamente do português europeu, e afectando em níveis mais gramaticais do que simplesmente fonéticos ou léxicos. Isto faz com que se fale da descrição da *gramática* interna do *português brasileiro*. O uso desta terminologia não deixa de ter um certo efeito simbólico, ainda que não vai ser analisado extensamente aqui, pois o termo «gramática» é associado tradicionalmente a uma língua em particular; daí cabe suspeitar que o termo «português brasileiro» tenha sido usado nalguns casos num sentido exclusor, mais do que especificador, a respeito do «português europeu»[6].

A notação dos traços específicos da gramática brasileira, nestas obras referidas, centra-se num limitado, mas importante (porque estabelece uma diferença estrutural notável), leque de características da língua portuguesa falada no Brasil, tais como:

- A indistinção nas formas verbais entre a segunda e a terceira pessoa.
- A tendência do português brasileiro à conversão numa variedade linguística de sujeito explícito necessário, consequência do anterior.
- A transformação do sistema de possessivos, no qual as formas *seu*, *seus*, *sua* e *suas* se especializam como formas de segunda pessoa, enquanto as formas *dele*, *dela*, *deles* e *delas* ficam como exclusivas formas orais de terceira pessoa.
- O desaparecimento do uso das formas tradicionais de pronome átono para o complemento directo (*o*, *a*, *os*, *as*), e a criação de uma dupla solução para substituí-los: a omissão no caso de objectos inanimados ou animais («*Não sei onde está o mapa, mas eu vi ontem*») ou o uso dos pronomes tónicos de sujeito na função de complemento directo («*Não sei se o Antônio está ainda aqui, mas eu vi ele ontem*»).
- A perda de função gramatical nos pronomes relativos, o qual pode dar lugar a uma duplicação do sujeito explícito ou a outras estratégias para evitar o uso pronominalizado das conjunções relativas («*A mulher que eu vi ela ontem é aquela daí*»).

A delimitação destas características do português do Brasil, que se confrontam, ainda que em diferentes graus, com a normativa culta da língua nesse país, dá lugar à conclusão de que o Brasil apresenta uma

6. É difícilmente deduzível, apartir dos textos, este sentido na maioria da obra linguística no Brasil. Contudo, é este o sentido na obra de Marcos Bagno.

1ESTUDOS92 19/12/07 14:19 Página 92

diglossia maior do que Portugal, como consequência da dominância histórica do modelo lusitano como modelo de referência para o português brasileiro. Este facto, habitual em muitos contextos no mundo, facilmente compreensível de um ponto de vista sociolinguístico e geralmente aceitado como legítimo em muitos deles (veja-se, por exemplo, a ausência de incomodidade a respeito do padrão, basicamente inglês, nos Estados Unidos), transforma-se em determinados círculos universitários brasileiros num motivo de reclamação para um particular discurso ideológico, que mistura questões linguísticas e sociolinguísticas com políticas e identitárias. Isto é o que será visto a seguir.

O discurso sobre o «preconceito linguístico» e a identidade brasileira

Em que afecta todo este debate em relação com os assuntos político-linguísticos? Do meu ponto de vista, há duas ideias que derivam disto e concercem a identidade brasileira: a primeira, a questão que no Brasil se formularia assim: *estamos nos afastando ou não de Portugal?* A segunda: *se existe esse afastamento, é evitável?*

Segundo os paradigmas de cada um, dar-se-iam respostas diferentes. Para o estruturalismo e o generativismo, o motor da mudança linguística é apenas *interno*; a mudança aparece então como *natural* e *inevitável* (de alguma maneira existem relações entre este ponto de vista e o formalismo dialectológico que dominou a linguística durante o século XIX); uma aproximação mais propriamente sociolinguística, que reconhece o papel variacionista da norma, considera que a mudança linguística é contingente. Isto é fundamental politicamente, pois as políticas de preservação duma unidade linguística baseiam-se numa visão *contingente* da variação. É óbvio, por exemplo, qual é a visão da hispanofonia ao respeito[7].

Nos últimos anos tem-se estendido no Brasil um determinado discurso ideológico contra a dominância social do padrão linguístico. Uma característica importante deste discurso é que tenha sido feito por pessoas procedentes de departamentos de linguística, e não por académicos, sociólogos ou politólogos (ou pelo menos não tenha sido

7. Como também é óbvia, entendo, a diferença de proveito que os falantes de espanhol e os de português tiram de uma e outra filosofia, enquanto no Brasil e Portugal se parece reeditar, em vernizes posmodernos mas com cem anos de caducidade, a discussão entre Juan Valera e Faustino José Cuervo (Veja-se, por exemplo, um resumo da mesma em www.cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras/vlr/12694965524505940876435/p0000001.htm#I_0_).

1ESTUDOS92 19/12/07 14:19 Página 93

elaborada em contextos académicos e por escrito). Também destaco que seja um discurso que alcança êxito fundamentalmente em sectores interessados, de uma perspectiva basicamente amadora, em assuntos de língua, e identificados com atitudes da esquerda; ao mesmo tempo que recebe forte (e até virulenta) resposta por parte sobretudo da direita[8].

O erro, do meu ponto de vista, nesta questão, está a ser a identificação espúria de atitudes normativas com «bandeiras» políticas. Em particular, porque neste caso concreto, não por algo ser defendido pela direita é de direita, e, sobretudo, porque o que diz ser de esquerda e «progressista» não possui intrinsecamente essa condição apenas por proclamá-lo. Entrarei a seguir nesta questão.

No nivel sociolinguístico, existe um confronto entre as diferentes visões da língua e da norma. Para uns (que chamarei os da «posição clássica»), a norma representa a unidade abstracta de uma língua naturalmente diversa; a norma padrão é supra-segmentar porquanto representa todas as realizações da fala mas também não representa nenhuma. Para outra posição, que chamarei (desculpe-se-me o adjectivo) de «posmoderno-populista»; a norma padrão é apenas vista como superestrutura, isto é, nega-se-lhe o carácter de influenciador linguístico nas realizações concretas da língua. Ao negar-se, portanto, o carácter intrinsecamente sociolinguístico que a norma possui, esta posição posmoderno-populista tende a ver a perscriptividade gramatical unicamente em termos de suposta «repressão» da única variedade «autêntica», realizada na língua popular, a qual se supõe que não é influenciável pela norma.

Esta visão «superestrutural» conflui com outros elementos ideológicos no discurso «político-linguístico» de Mário Perini e Marcos Bagno. A seguir cito algumas das características de dito discurso:
• *Erro linguístico não existe*. Esta é uma das sentenças favoritas neste tipo de discurso. Com base nos postulados linguísticos estruturalistas sobre a coerência interna de qualquer variedade linguística e sobre a idêntica eficácia comunicativa de todas elas, considera-se que, de um ponto de vista assepticamente *científico*, o erro linguístico não existe.
• A consideração de «erro» é, portanto, uma construção social, cuja intenção é estigmatizar as classes sociais desfavorecidas.
• Dada a distância diglóssica entre a normativa e a língua oral e informal do Brasil, faz-se notar o carácter «exógeno» ou «arcaico» de realizações

8. Veja-se www.olavodecarvalho.org/apostilas/quem.htm.

1ESTUDOS92 19/12/07 14:19 Página 94

normativas que não se reflectem nos registos informais da língua, que as confrontaria com um outro carácter mais «genuíno» da «língua brasileira» (ou «portuguesa-brasileira»). Com isto, abre-se a possibilidade para a construção de um discurso nacionalista (ou pelo menos de um discurso com notáveis elementos nacionalistas), na qual se unem os vários elementos do funcionamento sociolinguístico, fusionados numa visão linear que se inicia na realizações informais da língua como suposta «expressão do génio popular» (Volkgeist) e que prossegue para a pretensão da modificação da normativa standard, na expectativa de que funcione como «reflexo» da «língua viva de base», e, daí, em último termo, do *Volkgeist* do qual procede.

A visão ideológica do «posmoderno-populismo», pois, parte de uma interpretação da mudança linguística e da criação de línguas herdada directamente do imaginário filológico romântico. Segundo este, um sistema linguístico dado fragmenta-se devido a uma *fatal* deriva histórica, da qual se criam várias línguas. Como a norma linguística não é mais (ou não deve ser mais) do que o reflexo unidireccional da base linguística de que parte, a fragmentação linguística deve dar como resultado a criação de novas subnormas que se adaptem às «necessidades» da *língua real*, variável independente.

A visão orgânico-romântica é evidente neste trecho de Marcos Bagno:

> Você sabe o que é um *igapó*? Na Amazônia, igapó é um trecho de mata inundada, uma grande poça de água estagnada às margens de um rio, sobretudo depois da cheia. Parece-me uma boa imagem para a gramática normativa. Enquanto a *língua* é um rio caudaloso, longo e largo, que nunca se detém em seu curso, a *gramática normativa* é apenas um igapó, uma grande poça de água parada, um charco, um brejo, um terreno alagadiço, à margem da língua. Enquanto a água do rio/língua, por estar em movimento, se renova incessantemente, a água do igapó/gramática normativa envelhece e só se renovará quando vier a próxima cheia. Meu objetivo atualmente, junto com muitos outros lingüistas e pesquisadores, é acelerar ao máximo essa próxima cheia…[9]

Existem suficientes exemplos da adesão de Marcos Bagno a esta interpretação ideológica organicista da língua. Escrevendo a respeito do processo de codificação das primeiras gramáticas prescritivas românicas durante o Renascimento (tais como as de Nebrija, João de Barros, etc.),

9. Bagno (2004a).

1ESTUDOS92 19/12/07 14:19 Página 95

pergunta-se e a seguir responde-se (as cursivas são dele): «O que representou esse processo de *seleção* de regras gramaticais e de criação de um *modelo de língua*? Representou um *corte*, uma *interrupção* artificial do fluxo natural da língua, um *desvio* de seu curso e uma *imobilização* de sua dinâmica.»[10]

Estes fragmentos, e muitos outros iguais, condensam a visão romântica da evolução histórica da língua presente em Marcos Bagno, mas não só. Também mostram algumas assunções/distorções ideológicas, que fundamentam no Brasil uma opção político-linguística de carácter isolacionista relativamente ao resto da lusofonia. Temos, pois, um historicismo orgânico, e dentro dele está sempre latente, ainda que não explicitado, o que eu chamaria de «mito rousseuaniano da bondade natural»: uma negação da naturalidade de determinadas formas de prescritivismo social (neste caso, o prescritivismo normativo, que é, muito contrariamente ao que imagina a mitografia rousseauniana, uma condição inerente a todo sistema semiótico), na qual um fictício estado de «natureza», linguística, se considera bom, enquanto o «estado de sociedade» (isto é, de prescritividade linguística) se considera intrinsecamente «perverso». A «língua viva» dos registos orais e informais, o «rio fluente», é colocada discursivamente no âmbito do *natural*, enquanto a norma culta, após redução a simples condição superestrutural, coloca-se simbolicamente no âmbito do «*artifício*». A simples enunciação de que uma coisa é «natural» enquanto que a outra é «artificial» funciona automaticamente como uma enunciação valorativa, porque o que está implícito detrás disso é a uma visão dicotómica entre o supostamente natural como «bom» e o supostamente artificial (isto é, cultural) como «mau».

É claro que este tipo de discurso nasce da ausência de reconhecimento de vários factos, ou pelo menos da sua desconsideração analítica:

- De um ponto de vista sociolinguístico, o discurso de Marcos Bagno não tem em conta que, contrariamente ao que ele parece supor, a relação entre a suposta «língua viva»[11] e a norma culta não é simplesmente superestrutural, mas biorideccional. Se não fosse assim, palavras como *sexo*, *romano* e outras, não teriam percorrido um caminho «desviado» (segundo a visão de Bagno) do «curso

10. Bagno (2004b).

11. Suposta porquanto qualquer realização linguística, em tanto que factual, é tão «viva» ou «morta» como outra qualquer. O mesmo serve para as realizações conservadoras, perifrásticas ou pedantes que talvez Bagno julgue «mortas», mas que, existindo, são bem vivas —com independência de que ele as ache subjectivamente «caducas».

1ESTUDOS92 19/12/07 14:19 Página 96

natural», recuando para pronúncias ou formas já não presentes num momento determinado na fala, e recuperando feições passadas por influxo da norma («sexo» foi pronunciado como [sesu] até que a pressão da norma estendeu uma pronúncia latinizante; o mesmo aconteceu com «romano», forma que substituiu «romão», variante mais acorde com a «dinâmica» a que alude Bagno).

- Do ponto de vista antropológico e cultural, existe outra notável ausência de reconhecimento do carácter *natural* das instituições culturais humanas, inclusive do padrão linguístico. Em primeiro lugar, a dicotomia entre o «natural» e o «artifício» é, simplesmente, falsa. Em segundo lugar, Bagno parece usar o conceito de «cultural» num sentido indevidamente restrito. Isto é visível na sua descrição da *genealogia* do «preconceito linguístico», que ele descreve tanto em *Preconceito lingüístico* como em *Português ou brasileiro?* Segundo ele, o carácter prescritivo e opressor da norma culta teria nascido na Grécia clássica, quando por primeira vez se codificam normas do «bom uso» linguístico com o nome de *gramáticas*. Desde então carregaríamos este peso de, como diria o título do livro de Perini, «sofrermos a gramática», termos de aprender esse conjunto de regras «arbitrárias» e «moribundas» que só servem para represar o fluxo da língua e para os «sacerdotes» normativos marcarem a sua distinção elitista sobre o resto dos mortais.

Um relato deste tipo, com a atribuição da «génese» do normativismo linguístico a um «momento fundacional» tal como a primeira codificação escrita de prescrições normativas tem bastante de formalismo reducionista. Parece-me, portanto, que o discurso de Marcos Bagno tem o problema de não reparar em que uma *instituição social*, no sentido antropológico que tem este termo, é instituição, e portanto carrega força social normativizadora, com independência de que seja explicitamente enunciada. O relato da génese do normativismo que faz Bagno postula, portanto, a possibilidade de um estado de «livre alvedrio» normativo, no qual a força silenciosa que toda sociedade ou grupo humano exerce sobre os seus membros para homogeneizar os seus usos (sejam linguísticos ou sociais em geral) segundo uns determinados parâmetros não exista.

Do meu ponto de vista, isto constitui um traço importante no discurso de Bagno e Perini que o conecta com imaginários nacionalistas. Uma característica dos discursos nacionalistas é a sua pretensão de apresentar as suas instituições sociais (isto é, normativizadoras) como resultado

1ESTUDOS92 19/12/07 14:19 Página 97

unidireccional das tendências que nascem na «base do povo» e «cristalizam», «livremente», na «superestrutura». Isto é, a pretensão de mascarar o facto de que o carácter da «base» está também influenciado pela «cima». Desta forma, entende-se que as propostas que faça tal discurso ganham legitimidade democrática.

O mesmo me parece que está no fundo do discurso «contra o preconceito linguístico» presente no Brasil. O esquecimento do carácter intrinsecamente normativizador de toda interacção sociolinguística humana faria possível a postulação de um «estado de coisas» mais «democrático» que aquele criado pela presente «imposição normativa». Para a postulação disto, é claro que também se devem esquecer não apenas as próprias condições intrínsecas da interacção linguística, mas também, no caso que nos ocupa, o facto da existência de variedade linguística *dentro* do Brasil. Aliás, quanto a ser uma coisa mais natural ou menos que outra, convém ter presente que a sinalização do discurso dos outros como «superestrutural» enquanto se evita reconhecer a superestruturalidade do próprio é um bom indicador de que o assunto basicamente consiste —e em contra do que se afirma— numa competição interna no segmento social das elites académicas pela consecução de legitimidade simbólica.

A conjunção da visão histórica da deriva linguística, com a redução do rol social da normativa origina um discurso de identificação política marcadamente populista e nacionalista.[12] Aliás, ao estar a variante padrão influída historicamente pela variedade lusitana, esta identificação política une-se àquela tomada da variante portuguesa (quer nos seus registos coloquial ou formal) como referente simbólico de oposição para a variedade/povo brasileiros.

No caso de Marcos Bagno aparece óbvia a junção de vários elementos retóricos, supostamente legitimadores desse discurso: a conexão entre língua e povo, e a correlativa pretensa automaticidade entre a *independência política* e a *independência linguística*, e como pode ser visto, a aludida (no início deste artigo) apelação para a «ciência» como elemento que legitima a negação da contingência social do carácter normativo e fundamenta a leitura orgânico-linguística da nação. Para exemplificar o dito, nada mais útil que a citação dos próprios artigos de Marcos Bagno:

12. *«De fato, brasileiro não sabe português, nem tem por que saber. O brasileiro sabe a sua língua, a língua do Brasil, que foi transmitida a cada um de nós dentro do útero de nossas mães brasileiras, que foi absorvida por cada um de nós junto com o leite materno, que foi apreendida por cada um de nós nos primeiríssimos anos de nossas vidas para nunca mais sair de nossa memória, de nossa mente, de nosso corpo, de nosso ser.»* (De "Que país? Que povo? Que língua?", em www.marcosbagno.com.br)

1ESTUDOS92 19/12/07 14:19 Página 98

> O Brasil é um país gigantesco, 92 vezes maior que Portugal e com uma população 15 vezes mais numerosa; não cabe na imaginação tudo o que pode acontecer num território tão amplo, no meio de tanta gente. Portugal, por sua vez, é uma nação muito antiga, com uma história milenar, que remonta a muitos séculos antes de Cristo; tão antiga que suas origens só se conservam na bruma dos relatos míticos. Como querer dar o mesmo nome à língua falada aqui e lá, sobretudo depois de transcorrido meio milênio do primeiro contato? Hoje, no entanto, no limiar do século XXI, a luta pelo reconhecimento da existência de uma língua caracteristicamente brasileira se apóia em outras bases, que são bases científicas consistentes, derivadas de pesquisas que recolhem e analisam a língua viva, a língua realmente usada pelos brasileiros; de descrições criteriosas dessa língua, com toda a sua rica heterogeneidade; de análises de suas múltiplas variedades regionais, sociais, etárias etc. Hoje existe uma ciência da linguagem, perfeitamente constituída como disciplina autônoma, com métodos próprios, com seus modelos de análise, com suas teorias, seus procedimentos de coleta de dados etc. Podemos citar como exemplos da investigação científica da gramática brasileira, entre muitos outros, os trabalhos de Tarallo (1991), Mattos e Silva (1997) e Galves (1998). Durante trezentos anos ou mais, nossas amas-de-leite foram negras, elas nos embalavam com cantigas extraídas de sua ancestralidade africana, nos contavam histórias recolhidas de um tesouro narrativo não-europeu, nos falavam de entes sobrenaturais que nada tinham a ver com a mitologia ocidental nem com as concepções religiosas do cristianismo. Ora, que língua elas falavam? Que língua nós absorvemos junto com o leite dessas babás negras? Que língua terá ficado gravada também naqueles que tiveram mãe índia? Afinal, língua materna é ou não a língua que aprendemos com a mãe, com o leite da mãe, com a mãe-de-leite? Será honesto negar toda essa nossa herança, fingir que não houve nenhum influxo dessa ancestralidade negra e índia sobre a nossa língua e querer continuar alimentando a ilusão de que falamos a mesma língua dos donatários das capitanias, dos vice-reis e dos demais representantes do poder colonial?[13]

No meu modo de ver as coisas, já é possível considerar o português do Brasil como uma língua românica de status igual ao do francês, do italiano, do espanhol etc. E de onde vamos puxar o braço do rio chamado português brasileiro? Evidentemente, esse braço nasce no ano de 1500, quando os portugueses chegaram por aqui. Como toda língua não pára de se transformar, no exato momento em que Cabral e seus marinheiros

13. De «Que país? Que povo? Que língua?», em www.marcosbagno.com.br.

1ESTUDOS92 19/12/07 14:19 Página 99

puseram o pé em nossas terras, a língua aqui começou seu processo de variação e mudança, que continuou ao longo de 400 anos até chegar no estágio em que se encontra hoje. […] Nenhuma língua, enquanto tiver gente falando ela, pode resistir às mudanças que ocorrem em suas estruturas com o tempo. Assim, passados 500 anos, tanto a língua de cá quanto a língua de lá se modificaram, cada uma delas numa direção, exibindo diferenças nessas mudanças, fazendo opções diferentes, escolhas diferentes. E a tendência, como indica o desenho, é à diferenciação sempre maior com o decorrer do tempo[14].

Algumas conclusões políticas a respeito da «questão da norma»

O «debate» sobre o «português brasileiro» mistura dois planos bem diferentes: o linguístico e político. Acho bastante significativo que Marcos Bagno faça um discurso que em definitiva é *político*, mas que reclame a sua «auctoritas» ao respeito na sua qualidade de *linguista*: se as suas (notavelmente caducas) fundamentações linguísticas acabam de ser discutidas aqui, seria bom falarmos das fundamentações mais propriamente políticas (e não iludirmo-nos em supostos tecnicismos linguísticos), pois afinal o assunto é, como se pode ver, mais político do que outra coisa.

O termo «político» seria uma pobre definição se fosse apenas entendido como «simbólico», que é o uso, contrariamente, que parece prevalecer. Intuo que boa parte da «auctoritas» que Bagno recebe do seu público deriva, provavelmente, da sua proclamação como indivíduo da «esquerda» e como pretenso combatente «contra a discriminação» e «contra o preconceito». Evidentemente, como não se conhece nenhuma pessoa (da esquerda ou da direita) que tenha afirmado actuar em nome da opressão e da discriminação, qualquer proclamação de boas intenções e auto-localização retórica no lado dos Justos é irrelevante.

Se falarmos em ciência e em como esta pode dar ou negar a razão a uma determinada atitude política, haveria que assinalar a contradição paradigmática existente no discurso que estamos a analisar. De uma parte, quando se fala de *linguística*, o tom de Bagno ou Perini é marcadamente objectivista, como corresponde com um paradigma estruturalista. Da outra parte, quando o discurso se torna mais explicitamente político, adopta-se um paradigma subjectivista, o que se corresponde, na minha opinião, com a tendência de uma parte da

14. Ibid.

1ESTUDOS92 19/12/07 14:19 Página 100

esquerda actual em concentrar-se nos assuntos simbólicos do que se tem chamado a «correcção política» mais do que nas «questões de fundo». Isto parece-me evidente no caso que estamos a tratar.

Obviamente, em relação com a norma linguística, a educação e a classe social, há vários factos que são inegáveis:

1) O Brasil não é diferente de nenhum país do mundo por ter uma relação diglóssica entre as suas variedades intra-linguísticas. Em todos as línguas e em todos os países fala-se diferente de como se escreve, e fala-se diferente na rádio e na casa; as cartas são escritas diferentemente às bandas desenhadas e aos jornais, e existem formas linguísticas informais que não existem nos usos formais e vice-versa.
2) Muito provavelmente, em nenhum país do considerado «primeiro mundo» ou com níveis educativos avançados, a diglossia interna (que pode até ser maior do que a brasileira; assim é em vários casos) representa um problema para a aprendizagem da grande generalidade da população, e na maior parte deles também não é usada como marca elitista de classe —pelo menos com a intensidade em que é usada no Brasil.

Qual é, então, a especificidade brasileira a respeito desses países? Basicamente, há duas diferenças: a diferença estrutural é que existe uma desigualdade económica muito maior do que em qualquer dos países do «primeiro mundo»; desigualdade que impede muitos brasileiros de acederem a recursos culturais suficientes; para eles, deveríamos dizer que mais do que *sofrer a gramática*, sofrem *a leitura e a escritura*, simplesmente.

E a segunda diferença, que afecta provavelmente estes brasileiros e todos os demais[15], é uma atitude pedagógica elitista em relação com o ensino da língua. Trata-se, segundo parece, da conhecida tendência de alguns professores a não procurarem mais que «erros» que assinalar, causando insegurança nos alunos, a não explicar a normalidade da variação interna da língua, reduzindo à «inexistência» nominal usos que ficam proscritos segundo cânones normativos que frequentemente se demonstram mais estreitos do que a norma mesma. Isto, evidentemente, é prejudicial, mas as *atitudes pedagógicas* não são o *objecto pedagógico* mesmo. No que diz respeito a isto, há que dizer que esta atitude anti-

15. Tenho que fazer aqui a anotação de que, não conhecendo suficientemente o Brasil como para fazer sentir-me autorizado a falar da sua pedagogia, o que vou dizer é bastante impressivo.

1ESTUDOS92 19/12/07 14:19 Página 101

pedagógica (aliás não exclusiva do Brasil) talvez tenha mais probabilidades de sobrevivência em contextos de desigualdade social como o brasileiro: onde há diferenças de acesso a recursos culturais e linguísticos, a marcação linguística pode ser uma estratégia de auto-promoção simbólica social; em contextos onde, contrariamente, todo o mundo domina os mesmos repertórios linguísticos, esta estratégia carece de sentido: ninguém vai conseguir ficar mais «chique» fazendo o que todos sabem fazer. Daí que, na minha opinião, a referida atitude anti-pedagógica provavelmente tenha bastante que ver com as desigualdades económicas do país, e a redução das diferenças de classe resultaria também numa atitude pedagógica mais aberta.

A partir destas considerações, observo que o discurso de Bagno e Perini se concentra no plano simbólico, esquecendo a estruturalidade do problema. Isto parece uma característica do relativismo ontológico de certa parte da esquerda na «posmodernidade», o que na minha opinião discute a capacidade de essa parte da esquerda constituir-se na ideologia *progressista* que pretende ser. Se no passado o marxismo caiu no determinismo de pensar que a «superestrutura» era puro e simples reflexo automático da «estrutura», sem nenhuma autonomia (determinismo que acabou por desacreditar a filosofia marxista como uma inutilidade explicativa e uma frequente paródia de si própria), o signo de hoje parece ser o contrário: converter a estrutura numa pseudo-realidade criada unidireccionalmente pela superestrutura, o que agora recebe o nome de «discurso». Segundo isto, a solução dos problemas no nível da estrutura estaria em *enunciá-los de maneira diferente*: se no século XX a esquerda costumava entender que as manifestações culturais dos problemas de classe se reduziriam progressivamente com a redistribuição económica, o que parece mais *à la gauche* no século XXI é afirmar que a simbolização cultural valorativa que se produz arredor das diferentes práticas culturais de classe não reside em nada substantivo mais do que em «fantasias» e «preconceitos». Um pouco de conhecimento da história das ideias serve para perceber que a pretensão de mudar a realidade por meio fundamentalmente de mudar as «práticas discursivas» (bandeira do «engajamento posmoderno») conecta esta maneira de conceber a «praxe» política com o idealismo filosófico, que obviamente não tem nada de político; quer dizer, é discurso declarativo carente de praxe.

Além disto, é claro que disfarçar o problema de fundo dentro de uma aparente questão de relativismo valorativo é uma atitude que se podem permitir alguns académicos que dominam muito bem a norma standard,

1ESTUDOS92 19/12/07 14:19 Página 102

e que fazem uso quotidiano dela. Acrescentando a esta contradição, é de notar, aliás, que o próprio Bagno não se pode iludir da inevitabilidade sociológica da padronização linguística. Veja-se assim, como depois de defender a necessidade que que não existam «igapós» que não «estagnem» o «fluxo natural» da língua, Bagno não propõe —como seria lógico em consequência— um estado de *acracia normativa*, mas considera que se faz necessário «descobrir a autêntica norma linguística» do Brasil, isto é, a fala e escrita pelas «classes cultas brasileiras». Isto, como é óbvio, opõe-se frontalmente à redução da norma a simples representação «simbólica» e «opressiva», redutora da liberdade do «fluxo natural» do «rio» da língua; e sendo uma das contradições políticas mais óbvias do discurso de Bagno é, porém, bem mais coerente com a realidade do que o *mito rousseauniano* com que se quer legitimar. Mas esta contradição redunda no que foi dito a respeito do carácter basicamente nacionalista deste discurso: ainda que a estagnação aquífera é um grande mal, parece que afinal é bom que se levantem presas que criem desviações «antinaturais»: o problema, pois, parece que não é a prescritividade *per se*, mas uma certa lusitanidade normativa que ofende a soberania pátria.

Entende-se facilmente por que o declarado «compromisso social» se tem transformado numa opção declarativa e retoricamente simbólica, e porém não se tem transformado numa opção de trabalho prático. Ante as desigualdades culturais derivadas de desigualdades económicas, é mais fácil declarar que as primeiras não existem do que esforçar-se todos os dias na superação da realidade material que sustenta essas desigualdades: o primeiro é imediato, o segundo incerto; o primeiro depende da própria pessoa, o segundo de muitos factores e ainda de circunstâncias que não podem ser controladas; para o primeiro basta uma declaração de vontade que nos coloque no lado dos Bons, para o segundo precisam-se de práticas políticas, que podem ser acertadas ou torpes, bem sucedidas ou frustradas. O primeiro é uma solução cómoda, porque coloca a nossa responsabilidade na enunciação de uma declaração (dizer-se de esquerdas e tolerante, o que fica muito bem); o segundo é uma tarefa mais difícil, porque coloca a nossa responsabilidade em fazermos um trabalho, aparentemente mais «modesto»; porém sempre mais efectivo — e daí transcendente. Será sempre mais útil a modificação das condições sociais de desigualdade que a mascaragem das mesmas por meio de críticas politicamente correctas ao *funcionamento simbólico da norma culta*. A esse respeito, gostaria de citar o próprio Marcos Bagno, que na introdução de *Preconceito lingüístico* manifesta que o seu propósito é «homenagear com

1ESTUDOS92 20/12/07 13:50 Página 103

um livro pessoas que jamais poderão lê-lo». O que nos coloca, evidentemente, ante a interrogação a respeito de se este discurso é destinado à libertação social ou ao auto-consumo daqueles que já estão *socialmente libertados*.

Bibliografia

BAGNO, Marcos. *Preconceito lingüístico*. São Paulo: Edições Loyola, 2004 (29ª edição).

BAGNO, Marcos. *Português ou brasileiro?* São Paulo: Parábola Editorial, 2004 (4ª edição).

CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

LUCCHESI, Dante. "Variação e norma: elementos para uma caracterização sociolingüística do português do Brasil". *Revista Internacional de Língua Portuguesa* 12 (1994): 17-28.

PERINI, Mário. *Sofrendo a gramática*. São Paulo: Editora Ática, 2003 (3ª edição).

ROBERTS, I. & Kato, M. (orgs). *Português brasileiro. Uma viagem diacrônica*. Campinas: UNICAMP, 1993.

1ESTUDOS92 20/12/07 13:50 Página 104

AGÁLIA, 91-92

1ESTUDOS92 19/12/07 14:19 Página 105

AGÁLIA nº 91-92 / 2º SEMESTRE (2007): 105 - 121 / ISSN 1130-3557

As Escolas de Emigrantes da Costa da Morte criadas pola ABC do Partido Judicial de Corcubiom

José Paz Rodríguez

(Universidade de Vigo e Vogal do Conselho da AGAL)

Resumo:

Na histór,ia do ensino e da emigraçom na Galiza para terras americanas merecem umha particular atençom os vários centros criados individualmente por certas pessoas ou polas chamadas sociedades de instruçom. No presente artigo aborda-se a incidência deste tema na Costa da Morte, destacando em relaçom ao primero modelo as figuras de Fernando Blanco de Lema e José Carreras Frábegas, que doaram os seus bens para levantar colégios nas suas respectivas vilas natais. E, quanto à segunda forma de cooperaçao educativa, interessa-nos sublinhar o labor da ABC (Associaçom Benéfica e Cultural de Concurbiom), que fundou até quatro escolas, cada umha delas dedicada a umha personagem galega ligada ao âmbito cultural dessa comarca. A seguir, analisamos pormenorizadamente as suas localizaçons e o estado actual dos prédios que ocuparam, assim como as orientaçons metodológicas e princípios pedagógico-didácticos que seguiram, os quais foram muito influenciados pela ILE (Instituiçom Livre do Ensino) e ainda hoje se revelam perfectamente aplicáveis.

Palavras-chave: História da educaçom, escolas, emigraçom galega, modelos pedagógicos, Costa da Morte (ou Comárca Néria).

Abstract :

In the history of teaching and emigration from Galicia to America, we must take in particular consideration some centers created by some individuals or by the so-called instruction societies. In this article we study the importance of this issue in the Costa da Morte, emphasizing the figures of Fernando Blanco de Lema and José Carreras Fábregas, who donated their goods so that the construction of schools at their native villages were possible. And, regarding the second type of educational cooperation, we intend to remark the work by ABC (Associaçom Benéfica e Cultural de Corcubiom), that founded four schools, each of them dedicated to one Galician personage that were linked to the culture of that local area. Following that, we examine in deep their locations and the current situation of that buildings, as well as the methodological orientations and pedagogical principles followed, which had been very influenced by the ILE (Institución Libre de Enseñanza) and still seem to be very applicable.

Key words: *History of education, schools, Galician emigration, pedagogical models, Costa da Morte.*

1ESTUDOS92 19/12/07 14:19 Página 106

Com motivo da celebraçom há vários anos do "Bicentenário" do famoso mecenas ceense Fernando Blanco de Lema, que cedeu a fortuna, forjada na emigraçom em Cuba, para construir na sua vila de nascimento dous centros de ensino, iniciamos a oportuna pesquisa para conhecer mais a fundo a realidade educativa da Costa da Morte, conhecida também como Comarca Néria. Nom sem surpresa descobrimos vários centros criados por pessoas individualmente ou por sociedades de instruçom galegas nos países de Latino-América. A Associaçom Benéfica e Cultural do Partido Judicial de Corcubiom, mais conhecida com as siglas ABC de Corcubiom, com sede aínda hoje na cidade argentina de Buenos Aires, foi a que despertou em nós maior interesse.

Memória da emigraçom

Como todos sabemos, Galiza é um país que desde há séculos mandou muitos dos seus filhos à emigraçom, nomeadamente a América. Argentina, Cuba, México, Venezuela e Uruguai, e nesta ordem, foram os países de maior acolhida de emigrantes galegos. Os séculos XVIII, XIX e XX, até à década dos sessenta, na que começou a emigraçom para Europa, conheceram o maior êxodo de um povo, só comparável ao do povo judeu.

Emigrantes galegos embarcando para América no porto de Vigo.

1ESTUDOS92 19/12/07 14:19 Página 107

A capital argentina é a cidade do mundo que conta com mais galegos.

Conhecemos como a literatura recolheu o tema da emigraçom por activa e por passiva : Rosália, Castelao, Curros, Vilar Ponte, Rafael Dieste, Luis Seoane, Lorenzo Varela, Blanco Amor, Neira Vilas, Celso Emílio Ferreiro...muitos dos quais viveram a emigraçom em carne própria e levaram aos seus poemas e escritos este tema. Concordamos com Castelao quando diz que na Nossa Terra é importante terminar com a necessidade que tinham os galegos de emigrar, mas sobre este tema queremos ser objectivos. A emigraçom a América primeiro, e a Europa despois, deixou e provocou muitas lacras. Contudo nom foi negativa ao cento por cento, pois teve alguns aspectos positivos, nomeadamente no campo educativo, que é o que neste momento mais nos interessa.

Monumento escolar a Fernando Blanco em Cee.

Muitos dos emigrantes galegos ao chegarem aos seus destinos em Buenos Aires ou na Havana, em Montevideu ou em México, tomaram consciência da importância que tem a educaçom na vida e porvir das pessoas e dum povo. Conheceram outras realidades e comprovaram em si mesmos o grande valor de saber ler, escrever e contar e de ter cultura. Fizeram-se conscientes das necessidades educativas e culturais que tinha a sua Terra, Galiza, muito débil no século XIX e grande parte do XX, no que se refere à rede escolar de centros de ensino.

Aqueles galegos mais conscientes e com maior apego à sua Terra, volcaram-se na criaçom de escolas nos seus povos e comarcas galegos de origem. Muitos galegos sem alfabetizar, fizeram grandes esforços por aprender a ler e escrever nos países de acolhida e algúns destes chegaram a conseguir grande influência cultural, dirigindo inclusive jornais e revistas na Argentina, México ou Cuba. Demonstrando o grande valor dos galegos polo seu trabalho contínuo, o seu esforço e as suas ânsias de superaçom.

Dous foram os modelos de apoio à criaçom de escolas e centros de ensino na Galiza por parte dos emigrantes galegos na América. Um indi-

1ESTUDOS92 19/12/07 14:19 Página 108

Cee: Estátua de F. Blanco e fachada do Instituto.

vidual, no que galegos que chegaram a acumular grandes fortunas, deixaram ao final das suas vidas, de forma testamentária, em parte ou na sua totalidade das mesmas, para construir centros de ensino nas suas localidades natais. Fazendo assim de mecenas ou filantropos em benefício dos seus vizinhos. O outro colectivo ou comunitário, possivelmente mais interessante, polo que tem de solidariedade e de exemplar, demonstrou o valor que tem auto-organizar-se, associar-se e ajudar-se mutuamente, arrimando todos o ombro. Os galegos criaram associaçoes, agrupações ou colectividades para defenderem juntos os interesses dos galegos e galegas. Muitas de aquelas agrupaçoes galegas criadas polos emigrantes a finais do século dezanove e primeiras décadas do vinte, aínda pervivem hoje, especialmente na Argentina e Uruguai.

O primeiro modelo, o individual, tem como exemplos, no que se refere à comarca que analisamos, a Fernando Blanco de Lema, que doou a sua fortuna lavrada em Cuba, para construir na sua vila natal de Cee um colégio de ensino secundário que, com o nome de "Colégio-Instituto de Santa Maria de Cee", começou a funcionar no ano 1.886. E manteve-se durante muitos anos com os fundos da doaçom para o pagamento dos docentes e a adquisiçom dos correspondentes recursos didácticos. Por certo muito valiosos, conservando-se aiínda hoje muitos deles e configu-

1ESTUDOS92 19/12/07 14:19 Página 109

rando um formoso museu pedagógico. Da mesma doaçom criou-se uma escola infantil ou pre-primária, para meninhas, em terrenos da casa natal de Fernando Blanco, no centro da vila, que começou a funcionar no ano 1.887. Ambos edifícios conservam-se hoje muito bem. O primeiro albergou durante anos o Instituto Laboral da vila e hoje é um centro de secundária, volcado para a formaçom profissional. O segundo acolhe o museu educativo antes citado.

Ao lado, na vila de Corcubiom, temos o exemplo de outro indiano galego e filantropo, José Carrera Fábregas que, na segunda década do século XX doou grande parte da sua fortuna, lavrada na Argentina, para levantar na sua vila uma "Escola Prática de Artes e Ofícios", que foi durante muitos anos colégio público da vila néria e hoje, depois de ser restaurado, é o local do Concelho corcubionês. Pola sua parte, outro emigrante galego, Manuel Mª Pose, doou cem mil pesos argentinos de aquel entom para levantar em Zás, a sua vila natal, um Colégio Mercantil.

No resto da Galiza temos que destacar, entre outros, a Nieto Otero, Tomás A. Alonso, Policarpo Sanz e Garcia Barbom. Este último doou parte da sua fortuna para criar centros de ensino em Verim e em Vigo.

A ABC de Corcubiom

O segundo modelo, o colectivo, cooperativo ou comunitário, é realmente interessante, por ser produto da uniom dos galegos e da sua soli-

Escola infantil para nenas criada por F. Blanco em Cee. Hoje museu pedagógico da vila.

1ESTUDOS92 19/12/07 14:19 Página 110

Interior do museu pedagógico antes citado.

dariedade. Especialmente em Cuba e na Argentina, a finais do século XIX, os galegos, para defenderem-se de explorações e injustiças, para autoformar-se, para lembrar-se da Terra, para juntar-se em datas sinaladas, para apoiar-se e criar hospitais e escolas...começaram a criar associações, agrupações e coleitividades ou sociedades galegas.

O investigador Vicente Penha Saavedra, da Universidade de Compostela, sinala que entre 1904 e 1936 chegaram a criar-se, nomeadamente na Argentina e Cuba, países com emigrantes mais dinâmicos, mais de quatrocentas "Sociedades Galegas de Instruçom", que incidiram de forma sobranceira no campo educativo em mais do setenta e cinco por cento dos concelhos galegos. Entre estas destacam as sociedades dos naturais de Lalim, Carvalhinho, Ourense, Ortigueira, Lugo, Riba d´Eu, Viveiro e, na comarca Néria, as dos naturais e filhos de Mugia, Cee, Lage, Sardinheiro e, especialmente, a do Partido Judicial de Corcubiom. Esta fora criada no mês de Agosto do ano 1922 em Buenos Aires, sob o nome de "Sociedade dos Ajuntamentos de Mugia e Cee", passando ao pouco tempo a denominar-se "Sociedade Agrária e Cultural Filhos do Partido de Corcubiom" em Janeiro de 1923. No ano 1925 passa a denominar-se definitivamente como "A.B.C. do Partido de Corcubiom"

1ESTUDOS92 19/12/07 14:19 Página 111

(A.B.C.=Associaçom Benéfica e Cultural). Mais tarde no ano 1938, a "Sociedade Cultural e Agrária do Distrito de Mugia", criada em Buenos Aires no 1923, fusiona-se com a "ABC de Corcubiom"de forma definitiva. Deve ser posto em destaque também que no ano 1927 se cria na Havana a "Sociedade de Instruçom, Recreio e Protecçom Mútua Filhos do Partido de Corcubiom".

Todas estas sociedades constituídas, a maioria na capital da Argentina e, em menor medida, na Havana, chegaram a criar em toda Galiza, segundo se recolhe na Enciclopédia Galega, nada mais e nada menos que um total aproximado de 336 escolas, conhecidas comumente por "Escolas de Americanos", produto do contributo económico, para a sua construçom, das poupanças emigrantes recolhidas nestas sociedades e, também em muitos casos, dos apoios, económicos ou nom, dos vizinhos onde se levantaram estas escolas, que enriqueceram de forma destacada a rede galega de escolas, terminando por ser a maioria delas escolas públicas.

Os dados aproximados que possuimos, indicam-nos que na província da Corunha se construiram 96 escolas deste tipo. Com contributo das sociedades de emigrantes em América, destacando em número as construídas nos partidos judiciais de Betanços com 27, Ortigueira com 20 e

Escola criada por José Carrera em Corcubiom, hoje alberga o Concelho da vila.

1ESTUDOS92 19/12/07 14:19 Página 112

Escola de americanos (emigrantes) em Sardinheiro (Fisterra).

Ponte-d´Eume com 11. Mais longe deste número estám as 6 de Padrom e Ferrol, as 5 de Muros, Santiago e Corcubiom, as 4 de Noia, as 3 de Carvalho e as 2 de Arçua e Corunha. A província de Lugo, sem embargo, léva-se a palma com a construcçom de 146 escolas deste tipo, sendo os partidos judiciais com maior número Viveiro (57 escolas), Riba d´Eu (24), Mondonhedo (23), Vilalva (20) e Sarria (8). Na província de Ourense foram construídas um total de 34, destacando o partido judicial ourensano com 16 escolas e com 4 cada um o de Carvalhinho e Ribadávia. Por último, na província de Ponte Vedra, construiram-se 60, destacando os partidos judiciais de Lalim com 13 escolas, Tui com 11, Vigo com 9, Cambados com 8 e A Estrada com 5.

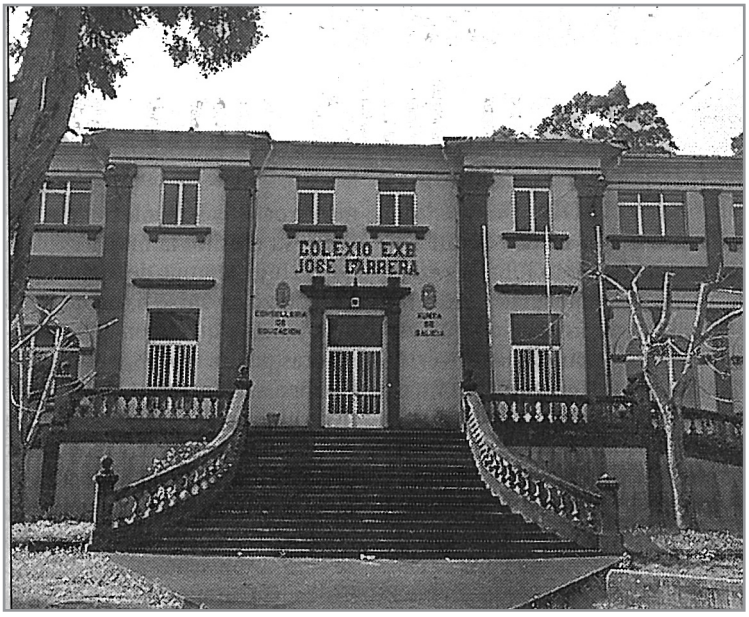
Mas, depois do esclarecimento dos dados aproximados anteriores, convém voltar à "Sociedade" que mais nos interessa para o trabalho presente : a denominada "Associaçom Benéfica e Cultural do Partido de Corcubiom" de Buenos Aires. Que ainda pervive hoje e continua a funcionar em aquela capital. Deve pôr-se em destaque ademais que esta entidade galega criou uma interessantíssima revista intitulada *Alborada*, publicando o seu primeiro número o dia 26 de Agosto de 1922, vam alá mais 85 anos e estando toda ela fundamentalmente dedicada a temas da

1ESTUDOS92 19/12/07 14:19 Página 113

comarca Néria ou Costa da Morte. A publicaçom, da que temos cópia servia, entre outras cousas de órgao da entidade. Só ela mereceria pola sua importância e o interesse dos seus conteúdos e colaboradores um artigo monográfico.

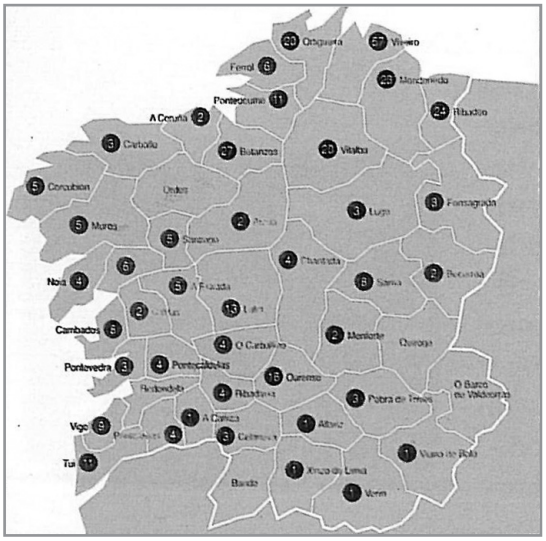
Esta importante sociedade galega de emigrantes da comarca foi a protagonista principal da construçom em "Terras Nérias" de quatro importantes escolas, cujos edifícios, em melhor ou pior estado, ainda se conservam nos nossos dias. O projecto inicial da "ABC" consistia na construçom de nove escolas deste tipo, uma por cada um dos oito concelhos do partido judicial de Corcubiom. A novena tinha que ser erigida na cidade de Buenos Aires, lugar da sede da sociedade, para servir também de modelo pedagógico. Ao final chegaram a edificar só quatro, cada uma delas dedicada a uma personalidade galega do mundo do ensino ou da cultura da comarca Néria.

Durante a nossa estadia de férias naquelas belas terras, aproveitamos para pesquisar e visitar as quatro escolas. Tiramos fotografias e pudemos comprovar várias cousas importantes. Em primeiro lugar, que o modelo arquitectónico nas quatro é semelhante, reservando espaços para aulas e



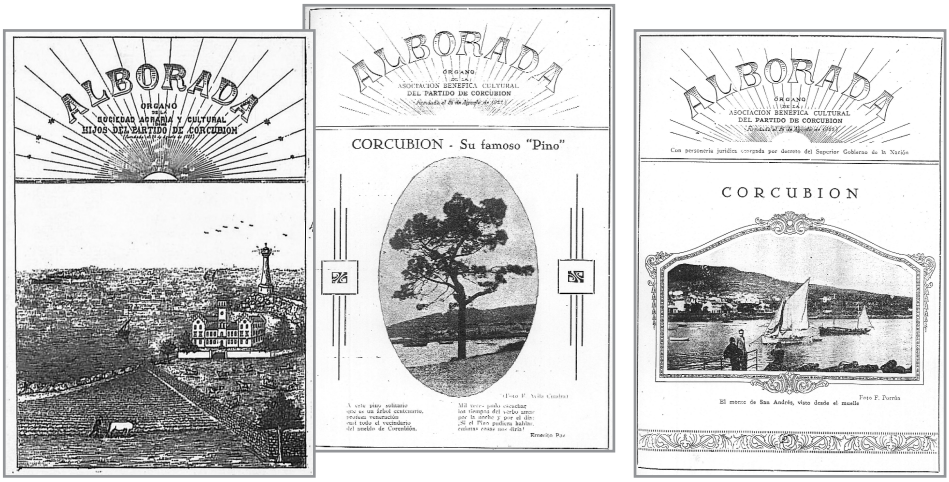
Fachada da escola J. Carrera de Corcubiom, quando ainda era colégio público da vila, antes de restaurar-se.

1ESTUDOS92 19/12/07 14:20 Página 114



Mapa de Galiza, com o nº de escolas criadas nas diferentes comarcas galegas, polas sociedades de emigrantes.

vivenda dos mestres. Em segundo lugar, que as quatro estám situadas em lugares adequados para disfrutar das formosas vistas e paisagens desta terra e para disfrutar no espaço exterior as crianças com os seus jogos e brincadeiras. Todas tinham por cima da porta principal uma placa de mármore com o mesmo texto, variando tam só o nome da personalidade à que se lhe dedicava a escola. A de Passarela, no Concelho de Vimianço, é a que melhor conseva esta placa, na que se pode ler em castelhano: "Escola Enrique Labarta Pose nº 2 (da ABC do Partido de Corcubiom de Buenos Aires)". Em muito pior estado conserva-se a placa da de Estorde, no Concelho de Cee, e desapareceu nas de Suarriba (Concelho de Fisterra) e Neminha (Concelho de Mugia). Nota-se claramente na sua parede que



Capas de exemplares da revista *Alborada* (da ABC de Corcubiom).

1ESTUDOS92 19/12/07 14:20 Página 115

esta placa existia. Seria importante recuperar estas placas, colocando-as de novo ou, se for necessário, reconstrui-las.

As quatro escolas de Americanos

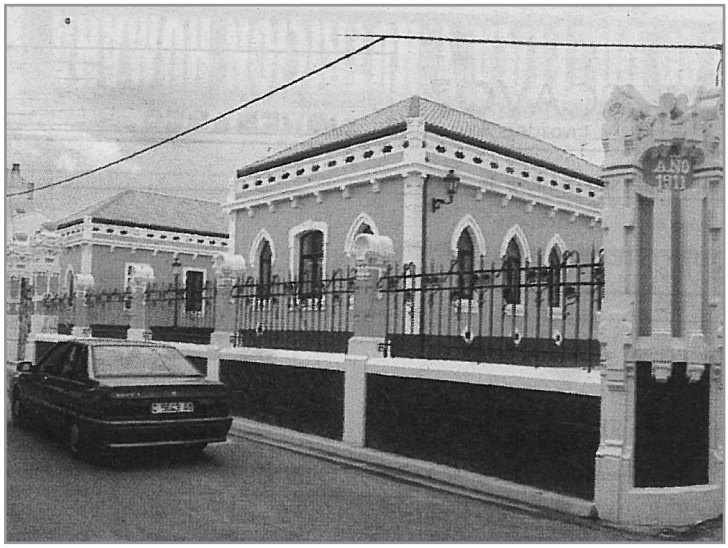
Imos analisar de forma pormenorizada uma por uma estas escolas :

a) Escola da localidade de **Suarriba**, no Concelho de *Fisterra* :

Desde ela enxerga-se a formosa paisagem da terra e do mar do largo areial do Rosto. Está bastante bem conservada e o custo para o seu restauro nom seria muito elevado. Tem bem o telhado, com telha plana, e bastante bem as originais portas e janelas de madeira. Ao seu lado há um lavadoiro e uma fonte com boa água de manancial. Esta escola estava dedicada a um grande mestre chamado Joám Diaz Fernández. Do que se fala na revista *Alborada,* na que colaborava. Nas antigas escolas do "Campo do Rolo", dentro da mesma vila de Corcubiom, existe uma placa que, em castelhano, diz :

A escola de Suarriba (Fisterra), criada pola ABC de Corcubiom.

1ESTUDOS92 19/12/07 14:20 Página 116



A escola de Ares (da sociedade Aresana de Instruçom), a primeira das criadas na Galiza polos emigrantes galegos (1904).

"Presente o recordo e exemplo de D. Joám Diaz Fernández, Mestre insigne de gerações de corcubioneses. Povo, mestres e alunos venerem seu nome.1962". Temos aqui um interessante trabalho de pesquisa pedagógico-educativa, para estudar a figura deste grande mestre, ao que a "ABC do Partido de Corcubiom" lhe dedicou a escola de Suarriba, no Concelho de Fisterra.

b) Escola de **Estorde**, no Concelho de Cee :

Situada no mais alto do povo entre pinheirais, desde ela olha-se a formosa enseada de Estorde, com o seu vale, o seu mar e as suas praias. É a que está pior conservada de todas e já em estado ruinoso. Só tem as paredes, caiu-lhe o telhado e os fentos e as silvas apoderam-se dela. Dedicada a Marcial González, do que nom temos dados a mão, ainda conserva a placa, embora se leia com dificuldade por estar muito gasta e erosionada. Temos que solicitar ao Concelho de Cee que, assim como na vila tem muito bem conservados os edifícios escolares antigos, restaure e recupere esta escola, dedicandoa a um centro cultural para aquela aldeia. Em conversa pessoal com uma ex-aluna desta escola, pudemos inteirar-nos de que esta escola fora edificada alá polo ano 1932, em plena República. Que ela de cativa assistira às aulas da mesma, lembran-

1ESTUDOS92 19/12/07 14:20 Página 117

do com carinho os seus mestres. Indicou-nos assim mesmo que fora edificada com apoio económico dos emigrantes e na construçom colaboraram os vizinhos da aldeia de Estorde.

c) Escola de **Neminha**, no termo municipal de Mugia :

Situada na formosa aldeia, na qual no século XIX recebia aulas de latim e grego, leccionadas polo páraco, o escritor e poeta e autor do hino galego, Eduardo Pondal. Este vinha a pé desde Ponte Cesso a esta localidade, à qual lhe dedicou alguns dos seus versos. Desde o seu solar olha-se a formosa ria de Lires e Neminha, com as praias do mesmo nome, que de forma lamentável estám muito descuidadas, cheias de lixo e profundamente contaminadas por desídia dos vizinhos, por uma parte, ao atirar o lixo no rio e na praia de forma indiscriminada, e por parte das instituições municipais, que têm totalmente abandonada esta ria tam linda. Onde as postas de sol som realmente formosas e fantásticas. A escola está bastante bem conservada, com telhado de uralita, com um pinheiral ao lado, notando-se que se fizeram algumas pequenas obras de arranjo no edifício. Nom conserva as portas e janelas originais, nem tampouco a placa de mármore, que nom se sabe onde foi parar. Na mesma figura que esta escola estava dedicada a Manuel Areas Blanco, do que tampouco temos qualquer dado sobre a sua personalidade. Restaurar e recuperar esta escola nom teria um custo muito elevado, podendo ser utilizada posteriormente como centro cultural da aldeia para os vizinhos de Neminha e aldeias próximas.

d) Escola de **Passarela**, no termo municipal de Vimianço :

Situada numa formosa paragem de vales e montanhas, desde ela olha-se o riquíssimo e longo vale de Vimianço e terras de Soneira. A Escola-Obradoiro do Concelho vimiancês, com fundos económicos do INEM, do Ministério de Trabalho e Segurança Social e do Fundo Social Europeu, reabilitou e restaurou no seu dia este edifício singular. É muito discutível a forma de como foi restaurada esta escola, ao aumentar-se-lhe um andar mais, embora se conservou perfeitamente a planta baixa tal como era originalmente. Conserva perfeitamente a placa original de mármore, cujo texto real foi anteriormente. Esta escola estava dedicada ao escritor natural de Zás, Enrique Labarta Pose, que foi poeta e, especialmente, um destacado contista, autor de contos populares com essa retranca tipica-

1ESTUDOS92 19/12/07 14:20 Página 118

A escola de Passarela (Vimianço), restaurada, uma das 4 criadas pola ABC de Corcubiom na comarca.

mente galega. Galeguista de pro, figura de forma destacada na História da Literatura Galega da autoria de Ricardo Carvalho Calero, publicada no seu dia pola editorial Galáxia de Vigo. Na Enciclopêdia Galega também se citam e comentam grande parte das suas obras.

O modelo pedagógico-didáctico

Junto com as outras escolas de americanos criadas na maior parte das comarcas galegas, estas escolas som parte da nossa memória histórica e pedagógica colectiva. Recuperá-las tem que ser um dever e ademais uma honra. Sem esquecer que, construídas nos anos trinta, nelas floresceu a pedagogia progressista de aqueles anos, representados pola Instituiçom Livre do Ensino (ILE) de Giner, Cossio e Vicente Biqueira. E polos mestres da República, da que foi ministro de educaçom um destacado mestre, Marcelino Domingo, e director geral de ensino primário Roberto Llopis. Com bom critério naqueles momentos, nos que tantas escolas foram criadas, o lema era *"o primeiro é a primária"*. Tempos nos que destacava o pedagogo Lorenzo Luzuriaga e serviam de modelo educativo os princípios do movimento pedagógico da Escola Nova. Muitos deles leva-

1ESTUDOS92 19/12/07 14:20 Página 119

dos à prática nestas escolas de americanos que, a diferença das outras públicas, davam-lhe valor a outras áreas curriculares, às actividades complementárias e ao regeneracionismo social e cultural, que desgraçadamente deu passo ao período da "longa noite de pedra" que durou perto de quarenta anos. Entre os pedagogos mais vinculados ao movimento das denominadas "escolas de americanos", criadas pola emigraçom galega, e das que estamos a falar, destacam de forma especial Ignácio Ares de Parga, nascido no ano 1865 em Ourense, e autêntico institucionista, e o director das escolas de americanos do Vale Minhor, Eládio Ferreiro. Ares de Parga chegou a ser na Argentina uma grande figura muito reconhecida. Ambos pedagogos já tinham desenhado no ano 1914 o modelo didáctico das escolas de emigrantes, e mesmo em quanto podia viajar, Ares de Parga vinha à Galiza para supervisar as escolas e comprovar in situ se o modelo se cumpria na prática. Os princípios pedagógico-didácticos propostos por estes pedagogos, muito influenciados pola pedagogia da ILE, como antes sinalamos, poderiam resumir-se nos seguintes :

- Eliminar as liçoes memorísticas, os trabalhos impostos e os aparatosos exames finais.
- Suprimir todo tipo de procedimentos abstractos e verbalistas.

Levar para a frente um ensino racional, prático, harmónico e progressivo.

- Habituar os educandos a pensar, discorrer, reflectir, pesquisar e trabalhar por si mesmos.
- Ensinar a estudar os alunos, nom abusando do memorismo, utilizando o que o entorno oferece.
- Eliminar, especialmente nos primeiros graus, os livros de texto e dar importância ao ensino oral e objectivo e o estudo de feitos particulares e concretos.
- O mestre deve observar cuidadosamente as aptitudes e disposiçoões de cada criança.
- As explicações têm que ser claras e precissas, empregando toda classe de procedimentos intuitivos e utilizando variados recursos didácticos.
- Para os diferentes temas nas aulas os recursos ou materiais didácticos mais atractivos ou positivos som: o corpo humano, os animais, as plantas, os minerais, os montes, as pradeiras, os mares, os rios,

1ESTUDOS92 19/12/07 14:20 Página 120

os afluentes, o céu, as nuvens, a chuva, o sol, a lua, as estrelas, o povo, as aldeias, a província, a sociedade, os ofícios, os inventos, as fábricas, as medidas, as moedas, os selos, a natureza toda e as suas maravilhosas alterações. Utilizando todo isto o ensino resultará ameno, interessante, variado, agradável e vivo.

- Há que fazer que as crianças comprovem, sempre que seja possível, os conhecimentos adquiridos manipulando aparelhos, medindo longitudes, encontrando áreas ou superfícies, traçando mapas, construíndo figuras geométricas, fazendo preparações microscópicas e experimentos físicos e químicos, traçando e desenhando roteiros, preparando cortes de vegetais, trabalhos caligráficos, redigindo cartas familiares e comerciais, elaborando trabalhos literários contendo as suas impressões sobre assuntos previamente apresentados, redigindo resumos de explicações e excursões, formando vocabulários, temas morais, levantando planos, manejando a bússula, formando hervanários, colecções de insectos e minerais, dissecando aves e mamíferos, tomando cróquis e outros exercícios práticos sobre o entorno natural e social que arrodeia a escola.
- Procurar que as crianças, por meio de exemplos práticos, assimilem os preceitos de civismo, moral e higiene. O que hoje entendemos como conteúdos das denominadas áreas transversais e da educação para a cidadania.
- Transmitir às crianças nas explicações da aula conhecimentos, sem imposições, guiando-as cuidadosamente para que ponham da sua parte quanto for possível na sua adquisição, por meio de conversações familiares, tratando de que nelas se expressem clara e conscientemente.
- O ensino deve ser prático, agradável, atractivo e vivo, para despertar pouco a pouco nas crianças as suas forças intelectuais, modelando o seu carácter, reformando os seus maus hábitos e costumes. Especialmente nos casos em que no lar o ambiente familiar não procura criar hábitos saudáveis.
- Pola dozura, mais que pola repressom, temos que aperfeiçoar a alma dos nossos educandos, para que se entusiasmem com a vida escolar, dedicando-se ao estudo e o cumprimento dos seus deveres, adquirindo de forma gradual a sua cultura, sem moléstias nem violências.
- Há que educar o espírito das crianças na arte de pensar, reflectir e investigar, por meios escolhidos e variados, por métodos didácti-

1ESTUDOS92 19/12/07 14:20 Página 121

cos indutivos, analíticos e, em menor medida, dedutivos mais próprios dos últimos graus do ensino.

- Entre as actividades circum-escolares propostas, encontram-se a realização de excursões e passeios escolares, previamente preparados, a organização de festas populares, com especial atenção à festa da árvore, para criar nos alunos amor pola ecologia e a natureza. Também o cuidado de pequenos jardíns e terreos ao lado da escola e o cuidado de animais. E, como tinha que ser, a realização abundante de trabalhos manuais variados e artísticos e a prática de vários desportos colectivos e individuais.

Este projecto educativo-didáctico, incorporando-lhe os recursos didácticos actuais, poderia servir perfeitamente para as nossas escolas de hoje.

Bibliografia sumária

JUANA, J. de (Ed.) (1990) : *Galicia y América, el papel de la emigración*. Ourense :Deputaçom Provincial (Actas Vª Jornadas de História).

MALHEIRO, J.M. (2004) : *Mobilización societária, correntes de pensamento e escolas de emigrantes en Galiza durante o primeiro tércio do século XX : o protagonismo de Ignácio Ares de Parga e Antón Alonso Rios.* S. de Compostela : Serviço de Publicações da USC.

NEIRA VILAS, J. (1994) : *Memoria da emigración*. Sada: O Castro

PENHA SAAVEDRA, V. (1991) : *Éxodo, organización comunitária e intervención escolar. La impronta educativa de la emigración transoceánica en Galicia (Vol. 1 e 2*). S. de Compostela, Junta da Galiza (Sercretaria Geral para as Relações com as Comunidades Galegas)

PEREIRA DOMÍNGUEZ, Mª C. (1988) : *La labor educativa iberoamericana y la creación de las escuelas Pro-Valle Miñor a principios del siglo XX*. Madrid, Universidad Complutense (Tese de doutoramento, inédita)

SIXIREI PAREDES, C. (1988): *A emigración*. Vigo , Galaxia.

VILANOVA, Alberto (1966) : *Los gallegos en la Argentina (2 vol.)*. B. Aires , Ed. Galiza.

Revista *Alborada* (da ABC de Corcubión).

1ESTUDOS92 20/12/07 13:50 Página 122

AGÁLIA, 91-92

1ESTUDOS92 19/12/07 14:20 Página 123

AGÁLIA nº 91-92 / 2º SEMESTRE (2007): 123 - 138 / ISSN 1130-3557

Gandhi e sua relevância (*)

Shyama Prasad Ganguly

(Universidad Jawaharlal Nehru - Nueva Delhi)

Resumo:

O catedrático da Universidade de Jawaharla Nehru, de Nova Delli, centra todo o seu estudo na nom violência de Gandhi lutando pola independência da Índia com o diálogo, nunca com as armas ou qualquer tipo de violência. Para ele, Gandhi é como uma espécie de D. Quixote mas que nom fica nos meros sonhos. O D. Quixote que o professor defende é o do "homem que antepõe os seus ideais à sua conveniência e obra desinteressadamente em defesa de causas que considera justas, sem consegui-lo." No seu entorno contam com uma personagem de carne e osso que forma parte da realidade na sua vida e obra, essa personagem é Gandhi. A relevâncias deste prócer é mundialmente conhecida. Examina dous autores que se preocuparam do processo de independência da Índia: Adelardo Fernández Árias que escreveu na decáda dos trinta dous livros: *El país que Gandhi despertó* e *La Índia em llamas* e o de Manuel Legueniche *La destrucción de Gandhi*,1983, que fala do afastamento da doutrina de Gandhi. Aceita o posicionamento de Árias e rejeita o de Legueniche. Para ele, Gandhi foi o que deu o carácter distintivo à luta da independência através dos princípios de movilizaçom massiva, diálogo leal e busca pessoal da verdade, antepondo esta à noçom de Deus. Esse comportamento de Gandhi é válido na actualidade se se querem evitar as contínuas guerras que estám a surgir por toda a parte.

Palavras-chave: Gandhi, Quixote, nom-violência, amor, armas, independência, intocabilidade, luta, relevância, verdade.

Abstract :

Le professeur titulaire de chaire à l'université de Jawaharla Nehru, de New Delli, centre tout son étude sur la non-violence de Gandhi luttant pour l'indépendence de l'Inde à travers le dialogue, jamais au moyen d'armes ou d'une violence quelconque. Pour lui, Gandhi est une espèce de D. Quijote mais qui ne se réduit pas à de simples rêves. Le D. Quijote que le professeur défend est "cet homme qui fait prévaloir ses idéaux à ses intérêts et à son oeuvre désintéressément en défense des causes qu'il considère justes, sans l'obtenir." Dans son entourage on compte sur un être de chair et sang qui appartient à la réalité dans sa vie e dans son oeuvre, cet être est Gandhi. L'importance de ce grand maître est mondialement connue. Il examine deux auteurs qui se préoccupent du procès de l'indépendance de l'Inde: Adelardo Fernández Árias qui a écrit dans la décade de 1930 deux livres: El país que Gandhi despertó *(*Le pays que Gandhi a éveillé*) et* La India en llamas *(*L' Inde en flammes*) et encore celui de Manuel Legueniche* La destrucción de Gandhi *(*La destruction de Gandhi*), 1983, qui parle de l'éloignement de la doctrine de Gandhi. Il accepte le point de vue de Árias et rejette celui de Legueniche. Pour lui Gandhi a été celui qui a donné le caractère distinctif à la lutte pour l'indépendance au moyen des principes de mobilisation massive, du dialogue loyal et de la recherche personnelle de la vérité, en la faisant prévaloir à la notion de Dieu. Ce comportement de Gandhi est valable actuellement si l'on veut éviter les guerres continuelles qui éclatent partout au jour le jour.*

Mots-clefs: *Gandhi, Quijote, non-violence, amour, armes, indépendence, intouchabilité, lutte, importance, vérité.*

(*) A traduçom deste trabalho, a partir da versom apresentada em espanhol, é da responsabilidade de Isaac Alonso Estraviz. Apesar de algumha falta de rigor no uso das fontes, derivada do depoimento oral, o Conselho de Redacçom desta revista consentiu em publicá-lo, dado o seu interesse divulgativo.

1ESTUDOS92 19/12/07 14:20 Página 124

Falando das figuras trascendentais gravadas na memória dos povos, este público estimaria mais apropriado pensar na figura literária de Dom Quixote. Nos estudos sobre o tema reflexionei um pouco sobre os valores eternos da obra imortal desse nome, valores que a validam para tantas épocas e áreas de interesse. E necessariamente a atençom girou desde as obras fictícias dessa índole às figuras reais do nosso planeta, também quixotescas, quanto à natureza e dimensom dos planejamentos propostos e vividos por elas mesmas. (Ao referir-me ao termo 'quixote' ou 'quixotesco' remito à acepçom espanhola da palavra e nom à inglesa pois há uma variaçom cultural entre as duas. Segundo um dos melhores dicionários espanhois, o termo significa «homem que antepõe os seus ideais à sua conveniência e obra desinteressadamente em defesa de causas que considera justas, sem consegui-lo» enquanto o dicionário inglês explica-o como «um visionário entusiasta inspirado por ideais altos e cavaleirescos, falsos e inatingíveis»). E ocorre-se-me que no nosso entorno, ainda que nom aparece na ficçom um cavaleiro andante, na vida realça-se uma personalidade quixotesca (no sentido espanhol da palavra), cujos ideais, experimentados em carne e osso na sua própria vida e obra, seguem e seguramente seguirám tendo validez no desenvolvimento do relato das nossas sociedades. Essa figura foi Mohandas Karamchand Gandhi.

Ainda que nom sou um experto em temas gandhianos, sendo um universitário indiano involucrado em entender os problemas maiores que nos aqueixam, tampouco posso escapar de ocupar-me da questom da relevância desse prócere nosso cuja figura se resuscita como Fénix às vezes muito frequentemente do nosso viver diário. Afortunadamente nom sou político nem ideólogo de alta estirpe, posições que na Índia actual obrigam a gente a fazer servir as figuras históricas, especialmente a de Gandhi, como mascotes lutadoras dos partidos na vida política contemporânea do país. Sinto-me unido a aqueles que pensam que para entender bem a história faz falta às vezes libertar-se do peso da história, para que os planeamentos como a identidade e a moralidade, etc., possam também ser tratados e compreendidos independentemente.

Para nom alongar demasiado esta palestra, entrando nos detalhes biográficos de Gandhi, que além disso já se disseminaram de forma massiva polo filme de Richard Attenborogh, ofereci aparte uns breves extractos das efemérides da figura, antes de que se volcara ele no processo independista da Índia. Dou por sabido –por parte de todos os que se interessam na Índia e no seu processo de descolonizaçom– um conhecimento básico dessa biografia. Devo mencionar que o sector jovem da populaçom da Índia actual, que quase ia considerando a Gandhi como uma relíquia do passado, esti-

1ESTUDOS92 19/12/07 14:20 Página 125

mou digno de reconsiderar o mistério do poder do gandhismo na vida e conduta diária depois de ver um filme de criaçom recente que teve um êxito massivo e que se intitula «Lage raho munnabhai»! (Ver nota ao final)

Para qualquer hispanista um interessante ponto de partida em relaçom ao tema da relevância de Gandhi podem considerar-se dous livros espanhois de teor jornalístico, escritos em dous períodos diferentes que marcam mudanças fundamentais na história sócio-política da Índia. O primeiro refere-se a *El país que Gandhi despertó* escrito em 1930 por Adelardo Fernández Arias, correspondente europeu do jornal argentino *Crítica*, que foi enviado à Índia para oferecer uma visom hispânica dos acontecimentos políticos gestando-se nesse país sob o colonialismo britânico, especialmente em torno ao movimento de independência. Arias conseguiu captar as acções e personagens principais do mesmo e textualizou-os em forma de reportagens neste livro e noutro que intitulou *La India en llamas*.

Saltando décadas, remetemo-nos a outro livro escrito em 1983 polo jornalista e escritor espanhol dos nossos dias Manuel Leguineche quem, depois de uma estadia longa, apresentou um relato detalhado da Índia contemporânea intititulando o livro como *La destrucción de Gandhi*. Uma perspectiva integrada dos dous autores citados remete-nos para um país que experimenta um giro radical dentro de 50 anos. No primeiro livro referido, notamos uma situaçom de grande fervor revolucionário e moral. Arias levanta uma crítica ao imperialismo britânico e alardeia a luta dos indianos involucrados maciçamente com métodos políticos e morais que vam muito mais além dos caminhos de luta conhecidos no ocidente. No entanto Leguineche oferece uma severa crítica aos elementos operacionais do sistema sócio-político seguido na Índia, mostrando como o país se desviou dos valores e preceitos morais defendidos polo maior protagonista da luta de libertaçom, o Mahatma Gandhi. A natureza crítica do discurso textual combinado dos dous autores oferece-nos uma visom integrada composta por duas tendências paralelas radicalmente contraditórias. Por um lado, consegue-se uma leitura estimulante do comportamento sócio-político dos indianos durante a experiência colonial (condiçom dominada) e polo outro a impressom desmoronadora dos eventos e actuações que se geram no âmbito descolonizado (condiçom liberada). As percepções autoriais destinadas ao público hispânico vam de um alarde generoso dos processos e comportamentos individuais e colectivos na Índia (assim é o caso oferecido por Arias), à descriçom da desapariçom dos valores simbolizados em Gandhi na Índia pós-independente (assim é o caso oferecido por Leguineche).

1ESTUDOS92 19/12/07 14:20 Página 126

Ambos, de maneira encomiável, analisam e comunicam uma ampla gama de informaçom histórico-cultural e a leitura conjunta propõe uma perspectiva desconcertante do processo da construçom-destruiçom do etos gandhiano no transcurso de cinquenta anos. É difícil estar em desacordo com as percepções que apresentam, já que os elementos analisados das hipóteses directrizes estám muito bem estruturados. Nom há dúvida de que uma análise profunda da intencionalidade de ambos os autores pode revelar elementos motivadores que nom sempre se guiam polo critério da objectividade relativa à captaçom da realidade do país. Mas essa nom é a direcçom que nos orienta na apresentaçom de hoje. É evidente que a cruzada jornalística de Arias responde a um desejo ideológico de criar alguma trama sutil de política real além da intençom de defender os valores da luta nom violenta de um país do oriente. Do mesmo modo Leguineche parece estar tam imbuído polas modalidades e juizos críticos dos meios de comunicaçom actuais que nom pode chegar a profundizar na questom dos ideais e valores (neste caso os mitos gandhianos) e olhar como aqueles podem ficar registados em comportamentos além das actuações políticas dos partidos e personalidades. Se tivéramos que tomar o juizo de Leguineche como a última palavra sobre a relevância de Gandhi, nom haveria espaço para ver como os mitos gandhianos som ainda válidos em forma de símbolos reais de alguns ideais que se seguem activando a vários níveis na conduta do viver diário nom só na Índia actual senom também em outras partes do mundo. Este último podemolo verificar pola maneira em que o tema de Gandhi segue estando muito presente noutras três décadas posteriores à data das observações de Leguineche. Cumpre mencionar que o citado autor, de alguma maneira, simboliza uma considerável opiniom crítica nom só em contra dos projectos gandhianos aplicáveis a nível nacional e internacional senom também em contra da relevância do seu actuar moral e ideal a nível individual no contexto dum mundo globalizante actual, tam longe das orientações gandhianas.

É precisamente o rejeitamento desta última opiniom que constitui o tema da minha apresentaçom.

Um dos nossos historiadores mais destacados, Ramachandra Guha, comentou muito acertadamente que «No coraçom de todos os indianos actuais, Marx e Gandhi som as duas personalidades mais importantes que lutam por ocupar um espaço». Todo observador profundo das realidades da Índia actual seguramente entenderá o significado de tal asserçom. Essas realidades estám intimamente vinculadas aos problemas e aspirações simbolizados na luta da independência. Nom se pode igno-

1ESTUDOS92 19/12/07 14:20 Página 127

rar o facto que, em geral, a libertaçom mesma do domínio inglês constituiu um acontecimento trascendental do Século XX tanto dentro da Índia como fora. Esse movimento que liderou Gandhi, com o seu método específico de luta, desencadeou uma sorte de revoluçom social, económica e política cuja potência total ainda fica por entender-se. Fora da Índia esse movimento desencadeou um processo de descolonizaçom na Ásia e África, alterando de maneira dramática o equilíbrio do poder no mundo e o modo de actuar internacional. As repercussões dessa força da libertaçom nacional da Índia só podem comparar-se à dimensom do outro acontecimento mais importante do Século XX, a Segunda Guerra mundial.

Está já amplamente reconhecido que foi Gandhi quem deu o carácter distintivo à luta da independência. E esse carácter continua repercutindo no contexto actual no relativo às estratégias para combater os problemas de diversa índole. A novidosa estratégia da acçom política de Gandhi, como é bem sabida, baseava-se na nom-violência militante. Por um lado, a estratégia era uma novidade, mas ainda mais novidosa foi a sua capacidade de entretecer esse método colectivo com o poder transformador individual mediante o seguimento do que ele chamou a busca da verdade ou o *satyagraha*. De modo que a luta pola liberdade baseava-se num conceito completamente novo de poder nos assuntos humanos, um poder que nom se fundamentava na capacidade económica nem na força militar. Essa luta bebeu de três recursos cruciais: a movilizaçom maciça, um escrito legal bem argumentado que cobrira as dinâmicas operantes em todos os sectores da populaçom indiana. Ora, mais importante ainda era o integrá-lo com o terceiro recurso que era a busca pessoal da verdade. Esse conceito de poder, levado à prática por Gandhi deve ser debatido e discutido amplamente nos foros nacionais e internacionais. Foi esse conceito que resultou na cristalizaçom da nossa política como um estadonaçom apoiado nas firmes fundações da democracia popular, as instituições liberais e os valores do secularismo, tudo o qual gerou uns entramados políticos completamente novidosos para uma civilizaçom tam antiga.

Vários historiadores estudiosos dessa civilizaçom coincidem em que a civilizaçom indiana sempre manifestou uma grande flexibilidade e adaptaçom. Essa é a razom da sua sobrevivência. Jogou um papel fundamental na criaçom dessa qualidade de adaptaçom dos pensamentos dos santos e filósofos, cuja insistência no valor da verdade ou o *satya*, nas virtudes da compaixom e o controlo dos sentidos, ocupam um lugar fundamental no desenvolvimento do pensamento indiano. Por outro lado, como em qualquer outro espaço, houve herois e mártires lutando sem

1ESTUDOS92 19/12/07 14:20 Página 128

medo contra a opressom e a injustiça. Mas quiçá foi Gandhi a primeira personalidade em quem actuavam ao mesmo tempo o espírito dum santo e o do revolucionário, reformador social, educador, homem de acçom e sonhador. Pode considerar-se como a primeira personalidade na Ásia ou África que retou os amos coloniais para afirmar a dignidade humana da pele escura no mundo. Nesse sentido Gandhi nom pertence somente à Índia senom a uma secçom especial da humanidade. Muitos reformadores sociais antes de Gandhi desafiaram as tradições e as práticas vis como a intocabilidade, o sati, etc., mas foi ele quem, sem perder a fé no hinduísmo e nas suas escrituras, quis revisar e reinterpretá-las à luz das tradições das diversas crenças religiosas prevalecentes na Índia. Noutras palavras, há um espírito de indagaçom científica e a sintetizaçom dos melhores elementos das distintas religiões. O estudioso de Gandhi D.C. Parekh analisa sistematicamente no seu livro *Colonialismo, tradición e reforma*, como Gandhi reinterpreta, reconstroi e racionaliza o hinduísmo e utiliza as essências principais deste que se manifiestam na verdade, o amor e a nom violência. É devido a uma atitude racional que Gandhi nunca pus a sua fé em alguma deidade pessoal ou alguma força extra-mundana. Contudo, pus a sua fé na verdade e a nom violência, os dous valores eternos desejados por quase todas as religiões principais do mundo. Há um constante esforço de submeter os conceitos aceitados do hinduísmo a uma análise científica fazendo-os relevantes para a época moderna.

Entraremos nesses conceitos no seu momento para entender a sua relevância no mundo actual, mas antes consideremos alguns elementos operativos na actuaçom política de Gandhi que estabelece claramente como leva a cabo na institucionalizaçom do espírito dialógico, tam fortalecido na Índia posterior. O primeiro que salta à vista do seu quefazer social é a capacidade de distinguir os âmbitos de acçom com posturas radicais e conservadoras. Na maioria dos assuntos Gandhi cria em medidas radicais e foi constantemente objecto de pugna polos seus opositores conservadores que tambémn eram políticos de grande estatura como Tej Bahadur Sapru, Srinivas Sastri, Wacha, Jinnah e Ambedkar. Eles advertiram-lhe os seus preceitos radicais. A mesma postura de que os ingleses se foram e deixaram a Índia em mãos de deus foi considerada como uma invitaçom à anarquia tam detestada polos conservadores. De facto, a decisom de Mountbatten de escutar o chamamento da independência foi interpretada por vários como factor responsável para os estragos da partiçom.

O mesmo facto do chamamento gandhiano à acçom massiva às vezes foi vista com olhos críticos no contexto dum país tam imensamente anal-

1ESTUDOS92 19/12/07 14:20 Página 129

fabeto. Os seus métodos de nom-cooperaçom, mediante o hartal ou greves, foram considerados radicais porque danavam a actividade económica num país pobre. Contudo, essa medida convertera-se num dos mecanismos principais de protesto para todos os partidos actuais. Outro método de protesta política era o jejum. Como considerar tal método frente aos mecanismos constitucionais da ordem pública tais como discursos, petições, debates, delegações, etc.? O êxito desse método, tam frequentemente utilizado por Gandhi, com a prática da sua execuçom na sua própria pessoa, volveu-se como um dos métodos legítimos na sociedade civil actual para mudar as decisões impostas e assim transformar a mente do mandatário. O poder da acçom directa da massa, à que tanto recorreram ele e seu discípulo Nehru, é um mantra para os partidos políticos dos nossos dias. Estes som só alguns exemplos da sua atitude radical. Mas Gandhi também entendeu que nom se podia manter essa atitude em todos os campos. Por exemplo, era agudamente inteligente em perceber que toda atitude radical em contra do hinduísmo para eliminar os seus males fracassaria. Adoptou uma atitude um tanto conservadora ao atacar o mal grande desta religiom que era a intocabilidade. Para ele a questom das castas nom era central ao hinduísmo. Utilizou o vocabulário mesmo do hinduísmo (por exemplo o conceito de *harijan* ou filhos de deus) para lutar contra os seus aspectos perniciosos. Nom atingiu um êxito total mas sim introduziu um debate que ia repercutir na Índia posterior substancialmente.

O mundo inteiro venera a Gandhi polo seu conceito da nom-violência ainda que culturalmente essa conceiçom se basea numa tradiçom indiana de muita antiguidade. Para muitos historiadores, o mais trascendental na actualizaçom política de Gandhi foi a sua compreensom das possíveis vias políticas do futuro do país. Nesse sentido, assentou as bases de uma cultura política que negoceia a tensom criativa entre a autoridade central e o pluralismo decentralizado numa maneira construtiva. É verdade que a violência política actual às vezes molesta a vida da Índia contemporânea, mas também é realidade que som já mais de 58 anos que o país leva como um Estado-naçom independente funcionando legitimamente com um sistema de mudança de governos sem golpes de estado, sistema em que inclusive os partidos de oposiçom governam livremente nos distintos estados federais. Há que pensar porquê nom aconteceu o que se passou com a Uniom Soviética e Jugoslávia nos tempos recentes. Se a Índia imperial nom se desintegrou em pedaços, é principalmente polo tipo de cultura política construída durante muitos anos anteriormente no espaço indiano. E nom há dúvida que a experiência de Gandhi na África do Sul

1ESTUDOS92 19/12/07 14:20 Página 130

deu-lhe o impulso inicial para entender a heterogeneidade do estado imperial indiano e a possível via de o manter integrado no futuro. Há que se fixar em como ele se converteu em líder dum grupo de gente que podia ser chamado livremente como indianos. Falavam diferentes idiomas, pertenciam a distintas crenças religiosas, vestiam-se diferentemente e ainda assim reconheciam um tipo comum de indianidade. Era essa experiência que o sensibilizou acerca da heterogeneidade da Índia como um estado imperial que tanto tinha em comum com o estado Astro-Húngaro, contrário à homogeneidade do Estado-naçom da Europa ocidental. O poder prever o método de vivência durável a nível dum estado indiano integrador, abrangendo toda essa heterogeneidade, quiçá foi um dos principais valores que herdamos da cultura política gandhiana.

Voltemos ao tema da nom-violência. Outro valor permanente de Gandhi para a marcha da Índia foi a sua condenaçom inequívoca da violência. Há muitas maneiras de entender o conceito da nom-violência gandhiana. A nível pessoal é uma prática transformadora do ser individual. Por enquanto consideramo-lo no contexto da violência militante dos patriotas considerados como terroristas polos ingleses. A tradiçom desse tipo de militância existia em muitas partes além de Bengala, como em Maharshtra, Tamil Nadu, Punjab, etc. Considerava ele os ataques avulsos contra os civis ingleses como algo nom só ineficaz e acto de loucura senom também algo fundamentalmente imoral. A sua postura contra o outro militante líder indiano tam venerado hoje, Subhash Chandra Bose, e a sua negativa em defender a outros patriotas que recorreram à violência, foi duramente criticada. Poderia ser que Gandhi viu em Bose o sustituto de Nehru, o seu discípulo favorito, mas também há que considerar seriamente que Gandhi detectou em Bose uma possibilidade militarista, inaceitável como alternativa para o futuro do país. É talvez o legado de Gandhi que a Índia moderna pôde evitar o tipo de violência que caracterizou os espaços como Irlanda, Israel e o Medio Oriente onde os líderes mesmos negociaram e consentiram com o terrorismo que voltou frequentar e perseguir a esses mesmos povos. É agradavelmente curioso olhar como em datas recentes se está intentando retomar o método nom violento como estratégia de luta, inconformidade e resistência em espaços tam revolcados como Palestina. Com o governo de Israel distanciando-se do diálogo e insistente na utilizaçom da força contra a resistência armada, grandes secções de palestinianos estám examinando novamente o método da acçom nom violenta que a escola gandhiana promove.

Dissemos anteriormente que um dos elementos novidosos da estratégia de Gandhi era o recurso da pronunciaçom da verdade e a conside-

1ESTUDOS92 19/12/07 14:20 Página 131

raçom da transformaçom do indivíduo como parte integradora da sua estratégia total. Isto introduz –na base da conceiçom moderna de Estado-naçom– um elemento muito enriquecedor sobre a ideia original do contrato social entre a entidade dirigente e o cidadão. Ali entra um dos mais trascendentes elementos da existência mesma de qualquer cidadão, que é a busca da verdade no existir humano. Gandhi tinha a clara percepçom de que a verdade tinha muitas facetas e cada um capta uma parte e a interpreta na sua vida segundo a sua capacidade e entendimento. Nom se tratava simplesmente de dizer a verdade, como antónimo de mentira, tal e como o entendemos no nosso uso diário. Significava a completa consistência entre a palavra e a acçom, entre o preceito e a prédica. A execuçom dessa consistência revela-se constantemente em vários episódios da vida de Gandhi. Se me permitem vou contar uma anedota da sua vida. Quando era já bastante conhecido, numa ocasiom de encontro com a gente, uma senhora maior aproximou-se-lhe pedindo conselhos para controlar o mal hábito do seu filho de consumir em grandes quantidades o açúcar branco em vez do são açúcar moreno indígena. Por suposto, a mãe pensava que um conselho ou a prédica do próprio Gandhi que atribuía o bem-estar humano a uma sã alimentaçom poderia convencer o seu filho malcriado. Depois de escutar atentamente à mãe Gandhi pediu-lhe que voltara com o rapaz dentro de duas semanas. Ainda que surprendida, a mãe acedeu à instruçom e voltou depois de 15 dias. Esta vez Gandhi persuadiu o rapaz a deixar o açúcar branco. A mãe agora feliz, por suposto, ficou intrigada por essa espera longa para o sermom ao rapaz. Gandhi replicou-lhe - «Pola simples razom de que quando você veu, eu ainda consumia açúcar branco e necessitava um tempo para provar em mim mesmo que deixando-o, a minha saúde ia melhorar e que consumindo o açúcar moreno ia sentir-me melhor». Essa simples anedota resume a insistência de Gandhi na consistência entre a prática e a prédica, uma marca fundamental da sua personalidade que aplicou a todos os aspectos da sua vida. Gandhi entendia perfeitamente que essa era a única maneira para que a prédica fosse respeitada e escutada. O exemplo pessoal como base da verdade foi o parámetro fundamental do quefazer gandhiano. Para ele nom havia mais religiom que a verdade. O seu veículo para acender à verdade e comparti-la com os outros era o amor, que era o mesmo que a verdade. Disse várias vezes na sua autobiografia que nom podia tolerar a menor concessom à mentira e considerava inconcevível que os seus escritos tiveram uma só nota de ódio. O amor e a verdade representavam duas caras da mesma medalha e era de firme crença que por meio destas duas forças se podia conquistar o mundo inteiro.

1ESTUDOS92 19/12/07 14:20 Página 132

A verdade era a paixom principal na vida de Gandhi. Tirando as suas crenças da sabedoria tradicional da Índia, a sua força principal estava em convencer os demais que a verdade era deus em lugar de dizer que deus era a verdade. Segudo ele, a palavra em sânscrito para denotar a verdade «Saf' literalmente significa aquilo que existe. E isto é o que vem da filosofía hindu que só o deus existe, o mesmo que se exemplifica no primeiro Kalma do Islám. «Por esta e muitas outras razões», diz ele- «*Cheguei à conclusom de que a ideia expremida pola definiçom 'a verdade é deus' dá-me a maior satisfaçom*».

Há que entender bem que para essa personagem, que lutou constantemente contra os ingleses, a libertaçom do país era um passo para outro objectivo final da vida de qualquer indivíduo que era a auto-realizaçom, isto é, a realizaçom da verdade. E aí surge a trascendência do ideal de «ahimsa» ou a nom violência. Como para o conceito da verdade, Gandhi dá uma conotaçom ampla ao conceito de *ahimsa*. Para ele, o conceito nom significa a ausência da violência no seu sentido como princípio negativo senom que foi um termo construtivo e positivo abrangendo o amor e a compreensom. Gandhi foi influído polo ensino de todas as religiões nestes aspectos mas a sua insistência em chegar à verdade mediante ahimsa vai muito mais alá, já que nos mostra como esta virtude individual pode transformar-se num instrumento potente para combater a injustiça. E assim converte-se na base da ética social. Falando deste conceito disse Roman Rolhand, «Gandhi só transfundiu o sangue heroico neste princípio tam antigo (de ahimsa) que já caira num letargo moral e agora com a sua voz, se converteu em algo vivo». De facto nom há diferença na verdade e o *ahimsa* mas para o próposito da compreensom sã diz-se que a verdade é a meta e a nom violência é o meio para consegui-la.

Há tantas manifestações do anterior durante todo o transcurso do movimento independentista da Índia mas quereria só sinalar como este princípio resurge no mesmo seio da vida política sul-africana actual, tam só há alguns anos, quando esse país com história colonial de grandes opressões sob os brancos dá um giro radical para empreender um caminho impensável com a política da compreensom depois de que asumira poder o Partido Nacional Africano liderado por Nelson Mandela. Ademais, está sendo evidente que para uma vida política duradoira e estável em semelhantes situações de pugna, o único caminho prometedor é a via da nom-violência. A importância da aplicaçom da nom-violência baseia-se na pergunta fundamental que Gandhi faz a si mesmo: «Devo suportar a aqueles que criam dificuldades para mim ou devo desaparecer com eles. O que busca a verdade dá-se conta de que em toda

1ESTUDOS92 20/12/07 14:05 Página 133

a história humana aquele que continuou destruindo os demais nom fez nenhum avanço e simplesmente ficou onde se encontrava enquanto que o que sofria aqueles que lhe criavam dificuldades avançou no seu caminho. Pois ao combater o inimigo imaginado fora ignorou o inimigo dentro». De aí surge o conceito do amor para o outro. Segundo mudou o que concebe essa ideia é perfeitamente aplicável a estruturas políticas. Diz em outro lugar que a estrutura da federaçom mundial pode levantar-se sobre a base da nom-violência nos assuntos mundiais.

O sistema mundial moderno, efectivamente, sofre de grandes problemas que podem resumir-se em cinco áreas principais que som pobreza, desigualdade global, crise populacional, degradaçom meioambiental e a violência a nível de inter- grupos e a níivel internacional. Estes temas voltaram silenciosamente como situações de emergência e som interpretados como os fracassos da civilizaçom moderna. Se a desejada meta da globalizaçom necesariamente tem que orientar-se para a consecuçom de uma federaçom mundial com o ajuste dos recursos e a qualidade de vida a nível mundial, encontramo-nos perante a quase impossibilidade de alcançar tal meta.

Esta situaçom constitui o contexto em que algumas ideias de Gandhi adquirem importância no âmbito dos males da civilizaçom moderna. Gandhi identificou os seguintes problemas do sistema mundial moderno, os quais estabelecem os reptos que o ser humano enfrenta para criar uma civilizaçom humana e sustentável. Estes problemas manifestam-se a três níveis: 1) na vida diária de homem e mulher em todo o mundo, 2) a relaçom entre as comunidades crentes de diferentes crenças, e 3) a interacçom entre os Estads-nações no âmbito internacional. Num plano geral, estes continuam sendo os problemas que afectam o mundo actual e qualquer transformaçom e melhora no existir humano podia conseguir-se só com as mudanças simultâneas nos três níveis sinalados. Estes têm que basear-se na busca da verdade e a nom-violência, sendo ambas relacionadas a uma fé firme na bondade inata do homem e da mulher e na superioridade do poder moral de uma espiritualidade interna do ser sobre os elementos civilizacionais materialistas baseados na máquina. De aí que receitara para promocionar a bondade na vida diária as dez promessas que incluem a verdade, o ahimsa ou o amor, castidade, austeridade, dignidade do trabalho, igualdade das religiões e a valentia.

No relativo à melhora das comunidades, as suas ideias centravam-se no seu desenvolvimento mediante programas construtivos para as reformas comunitárias e a desobediência civil para melhorar a qualidade do governo. Identificou duas fontes principais de conflito e violência que

1ESTUDOS92 19/12/07 14:20 Página 134

eram a intolerância religiosa e a arrogância nacional. E daí que impulsara a consciência do valor da espiritualidade sem dogma e a identidade nacional sem exclusividade. Mas manter uma fé em deus era fundamental para Gandhi, só que esse deus fora a procura da verdade. Pensou que a existência mesma do mundo, num sentido geral depende da religiom e será impossível erradicá-la do ser humano.

Desta maneira Gandhi cria numa sociedade baseada na verdade cujo mecanismo de operaçom seria a nom-violência. Pois esta procura só poderia intensificar-se com o esforço próprio do ser individual, só se conseguiria isto a base de organizações voluntárias em lugar da burocracia estatal e os mecanismos do mercado. Resulta curioso que nom se tenha reunido internacionalmente para conseguir um consenso global com respeito à potência criadora de uma ordem social nom violenta que seria o único caminho a cumprir com o desejo humano de viver com dignidade e felicidade.

Redunda dizer que o candente tema da globalizaçom que nos atinge a todos actualmente de maneira tam angustiante surgiu trás o fracasso de todos os paradigmas de desenvolvimento aplicados e propagados a fim de beneficiar à maioria dos seres humanos. Tam só desde a Segunda Guerra vimos como as disparidades cresceram apesar da sucessom dos modelos de desenvolvimento compartido, desenvolvimento cooperativo e colaborativo (Informe da Comissom Pearson), o Prgrama da sobrevivência comum Norte-Sul (Brandt Commission), a cooperaçom Sul-Sul e finalmente o de agora que pode denominar-se como desenvolvimento competitivo a base das forças de mercado. Mas seguimos andando em busca de um paradigma indígena adequado às exigências e realidades do quadro social, político, institucional e cultural interno de cada espaço. Mas ao mesmo tempo existe a consciência de que há que considerar o problema da violência como uma das principais causas dos nossos fracassos em aproveitar-se dos modelos propostos.

As ONU sinalou repetidamente que o conflito violento é o obstáculo chave para atingir os objectivos do desenvolvimento do milénio. Durante a última década do último século, isto é, tam só no transcurso de dez anos entre 1991 e 2001 se produziram 57 conflitos armados em 45 lugares. Os que foram mais afectados som as regiões em desenvolvimento. Perderam a vida mais de 4 milhões de pessoas a consequência destes conflitos, a maioria dos quais som populações civis. Isto é um dato mínimo para entender a dimensom da violência que aqueixa o mundo. O repto à construçom de uma civilizaçom humana nom violenta voltou-se muito mais global depois dos acontecimentos de 11 de Setembro e a inva-

1ESTUDOS92 19/12/07 14:20 Página 135

som de Iraque. Se o justapomos às disparidades mundiais crescentes entre os países ricos e pobres que também som responsáveis para os conflitos, damos conta da trascendência de promover a nível individual, comunitário, nacional e internacional um debate geral sobre a importância da nom-violência. Quem melhor do que Gandhi e sua ideias para abordar o tema. Volvamos a insistir na ideia que a missom de Gandhi na vida era a criaçom dum ser moral numa sociedade moral. E para atingilo revalidou o instrumento mais potente que era o satyagraha que significa a insistência na verdade sob qualquer custo ou circunstância mediante a resistência nom violenta, o sacrificio e o auto-sofrimento. O satyagraha é uma filosofia e à vez a reflexom do estado interno de um e a externalizaçom das agonias experimentadas devido aos males perpetrados por indivíduos, sociedades ou governos. Representa o desejo de reduzir as acções equivocadas e portanto podem utilizar-se a nível individual, do grupo e a nível de massa. Sócrates era o exemplo do primeiro.

No que respeita ao uso da nom-violência contra os males e opressões sociais no campo político existem muitas variações, Gandhi diferenciou entre o satyagraha como algo activo e vibrante e a resistência passiva. Outro estudioso de Gandhi, Sharp Gene divide o satyagraha em dez categorias que vam da nom resistência à resistência passiva por um lado e a resistência nom violenta polo outro. Falando do conceito outro crítico Paul F.Power diz que como força a nom violência é qualquer cousa dinâmica e activa já que o seu objectivo é mudar activamente a atitude do outro. Por suposto nom é tam fácil o êxito de satyagraha. Gandhi mesmo impõe várias condições para que tenha êxito. Necessita uma disciplina consistente por parte do indivíduo e uma fé firme na causa e a sinceridade e disponibilidade para superar-se a si mesmo ademais da valentia sem perder a humildade e a integridade moral. O que o segue deve ter uma fé total na verdade e nom no número de aderentes.

A capacidade dessa força pessoal é a que comoveu por um lado a milhões de habitantes indianos e polo outro a qualquer observador do método utilizado. Valeria a pena recordar aqui a comovedora reportagem telefónica que fez o jornalista do *New York Times* durante a manifestaçom da resistência física pacífica com a que os seguidores de Gandhi enfrentaram os agentes da polícia inglesa quando se produziu a «marcha contra o monópolio do sal". Filas trás filas dos participantes nacionalistas iam passando ordenadamente perante trémulos guardas ingleses, recebendo estoicamente o apaleamento brutal deles. E o jornalista americano com um tom altamente emocionado transmitiu o que via concluindo que: «hoje, o Império Britânico perdeu toda autoridade moral para seguir ordenando à Índia».

1ESTUDOS92 19/12/07 14:20 Página 136

Algumas das técnicas usadas em satyagraha som o jejum, o boicoteio ao nível individual, a nom cooperaçom, as manifestações e as greves de diferentes tipos. Gandhi era consciente de que algumas destas técnicas podiam transformar-se em movimentos violentos e nom vacilava em retirar a técnica particular utilizada sempre que assim acontecer. Isso ocorreu, por exemplo, durante o movimento de nom cooperaçom de Chauri Chaura em 1922. Gandhi também pensou na aplicaçom deste conceito a conflitos internacionais ainda que nom levou a cabo nenhum experimento fora do âmbito da luta independentista nacional. Há escritos em que fala da ideia de criar muros humanos como força de resistência durante a Segunda Guerra Mundial. Aconselhou os abissínios, os checos, os polacos e a outras vítimas de agressom a negar-se a lutar e render ante o usurpador. Outras sugestões ao respecto referiam-se aos recursos de negociaçom, mediaçom, arbitragem por terceiras partes ou nações e a criaçom de uma força internacional de segurança. Inclusive promoveu a ideia do diálogo entre as forças beligerantes. Havia um tempo em que, apesar de ser consciente dos males da guerra, Gandhi aceitou a sua inevitabilidade crendo que se lutava para a justiça, tal e como era o caso da guerra russo-japonesa ou quando a gente se volveu vítima do fascismo e o nazismo. Sem embargo, depois da experiência de Hiroshima e Nagasáqui, Gandhi volveu-se um feroz oponente de qualquer forma de guerra.

O tema da paz, com a qual tanto estamos involucrados a todos os níveis, está intimamente vinculado aos valores básicos da verdade e a nom-violência. O objectivo de manter a paz, a promoçom da justiça e a protecçom dos direitos humanos tal e como foi concebido por organismos como As Nações Unidas nom foi capaz de prever os conflitos étnicos e as violações dos direitos. Isto é simplesmente porque a paz foi concebida como a ausência da guerra. Sem embargo a alternativa de entender a paz em termos gandhianos levaria-nos a considerá-la como um esforço decidido de construir pontes de amor e compreensom e a amizade entre os povos.

Entre outros problemas importantes que nos aqueixam hoje e nos que os pensamentos gandhianos cobram vigência encontra-se o tema do meio ambiente. Nom queremos entrar nos pormenores dessas ideias mas resulta lógico que a tam longa tradiçom da Índia sobre a insistência na compaixom necessariamente atinge a todas as formas de criaturas viventes. E estende-se para o reino vegetal, as árvores e plantas, campos e selvas. Gandhi entendeu perfeitamente o mecanismo da exploraçom moderna de todos estes recursos e falou dos possíveis resultados catastróficos. Segundo ele, é uma lei fundamental da natureza sem excepçom

1ESTUDOS92 19/12/07 14:20 Página 137

que nos proporcione o suficiente para satisfazer as nossas demandas diárias. Isto supõe que cada um poderia levar o suficiente para si mesmo, nada mais e assim nom poderia haver a pobreza no mundo.

Tanto este aspecto como a defesa da nom-violência parecem-nos visões utópicas no mundo de hoje. Assim mesmo, os princípios e programas que quis deixar assentados no domínio da economia ao propor, por exemplo, a produçom de khaadi simbolizado pola roca, similar ao seguimento de algumas práticas familiares como o celibato, atraem pouca atençom para os modelos de vida moderna. Mas o intento de rejeitar a Gandhi por tais ideias seria igual a tirar o bebé com a água do banho, para usar uma expressom inglesa. Na visom, o pensamento total de Gandhi, a consideraçom a fundo de alguns valores perenes, forma ou constitui a contribuiçom principal. Nesse sentido Gandhi é um marco ineludível para o futuro.

Tenha-se em conta que tanto as suas ideias radicais como as conservadoras foram objecto de grandes críticas desde o princípio. E os críticos foram nada menos que as personalidades mais importantes no seu momento. Ademais dos nomes sinalados antes, sabe-se bem que foram pessoas como Tagore, Ambedkar, Bose que discreparam consideravelmente das ideias de Gandhi. Tagore, apesar de que o chamara Mahatma, ou seja a grande alma, manifestou o seu desacordo com Gandhi com respeito a muitas ideias em aspectos como a utilizaçom dos símbolos ou ídolos para a massa, o papel da ciência, a racionalidade e objectividade, o nacionalismo e o patriotismo, a natureza do desenvolvimento social e económico, a atitude para certos aspectos da vida pessoal (como o sexo e o celibato, etc). Ambedkar foi o mais severo crítico nas interpretações gandhianas sobre o hinduísmo e a intocabilidade, o caminho de Bose para a independência era totalmente oposto a Gandhi. Jinnah criou os obstáculos mais acuciantes na questom da convivência política dos hinduístas e muçulmanos. Inclusive Nehru, o seu predilecto discípulo, nom podia aceitar as suas ideias sobre a industrializaçom e planificaçom económica. Gandhi, por suposto, pola sua grande estatura ante as massas adquirida ao longo do período da luta independentista, eregiu-se como o líder natural mais venerado. Mas tambem é certo que ditos desacordos debatidos tam intensamente entre essas grandes figuras contribuiram para fortalecer irreversivelmente a cultura política dialógica do país e uma sociedad civil que faz com que a Índia simplesmente sobreviva 58 anos como um Estado que permite o jogo democrático dos partidos políticos sem cair em nenhum absolutismo dictatorial ou o fragmentarismo soviético ou checoslovaco.

1ESTUDOS92 19/12/07 14:20 Página 138

Nom quereria terminar sem exprimir a minha agradável surpresa polo facto de que na nossa época –que experimenta tantas transformações num período relativamente curto, cavalgada sobre a carroça das revoluções empresarial, tecnológica e informática, que quase ridiculizam a proposta do modelo económico-social gandhiano–, se tenha encontrado suficiente mérito nos preceitos gandhianos como para propor a sua utilidade na formaçom do executivo ideal. Inclusive se está falando dum estilo Gandhi para formar estes líderes empresariais.

Ainda que resulte um tanto grotesco pensar da relevância de Gandhi recorrendo ao citado campo, lia o outro dia num jornal de Valência uma prometedora notícia. Resulta que as qualidades gandhianas da resistência pacífica para afrontar e resolver conflitos, o respeito aos subordinados, o assumir liderança sem ambiçom desmedida, a capacidade para administrar a vida e as relações interpessoais sem recorrer nunca à mentira, libertar os demais do ambiente opressivo, auto-prática de disciplina e pontualidade sobretudo o talento negociador, conciliador e organizativo, etc., etc. estám sendo considerados como traços essenciais que reúnem todos os requisitos de um executivo ideal no mundo actual. E isto denominam-no como estilo Gandhi!

Volto à minha proposta inicial. Ainda que as suas actuações e pensamentos no campo da nom-violência e o apego à verdade som valores eternos aplicáveis em todos os tempos e espaços geográficos, a vida e obra de Gandhi manifestam tantas outras dimensões que podem ser aproveitadas para o nosso diário viver, conduta e tarefas propostas. Ao nom ser sua a visom alucinada dum mundo melhor senom uma atingível através da aplicaçom de umas práticas individuais e socialistas em todos os âmbitos, experimentadas sem vacilaçom pessoalmente ao longo de toda a sua vida. O êxito desse Quixote vivente está nas nossas mãos e nom deve ficar atrapado no sonho das páginas da História.

Nota: *No mês de Janeiro de 2007, o Congresso Party da Índia organizou em Nova Delhi uma conferência mundial sobre o tema da relevância de Gandhi nos nossos tempos. Ali congregaram os mais destacados especialistas internacionais sobre os estudos gandhianos para avaliar dita relevância. Aqueles interessados em profundizar no tema podem remeter-se às contribuições oferecidas em dito evento e encontrarám-nas na página web do Congresso Party sob o título "Satyagraha Conf Kits".*

1ESTUDOS92 19/12/07 14:20 Página 139

AGÁLIA nº 91-92 / 2º SEMESTRE (2007): 139 - 169 / ISSN 1130-3557

Autonomismo vs Reintegracionismo. Um conflito normativo visto desde a Análise Crítica do Discurso Especializado*

Paulo Malvar Fernández

Resumo:

Numa situação de conflito normativo entre o autonomismo e o reintegracionismo que tem perdurado durante décadas na Galiza, neste trabalho, adoptando uma perspectiva da Análise Crítica do Discurso, faz-se uma análise qualitativa de dois discursos especializados, um autonomista e outro reintegracionista, que servem de nota à segunda edição e o prólogo, respectivamente, de sendos textos normativos publicados originalmente a começos da década de 80, década em que deu começo na Galiza um processo de normalização do galego. Partindo, pois, de uma perspectiva crítica do discurso, neste estudo explicita-se o jeito em que certos recursos linguístico-discursivos são utilizados para a (des)legitimação de ambas as perspectivas confrontadas, assim como o tipo de argumentos e estruturas pragmático-semânticas empregados nesse processo (des)legitimação do *Nós* e do *Outro*.

Palavras-chave:

Conflito normativo, Autonomismo, Reintegracionismo, Análise Crítica do Discurso Especializado, Argumentos e Estruturas de Legitimação.

Abstract:

In a situation of conflict of normatives between the perspectives of autonomism and reintegrationism that has lasted for decades in Galiza, by employing Critical Analysis of Discourse this paper performs a qualitative analysis of two specialized discourses, one autonomist and another reintegrationist. The two discourses are, respectively, the note to the second edition and the prolog of normative texts published in the early 80's, the decade when a process of normalization of Galician began in Galiza. Drawing upon a critical point of view, in this paper I explain, first, how certain linguistic and discoursive resources are used to (de-)legitimate both opposed perspectives. I then specify the type of arguments and pragmatic and semantical structures employed in this process of (de-)legitimation of Us *and the* Other

Key words:

Conflict of normatives, Autonomism, Reintegrationism, Critical Analysis of Specialized Discourse, Legitimating Arguments and Structures.

1- Introdução

Este trabalho de investigação pretende ser um estudo aproximativo ao discurso especializado elaborado por cada uma das duas concepções

(*) Este trabalho de investigação foi realizado com a ajuda de uma bolsa da Fundación Caixa Galicia para a realização do Máster en Linguística Aplicada (2005-2006) no Institut Universitari de Linguística Aplicada da Universitat Pompeu Fabra (Barcelona).

1ESTUDOS92 19/12/07 14:20 Página 140

(*autonomista* e *reintegracionista*) predominantes na Galiza a respeito da natureza e identidade do galego e, em consequência, da sua grafia, entendida esta como reflexo mais ou menos fiel da concepção desde a qual este é abordado.

Como nem sequer na Galiza é conhecida por todos os cidadãos (utentes ou não de galego) a natureza de cada uma destas visões será necessário que, a fim de facilitarmos a compreensão global deste estudo, definamos cada um destes dois movimentos linguísticos.

Deste jeito, a concepção *autonomista* do galego entende este como uma variante linguística autónoma de qualquer das outras variedades linguísticas que geograficamente a rodeiam, isto é, o português e o castelhano. Como variante autónoma, o galego, mercê à equidistância linguística existente a respeito dessas outras duas variedades com as quais, porém, comparte algumas ligações, erige-se numa língua bem diferenciada. A concepção *reintegracionista*, muito pelo contrário, concebe o galego e o português como variedades íntima e profundamente relacionadas e, portanto, pertencentes ao mesmo sistema linguístico. O galego guarda, então, uma relação de independência a respeito do castelhano garantida pela assimetria da distância linguística entre as três variedades em questão.

2- Quadro Teórico. Objecto de Estudo, Finalidade e Metodologia

O quadro teórico escolhido para a realização deste trabalho de investigação está directamente condicionado pelo seu objecto de estudo, isto é, o discurso[1] produzido por diferentes profissionais da língua –neste caso filólogos– acerca das normas ortográficas e gramaticais do galego. Como discurso produzido por especialistas em linguística no desenvolvimento das suas funções profissionais –funções socialmente outorgadas após a conclusão do seus estudos de Filologia–, o discurso que neste trabalho será analisado haverá necessariamente de ser considerado discurso especializado. Elaborado por especialistas na matéria, o discurso especializado é, assim, entendido como um tipo de discurso no qual os emissores (especialistas), graças aos conhecimentos adquiridos durante um longo e sistemático processo de aprendizagem, transmitem um tipo de conhecimento, que chamaremos também de especializado, acerca de uma matéria com um universo conceptual próprio que, apesar

1. Objecto central deste trabalho, o discurso (texto), independentemente de quem o produzir, é concebido como uma unidade linguística comunicativa, produto da actividade verbal humana, com um carácter social e caracterizada pela adequação ao contexto comunicativo em que se produz (víd. Castellà, 1996: 50).

1ESTUDOS92 19/12/07 14:20 Página 141

de apresentar conhecimentos de domínio público, precisa daquele longo e sistemático processo de aprendizagem para ser dominado. Como pode ser observado, a nossa concepção acerca do discurso especializado é uma concepção pragmático-sócio-cognitiva já que não só se tem em conta a posição e *status* socialmente determinados dos emissores, senão que também incorpora na sua definição o tipo de conhecimentos que no próprio discurso são veiculados.

Este posicionamento perante o discurso especializado tem como primeiro, embora não único, fundamento teórico a Linguística Sistémica Funcional (LSF) de Halliday. Dentro desta perspectiva funcional, a linguagem é vista como "un recurso sistemático para expresar significados en contexto" (Kaplan, 2006: 42) que serve "as both a tool for action and a scaffolding for 'human affiliation within cultures and social groups and institutions'" (Gee, 1999: 1). Como pode ser induzido a partir desta breve definição, dois são os eixos principais nos que, desde este ponto de vista, tem de ser entendida a linguagem. Por um lado, o eixo pragmático-discursivo segundo o qual a linguagem, mediante objectos discursivos, se manifesta em usos reais produzidos em contextos concretos. E, por outro, o social, segundo o qual a linguagem funciona como ferramenta de comunicação e de negociação das relações e estruturas da própria sociedade para a qual ela serve de ferramenta de comunicação. Como objecto funcional, social e discursivo, a linguagem pode ser vista desde diferentes planos que respondem à categorização do próprio objecto mediante o tipo de papéis funcionais (intrínsecos e extrínsecos) que aquela representa e o contexto social em que estes papéis são representados:

Tabela 1[(2)]

Metafunção	Contexto social
'funcionalidade intrínseca'	'funcionalidade extrínseca'
Ideacional	Campo
Interpessoal	Teor
Textual	Modo

Tal e como Martin (Martin, 2004: 323) explica, "In this mapping, ideational meaning scaffolds domestic and institutional activity, interpersonal meaning enacts social relations and textual menaning organizes the distribution of information."

2. Tabela adaptada de Martin (2004, 323).

1ESTUDOS92 20/12/07 13:51 Página 142

O segundo dos contributos teóricos relevantes dentro do quadro teórico deste trabalho é o da Teoria da Valoração, teoria desenvolvida sob a inegável influência da LSF. A valoração, recurso destinado a negociar a solidariedade entre os participantes do acto comunicativo implicados na emissão e a recepção de um enunciado (*vid*. Martin, 2004: 326-327), é normalmente situada no esquema de Halliday dentro do âmbito da metafunção interpessoal. Esta metafunção, mediante a qual são expressados os nossos pontos de vista sobre pessoas, objectos, eventos, comportamentos, etc., tem como correlato contextual o teor. O teor de um evento linguístico-comunicativo diz respeito às relações sociais e pessoais existentes entre os participantes nos próprios eventos. Dentro da Teoria da Valoração, que se pretende modelo aglutinador e explicativo da dimensão interpessoal hallideana, a valoração é, pois, entendida como "the semantic resources used to negotiate emotions, judgements, and valuations, alongside resources for amplifying and engaging with these evaluations" (Martin, 2000: 145). De acordo com esta definição, três são as dimensões em que a valoração é configurada, a saber: a atitude ("emotions, judgements, and valuations"), a gradação ("amplifying … evaluations") e o compromisso ("engaging with these evaluations"). Neste complexo processo negociador os textos são vistos como uma interacção dinâmica entre o *sentido* e a *sensibilidade*, isto é, entre o ideológico (a procura da verdade) e o axiológico (a procura da comunidade). Esta posição epistemológica implica necessariamente que a valoração está culturalmente, ou seja, diacrónica, diatópica, social e individualmente condicionada, e, portanto, não é estática, senão dinâmica, isto é, variável. Tal e como posteriormente será especificado em pormenor, neste trabalho de investigação, dado o tipo de recursos nos quais se pretende focalizar a nossa análise, duas das três dimensões valorativas serão tidas em conta: a atitude e a gradação.

Passando ao campo dos estudos debruçados sobre o discurso especializado, embora em plena sintonia com posicionamento sistémico-funcional hallideano, encontramos o terceiro dos contributos teóricos em que se apoia este trabalho, as reflexões de Gunnarsson (1997). Para Gunnarsson a construção deste tipo de discurso implica diferentes camadas que interactuam dinamicamente, a cognitiva (que estaria situada dentro da metafunção ideacional hallideana), a social e a grupal (ambas, sem dúvida, inseridas dentro do âmbito da metafunção interpessoal):

I Cognitiva: "each profession has a certain way of viewing reality, a certain way of highlighting different aspects of the world around it.

1ESTUDOS92 19/12/07 14:20 Página 143

> Socialization into a profession means learning how to discern the relevant facts, how to view the relations between different factors." (100)

II Social: "each professional groups stands in a particular relationship to the society in which it operates; it perfoms certain functions and is given a certain place within that society."(101)

III Grupal: "every professional group [...] is also formed by the establishment of an internal role structure, group identity, group attitudes and group norms. [...] Socialization into a group also means stablishing distance from people outside the group." (*íbid*.)

Constatadas estas três facetas que caracterizam a natureza do discurso especializado, o ponto de vista desde o qual serão abordados os textos que servirão de objecto de estudo para este trabalho, isto é, a "Nota á presente edición" das *Normas ortográficas e morfolóxicas da lingua galega* (ILGA & RAG, 1995) e o "Prólogo à segunda ediçom" do *Estudo Críticos das Normas ortográficas e morfolóxicas da lingua galega* (AGAL, 1989)[3], será o da Análise Crítica do Discurso. Na Análise Crítica do Discurso, definida disciplinarmente frente à Análise do Discurso porque o seu objectivo central de problematizar o *Poder*, é aplicada uma exaustiva análise qualitativa (metodologia que será empregada neste estudo) dirigida a revelar

> a) el papel del discurso en la transmisión persuasiva y en la legitimación de valores, ideologías, saberes, etc. [...]
>
> b) la función que desempeñan ciertos discuros en el mantenimiento del «orden establecido» -impidiendo, por ejemplo, el acceso de los discursos «no oficiales» [...]
>
> c) la manera en que implican la construcción de sujetos privados de opinión [...]" (Cortés & Camacho, 2003: 123)

Para acabarmos de delimitar o presente quadro teórico, faltará fazermos referência à última das contribuições teóricas de que se pretende botar mão: a *Teoria dos Actos de Fala*. Segundo esta teoria, que começou a ser formulada por Austin nos inícios dos anos 60 e que J. Searle acabou de perfilar a finais desta mesma década, os discursos não podem ser simplesmente medidos, como até então propunha a lógica proposicional,

3. A escolha dos textos autonomista e reintegracionista veio-se condicionada tanto pela sua própria estensão quanto pela estensão pretensões deste trabalho.

1ESTUDOS92 19/12/07 14:20 Página 144

mediante parâmetros de verdade e falsidade. A realização de discursos/enunciados, isto é, de actos de fala, serve, além de para enunciar proposições acerca da realidade, para modificar, modelar ou manter o próprio estado do mundo. Os actos de fala são concebidos, pois, como a interacção simultânea de três subtipos de actos:

> "I) Acto de emisión: emitir palabras, morfemas, oraciones;
>
> II) Acto proposicional: referir y predicar; y
>
> III) Acto ilocutivo: enunciar, preguntar, mandar, prometer..." (Escandell, 2002: 64)

Tendo em conta que os textos sobre os quais nos debruçamos são o prólogo e a nota à segunda edição de dois textos de carácter normativo-linguístico surgidos num contexto –tal e como posteriormente será explicado de maneira pormenorizada– de confronto entre duas opções linguísticas que pretendem impor os seus critérios a respeito de uma mesma variedade linguística, o tipo de actos em que neste trabalho se porá ênfase serão os actos ilocutivos. Neste sentido, parte-se da ideia de que a elaboração deste tipo de discursos implica actos ilocutivos persuasivos e, portanto, argumentativos (*vid*. Martín Rojo & Van Dijk, 1998), desde o ponto da tipologia textual, que movam os leitores a lhe conceder legitimidade ao próprio texto normativo –de carácter mais impositivo– ao qual aqueles textos servem de prólogo.

A combinação da perspectiva discursiva crítica e da noção de ilocutividade da *Teoria dos Actos de Fala* com a da tripla natureza cognitivo-sócio-grupal do discurso especializado servir-nos-á para podermos justificar o pressuposto de que qualquer texto reflecte pensamentos e intenções ideologicamente condicionados, que modelam e, ao mesmo tempo, negociam os aspectos da realidade relevantes para a construção de um universo conceptual particular que serve como instrumento de definição da identidade endo e exo-grupal assim como as relações inter e intra-grupais.

Partindo, pois, desta posição, os objectivos que se tencionam alcançar neste estudo são, por um lado, a determinação das características pragmático-semânticas[4] das estruturas de (des)legitimação e do tipo de argumentos que nestas são empregados e, por outro lado, a identificação da

4. Por estrutura pragmático-semântica enter-se-á, neste trabalho, a estrutura segundo a qual são orgazinadas cada uma das entidade que são referidas no discurso junto com as associações semânticas que as descrevem.

1ESTUDOS92 20/12/07 13:51 Página 145

função que os diferentes recursos que serão tidos em conta –tal e como a continuação será explicitado– têm tanto na delimitação das propriedades associadas em cada discurso a cada grupo como no próprio processo de (des)legitimação argumentativa do Nós e do Outro.

Os recursos que, deste jeito, tentarão ser identificados –encaixáveis dentro das dimensões valorativas que serão tidas em conta– são os seguintes:

• Atitude: Dentro desta dimensão a avaliação léxica, fenómeno espectacularmente popular na maioria dos estudos acerca da valoração publicados mais recentemente, será o aspecto primado. A avaliação léxica, como o seu nome indica, é um recurso avaliativo no qual as unidades léxicas (mono e poliléxicas) são empregadas para introduzir elementos subjectivos acerca de pessoas, objectos (concretos e abstractos), comportamentos, etc. De entre todos os aspectos relevantes dentro da avaliação léxica, neste trabalho focalizar-se-á no recurso conhecido como *correferência*. A correferência constitui um tipo particular de referência no qual podem ser observadas características e propriedades dos dois macro-tipos de referência identificados por Castellà (1996: 160-161): a referência exofórica e a referência endofórica. A referência exofórica está relacionada com a capacidade que têm as palavras de uma língua de assinalar para objectos/entidades/ideias do mundo real extralínguístico. A referência endofórica diz respeito à propriedade que têm as palavras de uma língua para assinalar e se relacionar com palavras do seu co-texto[5] discursivo. A correferência é, pois, um recurso discursivo mediante o qual diversas unidades léxicas (com significante e significado diferentes) de um mesmo texto são empregadas para assinalar uma mesma realidade extralinguística e a modelar a sua percepção. O efeito discursivo-semântico que tem o emprego das expressões correferenciais, junto com as noções positivas e negativas que a elas são associadas por verbos, adjectivos e advérbios a través da sua predicação, é o de ressaltar para um mesmo e invariável referente extralinguístico diferentes propriedades ou características. Esta propriedade de realçar diferentes aspectos de uma mesma realidade (não a de as unidades se relacionar como antecedente ou poscendente) será o foco de atenção que neste trabalho será tido a respeito da correferência.

• Gradação: Dentro desta última dimensão o fenómeno estudado será o fenómeno do *hedging*, também conhecido como *atenuação*. Dispondo-nos, neste trabalho, a analisar um discurso introdutório de textos de carácter prescritivo, os tipos de *hedging* aos quais se lhe prestará especial atenção são:

> • Primeiro, aquele chamado na retórica clássica *captatio benevoletiae*, isto é, a atenuação a respeito das próprias opiniões ou posicionamentos com o intuito, não de infravalorá-los, senão de os reforçar e, além disso, de

5. Por co-texto haver-se-á de entender contexto linguístico, isto é, "tot el text que hi ha al costat, abans o després, d'una paraula, oració o fragment determinat" (Castellà, 1996: 69).

1ESTUDOS92 19/12/07 14:20 Página 146

"aconseguir fer-se seu l'interlocutor, [perquè] esdevingués benèvol, atent i dòcil" (Castellà, 1996: 36).

• Segundo, aquele que devém do princípio científico comummente aceite que diz que "if you have something critical to say about a piece of scientific work, it is better to say it firmly but nicely and to preface it with praise of any good aspects of it." (Crick, 1990: 49). Tenciona-se, desta maneira, determinar em que medida as críticas que cada um dos grupos verta acerca do outro estão ou não explícita e intencionalmente atenuadas.

Para finalizarmos este apartado caberá delimitar quais são as hipóteses que, com o intuito de alcançar os objectivos expostos, serão mediante a análise qualitativa dos textos validadas ou falsadas.

Partindo da ideia de que os dois tipos de discurso são discursos persuasivo-argumentativos (des)legitimadores do *Nós* e do *Outro* e, por extensão, da sua posição linguística e do produto apresentado (neste caso os dois textos normativos):

H1: A estrutura pragmático-semântica (des)legitimadora é a de confrontação entre um *Nós* "bom" e um *Outro* "mau", portanto legítimo e ilegítimo, respectivamente.

Dada a posição de poder, político-legislativamente concedida, da perspectiva autonomista, o seu discurso:

H2: Focaliza mais explicitamente os seus aspectos positivos do *Nós* e evoca mais implicitamente os aspectos negativos da visão do *Outro*.

H3: Parecerá, portanto, mais moderado.

H4: Primarão os argumentos científico-linguísticos, pois os político-legislativos são dados por supostos.

Dada a posição marginal (periférica dos centros de poder), político-legislativamente condicionada, da perspectiva reintegracionista, o seu discurso:

H5: Focaliza explicitamente tanto nos seus aspectos positivos do *Nós* como nos aspectos negativos da visão do *Outro*.

H6: Parecerá, então, mais agressivo.

H7: Primarão tanto argumentos científico-linguísticos como sócio-político-legislativos.

1ESTUDOS92 19/12/07 14:20 Página 147

3- Contexto sócio-político-linguístico

Assumida a definição do discurso como uma unidade linguístico-comunicativa, produto da actividade verbal humana, caracterizada pela sua adequação coerente ao contexto sócio-histórico-político em que é produzido, a compreensão do sentido contextualmente adquirido de cada um dos textos escolhidos precisará, na nossa opinião, de maneira ineludível da definição dos contextos sociolinguístico e sócio-político que serviram de quadro definidor da situação que propiciou e justificou a sua produção.

Neste sentido, sendo ambas as obras reedições (1989 o reintegracionista e 1995 o autonomista) de textos publicados nos primeiros anos da década de 80 (83 o reintegracinista e 82 o autonomista) e tendo, desde então até à data de publicação de ambas as obras, premanecido, nas principais linhas definitórias, quase imutável (*vid*. Graña, 2001; Seminario de Sociolingüística da RAG, 1994, 1995 & 1996), o próprio contexto sócio-linguístico-político de começos da década de 80, considerado, neste sentido, pertinente, será a continuação descrito.

3.1. Situação Sociolinguística

A situação sociolinguística da Galiza de começos dos anos 80 definia-se, , tal e como aponta H. Monteagudo (2002: 10), por dois grandes fenómenos: a Diglossia e a Substituição Linguística. O termo Diglossia designa contextos, como o galego, em que dois subsistemas linguísticos que estão em contacto num determinado território se sobrepõem, de maneira que um é considerado mais prestigioso, portanto, Alto; e o outro, estigmatizado, é Baixo. Na Galiza destes anos a situação diglóssica estava fortemente vinculada a factores sociais. Assim, o sistema Alto, o castelhano, estava associado às camadas dominantes e urbanas, enquanto o Baixo, o galego, estava-o às subalternas e rurais. Esta era, pois, uma situação de Diglossia Social. A isto unia-se o facto de se estar a produzir um processo de Substituição Linguística, o qual se traduzia em que, mercê à instabilidade da situação anterior, registava-se a perda acelerada de falantes do sistema Baixo em favor do Alto, principalmente em três frentes: "a) a emigración tanto da Galicia rural à urbana canto, moito máis, pola masiva saída ó exterior; b) o cambio lingüístico interxeneracional, isto é, a preferencia dos proxenitores galegófonos por transmitirlles o castelán ós seus descendentes; c) o cambio lingüístico biográfico, ou sexa, a adopción do castelán como lingua de relación profesional, de expresión pública ou escrita, etc."(*íbid*.)

1ESTUDOS92 19/12/07 14:20 Página 148

À volta destes dois fenómenos podemos ainda destacar a existência de toda uma série de preconceitos a respeito destas línguas envolvidas naquele processo de substituição linguística, preconceitos que durante a ditadura franquista o seu aparato propagandístico se encarregara de instituir e promocionar como factos naturais próprios dos dois sistemas linguísticos em conflito. Para o estabelecimento da tipologia de preconceitos tomar-se-á a classificação feita por Ramón Piñeiro no seu discurso de ingresso na RAG no ano 67, intitulado "A lingoaxe i as línguas"(Piñeiro, 1967). Assim, as línguas Alta e Baixa estavam associadas com preconceitos de três tipos:

- Sociológico: O castelhano era considerado língua das classes acomodadas e urbanas, símbolo da modernidade; enquanto o galego, símbolo do atraso, era associado com as camadas subalternas e rurais.

- Linguístico: O castelhano, possuidor de uma variedade estândar perfeitamente fixada e com tradição escrita, era considerado uma Língua; o galego, por sua vez, despossuído desta variedade estândar assim como de uma tradição escrita estável, era qualificado de dialecto fortemente fragmentado e linguisticamente satelizado a respeito do castelhano.

- Ideológico: Mercê à forte influenciada dos ideais da Revolução Francesa, estava assumida a ideia de que a diversidade linguística era um lastre para a Modernização e o Progresso do Ser Humano, que só acentuava a desigualdade entre os povos, de maneira que em prol daqueles ideais só cabia a anulação dessa diversidade em favor de línguas como o castelhano, o francês ou o inglês, isto é, línguas universais, símbolo de uma homogeinização igualitaria.

Para finalizarmos esta rápida descrição da situação sociolinguística da Galiza de começos dos anos 80, far-se-á finca-pé no facto, já citado, de que o galego não possuía uma variedade ortográfica estândar e fixada que lhe proporcionasse o *status* de língua de cultura, apta para os usos formais e públicos da vida moderna. A ausência de condições favoráveis para o seu emprego escrito tinha provocado durante séculos uma situação de analfabetismo total em galego que se traduzia, à hora de o reproduzir, em dificuldades para a escolha das soluções ortográficas para desenvolver uma *koiné* supradialectal que ajudassem a superar a sua fragmentação. Nesta situação o debate entre a opção que o aproximava ortograficamente do castelhano, língua em que tinham sido instruídas as pessoas com competências lecto-escritoras, e a opção que o pretendia lin-

1ESTUDOS92 19/12/07 14:20 Página 149

guística e, portanto, ortograficamente mais próximo do português, que se tinha prolongado durante mais de um século, agudizou-se nas décadas de 70 e 80 mercê às expectativas que se abriam com a chegada da mudança política de instituir o galego como língua co-oficial na Galiza.

3.2. Situação político-legislativa

Com a morte de Franco e o fim da Ditadura a finais dos anos 70, chegou-se no Estado Espanhol a um período de transição democrática, no quadro da qual foi aprovada em 1978 uma nova *Constituição* com a qual se reconheceu a co-oficialidade do castelhano (língua oficial em todo o Estado e, por isso, com um certo *status* de superioridade) e das línguas periféricas, basco, galego e catalão, nas suas respectivas comunidades autónomas.

A necessidade de dar saída às pretensões de autogoverno das nações históricas que antes da eclosão da Guerra Civil tinham conseguido aprovar os seus Estatutos de Autonomia, obrigou as autoridades encarregadas de desenhar o novo contexto político "democrático" a retomar aqueles Estatutos. Desta maneira, em 1980 foi aprovado um *Estatuto de Autonomia* para a Galiza no qual ficou reflectida a co-oficialidade, nesta comunidade, do castelhano e do galego, língua esta última considerada própria do seu território autonómico. A Galiza recebeu, então, competências –embora não em exclusiva– no ensino, na promoção cultural, na administração autonómica e nos meios de comunicação, para cujo regulamento linguístico foi ideado o terceiro dos textos legais que conformam o quadro jurídico essencial do galego: a *Lei de Normalización Lingüística*. Esta lei, aprovada em 83, regula o uso do galego no sistema de ensino não universitário, estabelecendo a inclusão obrigatória dentro do currículum escolar de todos os níveis de ensino não-universitário de uma matéria de língua e literatura galegas, assim como o progressivo aumento da veicularidade desta língua noutras matérias deste currículum. Além disso, regula o uso do galego em co-oficialidade com o castelhano na administração autonómica, instância considerada a máxima responsável de activar e levar a cabo o processo de normalização; e dispõe a necessidade de criar meios de comunicação de titularidade pública com a obriga de usar e promocionar a língua galega.

Neste contexto de co-oficialidade, surge para o galego, dialectalmente fragmentado e imerso num conflito normativo, a imperante necessidade de o normativizar e, em consequência, de o unificar. Assim, a *Lei de Normalización Lingüística* foi acompanhada de uma disposição adicional

1ESTUDOS92 19/12/07 14:20 Página 150

referida à normativa que, segundo um Decreto de 20 de Abril 1983, estabeleceu como única norma oficial e, portanto, com reconhecimento e validade institucionais, a norma da *Real Academia Galega* (RAG) e do *Instituto da Lingua Galega* (ILG). Esta disposição legal, com a qual se tentou fechar uma discussão normativa que se tinha prolongado durante muitas décadas, deixou, desta maneira, na ilegalidade o resto de normativas, entre as quais destacava a norma reintegracionista da *Associaçom da Língua Galega* (AGAL).

ci/ **Análise dos textos**

1/ **Texto 1: "Nota á presente edición"** (*vid*. apartado 1 do Apêndice)

1/ Expressões correferenciais:

Nós:

I/ "Real Academia Galega e Instituto da Lingua Galega": Como podemos observar estes são os nomes legais das duas instituições produtoras do texto normativo a que o texto analisado serve de prólogo. Mediante este tipo de referência consegue-se a individualização dos dois agentes produtores do texto normativo. Desta maneira, os subgrupos que formam o *Nós* passam, ao serem nomeados pelos seus nomes próprios, a existirem de forma concreta e real.

II/ "dúas institucións": Neste caso a expressão correferencial faz finca-pé no carácter institucional do *Nós*, ou seja, legal e politicamente reconhecido.

III/ "Consello Científico do Instituto da Lingua Galega [...] e Real Academia Galega": mais uma vez o *Nós* é referido pelo nome próprio dos subgrupos que o configuram. Porém, neste caso o primeiro dos subgrupos é referido pelo nome de uma das suas secções, o seu Conselho Científico, que como o seu nome indica está dedicado a aconselhar sobre questões científicas. Consegue-se, desta maneria, revestir tanto as próprias instituições quanto o seu trabalho de um cariz legal e científico.

O *Nosso Produto*[6]:

6.Ao categorizarmos os textos normativos como Produtos estamos a fazer referência a um duplo sentido. Por um lado, que os textos normativos são resultado de um processo de elaboração intelectual e, por outro, ao entrarem a formar parte do mercado linguístico estes passam a serem mercadorias que podem ser aderidas ou rejeitadas.

1ESTUDOS92 19/12/07 14:20 Página 151

I/ "*Normas ortográficas e morfolóxicas da lingua galega*": Esta expressão correferencial, ao igual que o acontecia com o *Nós*, é o nome próprio da obra que está sendo apresentada. O efeito conseguido é, na nossa opinião, o mesmo que no caso anterior: a individualização do referente, que passa a ser real e único entre todos os que se pretendam igualmente textos normativos.

II/ "texto normativo": Esta expressão correferencial faz ênfase no aspecto normativo do texto em questão. Assim, este texto produzido pelas instituições nomeadas, cuja legitimidade –lembremo-lo– é político-legislativa, adquire o rango de normativo, isto é, de obrigado cumprimento por parte dos cidadãos.

III/ "texto, revisado, actualizado e ampliado": Esta última expressão ressalta mediante a tripla adjectivação do substantivo, o carácter positivamente superior do referente assinalado, que há de passar necessariamente a ser considerado "melhor" do que antes era.

O *Galego*:

I/ "lingua galega": Inserida dentro do nome de uma das instituições que conformam o *Nós* e dentro do título da obra apresentada, esta expressão correferencial eleva o galego ao rango de língua, ou seja, não de dialecto, e, portanto, ao mesmo nível que outras variedades, vizinhas ou não, como o português, o castelhano, o inglês, o francês, etc. De igual maneira, a expressão ressalta o carácter galego da variedade que está sendo normativizada, isto é, oriunda de um determinado território (não especificado, mas pressuposto).

II/ "nosa lingua": Do mesmo jeito que no caso anterior, a variedade torna ser referida mediante o substantivo língua. Mas neste caso, este substantivo é modificado mediante o possessivo "nossa" que converte o *Nós* no seu co-possuidor junto com o, não mencinado mas implicado, povo galego. Consegue-se, assim, fazer o *Nós* intimamente partícipe da realidade sobre a qual se está legislando. Como co-possuidores, política e legalmente apoiados, o *Nós* tem legitimidade para decidir as nomas afecetam a variedade –"lingua", não o esqueçamos– em questão.

Atenuadores:

O texto analisado não apresenta atenuação epistemológica –em forma de advérbios, tempos e modos verbais ou locuções) que minimize a certeza das afirmações realizadas. Assim, no que diz respeito, por exemplo, aos tempos e modos verbais os verbos que podem ser identificados no texto estão bem em pretérito perfeito de indicativo bem em presente de indicativo. Mediante estes tempos e este modo o efeito conseguido, mais

1ESTUDOS92 19/12/07 14:20 Página 152

do que a atenuação, é a afirmação da certeza dos predicados. Não existindo este tipo de atenuadores, pôde ser encontrado, porém, um aumentador epistemológico representado mediante o sintagma nominal "fondo convencemento". Neste sintagma o núcleo, substantivo deverbal, "convencemento" remete para um universo mental no qual a afirmação realizada ("o texto normativo é bom, sólido desde o ponto de vista científico e e plenamente válido") é, dado o seu carácter profundo –isto é, enraizado e firme–, absolutamente certa.

No que diz respeito à atenuação de tipo pragmático-semântica, isto é, aquela que afectam a estrutura discursiva de legitimação, o texto oferece vários exemplos que serão analisados. Referimo-nos a o segundo parágrafo do texto. Neste parágrafo, começado pela locução adversativa "Non obstante", faz-se uma valoração acerca da validade do texto normativo original (publicado em 1982). A locução adversativa, como começo do parágrafo, informa do sentido atenuante que o parágrafo tem em conjunto. Assim, neste trecho encontramos um substantivo como "lagoas" que se refere ao texto normativo de 1982 e que informa da sua imperfeição. Porém, a atenuação acerca da validade do texto de 1982 encontra-se ao mesmo tempo atenuada. Isto é, atenua-se a atenuação para minimizar as autocríticas. Vemos, por exemplo, como as "modificacións" que tiveram de ser realizadas são "pequenas" e "puntuais" e como os "argumentos" reforçados e as "lagoas" existentes são só "algúns/algunhas". Desta maneira, a figura retórica que este parágrafo representa, uma *captatio benevolentiae* atenuada, acaba não só por fazer com que o leitor se torne mais dócil, senão por avaliar de maneira implícita o texto original como "quase" perfeito, isto é, por reforça-o.

III Tipo de argumentos:

Para levarmos a cabo uma completa descrição do tipo de argumentos empregados convirá, antes de mais, fazermos uma revisão das noções associadas por predicação aos correferentes anteriormente identificados[7].

Assim, o *Nós* e o *Galego* encontram-se associados mediante a seguinte predicação: "as dúas **institucións** non cesaron de realizar *estudios* cada vez mais *profundos* e *documentados* sobre a *historia* e *realidade* actual da **nosa lingua**". Como pode ser observado, as instituições são agentes activos nos estudos que por profundos e documentados são válidos cientifi-

7. Neste apartado, em negra ressaltaremos os actores pragmáticos e em itálico os verbos, advérbios e adjectivos que sirvam, mediante a predicação dos primeiros, para configurarem o sentido global de cada proposição".

1ESTUDOS92 19/12/07 14:20 Página 153

camente. Além disso, os estudos são declarados válidos pois não são fictícios, ou seja, referem-se a uma língua que tem uma realidade e que ademais tem uma historia. São, portanto, fiéis a uma tradição pre-existente e adequada ao contexto social actual. Este tipo de argumento é ao mesmo tempo científico-linguístico e sócio-político.

O *Nosso Produto* ("o texto normativo") é, em primeiro lugar, predicado da maneira seguinte predicação: "facer un *exame pausado* do **texto normativo** que nos levou ó fondo convencemento da súa *bondade*, da súa *solidez científica* e da *plena validez* dos principios que o inspiran". Neste predicado o texto normativo, produto de um "exame pausado", portanto, não precipitado senão muito meditado, converte-se em bom para o galego e os galegos como cidadãos, em sólido desde um ponto de vista científico e plenamente válido. O argumento aqui empregado é ao mesmo tempo científico-linguístico e sócio-político. Em segundo lugar, o *Nosso Produto* ("texto, revisado, actualizado e ampliado") é associado ao *Nós* mediante a seguinte predicação: "este **texto**, **revisado**, **actualizado** e **ampliado** [...] foi *aprobado* polo **Consello Científico do Instituto da Lingua Galega** [...] e pola **Real Academia Galega** en *sesión extraordinaria*". Neste predicado, o *Produto*, em cuja expressão correferencial encontramos três adjectivos com um claro sentido positivo acerca da realidade modificada, é associado com um *Nós* agente de um processo ("aprovar [...] em sessão extraordinária") que lhe outorga legitimidade mercê ao carácter burocrático, político e legislativo do próprio processo. Além disso, como já foi anteriormente ressaltado, um dos agentes do *Nós* é uma subsecção do grupo que se dedica, tal e como o seu nome aclara, a aconselhar em assuntos científicos. Portanto, além de um assunto burocrático, político e legislativo, o processo de aprovação do texto normativo (o *Nosso Produto*) torna-se uma questão de fazer Ciência. Este é, pois, um argumento político-legislativo e, ao mesmo tempo, científico-linguístico.

4- Estrutura pragmático-semântica de legitimação

A estrutura pragmático-semântica de (des)legitimação deste texto é a seguinte:

> Existe um *Nós* (que somos instituições politicamente legítimas) que apresentamos um um texto normativo (o *Nosso Produto*) resultado de muitos estudos científicos sobre o *Galego* (a nossa língua). Como é científico, respeita a tradição e é adequado à situação actual, o *Nosso Produto* é bom.
>
> É certo que alguma vez fizemos uma primeira versão que era um

1ESTUDOS92 19/12/07 14:20 Página 154

bocado incompleta, mas esta nova versão é melhor, por isso *Nós*, que estamos legitimados politicamente, aprovamo-la.

Antes de darmos por finalizada a análise de este texto convirá fazermos uma última pontualização. Como pode ser observado não existe nenhuma referência explícita à posição contrária (reintegracionismo) aos postulados do *Nós* (ILGA/RAG). De qualquer maneira, o que não é feito de maneira explícita sim é, pelo contrário, feito de maneira implícita. Assim, tudo o que não foi proposto neste texto normativo –que é bom, sólido do ponto de vista científico e plenamente válido– não é bom, nem científico nem válido. A crítica à posição contrária é feita de maneira implícita mediante um silêncio absoluto a respeito do seu posicionamento. Chegados a este ponto caberá apontar que o emprego do silêncio tem, desde o nosso ponto de vista, uma outra função. O que não é nomeado, isto é, o que não é visível, não existe e se não existe não faz falta nomeá-lo. Deste jeito, tenta-se, na nossa opinião, impedir, por um lado, o acesso de opiniões contrárias no próprio discurso legitimador e, por outro, deslegitimá-las por serem invisíveis ou, incluso, inexistentes.

4.2. Texto 2: "Prólogo à segunda ediçom" (*vid*. apartado 1, Apêndice)

1/ Expressões correferenciais

Nós e o *Outro*:

I/ "linhas de discurso confrontadas": Nesta expressão correferencial que assinala para os dois agentes principais do discurso faz-se finca-pé, por um lado, no seu teor discursivo, isto é, que produz textos onde se vertem opiniões, por outro, em que ambos os discursos seguem duas trajectórias divergentes uma da outra, e, por último, em que, além de serem diferenciadas, as trajectórias estão confrontadas, ou seja, existe um conflito entre elas para imporem a sua filosofia.

II/ "práticas lingüísticas institucionais e cívicas": Nesta expressão correferencial faz-se, mais uma vez finca-pé na questão de que ambos os discursos são realizações linguísticas concretas, isto é, produtoras de textos. Porém, neste caso a divergência de opiniões fica mais clara ao se desdobrarem as perspectivas em dois entes separados mediante coordenação: uma prática linguística institucional e outra prática linguística cívica. Cada uma das perspectivas identificadas é, por sua vez, caracterizada mediante o seu principal rasgo definidor. Assim, a primeira das práticas (o *Outro*) é calificada de institucional, isto é, político-legislativamente promovida, e a segunda (a do *Nós*) é-o de cívica, ou seja, sócio-politicamente legitimada.

1ESTUDOS92 19/12/07 14:20 Página 155

O *Outro*:

I/ "«oficialista»": Mediante esta expressão correferencial ressalta-se o carácter oficial que tem a perspectiva do *Outro*. Assim, o facto da sua oficialidade faz com que se faça uma referência para um poder político-legislativo que a tem nomeado e elevado para o status de perspectiva no Poder.

II/ "discurso": Como na primeira das expressões analisadas neste apartado, está-se ressaltando a faceta produtora de textos e, subsequentemente, de opinião do *Outro*.

III/ "discurso unilinear": Partindo-se da mesma ideia que o exemplo precedente, nesta expressão correferencial faz-se uma caracterização explícita da opinião do *Outro* como uma opinião fortemente coesa. Remete-se-nos, assim, para a ideia de que estando no Poder, a perspectiva oficialista (autonomista) é uma opinião dirigida desde o próprio Poder e, portanto, legitimadora da posição de poder ostentada. Poder-se-á pensar, na nossa opinião, que neste caso pretende-se caracterizar o *Outro* como um Poder irradiador de uma corrente de pensamento único que não é senão a caracterização que, desde a esquerda, recebem os regimes ditatorais. A proposição implícita seria, neste sentido: "O *Outro* exerce uma ditadura linguística".

Nós:

I/ "linha, nom «oficialista»": Esta expressão correferencial caracteriza o *Nós* como uma linha (discursiva), portanto, produtora de opinião, que se encontra afastada do Poder, isto é, que não é promovida pelo poder político-legislativo e que, desta maneira, se encontra fora do "sistema".

II/ "discurso dificilmente redutível": Mediante esta expressão correferencial o *Nós* é identificado, mais uma vez, como uma praxe linguística produtora de opinião caracterizada pela sua complexidade de vozes produtoras textos. Implica-se, deste jeito, que a diversidade é uma das suas características principais. Sendo tão diversa, é mais democrática e, portanto, mais legítima já que a sua é a voz do povo.

Eles:

Dentro deste texto, além do *Nós* e do *Outro*, dois actores mais podem ser identificados. Trata-se do *Eles que apoia o Outro* e do *Eles que apoia o Nós*.

1ESTUDOS92 19/12/07 14:20 Página 156

• O *Eles que apoia o Outro*:

I) "Instituiçons do Estado": Esta expressão identifica este *Eles* como o próprio poder institucional e estatal em que se encontra inserida a perspectiva oficialista. O Estado a que se está fazendo referencia é o Estado Espanhol. Desta maneira, tenta-se igualar o *Outro* com um poder político alheio, o espanhol.

II) "legalidade vigente": Neste caso o *Eles que apoia o Outro* é caracterizado como a própria legalidade que resulta do exercício de poder do Estado que sustenta o *Outro*. Assim, o *Outro* obtém a sua legitimidade ou, visto desde outro ponto de vista, a sua ilegitimidade precisamente pela legalidade que o sustenta, já que está é a legalidade de um poder alheio, não galego.

III) "meios de comunicação de massas" e "mass-media": O *Eles que apoia o Outro* é correferido neste caso mediante a alusão ao tipo de agentes de produtores de opiniões que propagam a sua própria visão acerca do galego. Estes agentes, que são meios de comunicação, ostentam um grande poder já que são capazes de achegar as suas opiniões a um grande número cidadãos (a massa social). Na nossa opinião, do mesmo jeito que para o *Outro* se fazia uma caracterização implícita de ditadura linguística, neste caso remete-se para uma situação de abuso de poder cuja finalidade é o adoutrinamento maciço da população naquele "discurso unilinear". Assim, estes métodos por anti-democráticos são caracterizados implicitamente como ilegítimos.

IV) "entidades públicas e privadas": Esta expressão correferencial identifica dois actores como partícipes do *Eles* que está sendo analisado. Por um lado, encontramos as entidades públicas, que não são senão as próprias "Instituições do Estado [Espanhol]" e, por outro, as empresas, isto é, o capital de esse mesmo Estado. Desta maneira, encontramos reforçada a ideia de que a perspectiva oficialista é apoiada por um poder político alheio, mas também encontramos igualada esta perspectiva como o poder económico capitalista, criticado normalmente desde a esquerda por atacar os interesses do povo e por sustentar um *status quo* desigualitário.

V) "quadro legislativo constitucional": Mediante esta expressão correferencial o *Eles que apoia o Outro* é identificado como a legalidade que emana do Estado Espanhol. O Estado Espanhol que encontra a sua legitimidade na Constituição de 1978 é um agente que sustenta o *Outro* e que, além disso, o legitima precisamente mediante o seu quadro legislativo. Mais uma vez encontramos reforçada a ideia de que existe uma legalidade alheia –já que é espanhola– que sustenta e instala o *Outro* numa posição de Poder ilegítima pelo facto de não ser galega.

1ESTUDOS92 19/12/07 14:20 Página 157

• O *Eles que apoia o Nós*:

I) "colectivos e grupos diversos e numerosos": O *Eles* que neste apartado está sendo estudado é mediante esta expressão caracterizado por estar formado por movimentos associativos de cidadãos, colectivos e grupos, que são muitos e diversos. Desta maneira, reforça-se a ideia de que a perspectiva do *Nós* é uma perspectiva sustentada nos ideais da democracia, isto é, que respeita a diversidade. O *Nós* encontra, deste jeito, a sua legitimação no Poder que outorga o apoio maioritário do povo.

III) "maioria de movimentos cívicos galeguizadores": Mais uma vez faz-se finca-pé em que o tipo de *Eles que apoia o Nós* é um agente de tipo social maioritário, pois é cívico, isto é de cidadãos, dinâmico, pois está formado por grupos que continuamente se movem, ou seja, que levam a cabo acções reivindicativas, e que, além disso, tem uma praxe desde o que é galego, para os galegos e que pretende defender e promocionar valores galegos. Desta maneira, se o *Eles que apoia o Nós* é democrático e galego o *Nós* é, por ósmose, democrático e galego.

IV) "projectos políticos divergentes do actual espanhol": Mediante esta expressão correferencial o *Eles que apoia o Nós* é, partindo de ser um movimento cívico, transformado num projecto político divergente do projecto político espanhol, que não é senão o projecto político do Estado e do capitalismo espanhóis. Dá-se-lhe um cariz político galeguista aos apoios que recebe o *Nós*, o qual, deste jeito, passa a exerce uma função de contrapoder político confrontado com o oficial.

V) "Ciências da Linguagem": Mediante esta expressão pretende-se revestir o *Eles que apoia o Nós* de um ar de cientificidade que, pelo universalismo e objectividade intrínsecos da Ciência, lhe outorgue legitimidade.

VI) "movimentos vertebrados da identidade nacional galega": O *Eles que apoia o Nós* é mediante esta expressão correferencial transformado num movimento vertebrado, portanto dinâmico mas articulado, que desde o seu poder cívico e político exerce uma praxe defensora dos valores definitórios da nação (diferente da espanhola) que conforma a "Galiza" (*Nós* e o *Eles que apoia o Nós*).

Nós e o *Eles que apoia o Nós*:

• "Comunidade Galega": Esta expressão correferencial caracteriza o *Eles que apoia o Nós* e o *Nós* como o conjunto do povo galego. Neste caso existe uma certa ambiguidade acerca do tipo de comunidade que este povo conforma, pois não se pode ter a certeza de se esta remete para a

1ESTUDOS92 19/12/07 14:20 Página 158

Comunidade Autónoma ou para a Comunidade Linguística galega. Veremos a continuação num outro exemplo como essa ambiguidade é eliminada.

• "Galiza": Mediante esta expressão o *Nós* e o *Eles que apoia o Nós* são agrupados sob um ente de carácter territorial e nacional. A Galiza, pensada desde este pocionamento como nação que acolhe no seu seio todos os actores que defendem os seus valores, contrapõe-se ao Estado Espanhol.

• "Comunidade Lingüística Luso-Galaica": Esta é a expressão correferencial mediante a qual se elimina a ambiguidade da expressão precedente "Comunidade Galega". A comunidade passa, assim, a ser uma comunidade definida mediante parâmetros linguísticos. Quem falar galego formará parte da comunidade. Porém, a comunidade está neste caso formada por mais um actor até agora não identificado. Se vermos o segundo dos adjectivos que modifica e individualiza a comunidade a que está fazendo referência, veremos que a comunidade está formada por Galaicos (galegos) e por Lusos (lusófonos, o qual implica os portugueses, os brasileiros, e os africanos de língua portuguesa). A comunidade está, deste jeito, formada pelo *Nós*, pelo *Eles que apoia o Nós* e pelo *Eles com o qual nos queremos parecer*. Surge, pois, um novo grupo ao qual, pela sua diametral oposição, o grupo que formam o *Outro* e o *Eles que apoia o Outro* não pertence.

As *Línguas*:

Dentro deste apartado haverão de ser distinguidas duas entidades: o *Galego* e o *Espanhol*.

• O *Galego*:

I) "o galego": Esta é a única expressão correferencial mediante a qual é assinalada a língua sobre a qual versa o *Nosso Produto* (do *Nós*) e o *Seu Produto* (do *Outro*). A variedade linguística em questão é, assim, associada com a "Galiza" e o seu povo (carácter territorial e sócio-político).

• O *Castelhano*:

I) "o castelhano": Esta expressão correferencial ao igual que a anterior serve para associar a variedade linguística com o território (Castilha => Espanha) ao que pertence e povo que a veicula (o castelhano => o espanhol)

II) "a língua oficial do Estado, o castelhano": Neste caso encontramos associadas duas expressões correferenciais. Por um lado, está "a língua oficial do Estado [Espanhol]" que remarca o seu carácter oficial que lhe proporciona o quadro legislativo vigente em e promovido por esse

1ESTUDOS92 19/12/07 14:20 Página 159

Estado. Por outro, o castelhano cujo carácter já foi explicitado no exemplo anterior. Procura-se, deste jeito, fazer explícita uma associação de correferencialidade que, doutro jeito, deveria ser intuída. Não se deixa, pois, lugar a dúvidas acerca das características "principais" da entidade que se pretende assinalar.

Os *Produtos*: Dentro deste apartado haverão de ser igualmente distinguidos dois produtos: o *Nosso Produto* e o *Seu Produto*.

• O *Nosso Produto*:

I) "Estudo crítico": Esta expressão correferencial remete para o texto normativo que está sendo prologado. Nomeado mediante uma versão reduzida do seu nome próprio, podemos, na nossa opinião, encontrarmo-nos perante uma individualização do *Produto* feita de maneira carinhosa ou informal em que, em certa medida, dá-se por pressuposto o conhecimento que dela já têm os leitores já que esta é uma reedição.

II) "norma gráfica": O carácter ressaltado mediante esta expressão é o rango de texto normativo a respeito da forma gráfica do galego que tem o *Produto* apresentado. Apesar de o *Nós* não pertencer a uma oficialidade legislada, a legitimidade que lhe outorgam os apoios sócio-políticos que recebe permite elevar o *Nosso Produto* à categoria de "norma", isto é, no mesmo nível que o *Seu Produto*.

• O *Seu Produto*:

I) "norma gráfica": O emprego desta expressão correferencial mediante a qual, ao igual que no caso anterior, está-se-lhe outorgando ao *Seu Produto* a categoria de norma, acaba por lhe conceder ao *Outro* certa legitimidade já que, apesar das críticas vertidas acerca da natureza essencial do seu poder, o *Seu Produto* é visto como um texto normativo, isto é, com a capacidade de impor critérios.

Atenuadores

Ao igual que no caso do texto anterior, o presente texto não é prolixo no que à atenuação epistemológica se refere –lembremos, aquela que afecta a certeza da veracidade das afirmações vertidas–. Um único atenuador pode ser identificado: "em linhas gerais". Esta locução, que atenua a afirmação de que o discurso não oficialista é "coerente" apesar de não ser "unilinear", tenta fazer com que a sua coerência interna seja avaliada com benevolência. O resto do texto, tanto no que aos tempos e modos verbais, quanto aos advérbios e resto de locuções se refere, não apresenta nenhum outro atenuador epistemológico. Assim, por exemplo, todos os verbos do texto estão em tempo presente de modo indicativo,

1ESTUDOS92 19/12/07 14:20 Página 160

dando, assim, por sentada a veracidade do afirmado, e não pondo, em nenhum caso, em questão as diferentes caracterizações que recebem os actores pragmático-semânticos assinalados.

Não existindo este tipo de atenuadores, encontramos no texto, porém, aumentadores de tipo pragmático-semântico –lembremos, aquela que afectam as estruturas de legitimação e a caracterização semântica dos actores–. Deste jeito, ao igual que o texto por completo, encontramos aumentadores de significado aplicados antonimamente ao *Nós* e ao *Outro*.

Assim, no parágrafo que versa sobre a perspectiva oficialista foram identificados aumentadores como os seguintes:

1- "**magnificado** nos meios de comunicação de massas"

2- "**amplamente** subsidiado"

No primeiro caso, estamos perante um adjectivo deverbal/particípio cuja função é indicar que o papel dos "meios de comunicação de massas" aumenta o poder comunicativo desta perspectiva. No segundo caso, o aumentador é um advérbio que indica, de igual jeito, a grande magnitude dos subsídios recebidos pelo *Outro*.

No parágrafo que versa acerca da perspectiva não oficialista encontramos os seguintes exemplos:

1- "**silenciado** nos mass-media"

2- "**minimamente** subsidiado"

3- "**dificilmente** redutível"

De maneira paralelamente contraposta, os aumentadores dos dois primeiros exemplos –"silenciado" (adjectivo/particípio) e "minimamente" (advérbio)– remetem para realidades opostas às associadas à perspectiva oficialista. No primeiro caso, os mass-media omitem qualquer referência à versão não oficialista até tal ponto que o que existe é o absoluto silêncio. No segundo caso, as contribuições económicas recebidas mediante subsídios são reduzidas ao seu mínimo exponente. O aumentador do terceiro, que não encontra um paralelo no parágrafo dedicado aos oficialistas, converte a possibilidade de reduzir o discurso não oficialista a uma visão unilinear numa tarefa extremamente complexa.

3 Tipo de Argumentos

De igual jeito que na análise do texto anterior, faremos neste apartado uma revisão das noções associadas por predicação aos correferentes identificados.

1ESTUDOS92 19/12/07 14:20 Página 161

No primeiro parágrafo encontramos associados por predicação o *Nosso Produto,* o *Nós* e o *Outro*: "A *nova ediçom* do **Estudo crítico** possibilita-nos salientar [...] **linhas de discurso confrontadas** [...] **práticas lingüísticas institucionais** e **cívicas** o *território espanhol da Galiza*". Como podemos observar a reedição do texto normativo reintegracionista é aproveitado para poder elaborar uma disquisição acerca das duas perspectivas linguísticas existentes na Galiza, caracterizada como um território que se encontra sob domínio espanhol. Estas duas perspectivas (*Nós* e o *Outro*) são, assim, caracterizadas pelo principal rasgo definitório que lhes outorga a sua legitimidade (o civismo e o institucionalismo, respectivamente). Além disso, neste parágrafo estabelece-se a relação existente entre essas duas perspectivas: o conflito. O reconhecimento desta relação serve para justificar a estrutura que o resto do texto seguirá. Como veremos, os dois seguintes parágrafos estão dedicados, o primeiro, à perspectiva oficialista e, o segundo, à não oficialista. Ambos os parágrafos, mediante uma estrutura de contraposição paralela dos diferentes argumentos justificativos, representam, deste jeito, a posição antagónica de ambas as perspectivas, ou seja, o próprio conflito.

O segundo parágrafo, como já foi explicitado, está dedicado ao *Outro.* Nele, mediante a associação por predicação deste com o resto de actores pragmáticos e com diferentes noções, trata-se de configurar os diferentes argumentos justificativos da sua ilegitimidade.

Partindo, em primeiro lugar, da primeira das expressões correferenciais do *Outro*, ir-se-ão identificando as diferentes predicações que servem de engranagem dos vários argumentos deslegitimadores:

"Umha é a «**oficialista**» [...]":

1- "*promovida* polas **Instituiçons do Estado**": Tendo em conta que as Instituições do Estado são um poder político-legislativo alheio ao galego a promoção por parte deste da perspectiva oficialista é vista como um aspecto negativo. Trata-se claramente de um argumento de ordem político-legislativa.

2- "*sustenta* a ***necessidade*** do **castelhano** [...] e a ***possibilidade*** do **galego**": Como pode ser observado no texto (*vid.* apartado 1 do Apêndice) "necessidade" e "possibilidade" estão originalmente destacadas em negra. Isto serve para delimitar claramente quais são as noções essenciais associadas a cada uma das línguas mencionadas. Mediante esta predicação está-se a fazer uma referência implícita a vários pontos do quadro legislativo que emana do Estado Espanhol (Artigo 3º alinhas 1 e 2 da Constituição Espanhola de 1978 e Artigo 5º alinha 2 do Estatuto

1ESTUDOS92 19/12/07 14:20 Página 162

de Autonomia de 1981, *vid.* apartado 2 do Apêndice) que definem o *status* de cada uma das línguas. Assim, a "necessidade" do castelhano faz referência ao *dever* estabelecido legislativamente de a conhecer, enquanto a "possibilidade" do galego refere-se ao *direito* de a conhecer. Trata-se, desta maneira, de fazer finca-pé na desigualdade linguística que promove a opção oficialista. Estamos, portanto, perante um argumento igualmente político-legislativo.

3- "**discurso** da *boa vontade* a respeito do **galego**": A "boa vontade" a respeito do "galego", noção que em princípio poderia resultar positiva, torna-se negativa se temos em conta que, mercê ao quadro legislativo mencionado –que promove a ressaltada desigualdade linguística–, a boa vontade implica uma falta de interesse real pela promoção e defesa do *Galego*. Este é um argumento político-legislativo.

4- "*consoante* com o **quadro legislativo constitucional** [...] *legitima* a **legalidade vigente** e esta o *reforça institucionalmente*": Neste predicado mediante os verbos "legitima" e "reforça" e o adjectivo "consoante" relacionam-se concomitantemente o *Outro* e o *Eles que apoia o Outro*. Desta maneira, o *Outro* sustenta e encontra legitimidade no *Eles que apoia o Outro* e, ao mesmo tempo, este reforça-o garantindo a reciprocidade. Estamos, mais uma vez, perante um argumento político-legislativo.

5- "*Nom* conta com o *apoio* de **movimentos cívicos maioritários**": Nesta predicação nega-se a relação de concomitância entre o *Eles que apoia o Nós* e o *Outro*. Desta maneira, estando o primeiro formado por agentes sociais mobilizados e que, mercê à legitimidade que lhes outorga o facto de serem maioritários, são democráticos, o *Outro* é privado de legitimidade social e democrática. Trata-se este de um argumento sócio-político.

6- "é *magnificado* nos **meios de comunicação de massas** e *amplamente subsidiado* por **entidades públicas e privadas**": Nesta predicação encontramos associado o *Outro* a dois agentes pertencentes ao grupo do *Eles que apoia o Outro*. Esta vinculação, dadas as associações já explicitadas no apartado de expressões correferenciais dedicado a este texto, leva implícita uma crítica desligitimadora. Neste sentido, o adoutrinamento no pensamento único e a prevalência dos interesses do capital alheio fazem com que o *Outro* seja, desta maneira, deslegitimado. Este é um argumento duplamente sócio-político e político-económico.

7- "**discurso unilinear** e, portanto, *indutor* à *coacçom* e *inseridor* da **Comunidade Galega** no vigente **projecto político espanhol**": Mediante esta predicação encontramos associados o discurso oficialista –"unilinear"– (o Outro) e o "projecto político espanhol" (o *Eles que apoia o*

1ESTUDOS92 19/12/07 14:20 Página 163

Outro), ambos confrontados com a "Comunidade Galega" (*Nós* e o *Eles que apoia o Nós*). Os primeiros são, assim, caracterizados de maneira negativa por praticarem a coacçom dos segundos, que contra a sua vontade são dirigidos num caminho não escolhido. O *Outro* está, pois, contra a vontade do povo. Estamos perante um argumento sócio-político.

8- "A **norma gráfica** correspondente a este **discurso** fica *supeditada* à da **língua oficial do Estado, o castelhano,** de modo que *ignora* e *rompe* a *tradiçom* e a *história*": Neste predicado, como vemos, é, em primeiro lugar, delimitada a relação de submissão da "norma gráfica" (o *Seu Produto*) e "este discurso" (o *Outro*) ao castelhano (*Língua* do *Eles que apoia o Outro*), que é caracterizado mediante a sua condição de oficialidade no Estado Espanhol. A supeditação do *Galego* mediante esta norma gráfica a uma língua alheia é considerada uma traição, já que "ignora e rompe" a sua própria essência, isto é, "a tradiçom e a história". Deste jeito, se o *Seu Produto* é uma traição, o *Outro* é um traidor. Este é um argumento eminentemente sócio-político com um certo cariz legislativo.

O terceiro parágrafo está dedicado ao *Nós*. Nele, este encontra-se associado por predicação ao resto de actores pragmáticos e a uma série de noções que servem para configurar os argumentos que justificam a sua legitimidade. Tal e como foi feito no segundo parágrafo, delimitaremos a primeira expressão correferencial do *Nós* e iremos explicitando as diferentes predicações com que se relaciona.

"Outra linha, nom «oficialista»,":

1- "*dinamizada* por **colectivos e grupos diversos e numerosos**": Esta predicação relaciona o *Nós* como o *Eles que apoia o Nós*. Este, ao exercer uma força dinamizadora sobre o primeiro, ajuda a manter o *Nós* ligado à vontade do povo, que estes colectivos e grupos se supõe representam. Além disso, os próprios colectivos ao serem numerosos e diversos acabam por outorgar ao *Nós* essas propriedades positivas. Este é um argumento sócio-político.

2- "*sustenta* prioritariamente a **necessidade** do **galego** e dos seus usos": Este predicado, que faz referência ao quadro legislativo espanhol vigente, relaciona o *Galego* e o *Nós*. Este defende o primeiro e considera necessária uma reformulação legislativa que coloque o *Galego* em pé de igualdade com o *Castelhano*. Este é um argumento político-legislativo.

3- "*questiona* portanto o **quadro legislativo constitucional**, [...] *nem legitima* a **legalidade vigente** *nem* esta pode *apoiá-lo* **institucionalmente**": O *Eles que apoia o Nós* é confrontado neste predicado com o *Nós*. Este não aceita a legislação desigualitária a respeito do *Galego* e, portanto, não

1ESTUDOS92 19/12/07 14:20 Página 164

recebe uma cobertura institucional como a recebida pelo *Outro*. Este é um argumento político-legislativo.

4- "*Aderindo* a ele a **maioria de movimentos cívicos galeguizadores**": Mais uma vez, com esta predicação encontramos, concomitantemente, associados o *Nós* e o *Eles que apoia o Nós*. Como já foi explicitado, a união destes dois actores faz com que o primeiro adquira as propriedades positivas do segundo, que o apoia. Assim o *Nós* passar a ser o movimento da maioria dos cidadãos, isto é, do povo. Este é um argumento sócio-político.

5- "é contodo *silenciado* nos **mass-media** e *minimamente subsidiado* por **entidades públicas e privadas**": Este predicado serve para dissociar o *Nós* do *Eles que apoia o Outro*. Mercê aos seus posicionamentos ideológico-linguísticos e apesar do seu carácter democrático, o *Nós* é rejeitado pelo *Eles que apoia o Outro*. O *Nós* tenta-se apresentar, deste jeito, como um ente incorruptível que não se vende ao capital alheio para conseguir uma maior projecção mediática. Este é um argumento sócio-político e político-económico.

6- "**discurso** *dificilmente* redutível a umha formulaçom precisa e *unilinear*, [...] *coerente* em linhas gerais [...] e *congruente* com **projectos políticos divergentes do actual espanhol**": Nesta predicação é, em primeiro lugar, descrito de maneira positiva o *Nós* e, em segundo lugar, associado este com o *Eles que apoia o Nós*. Assim, de maneira recíproca, cada um dos actores recebe, mercê à sua relação, as propriedades positivas do outro. Deste jeito, o *Nós* é apresentado como a opção linguística de um projecto político (o *Eles que apoia o Nós*) defensor da Galiza e do *Galego* e, portanto, diametralmente oposto ao projecto espanhol (o *Eles que apoia o Outro*). Este é um argumento sócio-político.

7- "A **norma gráfica** que propom *insere* a **Galiza** na **Comunidade Lingüística Luso-Galaica** [...] *mantém a continuidade* da *tradiçom* e da *história*, explicitamente *avaliadas* polas **Ciências da Linguagem** e polos **movimentos vertebrados da identidade nacional galega**": Neste predicado encontramos associados de maneira positiva o "a norma gráfica" (o *Nosso Produto*), a "Galiza" (*Nós* e o *Eles que apoia o Nós*), a "Comunidade Lingüística Luso-Galaica" (*Nós*, o *Eles que apoia o Nós* e o *Eles ao qual nos queremos parecer*) e as "Ciências da Linguagem" e os "movimentos vertebrados da identidade nacional galega" (ambos formando parte do *Eles que apoia o Nós*). Assim, facto e o *Nosso Produto* respeitar a história e tradições galegas faz com que o *Nós* e o *Eles que apoia o Nós* se vejam reforçados pela inclusão de um outro actor o *Eles com o*

1ESTUDOS92 19/12/07 14:20 Página 165

qual nos queremos parecer. Além disso, o apoio recebido por parte das Ciências da Linguagem não faz senão reforçar a legitimidade do *Nós*, que, desta maneira, adquire o *status* de preeminência refrendado pela Ciência. Por último, o *Nós* encontra legitimidade no facto de que os movimentos que defendem a identidade nacional galega, isto é, a Nação, o apoiam. Este é um argumento sócio-político e científico-linguístico.

4 A estrutura de (des)legitimação:

Consoante com tudo o até agora explicitado, a estrutura de (des)legitimação deste texto é a seguinte:

> Existe um "texto normativo" (o *Nosso Produto*) e a sua apresentação possibilita legitimar-nos e deslegitimar o *Outro*.
>
> O *Outro*, por apoiar e encontrar apoio no Estado Espanhol e na sua legislação (o *Eles que apoia o Outro*) –que não defende a Galiza (*Nós* e o *Eles que apoia o Nós*) nem os interesses galegos– não é legítimo. Além disso, recebe apoios de entes mediático-económicos (o *Eles que apoia o Outro*) que são também contrários aos nossos valores. Dirigido desde estes estamentos a sua proposta é unilenear e espanhola. Por isso, e porque a sua norma gráfica sustenta a submissão do *Galego* ao *Castelhano*, nem o *Outro* nem o *Seu Produto* são legítimos.
>
> *Nós*, por estar apoiados por movimentos cívicos e políticos galegos, isto é, o povo galego (o *Eles que apoia o Nós*), e por sermos contrários aos interesses do Estado Espanhol e dos entes mediático-económicos (o *Eles que apoia o Outro*) de que este se serve, somos legítimos. Assim, a nossa "norma gráfica" (o *Nosso Produto*) serve para inserir a Galiza, ou seja, o povo galego (*Nós* e o *Eles que apoia o Nós*), num novo universo linguístico, o lusófono (o *Eles com o qual nos queremos parecer*), que é bom para o *Galego* porque é fiel à sua essência. Além disso, a Ciência e aqueles que defendem a nossa Nação (o *Eles que apoia o Outro*) acham que esta norma é a acertada. Por todo isto, *Nós* e o *Nosso Produto* somos legítimos.

5- Conclusões

Uma vez realizada uma análise exaustiva dos textos seleccionados para este trabalho encontramo-nos em disposição de poder estabelecermos a modo de conclusão a validade das hipóteses lançadas:

1ESTUDOS92 19/12/07 14:20 Página 166

No que diz respeito à primeira das hipóteses, aquela que se referia ao tipo de estrutura pragmático-semântica de (des)legitimação dos textos, haveremos de concluir que as estruturas do texto autonomista e do texto reintegracionistas, superficialmente diferentes, são, em essência, de confrontação entre o *Nós* e o *Outro*. Neste sentido, a estrutura do texto autonomista, na qual não é realizada nenhuma referência explícita à perspectiva contrária, é na superfície uma estrutura legitimadora na qual o *Nós* e o *Nosso Produto* são os únicos actores que tomam corpo. Porém, se tivermos em conta a estrutura implícita subjacente não poderemos senão concluir que o *Outro* e o *Seu Produto* são, por omissão, deslegitimados. No texto reintegracionista, muito pelo contrário, a estrutura de (des)legitimação é totalmente explicitada mediante um simples esquema de confrontação. Assim, faz-se desde o primeiro instante explícita a existência de um conflito com entre os dois actores principais, o *Nós* e o *Outro*, à volta dos quais se desenvolve um discurso paralelo que acaba por justificar a sua respectiva legitimidade e ilegitimidade.

No que se refere à segunda, terceira e quarta hipóteses, pode-se dizer que:

• De acordo com o esquema pragmático-semântico explicitado, o discurso autonomista focaliza explicitamente os seus aspectos positivos e, numa contraposição implícita no absoluto silêncio a respeito do *Outro*, evoca os seus aspectos negativos.

• Aparecendo principalmente características positivas associadas aos actores pragmático-semânticos referenciados, o discurso reveste-se de um ar de optimismo que acaba por o tornar em aparência moderado.

• Contrariamente ao que tinha sido hipotetizado o discurso autonomista não se encontra desprovisto de argumentos de ordem sócio-política e político-legislativa. É certo que alguns argumentos científico-linguísticos são esgrimidos com o intuito de legitimar a posição do *Nós* e o *Nosso Produto*, mas ao lado desta não deixamos de encontrar argumentos sócio-político-legislativos. Tendo-se hipotetizado que este segundo tipo de argumentos seria, em virtude da sua posição consolidada de Poder, deixado de lado, haveremos, conforme o observado, de concluir que a existência deste segundo tipo de argumentos não faz senão reconhecer implicitamente a existência de vozes discordantes cujos argumentos sócio-político-legislativos hão de ser contra-atacados.

No referente à quinta, sexta e sétima hipóteses dizer que:

• O discurso reintegracionista, dado a estrutura de confrontação escolhida para articular o seu discurso, focaliza explicitamente tanto nos

1ESTUDOS92 19/12/07 14:20 Página 167

seus aspectos positivos como nos aspectos negativos da visão do *Outro*. Reconhece-se, assim, abertamente a existência de um conflito.

• Dada a menção explícita da existência do *Outro* e sua exaustiva caracterização negativa, o discurso reintegracionista, plagado de verbos, adjectivos e advérbios que veiculam traços de sentido negativos, resulta mais agressivo.

• Contrariamente ao que tinha sido hipotetizado, o discurso reintegracionista apenas esgrime um único argumento científico-linguístico que lhe outorgue legitimidade. Assim, a grande parte dos argumentos são de ordem sócio-política e político-legislativa. Poder-se-á argumentar, em conclusão, que a situação política de conflito entre a Galiza e o Estado Espanhol é empregada como principal modelo explicativo da essência do conflito normativo. Este acaba sendo, pois, apresentado como um conflito entre galegos (*Nós*) e espanhóis (o *Outro*), isto é, entre povos/nações.

6. Bibliografia

BLACKWELL, S. (2002). *Implicatures in Discourse. The case of Spanish NP anaphora*. Amsterdam/Phipladelphia: John Benjamins.

CASTELLÀ, J. M. (1996). *De la Frase al Text. Teories de l'ús lingüístic*. Barcelona: Editorial Empuries.

CORTÉS RODRÍGUEZ, L. & Camacho Adarve, Mª M. (2003). *¿Qué es el Análisis del Discurso?*, Barcelona: Octaedro.

CRICK, F. (1990). *What mad pursuit*. London: Penguin Books.

ESCANDELL VIDAL, M. V. (2002). *Introducción a la pragmática*. Barcelona: Ariel.

GARCÍA NEGRO, Mª Pilar (1991). *O Galego e as Leis. Aproximación sociolingüística.* Vigo: Edicións do Cumio.

GEE, J. P. (1999). *An Introduction to Discourse Analysis: Theory and Method*. London: Routledge.

GRAÑA MARTÍNEZ, Celso (2001). *Lexislación da Lingua Galega.* A Corunha: Consellería de Educación e Ordenación Universitaria, Dirección Xeral de Política Lingüística (Xunta de Galicia).

1ESTUDOS92 19/12/07 14:20 Página 168

GUNNARSSON, B.-L. (1997). "On the sociohistorical construction of scientific discourse" in B-L. Gunnarsson *et al.* (eds). *The construction of professional discourse*. London/New York: Longman. 99-126.

HYLAND, K. (2000). *Disciplinary Discourse. Social Interactions in Academic Writing*. London: Longman.

IGLESIAS ÁLVAREZ, A. (2002). *Falar Galego: "No veo por qué". Aproximación cualitativa á situación sociolingüística de Galicia*. Vigo: Edicións Xerais de Galicia.

KAPLAN, N. (2006). "La Teoría de la Valoración: Un desarrollo de los estúdios sobre la evaluación en el lenguaje" in Adriana B. (ed.). *Análisis del discurso. Por qué y para qué?*. Caracas: El Nacional. 40-59.

L. COOPER, Robert (1997). *La planificación lingüística y el cambio social*. Madrid: Cambridge University Press.

MARTIN, J. R. (2000). "Beyond Exchange: APPRAISAL Systems in English" in S. Hunston & G. Thompson (eds.). *Evaluation in text: Authorial stance and the construction of discourse*. Oxford: Oxford University Press. 142-175.

MARTIN, J. R. (2004). "Mourning: how we get aligned" in *Discourse & Society*. London, Thousand Oaks and New Delhi: SAGE Publications. 321-344.

MARTÍN ROJO, L. & Van Dijk, T. (1998). "Había un problema y se ha *solucionado*. Legitimación de la expulsión de inmigrantes 'ilegales' en el discurso parlamentario español" in L. Martín Rojo & R. Whittaker (eds.). *Poder-decir o el poder de los discursos*. Madrid: Arrecife. 168-234.

MONTEAGUDO, H. (2002). "A lingua galega na sociedade: descrición da situación actual e perspectivas de futuro" in H. Monteagudo, S. García Conde, H. López & X. Subiela. *A Normalización Lingüística a debate*. Vigo: Edicións Xerais de Galicia.

MONTEAGUDO, Enrique (1999). *Historia social da lingua galega*. Vigo: Editorial Galaxia.

NINYOLES, R. L. (1991). *Estrucutura Social e Política Lingüística*. Vigo: Ir Indo Edicións.

PIÑEIRO, R.(1967). "A lingoaxe i as línguas", discurso de entrada na RAG lido em 1967. Vigo: Editorial Galaxia.

ROTAETXE AMUSATEGI, K. (1990). *Sociolingüística*. Madrid: Editorial Síntesis.

1ESTUDOS92 19/12/07 14:20 Página 169

Seminario de Sociolingüística da RAG (1994). Lingua Inicial e Compentencia Lingüística en Galicia. Vigo: R.A.G.

Seminario de Sociolingüística da RAG (1995). Usos Lingüísticos en Galicia. Vigo: R.A.G.

Seminario de Sociolingüística da RAG (1996). *Actitudes Lingüísticas en Galicia*. Vigo: R.A.G.

VON HEUSINGER, K. & Egli, U. (2000). *Reference and Anaphoric Relations*. Dordretch/Boston/London: Kluwer Academic Publishers.

[Apêndice]

Apartado 1:

• Texto 1: Real Academia Galega & Instituto da Lingua Galega (1995). "Nota á presente edición" in *Normas ortográficas e morfolóxicas da lingua galega*. Vigo: RAG/ILGA. 7.

• Texto 2: Associaçom Galega da Língua (1989). "Prologo à segunda ediçom" in *Estudo Crítico das Normas ortográficas e morfolóxicas da lingua galega*. A Corunha: AGAL. 17.

Apartado 2:

Constituição Espanhola:

> "Artigo 3º.
> - O castelán é a lingua oficial do Estado. Tódolos españois teñen o deber de a coñecer e o dereito de a usar.
> - As outras linguas españolas serán tamén oficiais nas respectivas Comunidades Autónomas de acordo cos seus Estatutos. [...]" (Graña, 2001: 19).

Estatuto de Autonomia:

> "Artigo 5º.
> - A lingua propia de Galicia é o galego.
> - Os idiomas galego e castelán son oficiais de Galicia e todos teñen o dereito de os coñecer e de os usar. [...]" (Graña, 2001: 20).

1ESTUDOS92 20/12/07 13:51 Página 170

AGÁLIA, 91-92

1ESTUDOS92 19/12/07 14:20 Página 171

AGÁLIA nº 91-92 / 2º SEMESTRE (2007): 171 - 184 / ISSN 1130-3557

José Ramon Fernández-Ogea: vida e obra
(Ourense, 5-04-1896; Madrid, 23-04-1988)

Isaac Alonso Estraviz
(Universidade de Vigo)

Resumo:

Neste artigo pretende-se lembrar a José Ramon Fernández-Ogea, um polígrafo das letras galegas, que está sendo deixado de lado mesmo por aqueles que lhe devem muito à sua obra. Um homem profundamente galeguista: por paixom, por convicçom e por estudo. Inabilitado nas funções de Inspector de Primeiro Ensino e desterrado a Cáceres continuou até à sua morte sendo um galego de corpo inteiro e amigo de todo o mundo que apreciava e estimava Galiza. Conhecido mais por Ben-Cho-Shey, pseudónimo que adoptou na Guerra de Melilha, que o acompanhou até à sua morte. Foram muitos os seus trabalhos de investigaçom: Pré-história, Epigrafia e Numismática, Arqueologia, História, Genealogia e Heráldica, Literatura. Grande pedagogo e estudoso da cultura popular, imortalizada em *Santa Marta de Moreiras*. Uma vez em Madrid organizou muitas actividades a prol da cultura galega e assistiu a todas as que se faziam na capital. Estava em toda a parte e todo o mundo o conhecia polo carinhoso pseudónimo de Ben-Cho-Shey.

Palavras-chave: José Ramon Fernández-Ogea, Ben-Cho-Shey, Inspector, galeguista, investigador, pedagogo, polígrafo, Cáceres, Toledo.

Résumé:

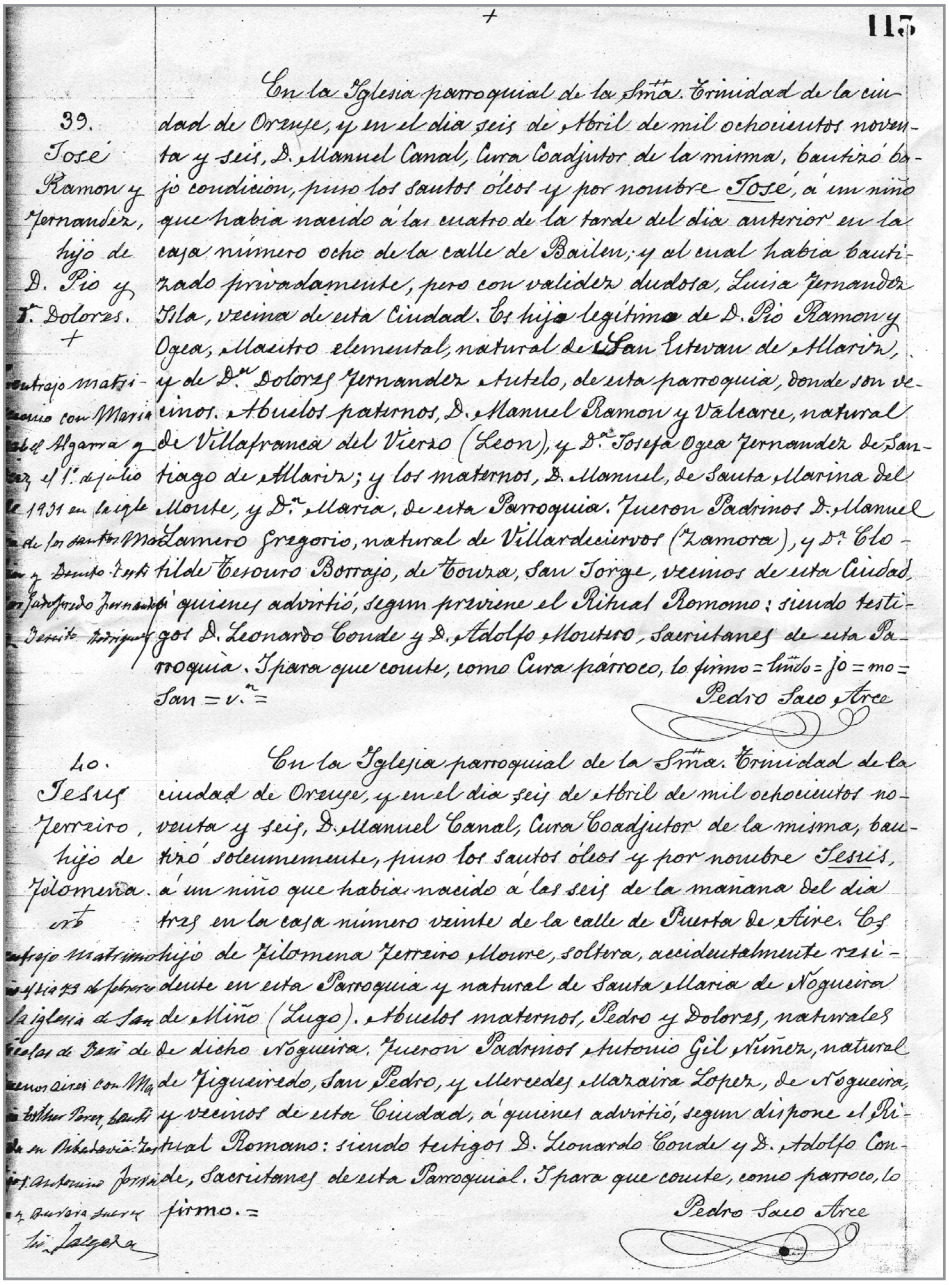
Dans cet article on prétend éveiller le souvenir de José Ramón Fernández- Ogea, un polygraphe des belles-lettres galiciennes, qui est tombé dans l'oubli aujourd'hui même de part de ceux qui sont considérablement en dette avec son oeuvre. Un homme profondément nationaliste galicien: par passion, par conviction et par étude. Cessé de ses fonctions comme Inspecteur d'enseignement primaire et banni à Cáceres, il a continué jusqu'à sa mort à être un galicien à corps perdu et ami de tous ceux qui appréciaient et aimaient la Galice. Plus connu comme Ben-cho-Sey, pseudonyme qu'il avait adopté à la Guerre de Mélille, qui l'a accompagné jusqu'à sa mort. Ses travaux de recherche furent nombreux: Pré-histoire, Épigraphie et Numismatique, Arquéologie, Histoire, Généalogie et Héraldique, Littérature. Grand pédagogue et consacré à l'étude de la culture populaire, immortalisée dans Santa Marta de Moreiras. *Une fois à Madrid, il organisa beaucoup d'activités en faveur de la culture galicienne et il a assisté à toutes celles qui se réalisaient dans la capitale. Il était partout et tout le monde le connaissait par son affectueux pseudonyme Ben-Cho-Sey.*

Mots-clefs: *José Ramon Fernández-Ogea, Ben-Cho-Shey, Inspecteur, nationaliste galicien, investigateur, pédagogue, polygraphe, Cáceres, Toledo.*

1. Vida.

Nasceu em Ourense o 5 de Abril de 1896, às quatro da tarde, na rua Bailém, nº 8, filho legítimo de Pio Ramón Ogea, mestre de primária, e de Dolores Fernández Antelo. Ele é o primeiro de quatro filhos que tiveram, seguido de Mª Teresa, Ermitas e Elisa de los Dolores. No Padrom

1ESTUDOS92 19/12/07 14:20 Página 172



117

39. José Ramon y Fernandez, hijo de D. Pio y D.ª Dolores.

En la Iglesia parroquial de la Smña. Trinidad de la ciudad de Orense, y en el dia seis de Abril de mil ochocientos noventa y seis, D. Manuel Canal, Cura Coadjutor de la misma, bautizó bajo condicion, puso los Santos óleos y por nombre José, á un niño que habia nacido á las cuatro de la tarde del dia anterior en la casa número ocho de la calle de Bailen, y el cual habia bautizado privadamente, pero con validez dudosa, Luisa Fernandez Sila, vecina de esta Ciudad. Es hijo legitimo de D. Pio Ramon y Ogea, Maestro elemental, natural de San Esteban de Allariz, y de D.ª Dolores Fernandez Castelo, de esta parroquia, donde son vecinos. Abuelos paternos, D. Manuel Ramon y Valcarce, natural de Villafranca del Vierzo (Leon), y D.ª Josefa Ogea Fernandez de Santiago de Allariz; y los maternos, D. Manuel, de Santa Marina del Monte, y D.ª Maria, de esta Parroquia. Fueron Padrinos D. Manuel Mollamero Gregorio, natural de Villardeciervos (Zamora), y D.ª Clotilde Tesouro Borrajo, de Toura, San Jorge, vecinos de esta Ciudad, á quienes advirtió, segun previene el Ritual Romano: siendo testigos D. Leonardo Conde y D. Adolfo Montero, Sacristanes de esta Parroquia. Y para que conste, como Cura párroco, lo firmo = Enmdo = jo = mo = San = v.ª =

Pedro Saco Arce

40. Jesus Ferreiro, hijo de Filomena.

En la Iglesia parroquial de la Smña. Trinidad de la ciudad de Orense, y en el dia seis de Abril de mil ochocientos noventa y seis, D. Manuel Canal, Cura Coadjutor de la misma, bautizó solemnemente, puso los Santos óleos y por nombre Jesus, á un niño que habia nacido á las seis de la mañana del dia tres en la casa número veinte de la calle de Puerta de Aire. Es hijo de Filomena Ferreiro Moure, soltera, accidentalmente residente en esta Parroquia y natural de Santa Maria de Nogueira de Allariz (Lugo). Abuelos maternos, Pedro y Dolores, naturales de dicho Nogueira. Fueron Padrinos Antonio Gil Nuñez, natural de Figueiredo, San Pedro, y Mercedes Alvarina Lopez, de Nogueira, y vecinos de esta Ciudad, á quienes advirtió, segun dispone el Ritual Romano: siendo testigos D. Leonardo Conde y D. Adolfo Conde, Sacristanes de esta Parroquia. Y para que conste, como parroco, lo firmo. =

Pedro Saco Arce

Partida de baptismo de Ben-Cho-Shey.

1ESTUDOS92 19/12/07 14:20 Página 173

Municipal de 28-II-1904 de Ourense, Distrito Quarto, aparecem empadroados no Pousio, nº 14, numa casa de pedra com planta baixa e primeiro andar. Nela viviam eles e uma sirventa, Avelina Conde. No mesmo número viviam 26 pessoas. Essa casa desapareceu por a ter vendido sua irmã e deu lugar ao centro comercial que actualmente se chama Carrefour. Estudou na Escola Superior de Magistério de Madrid, obtendo o título em 1923, cargo que exerceu nas localidades galegas: Carinho e Santa Marta de Moreiras. Casou com Maria Isabel Algarra Diaz o 1 de Julho de 1931, na igreja dos santos Martín e Benito. Em 1935 foi nomeado Inspector de Primeiro Ensino e presidente do Partido Galeguista em Lugo. (Em 1936 tiveram escondidos na sua casa de Lugo a Ángel Fole e Ramom Pinheiro, que depois teve que se incorporar a filas). Em 1937 foi suspendido por três meses de emprego e soldo. Foi destinado a Cáceres, terminando de Inspector em Toledo (1951).Um homem profundamente galeguista: por paixom, por convicçom e por estudo.

Foi um verdadeiro polígrafo. Investigou e escreveu sobre os mais diversos temas da nossa cultura. E nom só. Trabalhos seus também se estendem a terras estremenhas e toledanas, como veremos mais adiante. Segundo lhe conta a Obdúlia Gômez[1], Ben-Cho-Shey nasce o 29 de Dezembro de 1921 no Campamento de Tistutin quando redige a primeira crónica da Guerra de Melilha, que nom pode assinar com o seu nome por ser soldado, e começa a enviá-las a *La Zarpa*, dirigida por Basílio Álvarez e Roberto Blanco Torres, publicada o 5 de Janeiro de 1922. As *Crónicas de la Guerra de Melilla* foi-as enviando regularmente. O pseudónimo Ben-Cho-Shey, andando o tempo, viria a substituir o seu próprio nome de jeito que todos o conhecíamos e tratávamos por Ben-Cho-Shey. Estas crónicas foram publicadas posteriormente em livro por Sotelo Blanco[2].

1. *La Región*, 21-05-1968.
2. Xosé Ramón e Fernández-Oxea, Ben-Cho-Shey, *Crónicas de Marruecos*, Barcelona, 1985.

1ESTUDOS92 19/12/07 14:20 Página 174

Trasladado em 1937 a Cáceres, exerceu ali, além da sua profissom como Inspector, um amplo trabalho de investigaçom que os cacerenhos compensaram dedicando-lhe uma sala no seu Museu. De Cáceres passou para Toledo onde continuou o seu labor de investigaçom, fixando ultimamente a sua residência em Madrid. Aqui o seu labor foi muito grande quer no Centro Galego como directivo, quer no trato com estudantes e todo tipo de personagens galegas. Ele colaborou na formaçom do grupo Brais Pinto por onde passaram jovens importantes da nossa cultura. A sua casa de Martín de los Heros 72, era o lugar por onde passavam todos, fossem das ideias que fossem, pois para Ben-Cho-Shey só contava o seu amor à Galiza ou às cousas galegas.

Em Madrid, como noutras partes, o seu labor continuou a ser intenso. Colabora no programa *Pandeirada* conduzido polo jornalista galego Manuel Torre Iglésias. Em Outono de 1970 organiza junto com um grupo de galegos, entre eles Manuel Torre Iglésias, Luís Álvarez Pousa e outros jovens estudantes, uma missa em galego numa paróquia de Argüelhes que desapareceria em 1974 aquando da sua enfermidade. Nom convém esquecer que a primeira missa em galego na Galiza foi tida o 25 de Julho de 1965 na igreja de S. Domingos de Bonaval. Esteve presenta na morte de Virgínia Pereira (viúva de Castelao) e levou uma bandeira galega que guardava religiosamente na sua casa para que o seu corpo fosse envolto nela à sepultura num cemitério de Madrid. Também participou em programas de Manuel Lombao que se preocupava muito por contar com personagens galegas nos seus programas.

Em 1965 organizou-se por primeira vez uma caseta do livro galego na Feira do Livro no Retiro. Nessa caseta venderam-se 2000 exemplares, esgotando-se os de Castelao, sendo mais de 50.000 pesetas o resultado final. Esse mesmo ano teve lugar a primeira Feira do Livro em Compostela.

Conheci-o pessoalmente por primeira vez em 1970, um pouco depois do meu deslocamento de Albacete a Madrid. Eu estava em contacto com Bautista Álvarez a quem lhe escrevia desde Albacete e tinha o endereço de Ben-Cho-Shey que mos dera Ramom Pinheiro, e ao pouco tempo de chegar para leccionar no Instituto Quevedo de S. Brás e com domicílio em Vicálvaro, um dia apareceram por lá Bautista Álvarez e Ben-Cho-Shey.

A partir de aí era frequente que as tardes dos sábados assistisse eu também ao Café Jijom, na Avda da Castelhana. Ali havia uma mesa reservada para os galegos e outras para diversos grupos intelectuais. Na dos galegos reuniam normalmente: Ben-Cho-Shey, Augusto Assia, Maria

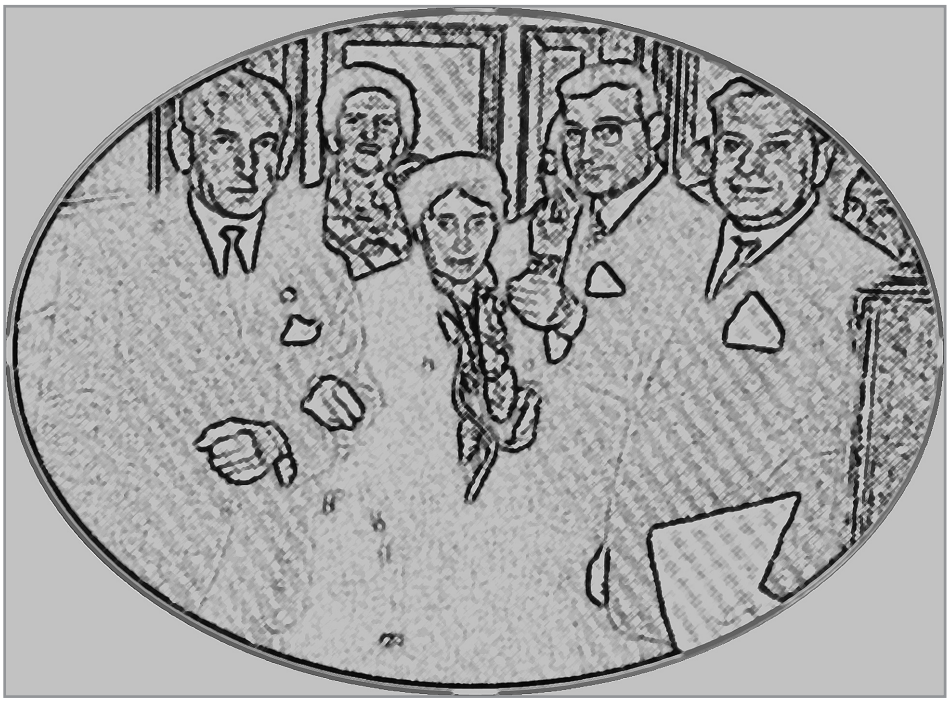
1ESTUDOS92 19/12/07 14:20 Página 175

Victoria Fernández España, Celso Emílio Ferreiro, Daniel Cortezón, Fariña Jamardo, Alfonso Vázquez, Evaristo Mosquera[3] (o autor de *Cuatro años a bordo de una isla),* onde conta a sua vida na Ilha de S. Simom, de 1936 a1940), Gonzalo Fernández, Joám Ignácio Taibo... Nalgum grupo dos outros havia sempre algum galego. Ao final cada um ia para a sua casa ou ainda íamos tomar uns petiscos noutros lugares. Ben-Cho-Shey nom faltava nunca e sempre escutava e intervinha. A finais de Julho de 1974 foi quando sofreu um transtorno cerebral e perdeu a fala, que foi recuperando em parte pouco e pouco, nunca ficou bem. A partir de aí começou o abandono progressivo por parte de todos.

Eu já tinha estado na sua casa falando com ele, com a sua mulher e também alguma vez com a sua filha Mabel. Tinha examinado os seus livros, os volumes de cartas que possuía. Quer dizer, estava ao tanto de tudo. Ben-Cho-Shey em Madrid era um verdadeiro embaixador da cultura galega no relacionamento com todos: maiores, jovens, rapazes. Participava no Centro Galego, no Clube de Amigos da Unesco, ubicado na Praça Tirso de Molina. Era sobretudo admirado no estande da Feira do Livro no Retiro gerindo os livros da Editorial Galáxia. Ele era o que

3. Evaristo Mosquera, *Cuatro años a bordo de una isla. Una extraña manera de vivir nuestra guerra civil*, 1984.

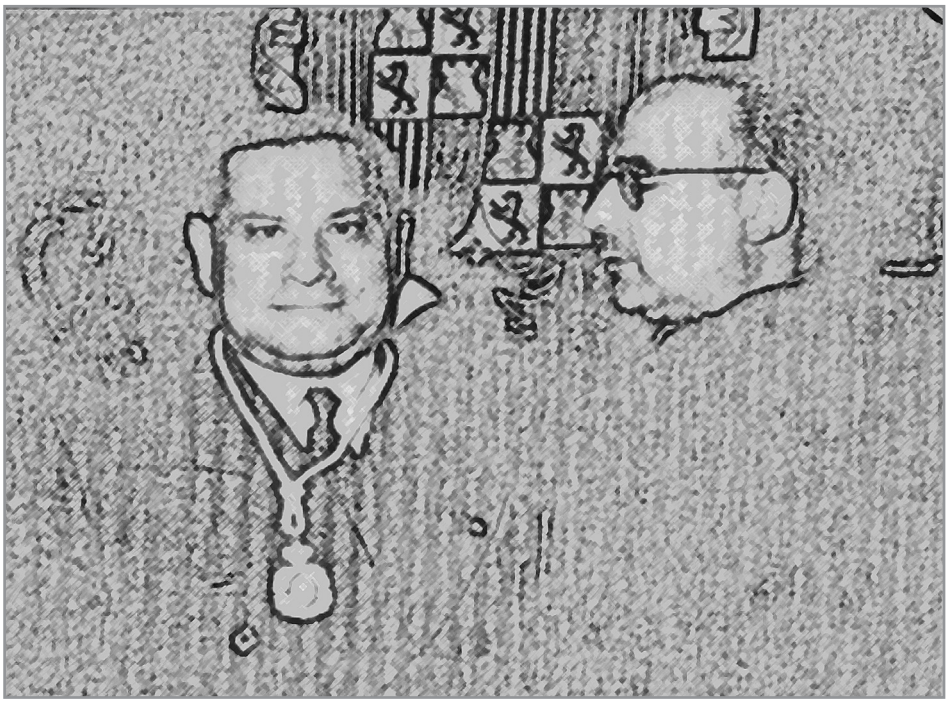
1ESTUDOS92 19/12/07 14:20 Página 176



apresentava os livros e as revistas de Galáxia no Ministério para serem submetidos à censura prévia. E isto inclusive depois da lei de imprensa de Fraga, pois os galegos continuamos a sermos os escravos de sempre. Ben-Cho-Shey na Feira movia-se como um peixe na água e desfrutava muito quando íamos por ali e falávamos com ele. Mais tarde começou a estar presente na Feira a Livrouro de Vigo, regentada por Antom Patinho.

Uma das cousas que mais lhe doeu foi que Ramom Pinheiro nom o convidara em 1958 a participar no livro homenagem a Otero Pedrayo. Ben-Cho-Shey telefonou a Ramom Pinheiro queixando-se de que nom contaram com ele. E Ramom Pinheiro respondeu-lhe quem se cria que era ele para se considerar imprescindível. Ben-Cho-Shey prorrompeu a chorar. Isabel pegou no telefone e pus a parir a Pinheiro contando-lhe tudo o fizeram por ele. Efectivamente, Pinheiro devia-lhes muito, pois além de o terem encoberto em Lugo, se preocuparam dele e o visitaram nas cadeias de Alcalá, Ocanha e Yeserias, e lhe levaram comida e o que necessitava fazendo-se passar Isabel por sua parente, pois, como trabalhava no

1ESTUDOS92 19/12/07 14:20 Página 177



Ministério de Justiça, nom lhe punham impedimento algum. Contudo, pôde colaborar na *Homaxe da Galicia Universal a Ramón Otero Pedrayo*, Caracas, Novembro de 1958, com o artigo "Otero ou a amistade".

Pessoalmente consegui para ele, já que lhe fazia muita ilusom, a Encomenda de Afonso X do Ministério de Educçom polo seu longo serviço a prol da cultura que, por certo lhe foi imposta no Clube de Amigos da Unesco. Quando apresentei a petiçom ficaram estranhados que um homem assim ainda nom a tivesse. A mim foi-me dando todos os seus livros que nom tinha e muitas separatas de grande interesse e emprestou-me algum também para levar a cabo o trabalho que estava a fazer. Entre ele e eu havia uma grande amizade. E no tempo em que ficou doente, quase só contava comigo, Evaristo Mosquera e Alfonso Vázquez, que o íamos buscar para que fosse ao Café Jijom e o levávamos de volta para a casa. Isabel, a sua mulher, acudia a mim constantemente para lhe ajudar a resolver todo tipo de problemas. Eu e Bieito Ledo, conseguimos que Vitorino Núñez da Deputaçom de Ourense comprasse a sua Biblioteca, evitando assim que caísse nas mãos de algum alfarrabista.

1ESTUDOS92 19/12/07 14:20 Página 178

Esquecia-me dizer que outra homenagem que se lhe fez foi editar o livro *Galicia no corazon*, no que intervimos decisivamente Alonso Montero e eu procurando alguma colaboraçom dos amigos e escolhendo Alonso Montero alguns dos artigos que levara para fazermos uma colectânea.

Houve um momento em que Ben-Cho-Shey mostrou grande interesse de dar uma volta por algumas escolas de Toledo onde fora Inspector. Isabel comunicou-mo e pediu-me se os podia levar. Aceitei gostoso. Saimos de Madrid tentando falar com ele e fazendo-nos entender com bastante dificuldade, porque para ele pronunciar Estraviz resultava a maioria das vezes um martírio. Ainda que sabia o apelido ao querer exprimi-lo sempre lhe saía ao revés e ele dava-se conta disso e punha-se mais nervoso. Quando chegamos a uma das primeiras escolas tanto eu como Isabel ficamos totalmente assombrados, Ben-Cho-Shey falava normal com os seus antigos amigos. Estivemos noutros lugares, jantamos e tudo correu muito bem. Mas à volta, quando já estávamos perto de Madrid, esse milagre desapareceu.

Celso Emílio Ferreiro pediu à Fundaçom Barrié de la Maza um subsídio e concederam-lhe naquela altura uma pensom de 40.000 mil pesetas que com o tempo ainda foi incrementando. Num primeiro momento Isabel procurou uma logopeda para começar o processo de recuperaçom da fala e ele, ainda que muito lentamente, ia falando um pouco melhor. Mas chegou um momento em que a mulher prescindiu da logopeda. Ben-Cho-Shey queria-lhe muito a Mabel, sua filha, e inclusive quando fez a primeira comunhom editou um livrinho de poemas dele e os amigos para lembrar tal acontecimento. Quando já maior surgiram-lhe à filha toda uma série de problemas aos que nom soube enfrentar-se e notava-a sempre distante do pai acudindo à mãe só para arranjar os seus problemas económicos.

Isabel mostrava muita preocupaçom para quando chegasse o momento da morte. Eu disse-lhe muitas vezes: Isabel, ainda nos vai enterrar primeiro a nós. E assim aconteceu. Morreu ela o 14-04-1988 às 17 horas e foi enterrada o 16-04-1988. Eu soubem da sua morte e enterro o 23-04-1988. Ben-Cho-Shey entrou em coma o 23 e morreu o 24 do mesmo mês num hospital. O que mais me doeu foi ver que a filha trouxe o corpo da mãe para enterrar em Ourense e aos poucos dias apareceu só com as cinzas do pai. Nom esqueço nem esquecerei enquanto eu viver o que se passou.

Felizmente, há vários anos passou por Ourense o único neto de Ben-Cho-Shey, Hector Enrique Ramón, que é uma pessoa excelente e muito interessado em conhecer tudo o que possa do avô. Actualmente e

1ESTUDOS92 19/12/07 14:20 Página 179

professor de Matemáticas em La Moraleja (Madrid) e vive no andar do avô. Dei-lhe algum exemplar do avô que tinha repetidos e nom lhe dei correspondência porque naquela altura nom dera com carta alguma, que posteriormente descobri que tinha.

Tenho o original de Ben-Cho-Shey no que diz que as homenagens se fazem de vivos ou nom se fazem. Acho que eu cumpri. Isto que estamos a fazer é uma lembrança para que o seu nome nom caia no esquecimento. Esta é a razom pola que os membros da AGAL escolhemos no roteiro falar de Ben-Cho-Shey em Ourense, porque de todos os outros têm falado todo o mundo e dele ninguém, apesar de que todo o que ele investigou e publicou dá-lhe méritos de avondo para o considerar como um mais dos bons e generosos que a cidade de Ourense deu à nossa cultura.

2. A Obra.

Disse anteriormente, e repito-o agora, que Ben-Cho-Shey foi um grande polígrafo. Investigou e escreveu de tudo e empregou todos os géneros literários, uns com mais fortuna do que outros. Mas aí está na magnífica monografia de *Santa Marta de Moreiras* recolhida a sua obra desde os primeiros momentos até ao 1969, que foi quando saiu a lume uma obra que levava anos e anos esperando que alguém se apiedasse dela. Um grupo de Galegos residentes em Buenos Aires e sob o patrocínio da Editorial AS BURGAS correu com os gastos de impressom e José Maria Álvarez Blázquez deu-a a lume na E. Castrelos em 1969. Essa obra supõe muitos anos de trabalho e é a melhor e mais completa monografia com que conta uma paróquia galega.

Os trabalhos de Ben-Cho-Shey som do mais variado, quer em artigos quer em livros: Pré-história, Epigrafia e Numismática, Arqueologia, História, Genealogia e Heráldica, Literatura.

Livros

- *P. González de Ulloa: "Descripción de los estados de la casa de Monterrey"*, Santiago, 1950 (ed.de José Ramón Fernández-Ojea)
- *Arturo Vázqez Núñez e o seu tempo,* E. Monterrey, Vigo, 1979
- *Geografía popular toledana*, Madrid, 1965.
- Prosper Henri-Devos, *Cartas de Galicia,* Galaxia, Vigo, 1968 (Estudio, tradución e notas de José Ramón Fernández-Ogea).
- *Santa Marta de Moreiras,* Castrelos, 1969.
- *Catón Galego,* Ed. do Castro, 1969.

1ESTUDOS92 19/12/07 14:20 Página 180

- *La Igleisa y el Panteón de Santa Mariña do Castro de Amarante,* Imp. Moret, Corunha, 1973
- *Galicia no corazón,* Ed. do Castro, 1977.
- *Escudos de Lugo,* Ed. Celta, Lugo, 1979
- *Crónicas de Marruecos*, Sotelo Blanco, Barcelona, 1985.

Contos

- *Andrómenas*, Monterrey, Vigo, 1954.
- *Contos do fiadeiro*, Castrelos, col. O Moucho, Vigo, 1973.

Poesia

- *Berzas,* Madrid, 1953
- *A ducia do frade,* Ourense, 1966

Se damos uma vista de olhos polos artigos publicados tendo em conta os principais ramos do saber, temos que em *Pré-história* tem onze trabalhos: três realizados na Galiza, um em Toledo e os outros em terras estremenhas. Os artigos de *Epigrafia e Numismática*, som cinco e todos eles relacionados com terras cacerenhas.

Em *Arqueologia Religiosa* som trinta e dous, deles vinte e oito ubicados na Galiza, um em Sória, dous em Cáceres e um noutra província. *Em História*, seis sobre Galiza, um de Solsona e outro de Portugal. Em *Genealogia e Heráldica*, dos vinte e três trabalhos realizados, treze estám situados em terras galegas, oito em Estremadura, um em Toledo e outro em Portugal.

Como se pode ver, o seu desterro fora da Galiza provocou que o nosso autor abandonasse trabalhos na nossa terra por outros levados a cabo fora dela.

Se queremos referir-nos a trabalhos de Didáctica e Pedagogia, podemos citar os seguintes:

«La enseñanza de la Historia», no jornal *Galicia*, Vigo, 24-09-24

«Insistiendo sobre las colonias escolares», *La Zarpa,* 06-10-25.

«La Gimnasia en las Escuelas», *Galicia*, Vigo, 08-10-25.

«Pedagogia», *Galicia,* Vigo, 28-08-26.

«Impresiones del Congreso Pedagógico de La Coruña», *La Zarpa*, 7, 10, 12, 13, de Outubro de 1926

1ESTUDOS92 19/12/07 14:20 Página 181

«El Centenario de Pestalozzi», *El Maestro Orensano*, 30-11-1926.
«Pestolazzi y el ridículo», *El Maestro Orensano*, 22-02-1927.
«Lerias pedagóxicas I», *La Región*, 17-05-1929.
«Lerias pedagóxicas II», *La Región*, 06-06-1929.
«A fala na escola», *La Región*, 12-09-1929.
«Pedagogia de ciegos», *La Zarpa*, 10-08-1930.
«Bilinguismo», *Heraldo de Galicia*, 27-10-1930.
«Xeitos de viaxar», *El Pueblo Gallego*, 31-08-1933.
«Luis Bello», *Vida Escolar*, 09-11-1935.
«O lingoaxe nas escolas», *A Nosa Terra*, 27-12-1935.
«El maestro-jardinero», *Misión*, 23-08-1944.
«El Folklore y la escuela», *La Noche*, 07-03-1959.
«O galego non rende», *La Noche*, 12- 09-1962.
«O concepto robot do ensino», *La Noche*, 21-10-1964.
«Estudios pedagóxicos», *La Noche*, 22-10-1964.
«O Galego na escola», *Faro de Vigo*, 13-04-1967.

3. O seu Estilo.

Foram muitos os artigos publicados por Ben-Cho-Shey através de toda a sua vida. Uns passaram a formar parte de livrinhos pequenos, alguns na homanagem que lhe fizemos em Madrid em 1977 no livro colectivo *Galicia no corazón*. Encarnado plenamente no povo, um aldeão mais em todo o bom senso da palavra, assimilou plenamente a fala do povo e escreveu pensando nesse povo. O seu estilo é popular um bocado tirando a culto. Por isso sabe utilizar e dar nobreza a frases tam populares e enxebres como «bonita como um caravel», «era listo como um alho», «dava génio vê-lo», «a noite é escura como a boca do lobo» ou «pecha como boca de lobo», «e nim verba me deu», botava mais pecados que o dianho em dia de festa», «deu em tremer como um bímbio». Frases que aparecem bastantes vezes nas suas obras.

Sai em todo momento em defesa da sua língua, do seu povo e trata de convencer a próprios e alheios da grande riqueza da língua e da cultura galegas que conhece muito bem. Ataca aquele grupúsculo de sacerdotes galegos que se dirigirom à Santa Sé para que nom permitisse a aprovaçom da missa em galego. E chega a escrever-lhe ao cardeal Lercaro em Outubro de 1966. É muito ilustrativo o argumento que lhe dá ao cardeal:

1ESTUDOS92 19/12/07 14:20 Página 182

> «Insistindo no que vai dito, o certo é que na Galiza falam o galego os labregos, os marinheiros e os trabalhadores vilegos e cidadãos, que representam as três quartas partes da povoaçom total em contra duma terceira parte escassa de senhoritos vilegos que, ou som bilingues, ou nom o falam. Pois bem, se a Igreja refuga o emprego do galego na Liturgia segundo manda o Concílio Vaticano II, somente por este feito passa a tomar uma posiçom classista e deixa de ser católica ou universal para passar a ser a Igreja dos ricos, dos senhoritos e dos que mandam»[4].

Ternura, emoçom, dor e uma saída à esperança som notas dos seus escritos. A sua é uma obra simples, popular, inteligível para todo o mundo. Nisto radica um dos seus maiores acertos. Narrações populares curtas, elaboradas numa linguagem rica. Assume como modelo o falar ourensano próprio dos da Geraçom Nós. Na medida que vai avançando mostra-se cada vez mais isenta das deformações a que era submetida a nosssa fala polos escritores do seu tempo.

Como ficou dito anteriormente, foram muitos os trabalhos e artigos sobre as mais diversas matérias. Felizmente, a sua biblioteca ficou em Ourense.Hoje está entre nós.

Da maioria dos grandes escritores galegos e ourensanos, publicaram-se ou estám a serem publicadas as obras completas. A Deputaçom ourensana nom tem nada feito ao respeito. Como já o dizia em 1977 Manuel Fabeiro Gômez, temos que lhe fazer a melhor e mais grande homenagem publicando todos os seus trabalhos reunidos por temas. Só assim nos daremos conta do que trabalhou e fez por Galiza um homem que foi todo coraçom e que entregou a vida inteira à redençom da nossa Terra.

4. Sobre a Ortografia.

Ben-Cho-Shey, como muitos do seu tempo, nom tinha as ideias muita claras. Ele era galego e escreveu desde muito cedo em galego como se escrevia naquela altura nos jornais ou revistas que o admitiam. Nom se levantara, ao menos na sua obra, esse problema. Na sua porta de Martin de los Heros, 72, tinha escrito na placa José Ramon Fernández-Ogea. Mas houve um momento em que surgiu uma polémica na que se viu envolto e e o escritor José Fernández Ferreiro botou-lhe em cara que tinha o seu nome escrito com J na porta. Ao pouco tempo mudou para Xosé Ramon Fernández-Oxea.

4. *Correo de Galicia,* 05-10-66.

1ESTUDOS92 19/12/07 14:20 Página 183

Nos artigos publicados sobre topónimos e recolhidos no volume *Galicia no corazón*[5] ataca a aqueles que escrevem os topónimos com G e J em lugar de com X. Mas eu acho que o seu pensamento era o mesmo de outras personagens que defendiam que enquanto nom se ensinasse galego na escola havia que os escrever assim para que a gente nom os pronunciasse à castelhana. Por isso quando se permitiu o ensino da língua portuguesa nas escolas, mudou radicalmente de atitude, o que o honra muito e denota o seu temperamento aberto e didáctico, como foi toda a sua vida. Eis o que nos diz:

> «No Boletim Oficial do Estado correspondente ao 23 deste mês de Agosto, publica-se uma O. M. complementária da do 2 de Natal de 1970, na que se davam as bases da programaçom dos idiomas francês e inglês como línguas optativas na primeira etapa de E.G.B., complementária assim mesmo da de 6 de Agosto de 1971, na que se lhe outorgava a mesma faculdade optativa ao idioma alemão, e também da do 26 de Outubro de 1972 concedendo-lhe esta mesma condiçom ao idioma italiano.
>
> Polo que vai dito os alunos de E.G.B. podem escolher entre estudar qualquer dos idiomas francês, inglês, italiano ou alemão, e a O. M. do mencionado 23 de Agosto estende esta concessom ao idioma português.
>
> Doravante os rapazes das nossas escolas poderám aprender o português de acordo com as bases de programaçom desta língua estabelecidas na anteriormente citada O. M. para que «sirvam de directrizes naqueles centros docentes que desejem leccioná-las e contem com o alunado preciso».
>
> As bases de programaçom da língua portuguesa venhem dadas no Anexo da O. M. e consistem no seguinte: Primeira «Adquisiçom das destrezas para entender a língua a um nível elemental falada a velocidade normal».
> Segunda, «Adquisiçom de destrezas para falar o português a um nível elemental e a velocidade normal». «Nesta fase o aluno deve chegar a expremir-se oralmente em forma compreensiva».
>
> Terceira, «Aprender a ler compreensivamente o mesmo em alta voz como em silêncio a velocidade normal».

5. Ben-Cho-Shey, «De re toponímica» in *Galicia no corazón,* pp. 53-65.

1ESTUDOS92 19/12/07 14:20 Página 184

> Quarta, «Aprender a escrever compreensivamente orações simples previamente assimiladas e reproduzir em forma escrita todo quanto o aluno poda exprimir-se verbalmente em forma espontânea e criativa».
>
> Em resumo, o que pretende o legislador é que os alunos de E.G.B. entendam, escrevam e falem o português como se fosse a sua própria fala.
>
> Estimamos de grande interesse para os docentes e para quantos se relacionem com o E.G.B. o Anexo que comentamos composto de três valiosos apartados nos que se dam normas muito detalhadas e bem orientadas sobre os objectivos, dos conteúdos e da metodologia a seguir para pôr em prática o disposto na O. M.
>
> Muto se adiantará inclusive para o melhor conhecimento do idioma galego a «assimilar aquelas grafias que correspondem a fonemas sem existência no castelhano e representados de diferente maneira numa e noutra línguas, que é o caso dos fonemas guturais do castelhano e que no galego-português som linguodentais.
>
> Quando isto ocorra, quando os galegos aprendam que as jotas de Irijo e de Vijueses e as ges de de Pungim e de Sangenjo se pronunciam como as CH francesas teremos dado um grande passo na verdadeira pronunciaçom dessas toponímias e das que estám no seu caso e uma vez conseguido isto já seria mais fácil que se escrevessem bem.
>
> Claro está que muito melhor seria que os rapazes das nossas escolas aprendessem a falar, escrever e ler em galego, mas enquanto em Madrid nom lhe percam o medo à língua de Rosalia e sigam falando de separatismos, contentaremo-nos com que se vám soltando no português por aquilo de que algo e algo»[6].

Por todo o dito anteriormente, podemos fazer-nos uma ideia de Ben-Cho-Shey, como Homem, como Investigador, como Amigo que deu todo o que podia dar de si. Agora resta que as nossas autoridades provinciais pensem um bocadinho e se decidam, de uma vez por todas, a publicar por temas toda a sua obra dispersa em revistas e jornais.

6. Ben-Cho-Shey, «A Língoa Portuguesa nas Escolas» em *La Región*, 4 de Setembro de 1973.

1ESTUDOS92 19/12/07 14:20 Página 185

AGÁLIA nº 91-92 / 2º SEMESTRE (2007): 185 - 212 / ISSN 1130-3557

Da natureza primeira e última de todas as coisas, da mundanidade e da saudade

Paulo Borges
(Universidade de Lisboa)

Resumo:

Tentamos formular uma nova teoria da saudade, baseada na sua experiência, na etimologia e na evolução semântica da palavra. Embora sem as explicitar, temos em conta as contribuições da tradição galaico-portuguesa, literária e filosófica, nesse sentido. Procuramos indicar como esta expressão da língua galaico-portuguesa mostra uma notável aptidão para ser matriz de uma profunda visão da existência universal e das suas possibilidades de libertação ou ilusão.

Palavras-chave: Saudade, natureza-experiência primordial, mundanidade, libertação, ilusão.

Résumé:

This paper aims to formulate a new theory of the "saudade", grounded on his experience as well as on the word's etymology and semantic evolution. Although not explicitly, we take into account the contributions of the literary and philosophical Galician-Portuguese tradition. We try to indicate how this expression of the Galician-Portuguese language shows a remarkable aptitude to become matrix of a deep vision of universal existence and his possibilities of freedom or illusion.

Mots-clefs: *Saudade, primordial nature-experience, worldliness, liberation, illusion.*

1. A natureza primeira e última de todas as coisas é desprovida de qualquer característica, incluindo a de ser a natureza primeira e última de todas as coisas e desprovida de qualquer característica. É alheia a todos os conceitos, imagens e palavras, incluindo o ser-lhes alheia. Não há discurso ou símbolo que a possa verdadeiramente formular, podendo apenas sugeri-la, tanto menos impropriamente quanto mais os conceitos, imagens e palavras respeitem essa irrelação e se assumam e exerçam no limite que apela a sua conversão em limiar da sua própria recriação, suspensão e transcensão na experiência inefável que, com a profunda transformação que opera, é a única garantia da sua mesma autenticidade. Isto aplica-se antes de mais a este texto, que é insistente e urgente convite ao seu total esquecimento na experiência para que aponta.

1ESTUDOS92 19/12/07 14:20 Página 186

2. Nos limites do pensamento e do discurso é possível sugerir a natureza primeira e última de todas as coisas, sem deixar de a trair (cf. *infra*, 12), como o infinito, um nada-tudo e um nada que se pode relativamente manifestar ou ser percepcionado de todos os modos e em todas as formas possíveis, nele intemporal e a cada instante claramente presentes. Nos limites da imaginação é possível sugeri-la, sem deixar de a trair, pela imagem de um espaço infinito, insubstancial e sem obstáculos, transparente e luminoso, inalterável e inseparável de tudo o que nele ilimitadamente se pode manifestar ou percepcionar. Nos limites do pensamento, do discurso e da imaginação é possível sugeri-la, sem deixar de a trair, como um infinito esplendor, um ilimitado nada e tudo poder ser, pura energia informe e insubstancial susceptível de irradiar, assumir e ser experienciada segundo irrestritas modalidades, sempre cambiantes e evanescentes.

3. Supõe a primeira possibilidade a não confusão do nada com o não ser e com a sua interpretação niilista. *Nada*, de acordo com a origem etimológica portuguesa e castelhana, do latino "nulla res nata", assinala o inato, o não nascido, o não originado e não produzido da natureza primeira e última de todas as coisas, bem como a sua não reificação, o não ser "coisa", e a sua não entificação, o não ser "ente". Assinala ainda o transcender toda a determinação e manifestação e não lhe convir nenhum dos predicados onto-lógicos possíveis: ser, não ser, ser e não ser, nem ser nem não ser. Em verdade, o nada nem sequer é nada. Assinala-o a palavra portuguesa e castelhana "nonada", sinónimo da "insignificância" que permite toda a emergência de sentido e significado. *Tudo* indica quer a plenitude em acto disso que é sem determinação, quer a totalidade ilimitada das manifestações possíveis do que, sendo de todas inseparável, não menos a todas, por sua não determinação, engloba e transcende. Este *nada* não é inerte e estéril, sendo o espaço matricial e fecundo de toda a manifestação, que todavia, sendo dele inseparável, jamais se entifica ou reifica como isto ou aquilo, com características e determinações intrínsecas. A natureza da manifestação é a de meras aparições-aparências que a cada instante evanescem e se libertam de o ser, sem origem, fim e duração.

4. Sendo a natureza primeira e última, ou primordial, de tudo inacessível a qualquer forma de conhecimento, representação e discurso, é-lhe todavia inerente um saber-sabor de experiência feito. Este saber-sabor-experiência é o estado natural, primordial, comum e espontâneo de todos os seres aparentes, na plena consciência fruitiva da sua natureza autêntica, livres de todos os conceitos e determinações, incluindo os de

1ESTUDOS92 19/12/07 14:20 Página 187

"serem" e de serem "seres". Esta consciência fruitiva é sem sujeito, nem objecto, nem características: por isso infinita e inefável, sem centro nem periferia, sem interior nem exterior, sem entidade nem referência a si ou a outro, sem concepção nem intenção. Sem auto ou hetero-relação, intelectual, reflexiva ou outra, sem identidade-diferença, sem mesmidade-alteridade, não é para si, livre de toda a auto-apreensão e auto-apropriação. A consciência inerente à natureza primordial não é de si como um si ou um ser, como sendo ou não sendo isto ou aquilo. Refractando o seu saber-sabor-experiência pelos limites do pensamento e do discurso, as características menos impróprias para indicar a sua total ausência são vacuidade-plenitude e liberdade-infinidade. Isto não contradiz uma inerente sabedoria experiencial que, sempre que confrontada, como veremos, com qualquer forma de limitação e sofrimento, espontaneamente se manifesta como uma infinita sensibilidade amorosa, compassiva e libertadora.

5. Tu, que escreves e lês - importa que quanto antes o recordes, experiencies e vivencies - , "és" em verdade, no mais fundo sem fundo de ti mesmo, e sem qualquer identidade ou diferença, a natureza primeira e última de tudo e o seu saber-sabor-experiência inerente, isso para além do qual nada mais há, com toda a sua potencialidade sensível, amorosa e compassiva. Sem características, não és tu, porque não és nem não és isto ou aquilo. No mais íntimo de ti, és livre de ti, livre de ser ou não ser e por isso bem-aventurado e infinito. Um *não sei quê*, insuperável e irredutível, estranho e entranho a tudo, que a todas as coisas abrange e engloba. É nessa imensidão incriada de ti sem ti que tudo acontece e se manifesta: sempre superabunda e nada lhe falta, nem sequer o nada. É essa afinal a verdadeira natureza e excelência de todos os seres, seres aparentes como tu, pois ser é apenas aparecer como tal, numa aparência de determinação sem qualquer essência, substância ou entidade intrínseca.

6. Permanecendo como o inalterável, incaracterístico, não determinado, não condicionado e não-dual fundo sem fundo de todas as possibilidades de experiência e conhecimento que assumem características e determinações, a natureza primeira e última de tudo pode ser constantemente experienciada, reconhecida e fruída como tal ou ignorar-se, encobrir-se e deixar de ser desfrutada pelo envolvimento e condicionamento da mente na teia dessas características e determinações, o que constitui a *mundanidade*. A ignorância e encobrimento da natureza primordial de tudo traduz-se na aparente modalização da sua consciência fruitiva em fluxos de experiências mentais e conceptuais condicionadas

1ESTUDOS92 19/12/07 14:20 Página 188

pela dualidade sujeito-objecto e mais ou menos marcadas pela reificação dos sujeitos e dos objectos como entidades separadas e existentes em si e por si mesmas, tanto mais ilusórias quanto mais a elas se adere como absolutamente substanciais e reais. Estas experiências, sedimentadas nos conceitos fundamentais de ser e não ser, identidade e diferença, mesmidade e alteridade, eu e não-eu, eu e outro, potenciam três complexos conceptuais e emocionais basilares e inseparáveis: o conceito de identidade própria, o egocentrismo e a sede de ser, de se acarinhar, expandir e afirmar, correlato da insensibilidade e do desamor ao que surge como outro, nutridos pelo sentimento de separação, solidão e desamparo que por sua vez reproduzem; o conceito de desejável, o apego e o desejo de possuir, a si e a tudo quanto surge como outro e agradável para o sujeito, provenientes e indutores do sentimento de insatisfação, carência e dependência; o conceito de indesejável e o desejo de negar, excluir e agredir, ou a aversão, igualmente dirigida para si ou para tudo quanto surge como outro e desagradável para o sujeito e cuja fonte comum está no sentimento de insegurança e medo que por sua vez reproduzem. Proveniente ainda destes três complexos, quando se verificam lesivos para o persistente e radical egocentrismo do fictício sujeito que aparentam originar, surge o conceito de indiferente, proveniente e indutor quer do sentimento de desinteresse, em relação a si e a tudo, com o tédio e torpor resultantes, quer da retracção da sede de auto-afirmação, do apego, do desejo de posse e da aversão, quando a sua frustração ou as suas consequências indesejadas se tornam demasiado dolorosas. Estas experiências, conceitos e emoções, proliferando em combinações múltiplas, sedimentam-se como hábitos e tendências inconscientes que, apesar de acrescentados à natureza-experiência primordial como outras tantas ilusões que a não afectam, a podem relativamente envolver e encobrir ao ponto de serem sentidas e julgadas como inerentes a ela mesma, como uma máscara que para alguém passasse a constituir o próprio rosto ou, neste caso, como a máscara de um rosto – o do sujeito fictício - que se substituísse ao, ou se inscrevesse no, infinito sem feições nem características. A consequência e o sintoma disso é a solidificação da ilusória experiência dualista como inequivocamente real, a cristalização do sentimento de ser, de ser si mesmo e de ser algo ou alguém como inato e a incontrolada agitação conceptual e emocional da mente que, não podendo perder o vínculo à natureza-experiência primordial e à fruição ilimitada da sua vacuidade-plenitude e liberdade-infinidade, mas agora apenas como um bem que obscuramente recorda, pressente e deseja – ou seja, como veremos, de que há *saudade* - , a passa

1ESTUDOS92 19/12/07 14:20 Página 189

a procurar no domínio da experiência dual e condicionada, como algo que pudesse ser fruído por um sujeito na posse de um objecto e na exclusão de outros sujeitos e objectos, destinando-se assim a encontrar a cada instante exactamente o oposto, o sofrimento, daquilo que procura, a felicidade. A contínua insatisfação, mal-estar, auto-frustração e auto-tortura, sem sentido e sem solução, fora da extinção das suas causas – a ignorância da natureza-experiência primordial, volvida no conceito-sentimento de si, no desejo possessivo, na aversão e na indiferença - , é assim a condição de toda a mente auto-iludida, que, deixando de fruir a íntima e universal plenitude ao converter-se num sujeito fictício e egocentrado - *sujeito* ao engano e presunção de ser e de ser algo ou alguém, com id-entidade e características - , passa a viver no círculo vicioso de perseguir continuamente o que fantasia faltar-lhe para ser feliz e lutar constantemente contra o que fantasia impedir-lhe essa felicidade, sem ver que a única beatitude verdadeira e possível reside nesse fundo sem fundo e sem si de si e de tudo que é a natureza-experiência primordial e que essa equivocada presunção, essa fantasia, essa perseguição e essa luta, essa constante pré-ocupação e ansiedade, são os únicos factores que impedem reconhecê-la e fruí-la. A mente deste modo *mente*, em primeiro e último lugar a si mesma, pois tudo o que imagina ver e sentir, a começar e a acabar em si mesma, é função dessa cegueira conceptual e emocional que dá forma ilusoriamente intrínseca, substancial e real ao que não é senão projecção de uma inconsciente, incontrolada e condicionada percepção sobre a incaracterística natureza universal. A qual, alheia à cisão sujeito-objecto e aos estados de consciência que assim se constituem, apesar de aparecer continuamente e de ser o único que aparece, é remetida para o inconsciente dos estados mentais em que ser consciente é ser consciente de algo, si mesmo e/ou outro. A mentira da mente a si mesma, aquilo que é propriamente *mental* e *mentiroso*, começa e acaba em tomar por rosto a máscara de o haver, ou seja, de haver essencial, substancial ou realmente uma determinação e id-entidade, positiva ou negativa, um eu ou não-eu, um si ou não-si, na incaracterística infinidade da natureza-experiência primordial. É assim, no modo e tipo particular da experiência ilusória, condicionada e mundana que é o humano, que surge a noção da e a crença na existência do sujeito como *pessoa*, fora do seu originário contexto e função teatrais (conforme o grego *prósopon* e o latino *persona*, que designam a máscara através da qual soa a voz do actor), ou seja, como natureza essencial e não mera convenção representativa. Esta é, porém, apenas uma das diversas formas que assume a ilusão humana, que por sua vez é apenas uma das

1ESTUDOS92 20/12/07 13:52 Página 190

múltiplas que assume a ilusão fundamental e universal que consiste no *asir*(-se), no agarrar(-se) para si, no apropriar(-se), e da qual só o *desasir*(-se), o largar(-se), o abrir(-se) mão, o desprender(-se), liberta, como bem dizem eloquentes e esquecidas palavras castelhanas e portuguesas. Como sempre, apropriar é perder, ser si próprio é perder-se.

7. Esta condição, de auto-engano, auto-frustração e auto-tortura, é a condição comum de todos os seres aparentes, transmudando-lhes ilusoriamente a natureza-experiência primordial nas múltiplas experiências-percepções de si e dos múltiplos mundos onde de múltiplos modos, mais grosseiros ou mais subtis, por vezes disfarçados de prazer, outras na mais profunda e contínua dor, experimentam e reproduzem o círculo vicioso e insatisfatório do nascimento, da existência e da morte. Existir e ser no mundo é estar aí, obscurecido e atormentado pelo conceito de si, ser e mundo, pela solidificação sub-jectiva e ob-jectiva da percepção dualista, pelo conceito de si e de outro, pelo desejo possessivo, pela aversão e pela indiferença, ilusoriamente cindido do espaço infinito, livre e fruitivo da natureza-experiência primordial. Mas também, e por isso mesmo, aberto à possibilidade de reconhecimento dessa condição e do seu processo ilusório de constituição, libertando-se provisória ou definitivamente dela e de toda a ficção de nascer, existir e morrer pela reassunção daquela natureza-experiência sempre presente e instante. *Ex-sistir* é tudo ser a cada instante possível, na constante bifurcação entre visão-experiência libertadora e ilusão escravizadora. O *ex-* da existência é abertura ao mundano e ao trans-mundano. Tanto pode indicar o ilusório encobrimento, fuga e exílio da natureza-experiência primordial e a pro-jecção da mente na experiência-percepção sempre renovada de nascer, existir e morrer, ficção vivida como real, atribulado sonho nunca livre de pesadelos (que mais não seja o do seu fim), como pode referir o despertar disso e o trespasse da estrutura mundana da consciência na reassunção daquela sua incriada e bem-aventurada matriz. Aliás, só este despertar, este trespasse e esta reassunção possibilitam o estar verdadeiramente no mundo, sem qualquer ilusão a respeito da sua realidade aparente e com uma atenção plena, amorosa e compassivamente presente, que permita que o existir decorra sem prejuízo e com benefício de todas as mentes-seres ainda iludidos. O despertar e a libertação da mundanidade é a única condição de possibilidade de uma ética integralmente vivida, que o não pode ser senão a respeito de todos os seres e formas de vida, visando no plano mundano diminuir a sua dor e propiciar a sua felicidade possível, mas, acima de tudo, a sua libertação de toda a mundanidade, ou seja, o seu

1ESTUDOS92 19/12/07 14:20 Página 191

despertar da ficção de serem ou não serem algo ou alguém, sem a qual não há erradicação definitiva da dor e bem-aventurança plena.

8. Cada mundo resulta do encobrimento e refracção da natureza-experiência primordial em fluxos e conjuntos de percepções dualistas e ilusórias com modalidades afins, originando seres aparentes com percepções semelhantes do espaço-tempo e de si mesmos. Estas percepções, sempre em devir, aparecem como formas psicofísicas de si e do mundo, também sempre em metamorfose. Não há seres reais com percepções ilusórias, mas sim seres que não possuem outro estatuto senão o da ilusória percepção como tais, seres que não são senão a equivocada percepção de pontos de identidade e permanência no espaço infinito de aparências sempre cambiantes e evanescentes. Embora o fluxo dessas percepções seja desprovido de qualquer sujeito ou substrato substancial, ele é suposto, como foi descrito (cf. 6), e isso bipolariza a experiência na reificação do subjectivo e do objectivo. Manifestam-se assim múltiplos sistemas de seres e mundos e, perante a natureza-experiência primordial, que transcende os conceitos de real e irreal, todos surgem como simultaneamente reais, enquanto percepcionados como tal, e irreais, enquanto tais percepções são ilusórias. Todos eles são, em primeira e última instância, aparições da própria natureza-experiência primordial que, filtrada pelas percepções confusas dos aparentes seres intra-mundanos, aparece num caleidoscópio de seis mundos, interdependentes entre si: divino, semi-divino, humano, animal, de espíritos atormentados e infernal. Pesem as diferenças dos seres individuais que percepcionam e povoam cada uma destas esferas existenciais e de percepção, eles caracterizam-se por pulsões e complexos mentais e emocionais afins, diferenciados num fundo comum de ignorância dualista e onto-egológica: orgulho e sentimento de superioridade nos deuses; inveja, ciúme e competição nos semi-deuses; dúvida, desejo possessivo e apego nos homens; opacidade mental e medo nos animais; avareza e avidez nos espíritos atormentados; ódio e cólera nos seres infernais. Esta ordem não constitui uma hierarquia, por não ser referente a um princípio supremo e real, sendo meramente aparente e relativa aos níveis de prazer e dor que em tais mundos se experimentam, sendo que no mundo divino e no infernal se vivem respectivamente os extremos da felicidade e do sofrimento mundanos. É mais adequado considerá-los inscritos num círculo, a roda da vida-morte cósmica, onde os fluxos mentais de todos os seres aparentes continuamente se metamorfoseiam, vagabundeiam e transmigram de um para outro, ou seja, de uma para outra das suas percepções e

1ESTUDOS92 19/12/07 14:20 Página 192

construções fictícias, em percursos individualmente diferenciados, mas onde nunca há verdadeiramente um sujeito e indivíduo substancial: interiormente a cada instante, em função da qualidade dos seus pensamentos, emoções e percepções, o que sobretudo se verifica na vida humana da mente, que pode passar constantemente de uma para outra das experiências conceptuais e emocionais configuradoras dos seis mundos; corporal e exteriormente no fim de cada existência, que é morte num mundo (ou seja, dissolução e fim de um modo de percepção de si e do mundo), reingresso súbito na natureza-experiência primordial (na ausência de percepção de si e do mundo) e, repetindo-se o não se reconhecer e permanecer nela, metamorfose e renascimento noutro mundo (início de outro modo de percepção de si e do mundo) em função desse não reconhecimento e da força criadora quer dos actos mentais presentes, quer dos hábitos e impulsos inconscientes procedentes das intenções e dos actos mentais – cognitivos e volitivos - , verbais e físicos anteriores. A roda da vida-morte cósmica e o seu caleidoscópio dos seis mundos são a aparição exterior da mortificante roda viva da mente que, presa na ilusão do sujeito e do objecto e das relações de indiferença, desejo e aversão que os coligam, gira sem cessar de pensamento para pensamento, de emoção para emoção e de percepção por eles condicionada para percepção por eles condicionada, no círculo vicioso de contradição e desassossego inerente à própria busca de liberdade, paz e felicidade na sujeição, conflito e sofrimento da experiência dualista e egocentrada. Um dos símbolos disso é a imagem da serpente que se morde a cauda, nutrindo-se e renascendo do próprio devorar-se no desejo de se extinguir. Imagem psicocosmológica, pois a experiência e percepção do mundo e do corpo nele inscrito é sempre função do estado conceptual e emocionalmente predominante da mente que ilusoriamente toma por real a experiência de haver sujeito, objecto e sua relação. No domínio dos seis mundos, a percepção da realidade é sempre um estado alterado de consciência, uma alucinação que, habitual e constante, se considera sã e normal, um sonho que, sendo contínuo, se toma por real.

9. Num sentido, o mundo humano é o que oferece, em comparação com os demais, pela menor intensidade geral e maior alternância do prazer e da dor, maior e melhor ensejo de contemplar e desconstruir o processo ilusório da consciência mundana, proporcionando assim maiores possibilidades de libertação. Ele é, por essa razão, a mais rara possibilidade de existência, sobretudo quando acompanhada de uma mente capaz de compreender isso e com o potencial de sabedoria e compaixão que a habilite para viver de acordo com essa compreensão.

1ESTUDOS92 19/12/07 14:20 Página 193

Dentro do comum estatuto ilusório de todos os mundos e seres aparentes, os mais irreais e impeditivos da visão-experiência libertadora são aqueles onde a experiência de si e do mundo por mais real se toma, o que tende a acontecer nos extremos do prazer e da dor, mais comuns e constantes nos mundos divinos e infernais. O maior apego ao conceito da realidade de si e do mundo, tornando as consciências e seres mundanos mais irreais, torna-os também mais fracos e limitados, diminuindo-lhes o usufruto do verdadeiro poder da sua natureza autêntica, que é liberdade e poder ser, sabedoria, amor e compaixão ilimitados. O seu aparente maior poder de afirmação, determinação e eficácia no ilusório domínio intra-mundano é a face patente de uma mais efectiva e dissimulada despotenciação e debilidade no que respeita à sua transcendência, tornando-os também mais insensíveis à felicidade e ao sofrimento dos demais seres. Pelo contrário, as consciências e seres que mais se libertam do conceito de serem ou não serem, de serem ou não serem isto ou aquilo, que mais se libertam do preconceito da id-entidade e da diferença e assim mais reconhecem e reassumem o nada-tudo da sua natureza autêntica, são os que, mesmo no domínio intra-mundano, mais sensíveis e criativos se tornam e, sobretudo, mais potentes se volvem no que respeita à libertação integral de toda a mundanidade e às ilimitadas possibilidades de manifestação ou não que a partir daí se abrem. Quanto mais livres da ficção de si e de ser, mais comungam a liberdade, infinito poder ser e sensibilidade da natureza primordial, podendo ou não manifestar-se e metamorfosear-se ilimitadamente, assumindo múltiplas e simultâneas formas de aparição consciente, na *i-lusão*, em sentido etimológico, de um espontâneo jogo criador livre de ilusões, sábio, amoroso e compassivo, e não na ilusória, obscurecida e atormentada errância transmigratória do apego a si e a existir que estrutura e reproduz a percepção e experiência dos seis mundos da roda da vida mortal e do círculo vicioso do nascer, existir e morrer.

10. Esta é, ó tu que escreves e lês, a tua actual condição, bem como a do mundo e dos mundos que em ti e à tua volta se manifestam, inseparáveis da tua percepção condicionada, embora dificilmente reconheças mais do que o mundo humano e animal. És tu, somos todos nós, junto com todos os seres aparentes e errantes, mentes distraídas da sua natureza profunda e alucinadas pelas percepções daí resultantes, que em conjunto nos criamos, a este e a todos os mundos possíveis, como bolas de sabão desde sempre e a cada instante por ninguém sopradas e evanescentes no espaço de não o haver, desde sempre e a cada instante esquecidas como tais e confundidas com densas e substanciais esferas ontológicas. Eternas

1ESTUDOS92 19/12/07 14:20 Página 194

crianças a julgarmo-nos adultos por nos levarmos tão a sério que esquecemos que brincamos e fazemos de conta ! Por brincarmos tão a sério que nos esquecemos disso ! Magos prestidigitadores e ilusionistas de nós mesmos, a fazermo-nos surgir miragens de seres-mundos-oásis de privação no deserto do superabundante ! Toxicodependentes da crença na realidade intrínseca de nós mesmos e das coisas ! Desertores da realidade no conceito de a haver ! Tudo importa que quanto antes o reconheçamos para que de tal quanto antes despertemos e nos libertemos, fazendo assim com que algo em todos desperte e se liberte: pois cada um de nós é todos e tudo, no nada pleno da nossa comum e íntima natureza primordial. Ah, pois que somos, eu, tu e os outros como nós, senão um infinito esplendor deslumbrado e ofuscado por julgar poder existir em tamanha luz e fazê-la sua !? Tesouro oculto e perdido no mais íntimo do mendigar-se alheio e próprio. Infinito despojado na pretensão de se abarcar, apreender e possuir.

11. Sempre que ignorada e encoberta, a natureza autêntica de tudo experimenta-se e desvela-se imediata e omnipresente quando a mente suspende e se liberta de todas as afirmações, negações e determinações, de todas as posições, perspectivas e propensões, de todos os juízos, conceitos, palavras e imagens, de toda a indiferença, desejo e aversão, de todas as emoções, preocupações e finalidades, ou seja, quando se liberta de todas as suas construções e operações, quando se liberta de si, reassumindo a sempre presente e bem-aventurada espontaneidade primordial de uma consciência sem sujeito nem objecto, sem intenções, formas, conteúdos ou objectivos. Esta experiência, que é o fundo comum de todas as experiências possíveis, quando emerge a partir da dor e mal-estar do seu encobrimento pela inconsciente e entranhada interpretação dualista de cada instante de percepção, e num mundo onde permanece encoberta para outras mentes sofredoras, é a de uma sabedoria, liberdade, júbilo, criatividade, amor, compaixão e imparcialidade infinitas. Quem verdadeiramente a reconhece e recupera, fremente de alegria, não pode deixar de a desejar e suscitar, igualmente e sem qualquer excepção, em todos os aparentes seres sensíveis que padecem a sua ausência ou diminuição. Porque esta experiência, infinitamente sábia e sensível, é o reconhecerem-se e sentirem-se todos os seres aparentes íntimos e inseparáveis no fundo sem fundo da sua não constituição. Nela todos de algum modo despertam, começam a despertar ou progridem no despertar no seu primordial imo.

12. Todos os fenómenos que a mente ilusoriamente percepciona como sendo e não sendo isto ou aquilo – seres, objectos, ela mesma - , são a

1ESTUDOS92 19/12/07 14:20 Página 195

própria natureza primeira e última de tudo, o infinito, isso para além do qual nada mais há. Cada ser aparente, para além e no próprio seio dos véus, determinações, hábitos e pulsões conceptuais-emocionais com que percepciona a si e ao mundo, é a natureza primordial de tudo e o seu saber-experiência espontâneo e fruitivo. Como se disse (cf. 4), este estado é sem sujeito nem objecto, sem centro nem periferia, sem interior nem exterior, sem entidade nem referência ou relação a si ou a outro, sem identidade-diferença nem mesmidade-alteridade. Nada sendo e nada se conhecendo – nem como nada - , nada o limita, nada se lhe opõe e nada lhe falta. O seu saber-experiência, alheio a sujeito e objecto, é um não-saber e uma não-experiência, que só exteriormente se pode indicar como vacuidade-plenitude e liberdade-infinidade, paz, não privação e não dependência absolutas, residindo aí, indistintos desse estado, e não como as mentes iludidas os percepcionam, todos os fenómenos do universo: coisas, seres e as próprias mentes que como tal – "coisas" e "seres" - a si e a eles percepcionam. Nesse sentido, mas vendo-o já da opaca exterioridade do intelecto e do conceito, pode dizer-se absolutamente "só", no sentido de "único" (uma das acepções do latino "solus"), e "um", ou "um só" (uma das acepções do latino "singulus"). No mesmo sentido, e nos mesmos limites, pode dizer-se "deserto", todavia não como os lugares ermos da natureza, meramente despovoados e sem habitantes humanos (outra das acepções do latino "solus"), mas como livre de qualquer característica, incluindo a de o ser, a de ser livre de qualquer característica (e por isso mesmo superabundante de todas as possibilidades). Em qualquer dos casos, isto que o intelecto vê, pensa e conceptualiza como "só", "único", "um" ou "um só", jamais se experimenta como tal e, assim, como "singular", "particular", "pessoal" e "próprio" (algumas das acepções do latino "singularis"), ou como "só", no sentido de "solitário", "sozinho" ou "isolado" (outra acepção do latino "solus" e também de "singularis"). Se tal acontecesse, se o que o intelecto concebe como "só", no sentido de um, uno e único, e assim simples, indiviso, íntegro e total, efectivamente como tal se experimentasse e visse, implicaria isso a experiência de uma dobra, determinação e alteridade, ainda que apenas inerente à relação a si, ao ser para si, que contradiria a suposta experiência de infinidade e simplicidade, unidade e unicidade, integridade e totalidade. O que mostra que a natureza-experiência primordial é não só intraduzível em termos intelectuais como incompatível com uma experiência intelectual que sempre se torna cega ao olhar para isso mesmo que julga ver. Na verdade, a experiência de ser "só", e logo "solitário", "sozinho",

1ESTUDOS92 19/12/07 14:20 Página 196

"isolado", "singular" e "próprio" ("solus" e "singularis"), a experiência da singularidade e da solidão ("solitudo"), advém apenas com a aparente dobra, alteração e obscurecimento da natureza-experiência primordial na referência a si, no ser para si, no asir(-se), na auto-observação e auto-apropriação geradora da consciência intelectual, reflexiva e conceptual que, assumindo consciência de ser, de ser si mesma e de ser para si mesma, imediatamente se encontra na cisão (dessa instância primeira de si sem si) pela qual se dá a percepção de observador e observado, de observador-observado, de mesmidade-alteridade, identidade-diferença, eu-mim, eu-outro, eu-não eu. Esta experiência, de ser e ser algo, uno e único, singular e próprio, algo só, isolado e solitário, a experiência de si, mesmo que seja a experiência de ser absoluta, infinita, eterna, plena e totalmente, sem qualquer relação, limite, defeito e alteridade - por exemplo, a experiência de ser Deus - , implica sempre a experiência de não ser o seu oposto e de, enquanto se é isso, não se poder ser outro. No exemplo dado, a experiência de haver algo ou alguém absoluto, infinito, eterno, pleno e total, sem qualquer relação, limite, defeito e alteridade, implica a experiência contraditória de não ser nem poder ser relativo e finito e não ser nem poder ser nada, o que já é uma forma de não ser absoluto e infinito e antes relativo e finito. Esta experiência, da determinação inerente ao ser (que em português e castelhano vem de "sedere", estar sentado, ter assento, residir, estabelecer-se, implicando o determinar-se num fundo estável como algo dele distinto), ao ser algo ou alguém e ao ser para si, é intrinsecamente derivada, contraditória e ilusória, tanto mais quanto mais se presume primeira, absoluta e infinita, ocorrendo apenas ao nível da obnubilante apropriação e dobra intelectual e reflexiva e sendo desconhecida no estado primordial e natural que permanece como o seu não intencional fundo e matriz de possibilidade. Este, nada sendo e nada se conhecendo, nem como nada, permanece infinidade, paz e beatitude, livre de limite, oposição e contradição: espaço livre de qualquer ponto de observação, perspectiva, referência e correlato horizonte. O que não aconteceria se se conhecesse como nada, ocasionando a experiência contraditória de ter uma determinação, embora meramente negativa, de ser ainda algo, embora um paradoxal *algo* que consistiria em não ser coisa alguma. A vacuidade da natureza-experiência primordial, a vacuidade da sua própria vacuidade, expressa uma plenitude livre de toda a determinação e predicação, positiva ou negativa (livre de ser, não ser, ser e não ser, nem ser nem não ser). Plenitude perdida na constituição *suidosa* (do latino *sui*, pronome pessoal reflexo da 3ª pessoa) do sujeito,

1ESTUDOS92 19/12/07 14:20 Página 197

tanto mais quanto mais deslumbrado consigo, com a sua aparente unicidade, singularidade e propriedade. A insciência da sua íntima e universal vacuidade converte-se-lhe numa entranhada *vaidade* (de "vanitas, atis"), a qual, antes e a par do sentido psicológico e moral de centramento na imagem de si e sua presunçosa ostentação perante os outros, é *vanidade* (de "vanus", vazio, sem realidade, vão, inútil, malogrado, mentiroso), enquanto mera aparência que se toma por real sem que o seja, constituição abortada e sem qualquer sentido ou benefício. Vaidoso ou não, o sujeito ignorante da sua e universal vacuidade é sempre vão, inane, fútil e fátuo, bola de sabão que, entre soprar-se e desvanecer-se, se presume substancial esfera ontológica.

13. O resultado da aparente apropriação, dobra, alteração e obscurecimento da natureza-experiência primordial na consciência intelectual, reflexiva e conceptual, que se processa em termos de mesmo-outro, idêntico-diferente, eu-mim, eu-outro, eu-não eu, configurando a experiência de si, é a soledade (do latino "solitas, atis"), a solidão e o isolamento que caracterizam a flexão e contracção do saber-sabor espontâneo e fruitivo, não cogitativo, não cognitivo e não predicativo, numa ciência de algo e de si, na génese da subjectividade e do seu contraponto objectual. Esta experiência, de ser, ser algo e ser para si, isto é, esta experiência de ser sujeito ("subjectum", de "sub" e "jaceo", "jacio") enquanto sub-jectado, lançando-se para diante, colocando-se e jazendo assim, sub-metido e sujeito, sob o domínio disso e sob o domínio da vontade de dominar isso que no mesmo lance se percepciona ante si e contra si ob-jectado, lançado e oposto, o objecto ("objectum", de "ob" e "jacio"), esta experiência de de-limitação, oposição e objecção mútua (que também é de si por si mesmo, na medida em que o sujeito se objectiva), é a da aparente cisão que marca toda a dobra da experiência imediata e natural na sua reclusão e obnubilação intelectual e reflexiva. Surgimento aparente mas ilusório da dualidade que se processa em três instâncias simultâneas: subjectivação do suposto sujeito na objectivação dessa matriz primordial, alheia a sujeito e objecto; subjectivação do suposto sujeito na objectivação de si; subjectivação do suposto sujeito na objectivação dos supostos objectos exteriores e do suposto mundo. Três aspectos da relação de sujeição-opressão que marca o surgimento da iludida e ilusória consciência dualista e mundana, onde reside o constante embrião de toda a cisão e conflito que devastam os mundos por ela percepcionados, experimentados e construídos. A beligerância dos estados mentais dualistas é a fonte primeira e última de toda a guerra, visível e invisível, manifesta e oculta, desde o pensar ao comer e

1ESTUDOS92 19/12/07 14:20 Página 198

à agressão bélica, que, rasgando-se a partir da natureza primordial, constitui a suposta realidade, move a roda da vida-morte cósmica e devasta o planeta e o universo.

14. A soledade ("solitas, atis"), a solidão e o isolamento são a artificial mas necessária condição da subjectividade, que não nasce senão da ilusória conversão do espaço infinito, livre, transparente e bem-aventurado da natureza-experiência primordial num foco de percepção dualista, egocentrada e portanto insatisfatória, sujeito e submisso ao mal-estar do sentimento de separação, solidão e desamparo e ao decorrente e necessariamente frustrado desejo de submeter todos os aparentes obstáculos-objectos externos e internos que dentro e fora de si a sua ignorância, desejo e aversão lhe fazem surgir como distintos, sedutores e repulsivos, o que o arrasta afinal no círculo vicioso da ilusão, escravidão e tormentos psicocosmológicos atrás referidos (cf. 6, 8 e 13). Não obstante, permanecendo íntima e atemporalmente vinculada à sua natureza-experiência primordial e profunda, cujo esplendor e fruição em si mesma a cada instante encobre e perde, sentindo-a como uma presença ausente, ou uma ausência presente, como algo abissalmente ou outrora vivido e agora remoto, perdido na lonjura, apenas pressentido ou instantaneamente aparente nos súbitos e curtos intervalos e suspensões da percepção dualista e condicionada, como um relâmpago fulgindo nas espessas e letais trevas da desatenção e do esquecimento quotidianos, a subjectividade não é nem pode ser senão memória e desejo, mais ou menos consciente ou inconsciente, disso, ou seja, desse vivido estado anterior de si, anterior a si, livre de si e de todo o fardo e dor conceptual, emocional e existencial que o si, o sujeito e o eu sempre carregam, tanto mais absurda quanto ilusoriamente: tal um Sísifo que não vê que a pedra e a fatalidade que incessantemente rola e arrasta é tomar-se por real e às suas percepções, com todos os pesadelos desse sonho resultantes, sendo o maior o confundi-lo com o estar desperto, o que verdadeiramente lhe impede o despertar libertador. Ou seja, como eloquente e notavelmente mostra a singular evolução da "solitate" latina na língua galaico-portuguesa, mostrando toda a sua aptidão a ser matriz de uma profunda visão da existência universal, a *soledade* da subjectividade não pode senão explicitar-se como a *saudade* que desde início é, com todos os sentidos que se lhe associam, adiante explicitados, e conforme o mostra a sua análise etimológico-filológica[1].

Cf. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, *A Saudade Portuguesa*, Coimbra, Estante Editora, 1990.

1ESTUDOS92 19/12/07 14:20 Página 199

15. Filha da ilusória flexão e contracção da infinidade, plenitude e bem-aventurança da natureza-experiência primordial na soledade da subjectividade, a saudade é nesta a manifestação veemente, natural e necessária do sentimento de exílio, desintegração, desamparo, incompletude e carência que lhe é inerente enquanto ilusoriamente protagoniza o condicionamento dualista, sub/ob-jectado e espácio-temporal do próprio incondicionado absoluto. O que não o afecta, mas apenas ao sujeito que nele ficticiamente surge. Na verdade, se este saudosamente sente o vago e o não sei quê de uma presença ausente, ou de uma ausência presente, como algo outrora vivido e agora remoto, perdido na lonjura temporal ou metafísica ou afundado e obscuro nos abismos do inconsciente, de que há pressentimento, memória e desejo, o que assim sente é menos intrínseco ao objecto da saudade, que já vimos ser a natureza-experiência primordial - infinita e por isso sempre e a cada instante totalmente e em tudo presente - , do que ao próprio ilusório afastamento e desintegração dela, pelo qual o que não é sujeito nem objecto surge como objecto para um sujeito ou sujeito para um outro sujeito. Na verdade a subjectividade, a soledade e a saudade não resultam, como dissemos, senão da flexão e intelectualização da experiência originária, com o complexo conceptual-emocional daí resultante.

Filha da inalienável e irrecusável plenitude sempre presente e da ilusória diminuição da sua experiência na génese do sujeito e da percepção objectivadora, a saudade é todavia manência nessa plenitude antes de ser memória-desejo dela. Na sua ponta extrema, onde é não sendo, a saudade é manência na *saúde* ("salus, utis") e na *sanidade* (de "sanus", são, puro) da natureza-experiência primordial, a única sã – ou seja, pura, íntegra, perfeita - , necessária e autêntica. É apenas na medida em que, relativamente, há encobrimento e perda disso que, em absoluto, jamais se pode deixar de ser - pelo afastamento ilusório e mental, isto é, mentiroso, pelo estado alterado de consciência da percepção dualista, pela di-versão e dis-tracção instituidoras do sujeito e do objecto, pela dolência e doença dessa aparente privação do que afinal se é em superabundância - , que se aspira a reintegrar a experiência da manência pela memória e o desejo, eles mesmos antes de mais instâncias de inerência e vínculo e só derivadamente de reversão e regresso a partir de uma suposta distância. Pois esta memória e desejo, que são saudade, são-no de não serem, não manifestando senão a sua pertença a isso que constantemente os antecede, culmina e anula. Memória e desejo, memória-desejo do infinito, a saudade é-o disso onde nunca houve, há

1ESTUDOS92 19/12/07 14:20 Página 200

ou haverá qualquer memória, desejo e saudade. A saudade é a saúde, integridade e perfeição da natureza-experiência primordial, em toda a sua pujança iluminativa e fruitiva, amorosa e compassiva, a mover a reintegração de todos os sujeitos, humanos e não humanos, no imo de onde ilusoriamente se extraviam as mentes obscurecidas e errantes, envolvidas e arrastadas no fluxo insalubre e aflitivo das percepções, dos pensamentos e das emoções dualistas e assim das preocupações mundanas, enquanto auto-manipuladas pela sua ignorância na sujeição às aparências sedutoras, repulsivas e neutras dos objectos que em função dessa mesma ignorância lhes aparecem. A inquietação saudosa, que é sempre ponto de fuga e ruptura da soledade, pena e penúria da dualidade, reflexividade e discursividade mental, do existir em si recluso, da subjectividade e da mundanidade, promana da necessariamente insatisfatória experiência de si e do mundo por quem continuamente inere ao sempre instante não haver si nem mundo.

Manifestação da saúde e sanidade da natureza-experiência primordial em seu relativo encobrimento e privação, a saudade é, simultaneamente, a sua salvaguarda no domínio da aparente experiência dualista, impedindo que esta plena e verdadeiramente o seja, e a salvaguarda do aparente sujeito desta experiência no domínio daquela sua natureza autêntica, íntegra e sã, impedindo que ele se torne plena e realmente um sujeito isolado, perdido e submetido num mundo de objectos. A saudade é assim potência de *salvação* e redenção, entendidas como *saudação*, desejo, dom, reconhecimento e cuidado da saúde do que verdadeiramente é onde ela parece diminuir ou faltar. Mesmo associadas às saudações e aos cumprimentos inter-subjectivos, as "saudades" expressam o voto, ainda que inconsciente, de que o seu emissário e o seu destinatário se *cumpram*, cumprindo, ou seja, realizando e consumando, a sua inerente vocação à plena saúde de se tornarem quem realmente são, reunindo-se com o que de mais precioso há em si e em tudo, reencontrando-o e reconhecendo-o como a sua inalienável natureza.

Neste sentido, a saudade é também potência de re-ligação ("religare", ou seja, neste caso, não religar, mas ligar atrás ou por detrás) e de re-colhimento ("relegere", colher ou tomar de novo, enrolar de novo, percorrer de novo - também na memória - , reler). Ela é assim religiosa, segundo as duas etimologias possíveis de "religião", não porém no sentido de religar algo ou alguém que efectivamente se separou, e enquanto separado, mas de ligar a mente que vive como real e absoluta a ilusória separação e soledade subjectiva ao que está sempre "atrás" ou "por detrás" dessa experiência, isto é, de a levar a des-cobrir a encoberta

1ESTUDOS92 19/12/07 14:20 Página 201

e constante anterioridade, o fundo sem fundo, da própria saúde incondicionada. A ligação, o vínculo do sujeito ao antes de o ser, desvelado nesse passo atrás do estar aí mental e reflexivo, des-inscrevendo-o da autoposição de-limitadora de si e do mundo, de-limitadora de si no mundo, consiste no seu re-colher-se, no reassumir da integridade encoberta e relativamente perdida pela incontinente disseminação da consciência nos estados mentais relativos aos aparentes objectos da experiência dualista e mundana. O re-colhimento processa-se assim pelo despojamento desses objectos e desses estados mentais de atracção, aversão e indiferença a seu respeito, tanto mais fácil e rápido quanto mais desde o início se reconhecer o carácter artificial e ilusório de toda a percepção dualista e de toda a clivagem sujeito-objecto. A consciência, redimindo-se da distracção e dispersão geradoras dos conceitos de interior e exterior, de eu e outro, de eu e mundo, percorre assim de novo, gradual ou subitamente, mas em sentido inverso, o caminho da sua ilusória constituição mundana, que é a constituição do próprio sujeito e do próprio mundo, regressando ao insituado e incondicionado imo da natureza-experiência primordial, sem sujeito nem objecto, sem centro nem periferia, sem intenções nem características. Reconhecendo-se e repousando nessa saúde inata, nessa plenitude livre de todas as condições, a saudade mata-se e liberta-se de o ser.

Todavia, se a saudade não pode morrer senão na cessação do sujeito e do mundo, esta não é de modo algum a extinção de algo efectivamente existente, mas tão só o fim de uma ilusão e de uma percepção falsa, o reconhecimento de que nunca em verdade houve, há ou poderá haver algo que seja sujeito e objecto, eu e mundo, com uma natureza ou entidade substancial, existente em si e por si própria. Como o desvanecimento de uma miragem ao abeirarmo-nos dela, cujo resultado não é contudo a decepção mas a alegria infinita. O que surge para a consciência dualista e mundana como um fim é afinal, embora ainda apenas para ela, um início. O início da fruição de todas as possibilidades do sem fim nem início.

À luz de quanto se disse, podemos agora acrescentar que o sentimento de *ausência* habitualmente associado à experiência da saudade, como afastamento e distância do seu objecto em relação ao sujeito que o recorda e deseja, e que aqui reinterpretamos como ilusório afastamento e distância do sujeito em relação à natureza-experiência primordial sempre presente e instante, tem ainda um outro e mais fundo sentido. A ausência (de "absentia", "abesse") pode ser compreendida não apenas como

1ESTUDOS92 19/12/07 14:20 Página 202

afastamento e distância de algo em relação a alguma coisa, mas, conforme o sentido também privativo da partícula "ab-", como não entificação, como ausência da de-terminação de algo como ser ou ente, em plena conformidade com o sentido atrás apontado ao "nada" português e castelhano (de "nulla res nata"; cf. *supra*, 3). O sentimento de *ausência*, não disto ou daquilo, mas de *aus-ência* enquanto não entidade ou entificação, de não haver jamais relação com isto ou aquilo, de nunca haver nem não haver isto ou aquilo, é assim, em primeira e última instância, inerente à própria natureza-experiência primordial e à sua vacuidade-plenitude, alheia a sujeito e objecto e a todos os conceitos que estruturam a e decorrem da suposta relação entre um sujeito e um objecto. O sentimento de *ausência*, de eu e outro, de si e de mundo, é a experiência mais funda e primeira da *saudade*, enquanto experiência directa da manência na própria *saúde* e *sanidade* primordial, onde, como dissemos, a saudade é sem ser e sem o ser. A experiência de *aus-ência* é a jubilosa experiência primeira e última de não haver *ente* algum que possa ser *ausente*, no sentido de afastado ou distante, e de, sem contradição, todos os supostos e aparentes *entes* serem na verdade *aus-entes*, no sentido de livres de qualquer entificação e entidade, que os faça ser ou não ser isto ou aquilo. A saudade, enquanto experiência do vago e do não sei quê de uma presença ausente ou de uma ausência presente, é assim - antes de se desfocar e degradar na soledade subjectiva, que a converte na iludida memória-desejo de algo outrora vivido e agora remoto, perdido e pressentido na lonjura temporal ou metafísica ou afundado e obscuro nos abismos do inconsciente – a experiência directa e imediata da não presença (de "praesentia", "praeesse") de tudo o que aparece como presente, no sentido de nela jamais haver qualquer coisa ou ente que se constitua "prae", ou seja, "diante", "em frente", "defronte", nessa experiência de de-limitação, oposição e objecção mútua que vimos estruturar toda a relação dual e fictícia entre sujeito e objecto (cf. *supra*, 13). O que se dá na presença ausente ou ausência presente da experiência saudosa é na verdade a infinita abertura de uma vacuidade-liberdade que esvazia toda a suposta substancialidade e densidade da esfera ôntico-ontológica e dissolve em espaço puro e infinito o ilusório enclausuramento da experiência de ser e ser algo. A saudade, enquanto experiência de *aus-ência* - em sua primordial instância, irredutível a todo o *ausente* - , é experiência da inerência da mente e de tudo o que percepciona à infinidade sem centro nem periferia, ao fundo sem fundo insubstancial e não-dual de tudo. Nesse sentido é um radical antídoto ao preconceito substancialista, que se aferra ao suposto de haver *sub-postos*,

1ESTUDOS92 19/12/07 14:20 Página 203

entidades substanciais (de "substantia", procedente de "substare", estar debaixo, resistir) cuja realidade sólida seja o firme, resistente e fundador suporte de aparentes e mutáveis qualidades ou de características intrínsecas, fomentando o apego e a aversão a tais entidades e, deste modo, a confusão e o sofrimento inevitáveis.

No mesmo sentido aponta o *vago* (de *vagus*, errante; indeciso, inconstante, indefinido, e de *vacuus*, vazio, desocupado, deserto; livre de; livre, aberto) da experiência saudosa, que se até um certo ponto indica a errância, inconstância e agitação da ignorante saudade mundana, em que a memória e o desejo do sujeito transitam continuamente de objecto para objecto, já em primeira e última instância refere a vacuidade, liberdade e infinita abertura da natureza-experiência primordial, em que a saudade não é *de*, em que não há saudade do quer que seja, mas tão só manência na saúde-sanidade da *aus-ência* de id-entidade-diferença, mesmidade-alteridade, eu-outro, sujeito-objecto. O imo da saudade é a fruitiva e criativa paz da vacância, estado de vacar e vagar (ambos do latino *vacare*), onde o ser vazio, desocupado e livre de si é espontâneo vagar para todo o possível (cf. os múltiplos sentidos do verbo latino).

Embora não seja este o lugar para o fundamentar, explicitar e desenvolver, cabe referir, a respeito deste sentido da saudade, que num dos vectores maiores da experiência galaico-portuguesa e da sua tematização poético-filosófica, de que o presente texto se assume continuador, emerge assim um paradigma alternativo àquele que tem predominado (com múltiplas dissidências e excepções) na experiência ocidental, desde a sua vertente clássica, greco-latina, até à cristã e à sobrevivência de ambas no planetarizado senso comum contemporâneo (de que alguma ciência dá mostras hoje de se emancipar). Aproximando-se, neste e noutros aspectos, de várias correntes e possibilidades da experiência oriental, isso é para nós sinal de uma mais profunda, radical e comum convergência onde Ocidente e Oriente se transcendem numa Origem irredutível às determinações histórico-geográficas e culturais do espírito.

16. Enquanto a saudade não reconhece de uma vez por todas o que é e aquilo a que aspira, manifesta-se como a cega soledade do sujeito, corroída pela insatisfação do aprisionamento em si da ignorada natureza-experiência primordial. A imensidão e ilimitada energia e potência desta, obscurecida, obstruída e recalcada na constituição do sujeito e do mundo, ilusória mas vivida como real, converte-se-lhe no sentimento, por um lado confuso e atormentador, por outro pro-vocador e instigador, de limitar em si um infinito, de conter mais do que

1ESTUDOS92 19/12/07 14:20 Página 204

efectivamente frui, de haver muito mais possibilidades de experiência do que aquelas que efectivamente e a cada momento concebe e realiza. Sem o saber, o que move assim o sujeito, em tudo o que pensa, diz e faz, é a saudade, ou seja, a manência na e a memória-desejo da saúde, liberdade e fruição incondicionada que em si e por si mesmo encobre e perde. Sem o saber, o sujeito busca-se, buscando o que afinal desde sempre e a cada instante "é", a integridade a que, livre de si, inere. Porém, não sabendo o que inconscientemente busca, aquilo que julga procurar e o modo como o faz é o que verdadeiramente o impede de encontrar o que realmente procura, reproduzindo-lhe os seus insatisfatórios e dolorosos limites: a sede de ilimitadamente ser, expandir e afirmar o que aparente e limitadamente se crê ser, essa finita possibilidade de ser com que ilusoriamente se identifica, iludida e distorcida manifestação do natural desejo de realizar o infinito de possibilidades que pressente haver em si; o desejo de possuir e o apego a tudo quanto seja deleitoso, iludida e distorcida manifestação do natural desejo de reassumir a fruição total e ilimitada que em si é sempiternamente latente; o desejo de negar, excluir e agredir quanto seja contrário a esse deleite, iludida e distorcida manifestação da natural aversão a toda a limitação e sofrimento, ausentes na natureza-experiência primordial. O mesmo se pode dizer da própria indiferença, iludida e distorcida manifestação do natural desejo de ser *só*, no sentido, atrás referido, de ser íntegro e pleno, livre das contrariedades e conflitos inerentes à cisão entre eu e outro, sujeito e objecto, que em última instância é irreal.

Com efeito, por uma lei necessária, inerente ao modo equívoco e contraditório da sua própria constituição, o que o sujeito não pode deixar de procurar é aquilo que em primeira e última instância e a cada instante nele mesmo e em tudo há, a plenitude e infinidade da natureza-experiência primordial e da inerente consciência fruitiva, sempiternamente anterior a toda a percepção dualizada em sujeito e objecto e nela mesma sempre instante, como essa felicidade que vislumbra, pressente ou antegoza possível nos mesmos lances em que continuamente lhe escapa, aguçando-lhe o apetite e a decepção. Ou, de outro modo, o que o sujeito não pode deixar de procurar é a extinção dessa experiência de contínua frustração do seu anseio mais íntimo e profundo de paz e felicidade incondicionada. O sujeito, sendo soledade, não pode senão ser saudade, ou seja, demanda da saúde na doença e dolência da sua privação. Todavia, enquanto demanda a saúde pelas próprias vias que a negam e contradizem, enquanto demanda a consciência fruitiva alheia a sujeito e objecto nos limites da sua relação,

1ESTUDOS92 19/12/07 14:20 Página 205

enquanto demanda a irrestrita e imparcial sensibilidade amorosa e compassiva nos domínios da exclusão e da preferência, enquanto presume que o indivíduo, composto e decomponível, seja indiviso e irredutível, enquanto intenta apropriar o que se não possui, não é próprio e não tem propriedades, essa mesma demanda e expectativa de felicidade, saúde e cura é a sua própria dor e doença continuamente agravadas pela exacerbação da busca e assim da frustração e do desespero. Demandar deste modo o céu é o seu próprio inferno, o inferno de procurar encher o que não tem fundo, não é receptáculo e nem sequer existe, pois não é senão como um espaço vazio e livre onde jamais um instante sequer perduram as construções mentais e emocionais que, como nuvens insubstanciais, o aparentam povoar. Sujeito à ignorância de tudo isto, a radical ignorância, vanidade-vaidade e sujeição de se ter por real e ao mundo dos objectos que percepciona, o sujeito é um eros obstinado em fechar os olhos e as asas que a saudade sempiternamente lhe abre. Ignorando que o modo de perseguir o que tem por bem e de rejeitar o que tem por mal é o que o frustra e faz confrontar-se a cada instante com o oposto do que deseja, a repressão e compressão da infinita natureza primordial nesta cega e vã demanda converte-se-lhe numa fúria e numa febre interna, numa raiva de ser, obter e perdurar no que julga ser e com o que julga ter, numa raiva de excluir o que tal parece ameaçar, que é a fonte de todas as perturbações e males, seus e do mundo. Todavia, como nada afinal é ou tem senão o desejo e a presunção de ser ou não ser, de ter ou não ter isto ou aquilo, o suposto sujeito nada é afinal senão uma obstinação no apego à ignorância, desejo, aversão e indiferença, ou seja, a tudo aquilo que lhe proporciona, mesmo à custa do maior sofrimento e limitação, e por isso mesmo, o tão acarinhado conceito-sentimento de existir, ser e devir. Mais ainda, o suposto sujeito não é senão um apego a esse mesmo apego, um aferrar-se à própria e ilusória prisão de haver um eu ou si mesmo no espaço infinito da natureza-liberdade primordial. Sob a aparência de uma rejeição unilateral da dor e de um apego apenas ao prazer, o sujeito procura e encontra também confirmação e gratificação na dor inerente à experiência de ser, ser algo ou alguém, na confusão e conflito intrínsecos ao existir e estar aí mundano, nessa experiência de distinção e oposição ao outro onde continuamente sujeita e se sujeita, sofrendo e fazendo sofrer, em múltiplos níveis de um subtil complexo sado-masoquista.

Tudo isto faz com que o *cuidado* da saudade, potência de regeneração e cura da atenção, que tende a saná-la e sará-la, devolvendo-a ao que é *são* – afim ao sentido arcaico e terapêutico do *pensar* na língua galaico-

1ESTUDOS92 19/12/07 14:20 Página 206

portuguesa, mais um cuidado amoroso do que uma cisão, prisão e tortura conceptual (sentido ainda presente quando se diz "pensar" uma ferida, crianças ou animais) - , se lhe volva na *coita* do envolvimento nos mil e um vãos cuidados, preocupações, cismas, cogitações, juízos, afazeres, trabalhos, conflitos e tribulações próprios de toda a consciência mundana, que presume haver sempre uma id-entidade a preservar, promover e defender e assim algo a ganhar ou perder. Esta coita faz do sujeito um *coitado*, que, quanto mais egocêntrico, tanto mais é exposto e vulnerável a todas as vicissitudes e oscilações da experiência mundana: prazer e dor, ganho e perda, elogio e censura, glória e desgraça. Atribuindo-o, na sua ignorância, a causas e factores externos (Deus, os deuses, o destino, os astros, a sociedade, os outros) , é na verdade apenas a mente que o faz girar incessantemente na roda da fortuna ou nos alcatruzes da nora – agora em cima, logo em baixo - da sua própria construção dos acontecimentos do mundo pelo modo dualista, conceptual e emocional de os percepcionar e de a eles reagir. Aquilo que o seu amor-próprio mais acarinha, ser e ser o que julga ser, estar bem – expressão afinal, como vimos, da sua inalienável mas inconsciente manência na bem-aventurança da natureza-experiência primordial - , volve-se-lhe em desconforto e dor de existir, inerentes à própria consciência e medo do constante risco de interrupção e mutação das experiências mais felizes a que tanto se apega, como o mostra a habitual pergunta e imediata resposta nas conversas quotidianas, que denuncia esse mal-estar na própria tentativa de o dissimular: "Tudo bem ?", "Tudo bem !" (mesmo ou sobretudo quando algo, muito ou tudo parece estar mal). O sujeito, quanto menos sábio e mais egocentrado, quanto mais vaidosa e vãmente ignorante da sua vacuidade e suprema possibilidade – o reconhecer-se livre de si - , quanto mais insciente da futilidade dos seus desejos, expectativas e temores, dos seus pensamentos, emoções e experiências, do seu nascimento, da sua vida e da sua morte, da sua existência – quando não orientados para a ruptura e transcensão da mundanidade - , quanto mais se identifica consigo mesmo, com o que presume ser, pensar, dizer e fazer, quanto mais se identifica e avalia pelo que julga possuir ou pela imagem que supõe que os outros de si têm, quanto mais se considera singular, interessante e importante, quanto mais se leva a sério e perde a capacidade de se rir de si e das suas percepções, ou seja, de tudo, mais se converte num parvo ora alegre e logo triste, que ri e chora pelo que nunca chega a existir, enfeitiçado pelo prazer de experiências efémeras – sensoriais, intelectuais ou espirituais - que logo se lhe transmuda na amarga pena das suas consequências

1ESTUDOS92 19/12/07 14:20 Página 207

indesejadas, da sua perda ou do simples mas terrível e opressivo medo de que tal aconteça. Sem eira nem beira à força de querer ter alguma coisa; à deriva dos acontecimentos - ou seja, da sua percepção e reacção a tal modo de os construir - à força de lutar por segurança e previsibilidade; oculto a si à força de se pretender visível aos outros; zé-ninguém à força de querer ser, fazer-se e presumir-se alguém e não se contentar com a infinita fruição do nada/ninguém primordial, inato e gratuito que tudo é e lhe possibilita, na infinita indigência de não se satisfazer com o próprio infinito: eis Sua Majestade o Ego, que vai e nunca deixou de ir nu ! De si próprio, inclusive.

17. É por este autocentramento que a saudade, que jamais abandona o suposto sujeito, se lhe distende da inconsciente ou semiconsciente manência na e demanda da natureza-experiência primordial, precipitando-se e enclausurando-se no domínio da dualidade sujeito-objecto e da vivência psicológica, como mera memória das experiências gratificantes do passado e desejo-esperança da sua reiteração futura, desejo-esperança de reiteração dessa gratificação, associada ou não aos mesmos objectos, seres, coisas, vivências, tempos ou lugares. Por natureza *intensa*, transcensora da experiência do existir espácio-temporal e da mundanidade na assunção do sempiterno instante, aqui e agora, da experiência incondicionada, a saudade torna-se assim *retrotensa* e *protensa*, espácio-temporalizando-se numa mera relação intra-mundana com os objectos construídos no presente pelas percepções conceptual e emocionalmente condicionadas pelas vivências passadas do sujeito e pela sua projecção expectante no futuro, sedimentadas em hábitos e tendências inconscientes ou semiconscientes, tal como a própria natureza-experiência primordial, mas em níveis diferentes, mais personalizados e por isso menos profundos. Na sua manifestação mundana, a saudade configura uma experiência do presente *distensa* para o passado e o futuro, confinando a consciência na memória-desejo de algo ou alguém em particular, que assim se elege e sobressai do conjunto de todos os aspectos e possibilidades da experiência passada, presente e futura, continuando e reproduzindo o jogo da ignorância dualista, do desejo possessivo, da aversão e da indiferença que é o próprio jogo ilusório do eu e do mundo. A saudade mundana é deste modo a auto-contradição da saudade autêntica, enclausurando a consciência na ilusória constituição e reificação do sujeito e do objecto, do eu e do mundo, e impedindo a experiência do presente de se libertar na assunção do sempiterno instante, emancipando-se do passado e do futuro. O mesmo se verifica quando a saudade configura uma relação

1ESTUDOS92 19/12/07 14:20 Página 208

metafísica e vertical entre um suposto sujeito finito e temporal e um suposto sujeito eterno e infinito, que é ainda mundana na medida em que é dual e não assume transcender-se na radical experiência do fundo sem fundo de toda a relação possível: o espaço incondicionado da natureza-experiência primordial. A saudade mundana, manifestação ignorante e desorientada da saudade primeira, é a força que, no íntimo do fluxo da consciência dualista de todos os sujeitos e seres aparentes, move o que atrás designámos como a roda da vida-morte mental e cósmica, originando, mantendo e reproduzindo o círculo vicioso do aparente nascer, existir e morrer na aparência dos seis mundos. Neste sentido, todas as formas e objectos da saudade mundana são equivalentes, pois, intente a memória-desejo seres, coisas, vivências, tempos ou lugares, e mesmo um suposto ser infinito (suposto pois, como vimos, ser é uma determinação contraditória do infinito), não manifesta senão, explicitamente, o egocêntrico apego do sujeito a uma particularidade da imensidão da experiência possível e, implicitamente, a ignorante aversão e indiferença em relação a tudo o mais.

Todavia, todas as formas de saudade mundana colhem o seu sedutor poder, o poder de gratificação dos múltiplos objectos da memória e do desejo - seja na recordação ou na esperança que reiteram, entremostram possível ou antecipam a sua fruição - , do emergir nesta gratificação, ainda que traída, distorcida e diminuída pela percepção dualista e condicionada, da ilimitada fruição da natureza-experiência primordial, com o consequente e fascinante arrebatamento temporário ao presente opaco das rotinas e hábitos da consciência e da acção, promessa de libertação que cedo ou tarde e em geral se frustra pela recaída na opressão da suposta mas falsa realidade. Toda a saudade é afinal desse infinito esplendor e glória que instantaneamente, ou numa maior ou menor duração de tempo, se entreabre e frui no esbatimento ou suspensão da separação sujeito-objecto, seja na intensidade de um amor ou de uma amizade, no sentimento de unidade com o mundo, no arrebatamento ante a beleza ou sublimidade das coisas, no esquecimento de si na entrega à contemplação, acção ou criação, na pacificação, harmonia e/ou deleite da mente e dos sentidos. A saudade é primeiro que tudo disso, se bem que na ordem da consciência que recorda e deseja surja associada aos seres, objectos, tempos ou lugares que proporcionaram ou onde se deram tais vivências. É por isso que todas as formas de saudade mundana, mesmo as aparentemente mais condicionadas e condicionadoras, aquelas que mais prendem o sujeito à memória e ao desejo de algo de particular, com excepção do resto,

1ESTUDOS92 19/12/07 14:20 Página 209

aquelas que mais o obcecam na esperança disso e no temor de que ela se frustre, aquelas que mais o evadem do eterno instante na distracção do passado, do presente e do futuro, são revertíveis em experiências de libertação, desde que aprofundadas e desnudadas no seu processo de constituição até ao seu âmago irredutível: o cerne da própria natureza-experiência primordial, em que a saudade se cumpre e anula na saúde que nunca cessa.

Só têm assim benéfica e efectivamente menos saudade as mentes que mais residem e perduram nesta saúde primordial, livres de dualidade, desejo, aversão e indiferença. Outras, pressupondo serem desprovidas de qualquer forma de saudade, ou da saudade da natureza-experiência primordial, na verdade afogam as saudades e a saudade fundamental com a própria força obscurecida e transviada desta, privando-se do que as poderia libertar. Nelas a natureza-experiência primordial tornou-se mais inconsciente, bem como os hábitos e tendências da percepção condicionada, pelo que a consciência e a atenção mais fortemente se lhes prendem, sem que o reconheçam, na automatizada e falsa imediatez da experiência dualista e limitada do mundo, movendo-se num círculo fechado de percepção-reacção determinada pelo desejo, a aversão e a indiferença, sem pressentirem, vislumbrarem e procurarem saída disso a que se apegam como o seu bem possível, não evitando contudo o padecimento da sua contínua erosão e conversão no seu oposto. São as mentes mais distraídas, di-vertidas e precipitadas na mundanidade que, conformadas com a sua realidade como um aparente e irredutível facto objectivo, mais se alienam da sua responsabilidade no construí-la e não antolham alternativa libertadora ou sequer possibilidade da sua recriação transformadora. O seu aparente viver no presente é afinal o sobreviver no ignorado exílio de um presente fechado quer à inquietação saudosa que – ainda que condicionada - o distende e abre, pela memória e o desejo, pela recordação e a esperança, para o passado e o futuro, quer, sobretudo, àquele doce-amargo mas libertador aguilhão da presença-ausência que é a saudade enquanto memória-desejo vinculados à manência na saúde primordial.

18. Repitamo-lo, para que o re-cordes e te re-cordes, ou seja, para que o tragas de novo e sempre ao teu coração e te tragas de novo e sempre ao coração da universal natureza-experiência primeira, descobrindo que ambos são um só. A saudade é disso que por natureza tudo é e para além do qual nada mais há, do jubiloso saber-experiência - infinitamente sensível, amoroso, compassivo e criativo - dessa ausência de dualidade, características e limites que em tudo se desvela e frui quando cessam

1ESTUDOS92 19/12/07 14:20 Página 210

todos os juízos, hábitos e pulsões conceptuais-emocionais que distorcem e condicionam a percepção imediata. A saudade é vínculo da memória-desejo ao *não sei quê* que em tudo insta como o seu imo glorioso e insuperável, velado e desertado pelas inconscientes e irreflectidas reificações do estado mundano das consciências, reproduzido ao longo de milénios por tradições e culturas da não libertação, populares, religiosas, filosóficas e científicas. A saudade é o sentimento de coincidente incoincidência com o que é e com o que és, a dorida e insatisfeita experiência da ilusória particularização do espaço livre e infinito, da fictícia individualização do fundo sem fundo de tudo, do aparente mas falso condicionamento do incondicionado. A saudade é saudade de si, livre de si e de outro, de mesmidade e alteridade, de identidade e diferença. A saudade é saudade do instante, livre de tempo e eternidade, livre de passado, presente e futuro. A saudade é testemunho de pertencermos, mais do que ao que julgamos em nós e no mundo conhecer e ser próprio, à bem-aventurada e inquietante estranheza que no fundo sem fundo de nós e de tudo é incêndio que lavra a consumir a impossível máscara da id-entidade. A saudade é o tudo a aspirar à plenitude do nada que é e esse nada a reabsorver o tudo que se manifesta, mostrando a universal reversibilidade do tempo, do mundo, do ser e dos seres, da realidade. A saudade é de não caber em si de contente, a saudade é não caber em si de contente, por contraste com a melancólica tristeza ou a impotente nostalgia do ensimesmamento egocêntrico, que sustenta e solidifica a aparência do irreversível. A saudade é êx-tase e êns-tase: estar fora de si em si, estar em si fora de si. A saudade é já regresso à jubilosa intensidade, maravilha e eterna novidade da experiência primordial, por contraste com a despotenciação, o tédio, o aborrecimento, a rotina e o falso prazer da vida mundana e quotidiana. A saudade é a saúde a libertar-se da doença e da cura. A saudade é a saúde a libertar-se da saudade. A saudade é de não a haver e jamais a ter havido.

19. A saudade assumida e consciente é a mais poderosa força libertadora que há no universo. Por ela revertemos e dissolvemos a ilusão da percepção condicionada, a ilusão de haver sujeito e objecto, no júbilo da sempre instante experiência primordial. Por ela cumprimos a suprema possibilidade do *ex-sistir* na desconstrução do ser e do ser-aí solitários, mundanos e aparentes. Por ela nos evadimos da fuga e da projecção auto-encarceradora na ficção do nascer, existir e morrer. Por ela despertamos da ilusão da felicidade poder ser algo possuído por alguém. Assim a cumprimos e à ilusão que a origina e nutre. Assim a matamos.

1ESTUDOS92 19/12/07 14:20 Página 211

Pois a saudade é de não haver e jamais ter havido saudade: o anseio da ilusão por se extinguir, o que mais célere cumpre quando se reconhece, recorda e dissipa como mera miragem e engano. A serpente a devorar-se pela cauda, não para eternamente renascer, mas para se consumir e libertar na plenitude da vacuidade que intimamente é.

20. A saudade inconsciente do que é e dessa inconsciência é a mais poderosa força escravizadora que há no universo. Por ela demandamos no ser, no mundo e nos mundos, na pro-jecção existencial e na espácio-temporal vida subjectiva, solitária e finita, nos seres, nas coisas e nos fenómenos aparentes, ou ainda numa eternidade e divindade deles separada, mas pensada em função dos desejos e temores do sujeito, ou seja, nas características e determinações conceptuais que encobrem a natureza autêntica de tudo, o júbilo e o bem que só esta comum natureza primeira e última pode oferecer. Assim centramos e prendemos a memória e o desejo não naquilo a que verdadeiramente inerem e os cumpre e anula, deles libertando, mas no sujeito e nesse presente sempre envenenado, mal vivido e alienado pela distensão da mente para o passado e o futuro, ou ainda para uma fictícia eternidade separada da iluminativa fruição do instante, reproduzindo a solidão, a saudade e a ilusão de que procedem. Assim mantemos a saudade refém da soledade. Assim mantemos a serpente a alimentar-se e renascer do próprio devorar-se no desejo de se pôr fim. O que mais pode libertar é também o que mais escraviza.

21. O importante não é crer, saber intelectualmente ou dizer isto, mas aceder ao saber-sabor experiencial e libertador, à fruição do *não sei quê* que é o comum fundo sem fundo de tudo e permanecer aí a cada instante, ou seja, sempre e para sempre. Não bastam o conceito e os vislumbres disso, raros ou frequentes, que todo o pensamento, experiência e percepção podem oferecer. Há que cultivar e exercitar uma atenção capaz de acolher em todas as coisas a contínua e gratuita doação da comum natureza primeira e última, do seu saber-sabor inconfundível e único. Há que ser feliz, libertar-se e libertar tudo e todos, conduzindo-os à liberdade, felicidade, sabedoria, amor e compaixão infinitos, enquanto houver um único fluxo e centelha de consciência que permaneça e padeça auto-escravizado na mente-mundanidade ilusória. Reorientar a filo-sofia e a vida da vanidade, vaidade e futilidade dos conceitos e raciocínios, dos desejos e aversões, dos objectivos e finalidades mundanos de prazer, riqueza, poder e prestígio, para o amor do saber-sabor da experiência libertadora, fazendo da sua comunhão cada passo do caminho, intérmina viagem a cada instante iniciada e

1ESTUDOS92 19/12/07 14:20 Página 212

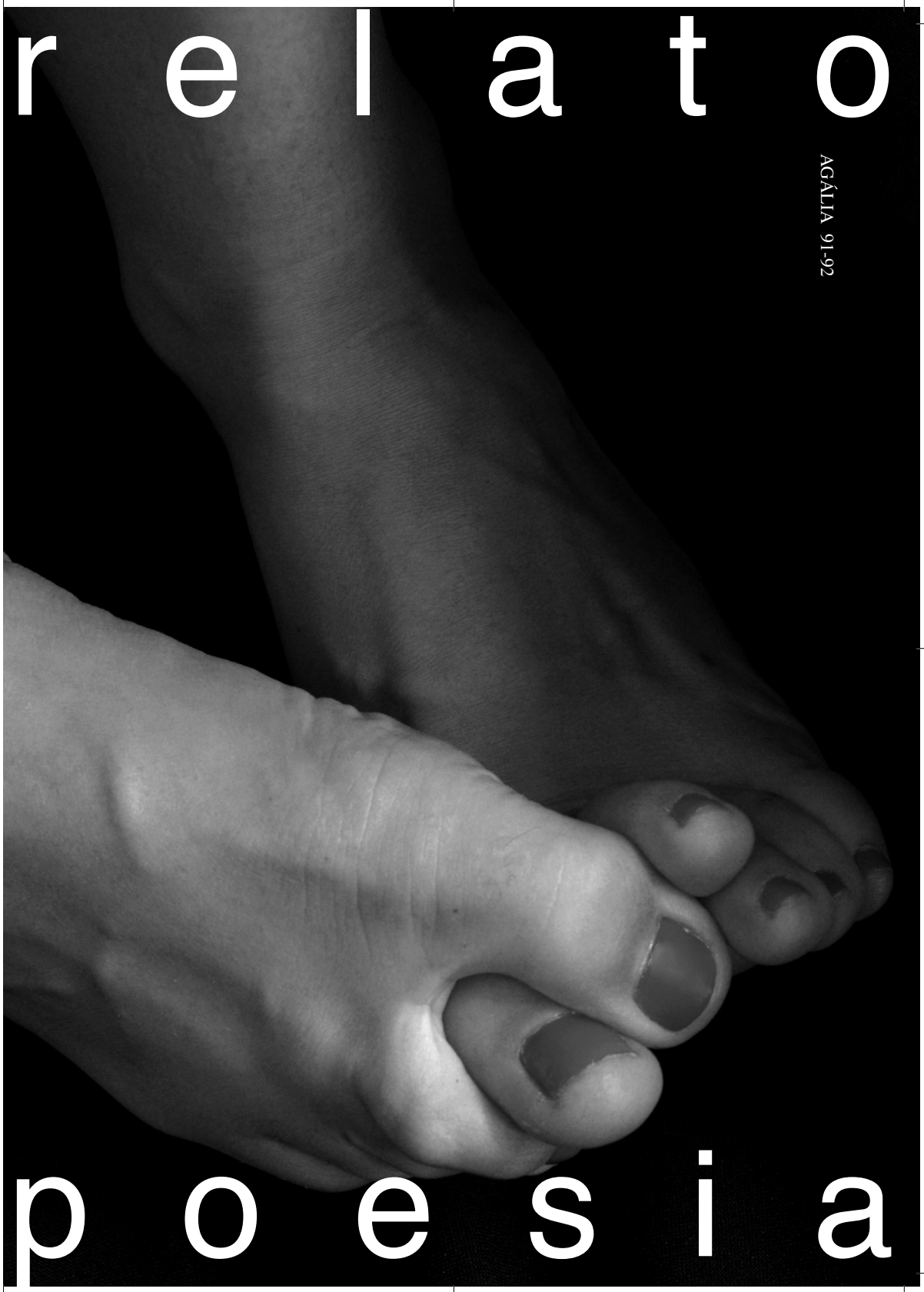
cumprida. Passar da mediocridade à excelência. Consumar e consumir a saudade. Matá-la, para sempre. Libertar de si a serpente, ou seja, libertar de si o espírito. Eis a verdadeira Revolução, fonte que a todas as demais torna benéficas e possíveis. A Festa para a qual todos são convidados.

22. Todos estão desde sempre, ou seja, desde já, livres de si na natureza primeira e última. E muitos o estão consciente, fruitiva e operativamente, ou porque jamais o deixaram de estar ou porque assim se reintegraram, reconhecendo e dissolvendo a consciência mundana. São os Despertos e Libertos, fontes do despertar e da libertação universal, fontes de sabedoria, amor e compaixão infinitos e imparciais que jamais abandonarão os mundos e os seres aparentes até que todos despertem e se libertem. Os demais arrastam ainda o seu sono, o sono da sua saudade, nas ficções reificadoras de si e dos mundos, nas alucinações pelas quais tomam por reais as construções dos seus conceitos-emoções. E tu, que escreves e lês? Que fazes da modalidade humana da tua ex-sistência, desta tão rara e prodigiosa oportunidade e possibilidade de libertação para teu bem e de todos? Na contínua bifurcação do caminho, para onde se move a tua saudade? Para onde se inclina o suspenso erguer do teu passo?

2POENOT92 20/12/07 13:53 Página 213

relato

AGÁLIA 91-92



poesia

2POENOT92 20/12/07 13:53 Página 214

retorn a poesia

AGÀLIA 91-92

2POENOT92 19/12/07 14:17 Página 215

SEM AR

Nos olhos do rosto aquilino, olheiras de um bistre ligeiro, pesavam as horas da noite. Ao dormir, Judith, sonhada por Claudina, sonhou com uma melodia de Bártok. Quando chegara à terceira, das sete portas misteriosas, foi perdendo os sentidos ao dar-se conta de que seus dentes caíam pobres e mal cheirosos no chão. Ao levar suas mãos à boca, num misto de pavor e incoerência, não dá falta deles. Mas de pronto um novo choque. Judith (ou seria Claudina?) percebe que as jóias da recamara estavam manchadas de sangue desconfiando já quase sem forças que não chegaria a despertar mesmo que Vieira de Castro afrouxasse suas mãos e a deixasse respirar.

ADÃO, EVA, O CIGARRO, O VINHO E OS ESPELHOS

Comeu a maçã, bebeu um resto de vinho da taça pousada no criado-mudo. As toalhas brancas, o creme de vegetais para o corpo, ouvindo dela o segredo do ar que desnuda os jardins ao abrir a embalagem de Jontex. As memórias de um rio que desviado em seu rumo mata sedes instantâneas, arrasta nomes pela terra. Ouvem-se as vozes distantes de fontes subterrâneas encontrando amores dormidos e ausentes, e repousando nos restos de instantes que jazem espalhados no chão do motel. Deitou sobre Ela e apreciou seu colo como um ventre que amanhece, como um mar que se acende em chamas quando o sol da manhã lambe suas costas. Ela o agarrou pelo pescoço. As línguas se tocaram. A vagina era oleosa, quente e viscosa. Foderam. Adão dormiu logo em seguida, mas Eva ainda contemplou a imagem de dois corpos estranhos espelhados dentro do teto espelhado.

E assim, sem terem percebido, Deus reproduzira a dialética do princípio do mundo:

Eva, amo-te perdidamente porque algo de você me falta, algo indecifrável, e que por essa ausência silenciosa minha procura não finda no fundo de ti, quero-te de maneira egoísta e desesperada como meu sustentáculo;

2POENOT92 19/12/07 14:17 Página 216

me basto, agora, do cinismo dos indiferentes, me basto do temor da existência, quero-te com minhas forças pois sei que lá no fundo deste sonho está meu ódio, por essa tua ascendência sobre mim, essas tuas doces e maléficas garras que me subjugam a viver nos espaços aos quais me permites interagir; poderia, buscando restos de forças no fundo de mim, e sei que poderia fazê-lo, já que sou homem, até desistir de tudo, mas a dor de te perder seria maior do que a desse tumor que cresce e me absorve de maneira gradual e letal; e se por um acaso percebesses num dia qualquer que minha vontade de poder não mais prescindisse de minha volúpia de submissão, ainda assim engoliria em seco e constataria que não passo de um pó: ao pó voltaria. Sei que chegaras sem perguntas. Talvez por isso esse silêncio seja melhor que a verve de palavras indistintas de descoordenadas, que as verdades malditas, enquanto meu rijo membro te penetra e é absorvido pelos teus sumos, músculos e membranas, nos quais meu rancor e prazer esperam na minha prostração e na languidez de teu corpo flácido a coroação desse meu vulgar, secreto e ordinário egoísmo.

Adão, não posso confessar-te minha fragilidade, essa espécie de ressentimento, pois sei que se o dissesse tudo que não existe passaria a existir, e esses fantasmas que fazemos de conta ignorar habitariam-nos como mareantes temores presentes por todo o sempre, ondas como palavras lentas que descendem sobre outras como areias caídas sobre a praia, verves onduladas em dunas de verão, com seu poder hipnótico forjando-nos nas tábuas da memória; tudo senão aquilo que não existe, amargas ilusões espessando nosso sangue, estreitando-nos na glote a marca azeda de nossas expectativas, azeitando-me todo o temor e o remorso de te perder; sei que partirás sem respostas, e se a confessasse farias de mim um joguete tão brutal como se o que de corporal que fizemos há pouco não passasse de um dissipado hálito no vento, farias de mim o que fizeste com outras que assim como eu te desejaram; mas ainda assim, lá no fundo de mim, como me sentindo rara, enfraquecida e aturdida, te odiaria com todas as minhas forças, blasfemaria mil vezes contra Eros, e nos trancando neste quarto, tratando de vedar as arestas, ligaria o gás e te velaria para todo o sempre de maneira desesperadamente doce, amando-te a cada sinal da decomposição de tua carne.

2POENOT92 19/12/07 14:17 Página 217

OS ÚLTIMOS TEUS, DE MATEUS

- O senhor é parente?

- Pode ser.

- Vai vazar...

- O quê?

- Daqui a pouco vai começar a vazar pelo nariz, pela boca, por todos os orifícios. A tendência é que todos os odores seguidos dos líquidos saiam.

Quem é você?

- Meu nome é Mateus Araripe, tome meu cartão, trabalho com estética. Temos representações na capital e no interior. Fazemos tudo, corremos com papelada, vestimos, higienizamos e enviamos para qualquer parte do Brasil.

- Hmm... E daí?

- O senhor sabe, nosso trabalho já foi feito... vestimos o corpo, mas a gente pode dar uma maquiada antes que os condolentes cheguem e o vejam assim tão... simples. Colocamos algodão nas narinas, passamos uma base no rosto, penteamos o cabelo com goma, um batonzinho pra dar uma cor, ajeitamos a dentadura pois a boca vai murchar - o queixo cai, né.... fechamos os olhos pra dar a impressão de estar dormindo, e colocamos também um terço combinando com a cor do terno que será vestido, além de amarrarmos o órgão com barbante pois a tendência é o líquido sair, sabe como é... a morte é muito dolorosa para os que ficam, mas nós estamos aqui para tornar tudo melhor... pode confiar em nossa empresa doutor... somos respeitados no mercado.

- Acredito, mas vai ficar bom?

- 100% doutor. Mas se quiser também cremamos.

- Não, não, pelo amor de Deus... mas e a roupa, o terno, os sapatos?

- Fica tudo como está, vai tudo com o corpo.

- Quanto é?

- 300, mas se quiser coroas de flores, sobe pra 800. E não aceitamos cartão, somente kéchi ou cheque especial.

- Fechado, vou te dar 900, mas quero o terno e os sapatos de volta.

- Que é isso doutor... que horror.... eu pensei que o senhor...

2POENOT92 19/12/07 14:17 Página 218

- Pensei...pensei...o mundo está cheio de filósofos, intelectuais e gente que pensa que pensa mais que qualquer outro, quem pensa demais acaba se enganando... Não esquece a aliança, e aliás os dentes de ouro eu também quero.

A PARTE MALDITA DA CORPO

[Ao fundo o som da ópera de Strauss. Ao final da Dança dos sete véus, Salomé resguarda-se das tentações sonoras dos mares e de possíveis naufrágios. Resguardada sob a proteção da penumbra do quarto, vira-se para seu amado, imobiliza-o com uma dose de ansiolítico...]

Quero te dizer que estou arrancando isso para que tu não esqueças nunca mais de mim, nem pores outra em meu lugar....

AMAR É...

Primeiro round.

Ali dentro era eu, ele e Deus. O russo mastigava o protetor com a boca aberta como um cachorro que não larga o osso. Espalhava os braços, acenava para o pessoal, socava o ar e dava uns saltinhos igual a uma bicha, como se estivesse me desafiando. Como se estivesse dizendo, "tá vendo seu merda, eles me adoram e você está sozinho". Eu tava cansado e puto da vida. Na noite anterior a vaca da Rute resolveu brigar e revirar um monte de coisas da minha vida, do passado, sabendo que a luta era hoje. Eu saí do hotel e fiquei andando um tempão por Las Vegas pensando no tempo em que eu ficava na entrada do Home Depot esperando o trampo do dia, ou lavando prato, lavando carro, todo molhado e tossindo sem parar. Nem dormi pensando que eu tinha vindo pra esse inferno cheio de luz ardendo na minha vista por causa dela, pra juntar um dinheiro e pra voltar. Eu olhei pra ele e fiquei com medo, dele e de mim, pois no momen-

2POENOT92 19/12/07 14:17 Página 219

to em que começasse a quebrar aquela cara branca com meu soco eu não ia parar. Sei lá, eu tinha uma coisa meio animal que até me dava medo.

O juiz perguntou se tava tudo ok e bateu a palma emborrachada no meio do ringue. Normalmente, pra gente civilizada, isso é sinal pra tocar as luvas, e eu até que fui lá e estendi os dois punhos, que o safado recusou tocar. Lembrei do dono do Car-Wash, aquele gaúcho pilantra que não me pagava. Até chegou perto, mas não chegou a tocar, e foi aí que eu vi que ele era maior do que eu, e foi aí que eu fiquei com mais raiva ainda dele. Eu sou um cara gozado mesmo, o filho da puta ali doido pra me foder e eu ainda vou lá encostar minha luva na dele. A vaca da Rute tem razão, prum cara com segundo grau completo e que arranha inglês, eu era meio otário e sem ambição. Por um lado tinha sido bom eu ter mandado o dinheiro. Ter trazido essa vigarista pra cá. Assim eu pensei que podia vigiar melhor. Antes da primeira porrada, ficamos ali andando em círculos, esquivando, estudando o olho um do outro naquela frieza, como os bichos do canal do mundo animal. Eu fiquei gingando na frente do cara, afinal eu era brasileiro.

A primeira porrada foi minha, mas não pegou legal. O professor falou que o nosso corpo tem 203 ossos e que pra se ganhar uma parada a gente só precisa quebrar um só. Porra será que a Rute está por aí? Dei logo uma cabeçada no esterno dele pra ficar sem ar. O juiz me advertiu e eu fui ficando puto também com o juiz. Ai eu resolvi recuar, e ele cresceu. Me deu um chute nas costelas que pegou em cheio, deu até uma certa falta de ar. Na verdade eu dei mole e ele começou a me socar sem parar. Olhei no fundo do olho dele e parecia que ele estava gostando daquele negócio de ficar me dando porrada na cara. Quando eu caí no chão, olhei e tinha um cara na terceira fila que ficava rindo da minha cara. Devia ter reagido. Devia ter dado umas porradas na Rute. O Professor diz que o ultimeitifaiti vai salvar minha vida, sei lá. Sei lá, de repente ela está certa. Mas comigo é assim, fico na dúvida de fazer alguma coisa, o tempo passa, e eu não faço nada. Eu devia ter dado aquela porrada quando ele abriu a guarda. Agora é tarde. Um supercílio aberto não dói muito, mas causa uma má impressão danada para os juízes. A campainha tocou. Vou ter que reverter essa situação. Fui andando para o meu canto de cabeça baixa. Parceirinho arqueava os ombros e perguntava o que estava acontecendo. Olhei para o cara da terceira fila e ele espremia o beiço e balançava o polegar pra baixo. Sentei no meu canto, caladão.

Segundo Round

O Merthiolate, éter ou sei lá que merda era aquela, ardia um bocado,

2POENOT92 19/12/07 14:17 Página 220

mas era bom pra estancar o sangue. Pra ver se estanca também minha raiva que não parou desde quando a Rute disse que ia casar com um gringo pra pegar o grincardi. Que isso, que aquilo, que aquilo outro, o Professor e o Parceirinho ficaram atazanando minha cabeça com um monte de teoria até que a campainha tocou, e eu já sai partindo pra dentro daquele sunofabitchi que tava comendo a Rute.

Minha cara estava cheia de vaselina. Eu já estava todo fodido. Eu não via nada. Minha cabeça latejava de dor. Eu sentia meu sangue ferver. Tive tanta raiva que parecia que meu peito ia explodir. Me deu vontade de dar um tiro na cara daquele filho da puta, mandar o Professor ir tomar no cu, o Parceirinho se foder, mandar aquele babaca da primeira fila calar a boca, cabecear o septo do juiz, socar a cara da Rute até ela parar de ter razão. Eu sentia meu sangue ferver. Até que enfim, consegui derrubar o cara. Caí por cima dele, o cara fedia a mofo. Quando imobilizei o infeliz, ele suava igual a uma ratazana. Fiquei mirando aquela tatuagem de sereia no trapézio dele, doido pra arrancar com os dentes igual ao maiqui taison. O cara era americano, acho que ele estava com nojo do meu suor se misturar com o dele, pois aqui eles não gostam de preto, e aí eu encaixei meu cotovelo bem no meio dos cornos dele. Na volta ele me deu uma porrada debaixo do queixo. Nem doeu, por que eu já estava meio cego de raiva. Uma pasta vermelha começou a escorrer do nariz dele. Peguei o braço dele e encostei no meu peito, caí para o lado e de quebra ainda dei um chute na cara dele. Enrosquei as pernas até fechar o triângulo. Tentei a imobilização, mas o cara parecia de borracha. Fui chamando no braço até torcer legal. Um ruído. Creck. Aí eu já não lembro mais nada. Foi tudo muito rápido. Eu tava cansado e puto da vida. Meu supercílio parecia uma bica furada. Eu não ouvia nada. Só senti tudo rodando, um cara de preto me empurrando e o Parceirinho me levantando e rindo pra mim sem dois dentes laterais. O desgraçado ria, ria e gritava na minha cara um monte de coisas que eu não conseguia entender. Uma tonteira gostosa bateu na minha cabeça. Minha vista foi voltando. Aí é que eu percebi onde eu estava. Abracei o Professor e comecei a chorar igual como meu filho que ficou em Minas faz. Veio um cara da televisão com o microfone me chamando de Dêividi, perguntando não sei o quê. Eu disse yes, yes, waza gud fáiti. Aí depois ele perguntou outra coisa, e eu falei mêibi, que quer dizer talvez, pois quando você não entende uma situação o melhor mesmo é ficar na tua. Mas aí não sei o que me deu pra sentir saudade daquela vaca....fiquei olhando ao redor pra ver se via aquela vigarista... agarrei o microfone e gritei pra todo mundo escutar.. Tênquiu. Ai lóviu Rute!! Todo mundo escutou. Até o cara da terceira fila, aquele que ficava rindo enquanto eu estava fodido, aplaudiu meio contrariado.

2POENOT92 19/12/07 14:17 Página 221

A LÍNGUA DAS ROSAS

Traziam a língua nas partes do corpo descobertas. Sentavam-se nas pedras cinza lisa, faziam fileiras de gestos em cores e formas, claras e escuras, derramavam a língua, nem sempre com o mistério ou o silêncio; e as estórias que dela saíam nunca eram longínquas, estranhas, indecifráveis.

Havia tardes quentes em que chegava uma outra língua, essa, de pele muito escura, mais escura do que todas as outras. Vinha do enigma, das brumas, da fuga, da cautela, do sol, dobrada em magia e encanto. Os portadores dessa língua tanto pertenciam a um país como a outro. Eram do tempo de menear, olhavam-se olhos nos olhos, deitavam os braços e o resto do corpo para a água dos tanques nas horas quentes, brincando e repartindo-a, queriam ser felizes com pequenos gestos. Algumas dessas línguas que ali se juntavam estendiam-se como as sedas puras e ficavam a coser a tarde ao sol por cima de colchas e de mantas: a perna das calças de um irmão, de um filho, de um marido, qualquer que fosse o elemento da família, cujos antepassados haviam suado sangue e água, exibido cangas, ferros, azorragues, peias a sobrar-lhes sobre o corpo. Pela boca de Amorreia destilava sempre uma nuvem de fumo, em círculo, que se acendia e apagava muitas vezes, como o seu cachimbo em todas as tardes. Jóti, seu irmão mais novo, ouvia a história das raízes. Datava a irmã que a avó Aserá, acampada para a terra dos mortos quando gastara os cento e dez anos, descendia de um capitão da marinha, gente da raça das peles finas, brancas.

Jóti, que nunca conhecera o seu bisavô, ficava atento à história, tomado pelo ventre das raízes. A irmã terminava-a aos poucos, usando a demora. Antes de se aproximar do enredo, já o seu irmão havia intuído a personalidade do capitão como peça, talvez forte, e certamente, fundamental na estória. Por essa altura, floriam ainda outras línguas, submergiam, ligeiras umas, outras permaneciam, juntando-se às que estavam sentadas nas pedras, vindas qualquer delas de lugares distintos, como se a sua presença viesse concluir a estória dentro da hora em que nos tanques de água fresca desaparecera há muito o eco das mulheres pesadas da aldeia. Amorreia ficava assim vaga no seu olhar distante, como aquele que pusera, ferida, durante os longos dias tristes, tímida nos

2POENOT92 19/12/07 14:17 Página 222

seios nus, sentada numa cama do hospital, transpondo as janelas, sumindo-se esplêndida no rio, a pensar no cabelo que deixara de cortar para a eternidade, sentindo-o a boiar sereno e feliz sobre o azul, no marido, Bómata, que morrera - tantas vezes conversara a língua das rosas consigo.

Amorreia acomodava-se entre colchas de seda, livros grossos, feitos de terra e barro, mantas exóticas, tapando os olhos com o sonho. Jóti ficava à espera do enredo, ansiando pelo desfecho, observando a irmã a ausentar-se, atenta às línguas que iam chegando, como se desejasse inconscientemente através desse comportamento começar pelo fim da estória, porque era o fim o princípio de tudo.

Malaia, que viera da Ucrânia, Noata da Checoslováquia, Peta e Brileia da Roménia, Folnea da Guiné-Bissau e finalmente Rema, vinda do desconhecido, baloiçavam as pernas entre risos de quem espera e acredita, ou não, sempre na felicidade. Tinham chegado a este país, solteiras, com filhos e amigas nos braços, trabalhavam a horas aqui e acolá. No final das horas, rodeavam os tanques, lavavam a roupa, ou sentavam-se nas pedras quietas, dispostas defronte dos lavadoiros. Falavam sempre de ternura, menos Rema: encolhiam os ombros e riam, remexiam no cabelo fazendo pequeninos rolinhos entre os dedos, colavam as mãos, levavam-nas a esconder entre as pernas já cerradas, enquanto mordiam candidamente os lábios. Dias havia em que punham carícias nos rostos umas das outras. Noata costumava durar as suas mãos nas faces de Malaia, deixando-as escorregar até ao queixo, afastando-lhe habitualmente uma longa madeixa de cabelo louro que lhe roçava o lábio superior. Brilneia e Folnea riam profundamente enternecidas; riam muito, entretinham-se a desapertar os risos e as chinelas que não lhes sossegavam nos pés, abrindo de enfiada o olhar para uma parede branca, indefinida, situada ao lado dos tanques que tapava os corpos que por ali passavam.

Por ela se podiam ver apenas rastos de corpos, contornos de pernas, metades de pernas, tinham existência a partir do joelho, apressadas, lentas, e eternamente uma mão forte, curta - ficava estendida à espera. Em muitos momentos do dia, em mais momentos ao cair da noite.

Quando Malaia regressava da parede via-se a língua das rosas enchendo as suas mãos, eram de cor vermelha, laranja, branca, de quando em vez, amarela, rosa. A rapariga ucraniana admirava o tom único daquela composição natural, sem perceber a aristocracia do seu sentido - que outro sentido poderia ter senão o que ela lhe dava? Por esse sen-

2POENOT92 19/12/07 14:17 Página 223

tido exclusivo, apenas seu, enchia-se de suspiros, vedando tudo o resto o que lhe vinha de dentro como quem veda o canteiro de uma roseira no espaço mais íntimo do quintal para mais tarde colher o prazer inteiro de um círculo de vida - plantado clandestinamente no lugar mais recôndito e mais livre do homem: o pensamento.

Fora precisamente um espaço recolhido que a avó de Amorreia e de Joti - Aserá - descobrira para plantar uma roseira. Era um lugar tímido, pouco evidente, situado no claustro do convento, não muito longe da cisterna que abastecia a comunidade de religiosas - caso raro pois o pátio, rodeado de arcadas, era desafogado. À medida que a roseira se encorpava, as freiras tranquilizavam o capitão Danar, sobre o estado da filha. Uma das cartas recebidas pelo capitão da marinha fora assim redigida:

Aserá regressou ao seu estado normal. Dedica parte do seu tempo à oração e a muito recolhimento. Pediu-nos permissão para plantar uma roseira no pátio interior num espaço por si seleccionado. Acompanhamos o entusiasmo de Asará e o tempo que dedica ao seu tratamento. Foi pormenorizada na terra que utilizou, no estrume que escolheu. Encontrou um lugar recolhido, abrigado por algumas sombras, demonstra uma preocupação constante com os ciclos de cresciment,o tomando todas as precauções, assim aumentem ou diminuam as horas de luz e a temperatura suba, atinja o seu máximo, ou desça. Calcula muito bem as quantidades de água que retira da cisterna a fim de regar esta planta. Têm sido meses incansáveis de dedicação e que estão a dar os seus frutos.

Noata, Peta, Brileia, Folnea, ao Malaia abandonar a parede e preparar-se para sentar-se na pedra, corriam a afogá-la de braços e de pernas, com os corpos inteiros, dançando e cantando à sua volta a língua das rosas; apenas Rema recolhia à pedra cinza, encostando-se à parede que a sustinha. Os seus olhos enchiam-se de raios, da espécie dos aranhiços vermelhos. Nem uma só lágrima se assomava, como se ao seu corpo nunca tivesse chegado água, encontrando os bichos terreno desidratado e propício à investida - como os aranhiços vermelhos realizam a investida nas roseiras, impedindo o seu período de crescimento natural.

Seriam alguns homens como os aranhiços? Seria Danar (ele que nunca tivera um sonho e que impedia o dos outros), pai de Aserá, também como esses bichos?

2POENOT92 20/12/07 13:53 Página 224

Danar recebeu a carta longos meses depois, já Aserá propagara uma imensidão de rosas (preferira agora o interior do convento). Sim, os sonhos eram diferentes dos desejos, podendo resistir às intempéries, às dificuldades, às imposições, aos dogmas e à pobreza mental. Os caules destas rosas sobreviviam no grandioso convento, embora lenhosos, eram bastante macios e ramificados, sem espinhos.

Talvez estes caules adivinhassem o futuro. Aserá conheceu um novo entusiasmo, conseguindo descobrir miraculosamente espaços onde entrava uma luz forte, a luz requerida pelas plantas em período de crescimento. Danar, nesta maré, penetrou na carta, ignorando as recém-chegadas roseiras (elas que estavam a alcançar novos espaços no interior do convento), e decidiu partir, colérico, receoso, a caminho de terra. Sentia em si a luz dos dias curtos, procurando a luz do pensamento que nunca o iluminara para lá dos seus copiosos limites, limitando-se a recordar as memórias dos antepassados, receoso de que essas se repetissem. Receoso de que as ordens superiores que faziam parte do seu carácter, fossem postas em causa.

Jóti aos poucos foi conhecendo a história da avó, igualmente a da avó do capitão, de nome Elfrata. Também esta havia ido para um convento, deixando as rosas perfumarem o claustro, abrindo a confiança das irmãs como acontecera a Aserá e pelas mesmas razões de Aserá. O capitão por esquecimento, ou porque assim o entendera, ocultara estes factos às religiosas. A sua filha, ao plantar as roseiras no convento, havia adoptado o caminho de Elfrata, Elfrata o da sua avó e assim sucessivamente ao longo das anteriores gerações.

Danar estava fora de si, atormentado, com receio de chegar tarde e a más horas ao convento. Seria que as plantações da sua filha se haviam já propagado para o interior? E, se assim fosse, em que estado se encontrariam? Pelas contas de Danar, talvez a sua filha ainda se encontrasse livre de perigo...

As irmãs esperavam a chegada do capitão. Sabiam estar para breve (poderia demorar uma semana, duas), embora a data precisa se revestisse de surpresa. Quando ele chegou, os olhos inesperados das mulheres encontravam-se secos, mas rapidamente se cumpriram de lágrimas. Existiam diferentes razões que produziam aquele carpido geral, não somente a tristeza causada pela saudade de Aserá haver desaparecido, deixando o rasto da sua escrita a ornamentar as roseiras. As religiosas conduziram-no ao interior do convento retirando-se no momento em que

2POENOT92 19/12/07 14:17 Página 225

se aproximaram dos pequenos arbustos. Havia roseiras com folhagem densa que trepavam pelas paredes e havia, na sua maioria, roseiras curtas, a sua altura não excederia os trinta centímetros.

Danar, ao chegar ao convento, fora inteirado por parte das religiosas. Aserá criara uma grande e surpreendente obra, onde abundavam numerosas rosas de diferentes variedades. O capitão observou as roseiras carregado de estranheza. Escasseavam as rosas ou simplesmente abundavam rastos delas. Havia bilhetes monumentais agastados em parcos botões, tinham resistido, viria a perceber, à colheita de Aserá, ou empoleirados nos lugares onde um dia haviam florido muito mais rosas do que as remanescentes. O capitão demorou algum tempo a ceder à sua leitura.

Amorreia retirou apressadamente os bilhetes de um saco de pano forrado por um material duro e resistente, lendo-os, imediatamente a Joti.

Os botões de rosa-chá,

veja, pai, como estes botões de rosa-chá, esguios, estreitos, crescem individualmente em longos pedúnculos e quando se abrem descobrem um centro bem cheio que os torna ricos, belos e felizes de acordo com a ordem natural que é universal. Que ordem move o senhor e a maior parte dos homens que impedem a construção individual, natural, tal como aos ciganos durante séculos lhes foi impedido o direito de construir uma cabana que fosse?

Como é sublime pensar na luz que rebentou os botões e abriu as rosas. Como é sublime olhar a terra e calcular a água que a humedeceu. Como é sublime pensar nas mãos que a transportaram da cisterna ou a buscaram em nascentes secretas. Como é sublime olhar a primavera farta das rosas. Como é sublime pensar nas mãos que em diferentes lugares do mundo as tocaram, as nutriram, as agasalharam, que lhes procuraram as sementes e assistiram ao seu crescimento individual para que assim se propagassem.

As rosas de tipo floribunda,

repare nelas pai, manifestam-se reunidas em cachos. São belas, grandiosas e coesas como os ciganos. Para onde eles partem, partem coesos, em cachos, ligados ao ventre da língua; não fosse a maioria das intempéries humanas e ainda hoje

2POENOT92 19/12/07 14:17 Página 226

todos falariam a mesma língua que é a minha e deveria ser a sua. Comercializaram-nos, separaram-nos do mundo, dos seus filhos, das suas famílias, tornaram-nos escravos, bestificaram-nos. E eles desgastaram-se. Ao longo dos séculos tornou-se esse desgaste hereditário, foi esse desgaste que passando de geração em geração anulou, frustrou qualquer tentativa de construção.

As rosas-musgo,

observe com precisão estas rosas-musgo, repare como os seus caules e botões, se anunciam em grupos, cobertos por um indumento fino e macio semelhante a musgo. Sou como o musgo, pai: fina, macia, frágil, vulnerável ao primeiro toque. Quando o pai pegava no musgo, na quadra natalícia, nem uma só vez o deixou inteiro, desfazia-o em desprezíveis torrões; despedaçava o seu todo que era a sua razão de ser; tornavam-se fragmentos desse todo; um extracto, o resto de uma obra tão necessário percorrer. Aos meus tapetes, estendia-os cuidadosamente sobre pedras, rochedos, seixos, olhava-os, incólumes, o seu corpo ganhava novas formas e as diferentes figuras do mundo atravessavam essa obra natural; guiavam-se elas até a um único lugar para falarem a mesma língua.

A minha língua existe no mundo e sempre se apresentou vulnerável. Para melhor ser atacada, ferida, como fazem aos ciganos. A minha língua é nómada. A minha língua está em toda a parte do mundo. A minha língua está onde existe o requinte, a nobreza, a espontaneidade, a lucidez, o respeito. A minha língua contempla os homens, lambe-os, mastiga-os. A minha língua gosta de pormenores. A minha língua gosta de corpos, mas não gosta de corpos nus. A minha língua gosta de corpos nus, mas não gosta de corpos que não escolheram andar nus. A minha língua não gosta de cangas, nem de ferros. A minha língua gosta de rugas, mas a minha língua não gosta de sequelas. A minha língua gosta de tatuagens, mas não gosta de marcas. A minha língua gosta de gestos vindos do interior. A minha língua gosta de sons. A minha língua gosta de palavras. A minha língua gosta de poesia. A minha língua são sons, palavras e poesia. A minha língua gosta da poesia dos ciganos.

A minha língua ignorada, embrutecida. À minha língua chegavam posições sociais. Sentavam-se e falavam línguas que eu não dominava, nem queria dominar. Queriam comprar a minha língua que durante meses só comeu pão e água. A minha língua castigada por abrir uma porta para procurar comida, por dormir com as duas mãos sob o rosto, por ser vista a acariciar um objecto exótico que ornamentava a cómoda do meu quarto, por ler um livro, por colocar uma manta fechada no cadeirão de baloiço, por ser ouvida, pai, entre o fim do dia e o princí-

2POENOT92 19/12/07 14:17 Página 227

pio da noite pedindo a Deus a sua iluminação, por ter rosas numa jarra do quarto e regá-las com água e um beijo. Depois das rosas. A minha língua enclausurada num convento. E entre estas rosas que presencia, pegada à noite, pegada ao ar do mundo, pegada ao fragor das folhagens, pegada às sombras, libertar-me-ei do convento, fugirei deste lugar partindo ao encontro de um tesouro individual do passado, do presente, do futuro que pertence a um tesouro colectivo, a uma língua que fala igual à minha: por isso me pertence, por isso nos pertencemos.

Uma noite, Joti, depois dos bilhetes, encontrava-se a avó no exterior do convento e sentiu a língua das rosas cair-lhe sobre as suas mãos. Entre o ruído das folhagens e o cheiro de um corpo escuro. Encontrava-se no exterior do convento. Beijou as rosas no interior das suas mãos, como se beijasse o mais dentro de um coração.

Joti, que tinha os olhos parados nos lábios da irmã, desviou o olhar, atalhando-o no ajuntamento das raparigas. Ainda lá estavam, apesar da noite. Malaia beijou docemente as rosas que lhe tinham trazido as mãos durante a claridade do dia, as rosas que as mãos lhe tinham trazido. Começavam a ficar escuras, também Malaia e as suas companheiras de tanque. O cheiro de um corpo escuro aproximou-se, não muito, o suficiente para que Malaia lhe ouvisse os contornos. Malaia caminhou até esse corpo, que lhe entregava novamente umas mãos cheias, deixando-se sumir, deixando-se levar;

- Joti, Bómata foi para debaixo das rosas. A sua cova funerária foi rosas, o seu caixão foi rosas. Atiraram-lhe milhares de torrões de rosas em vez de terra - ficaram pesadas, fortes, por serem tantas - até o seu corpo se tornar completamente oculto, vivo. Por fim, cantámos - lhe a língua das rosas. A língua das rosas não é uma construção. É uma existência. Como o amor - haverá sempre roseiras que despontam no lugar mais ermo do mundo. Dêem-lhe o nome de selvagens, bravas, bravias, agrestes, ásperas, incultas, maninhas, marginais, o que quiserem. Por isso, ela perdura, mesmo contra a vontade dos homens. Por isso, ela vence os preconceitos. Por isso, ela fala sempre igual em cada sítio diferente, sendo compreendida em qualquer região do mundo...

Dificilmente haverá outra língua tão perceptível como esta, Porque a língua das rosas não tem berço, nasce em qualquer pedaço do mundo onde rebente um gesto do interior.

2POENOT92 19/12/07 14:17 Página 228

ANTELA

Sei que fui água repousada
Fui carícia da Terra...

Mas agora sou só ferida aberta...

Já não é eu quem me define
É só minha inexistência a falar por mim...

Aonde foram as aves que eu criei?
Os cantos das rãs...
Os nenúfares bulideiros...
O rumor das gôndolas...
Os passeios das moças da Ribeira...

Aonde os teus olhos que vinham a te ver comigo?
Aonde eu?
Aonde eu?

INVERNIA

Foi a janela quem me falou de ti
quem me avisou de que entraras de noite
apagando o calor

Também é ela quem me ensina as árvores
despidas
prontas para te amar no teu lençol branco

Sei que hei-de sair a percorrer
as ruas molhadas

2POENOT92 19/12/07 14:17 Página 229

que hei-de deixar que me abracem
os teus braços de gelo

Sei que hei-de fazer isso
mas por agora me contento com ficar
trás da janela
queimando o tempo aqui onde o lume
escutando contos no silêncio do teu ventre
onde tudo adormece
onde tudo é promessa
para o amanhã
para quando a janela me fale das flores

Mas ainda há um eco no teu surdo som
que sobrevive à música deste silêncio
um eco que pinta beleza transparente e ingénua
que retém o poder de transformar o mundo
de mil maneiras ainda certas
ainda possíveis

Um eco que me chama a sair ao teu encontro
a procurar a entrada ao coração da terra adormecida
um eco que me canta canções que me inundam o espirito
saudoso das suas essências
que me convida a vencer a vergonha
da gélida impotência
a passear sem roupas no meu corpo
baixo das nuvens negras
que me escondem o céu
a sair temerária
a dar o meu calor à solidão da Terra

2POENOT92 19/12/07 14:17 Página 230

POEMA ESCRITO NA AREIA
...À ESPERA DE SER LAMBIDO PELA ESPUMA DAS ONDAS...

"regresso aos mares do sul
com o riso das vidas tocadas
agora sorriso feito memória
de um universo incompleto

a mão colhe do mar a carícia do sol
na sombra revelada... único vestígio...
aqui aguardo a noite
nómada das orlas do mar

até que a tua silhueta surja
bailando em pleno ocaso
sobre a linha precisa onde
céu e mar se tocam

até que o crepúsculo recolha
os fragmentos do poema
da explosão das veias
na música das vagas

até ao surgir da primeira
estrela oráculo de fogo
onde o poema ou o teu nome
profetizam a travessia oceânica da noite

2POENOT92 19/12/07 14:17 Página 231

O ROSTO DOS HOMENS

Sopra em nós e somos vento.
Olha para nós, chama por nós
e somos vento. Somos vento
de cada lado em que nos toquem.

Fechada no cofre do vento,
a cara estala como uma bandeira.
Rostos imperscrutáveis
como os rostos dos homens,
transformados desde dentro.
Esses rostos são o vento.

Trazemos no ventre um filho
bem-amado, farto de correr
as lâmpadas dos mundos.
E assim podemos atravessar,
como espíritos do ar, os quatro
espaços na barca das ventanias
- e ainda ouvir, conservadas no gelo,
as últimas palavras dos homens.

2POENOT92 20/12/07 13:54 Página 232

AGÁLIA, 91-92

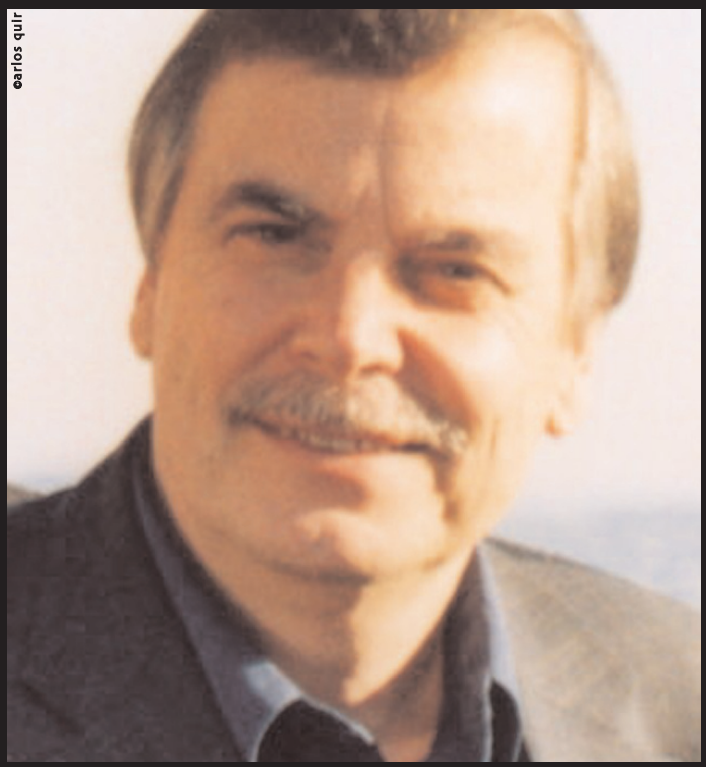
2POENOT92 20/12/07 13:54 Página 233

AGÁLIA nº 91-92 / 2º SEMESTRE (2007): pp. 233 - 244 / ISSN 1130-3557

ONÉSIMO TEOTÓNIO ALMEIDA

escritor,
professor da
Brown University

por Carlos Quiroga



A narrativa incisiva de um contador no esplendor

Onésimo Teotónio de Almeida é um nome incontornável quando na conversa se fala em Literatura, Açores e América. Todo programa de rádio ou televisom, qualquer mesa redonda ou congresso, terá que passar por ele necessariamente se tocar esses temas. E já me tem acontecido ir no carro ouvindo um canal português e, a propósito de emigraçom ou letras açorianas, a propósito de Portugal e os Estados Unidos, ganhar sempre a aposta de o Onésimo antes ou depois ser citado. Isso se ele próprio nom estiver ao vivo. Porque a sua presença no meio intelectual e divulgativo é constante, e até, talvez daí, o reconhecimento na rua vai sendo frequente. Ainda há pouco em Viana vi como umha senhora madura (do tipo leitora inteligente, o círculo que aparentemente mais o idolatra) se deslumbrava no passeio reconhecendo-o –e educadamente homenageando.

2POENOT92 20/12/07 13:54 Página 234

Tem a ver com isso a sua personalidade e o seu talento. Escrevi noutra parte que a companhia do Onésimo ao vivo beneficia a saúde, porque se fica mais feliz depois de ter estado com ele. Recordarei sempre que quando o conheci num congresso em Coimbra (Junho de 1990) nom acreditava no que estava vendo e ouvindo: um respeitável professor sendo o centro de rodas constantes com as suas histórias. Mas histórias de sorriso ou gargalhada final, ligadas e contínuas, de efeito mais rápido que nos contadores que tanto andam agora na moda. Com um estilo talvez mais americano. Com um estilo de certeza só seu. Nunca tinha visto nesse meio habitualmente cinzento. E ainda por cima o homem consagrado dava atençom delicada aos jovens indocumentados. Irresistívelpara todos os públicos, nom só para o tipo senhora madura, modalidade leitora inteligente. Alguns anos depois, ele continua na mesma forma.

Mas nom é imprescindível comer com ele para ter esses benefícios. Comendo a sua literatura pode-se ficar igualmente confortado. Depois de conher o autor fui descobrindo que ele nom era só um professor super-simpático: o humor é umha premeditaçom pensada e até estudada, e há muito mais. Inteligência e humor, actualidade e substância, eis o que reitero achar-se nos livros deste indivíduo de nome difícil, motivo de confussões e aventuras que até ele mesmo já cronicou. É professor da Brown University de Providence (Rhode Island, EUA), colaborador regular de jornais (*Diário de Notícias, Ler, JL*, entre outros), com programas sócio-culturais na TV, Vice-Presidente da Associação internacional de Lusitanistas, membro de umha dilatada lista de outras associações profissionais e académicas, autor de mais de umha centena de ensaios e textos diversos em livros colectivos publicados em Portugal, Estados Unidos, Brasil, França, Inglaterra, e por aí fora. Para além de prefaciador, antologista, etc., e de vir acumulando umha série de títulos individuais de Teatro (*Ah! Mònim dum Corisco!; No Seio Desse Amargo Mar*), Conto (*<Sapa>teia Americana*), e especialmente Crónicas: *Da Vida Quotidiana na L(USA)lândia* (1975*); L(USA)lândia – A Décima Ilha* (1976); *Que nome é esse, ó Nézimo? – E outros advérbios de dúvida* (1994); *Rio Atlântico* (1997); *Viagens na Minha Era* (2001); *Livro-me do Desassossego* (2006)… Títulos que já chamaram a atençom aqui e ali mas que continuam menos conhecidos do grande público. E para além de honrar a revista Agália com a sua presença no Conselho Científico.

Há um Onésimo mais professoral que até na sua literatura de reflexom raramente dispensa o apoio da história interessante para ilustrar. Mas já o Onésimo contador incansável, professoral só no uso da língua, exibe um esplendor de escritor puro, e isso acontece especialmente nos acúmulos de textos breves reunidos nas Crónicas. É talvez aí onde melhor se re-

2POENOT92 20/12/07 13:54 Página 235

vela pola justa dose do jogo e do efeito hilariante, e se impõe pola qualidade de escrita. Polo poder de observaçom. Por um estilo só seu. O Onésimo tem-se permitido até a ousadia de certo experimentalismo no que chamou Prosemas (*Onze prosemas –e um final merencório*, 2004), poemas narrativos ou monólogos sem pontuaçom, onde se cruzam intertextualidades e acontecimentos, informações e evocações. Mas as diferentes tipologias textuais, entre o relato e a memória, com a anedota e a história, entrecruzam-se sempre ou habitualmente nesse "Estilo Onésimo", já reconhecível. O mesmo que está outra vez patente no seu mais recente título, *Aventuras de um Nabogador & outras estórias-em-sanduíche* (Bertrand, 2007), um livro que confirma o comunicador extraordinário e a mestria do cronista. Mas também aumenta o horizonte de espectativa do leitor, como logo se verá.

–Lugares exóticos como Tailândia e as Caraíbas, a Colômbia ou a mais próxima Califórnia, e os aeroportos sempre: este novo livro prova que o Onésimo é um autor que escreve de viagem?

–Já tive de o fazer por necessidade, mas apenas escrita para ler onde deveria palrar. Levar o texto em papel confere um ar de maior seriedade ao que se tem a dizer, mesmo que depois se fique com ele na nossa frente e não se leia. Mas em regra não escrevo nos aviões. Em viagens, leio bastante. E durmo, claro. Viajo muito na escrita, isso sim. Depois, na pacatez serena da minha casa. Não conheço ninguém que goste de aeroportos, cada vez mais atafulhados de gente. E os assentos dos aviões, mais e mais acanhados, mal chegam para a gente arrumar as pernas.

–Queria referir-me também ao outro sentido, a que nas *Aventuras...* a escrita "sobre a viagem" é de novo umha constante...

–Sim. Este livro é quase todo constituído por estórias de viagens. Eu já tinha utilizado num livro anterior um título que em parte se ajustava talvez melhor a este: "Viagens na Minha Era", que até abre com uma referência ao óbvia a Almeida Garrett e às suas viagens à volta do quarto. Nesse livro incluo a narrativa de um assalto em Johannesburgh que de facto caberia melhor no "Aventuras de um Nabogador", mas enfim. Acidentes de percurso. A verdade é essa que apontaste: as viagens são uma gostosa constante. E como não? Nasci numa ilha e cedo viajei de barco e de avião para outras perto, numa altura em que em Portugal

2POENOT92 20/12/07 13:54 Página 236

morrer era ficar no lugar de se nascer. Vieram a seguir as viagens para Portugal Continental e as visitas, e logo a mudança para a América do Norte. Depois comecei a cirandar constantemente num vaivém entre Boston-Açores-Lisboa e, para não me sumir nesse triângulo, fui-me aventurando por outros lugares a ver se sabia o tamanho do mundo. Sempre gostei de literatura de viagens e acho a "História Trágico-Marítima" uma das grandes obras da literatura portuguesa e mesmo da universal. Não estou sozinho, aliás, nesse meu juízo de valor. Descobri há pouco tempo que Guimarães Rosa pensava o mesmo e dizia até que esse fora o livro da literatura portuguesa, que mais o influenciara. Eu prefiro não ter de narrar tragédias (bem, contei essa aventura na África do Sul, que ia redundando em tragédia sem lhe restar autor para a vir depois contar…) mas não uso as narrativas para enumerar os museus visitados nem restaurantes onde engordei. Das viagens, retiro as estórias que julgo valerem por si, independentemente do local onde ocorrem, se bem que seja importante contextualizá-las.

–As histórias aparecem declaradamente "ensanduichadas em crónicas", e nalgumha pressente-se um horizonte mais amplo. Houve a tentação de abrir a porta nalgum caso, para dar um maior desenvolvimento? Esconde-se aí o prenúncio do romance que sem dúvida virá?

–Tive sempre essa pecha de contextualizar. Uma tentação talvez didática que as aulas alimentam. Mas estou em crer que um contexto dá outro toque a uma estória. Vou dar-lhe um insignificante exemplo:

Um dia, numa rua de Lisboa, caminhávamos após uma conferência em direcção a um restaurante e eu contava uma anedota. Era a de um psiquiatra a admoestar o seu cliente :

Tem de deixar esse affair.

Não sou o primeiro a ter um affair.

Mas trata-se de um affair entre um médico e um paciente.

Não sou o primeiro médico a fazê-lo.

Ora você não é um médico qualquer.

Pois sim, mas um médico é sempre um médico e um paciente, um paciente!

Mas …um veterenário?

Quando acabei de a contar deparei com um *graffiti* numa parede: "Amo-te, coelhinha!" Apontei para a parede e o grupo fartou-se de rir ainda mais do que com a anedota que eu tinha contado.

Sim, alguns destes contos vão além do que fiz até aqui e em várias dimensões. Espero chegar ao romance mas antes disso ainda tenciono publicar outro livro com três contos maiores, talvez novelas. Tenho romances arquitectados mas

2POENOT92 20/12/07 13:54 Página 237

ainda estão longe, se bem que tenha várias páginas de um já escritas. Presentemente ando a ver se entro em negociações para conseguir um aumento de anos na minha vida, porque já entrei na casa dos sessenta e estou a aperceber-me de que não vou ter tempo para tudo. A lista dos projectos é enorme e eu não queria cortar nas viagens, apesar da chatice dos aeroportos.

–Quando os requerimentos docentes acabarem ou dimunirem, calculas que parte maciça do tempo se dedique à escrita, aos projectos puramente literários, ou vais continuar marcando presença em congressos e academias?

–Um escritor (já não sei quem) dizia que quando se começa a contar estórias da nossa vida é porque já não se é mais capaz de fazê-las acontecer. Espero bem que não seja esse o caso comigo, até porque escrevo estórias há décadas. A verdade é que não vivo para escrever e viajarei enquanto puder. A ideia de passar parte da vida fechado num quarto a escrever para a posteridade não me cativa. Prefiro andar à solta. Mas lembro-te que, apesar disso e infelizmente, tenho de passar muitas horas diante do computador pois vou em regra a congressos académicos e o profissionalismo exige que leve textos escritos. Vou assim aos poucos escrevendo os capítulos dos livros que tenho planeados. Só que depois preciso de tempo para os organizar e, para tal, deveria evitar viagens, como vou tentar fazer nos próximos dois meses a fim de cumprir um antigo e proteladíssimo contrato com uma editora. Escrevo muito e não faltará quem diga até que escrevo demasiado. Sobretudo ensaios, mas as crónicas e as estórias é que são lidas. O resto fica sepultado nos livros colectivos, nos volumes de actas de congressos ou em revistas académicas que servem para atafulhar bibliotecas.

–A tua escrita usou sempre de personagens, peripécias e acontecimentos da vida real. A Dolly e o Giovanni deste "Nabogador" também existiram? Tens estado sexualmente "ameaçado" algumha vez no meio universitário?

–Eu sou muito fraco de imaginação, mas acho que tenho boa memória. Tão boa que até me lembro de factos que nunca existiram. E também costumo dizer que a minha escrita é realista porque as minhas narrativas, se tivessem de acontecer, aconteceriam assim.

Quanto à Dolly e ao Giovanni, sabe aquela do Gorbachev dizer que tinha quinze ministros e garantiam-lhe que um deles era inteligente e por isso deveria ouvi-lo com atenção? Só que ele não sabia qual era ele.

Acontecerá o mesmo com estas estórias de fundo real. Porque ele foi transformado, vá lá leitor saber o que é real. (Mas, aqui só para nós que ninguém nos ouve: Não se

2POENOT92 20/12/07 13:54 Página 238

preocupe com a Dolly. Ela hoje deve estar aí por meados da casa dos cinquenta. Não vale a pena entusiasmar-se.)

Se fui assediado? Fui. Se quer saber mais não direi porque já não faz parte da sua pergunta na medida em que, se o assediado consente, já não é mais assédio. E lembre-se de que nem sempre estive casado.

–Alguém se zangou contigo por aparecer nesse fundo real, ou é impossível por sempre tratar o universo com delicadeza e bom humor? (Tens notícia de que a tua ex-mulher te lesse e se lesse?)

–Não, e por uma razão simples: as pessoas nas estórias não são facilmente identificáveis. Há muito de composição e construção de personagens, desvios de diversa ordem exactamente para que o leitor não consiga identificar as pessoas reais. Num ou noutro caso, trata-se de figuras públicas. Aí, nada há a fazer. Mas essas não são problema. No caso da minha ex, não vejo de que possa queixar-se. Eu não trataria nunca mal a mãe da minha filha. Quem não procuro tratar bem sou eu próprio pois os leitores não gostam de ler histórias de autores armadas em heróis. Preferem sentir que eles têm fragilidades, são "nabos" como eles.

–Tudo o que escreves está muito marcado pelas tuas passadas sobre o mundo? É menor o peso nesta última obra?

–Escrevo muito do mundo. Pois é. Acontece tanto à nossa volta por onde quer que andemos. Basta ver e ouvir. Claro que, como com o jogo do Legos, ao escritor cabe compor algo seu com uma infinidade de peças. A construção será ditada pelas preocupações e interesses do autor. E por isso creio que aquilo que escrevo tem sempre essa marca da vida que me enche os dias. Não tenho outra.

–Neste *Nabogador*, em que dilatas as peripécias do protagonista, dá a impressão de haver maior "matéria narrativa"? Houve mais filigrana com o Legos aqui, mais trabalho distanciador que em livros de crónicas anteriores, ou nom sentes consciência de haver mecanismos e tempos diferentes?

–Por alguma razão chamei "estórias" a esta colectânea e não "crónicas", ou "dia-crónicas". São narrativas maiores, cada qual uma estória em si. Vêm, é claro, contextualizadas ("ensanduichadas") entre crónicas, mas até esse pormenor deve ajudar a fazer ressaltar a intencional diferença entre uma crónica, que é o glosar de um tema, de uma ideia, cerzido sempre em torno de curtas estórias, dados, frases e ditos, como um pequena contrução de Legos. A estória, porém, lança-se numa narrativa de mais fôlego, que espero possa subsistir em si, sem o pão da sanduíche, que é apenas um aditamento, mas diferente. Há outras estórias inéditas ainda maiores que terão de entrar num volume sep-

2POENOT92 19/12/07 14:17 Página 239

arado. Conterá apenas três. Tem um título provisório: "Quando os Bobos Uivam, ou Memoriais com vento". Aí, creio que ficará mais clara a diferença entre a estória e a crónica. Por um lado, isto é. Porque elas serão todas narradas em forma de diário e isso voltará a complicar as coisas para quem prefere géneros mais arrumadinhos. Tenho, sim, estórias ainda mais longas. Serão, espero, os romances. Estão arquitectados em pormenor e espero lá chegar. Mas primeiro queria cumprir compromissos com a editora livrando-me de (isto é, pondo em livro) ensaios, alguns já com mais de vinte anos de idade.

–O humor desaparece quando se tratam alguns temas, como a imigraçom nos EUA, especialmente depois do 11 de Setembro?

–Até com o trágico se faz comédia, aprendemos com os clássicos. Mas é preciso distância. Quando a tragédia nos toca muito de perto ou alguém que conhecemos e estimamos, o humor esvai-se. Essa sua pergunta parece motivada por aquela estória do imigrante açoriano que foi deportado. Conheci-o de perto e sobretudo a mãe, que é a grande heroína desse caso. Não, aí não consegui fazer humor. Nem tentei, acrescente-se.

–Depois de várias décadas na Brown University, observas muitas mudanças na vida universitária mais recente?

–Nos Estados Unidos não. As universidades aqui são uma instituição muito, muito forte, com defeitos mas com inúmeras virtudes. Sobretudo a de estimularem o trabalho e permitirem que os interessados trabalhem à vontade. Ela põe-lhe à disposição os meios necessários. Obviamente que o mundo mudou imenso nas últimas décadas, mas nas grandes universidades americanas o seu antigo espírito não se perdeu. Estou é à espera de uma ponte que me permita ir passar os fins de semana a Portugal. Ou aos Açores, que ficam bem mais perto e têm mais mar.

–E na comunidade Lusa…? Em 1975 escrevias que "O mundo da L(USA)lândia é tão diferente do americano como o é do português". No livro que acabas de editar, algumhas personagens mais velhas nom percebem o inglês; aos jovens acontece com o português. A comunidade já se americanizou definitivamente?

–Não. Muita dessa gente que veio demasiado tarde para se poder americanizar já desapareceu ou vai a caminho disso. A que veio mais jovem tem as marcas de uma certa americanização, com tudo de bom e mau que isso comporta. Os filhos são já luso-americanos. No fundo, americanos pois nasceram aqui e têm o inglês como língua materna. Os que acontecer viverem mais próximo das comunidades portuguesas prolongarão a ligação à cultura dos pais.

2POENOT92 19/12/07 14:17 Página 240

Claro que agora isso é mais fácil de se conseguir do que no tempo em que havia uma americanização imposta, forçada mesmo. Foi assim que, por exemplo, desapareceram quase todos os vestígios do que foi o segundo maior contigente étnico ne imigracão para os EUA: o alemão. Ficou quase apenas nos apelidos das pessoas e pouco mais. Hoje a abertura do país nesse domínio permitirá que as culturas imigrantes perdurem muito mais.

–A emigraçom açoriana e portuguesa aos EUA está a acabar ou diminuir?

–Já quase acabou, se bem que ainda haja alguma. Mas não chega a mil por ano. A situação nos Açores melhorou muito e ninguém está disposto a vir para os EUA passar pelas dificuldades encontradas pelos emigrantes, sobretudo nos primeiros anos. Até porque agora, nas zonas tradicionalmente procuradas pelos açorianos (Nova Inglaterra e Califórnia) há necesidade é de mão–de-obra altamente qualificada. Os emigrantes não têm mais as antigas fábricas para onde iam trabalhar logo no dia após a sua chegada. Essas fábricas pagavam bem e um emigrante em poucos anos conseguia um relativamente folgado nível de vida. Elas foram todas primeiro para o Sul dos EUA e depois para o Oriente. Por isso não existem aqui incentivos para a vinda das pessoas, mesmo que elas queiram sair, pois a nova sociedade portuguesa está a deixar uma franja de cidadãos num beco sem saída – sem emprego e com um salário mínimo excessivamente baixo para os custos de vida de hoje.

–Apesar da abertura do país, jornais em portugués e meio cultural luso, em geral, podem estar chamados mesmo a desaparecer, nesta geraçom, com o final da emigraçom? Qual é o vigor do português agora mesmo nos EUA?

–Ainda há semanas eu fiz uma comunicação a um congresso nos Açores dedicado à Imprensa Não-Diária respondendo a uma pergunta que me foi feita quase exactamente nesses termos. Disse o que parece óbvio a quem conhece os Estados Unidos. Quando desaparecer a comunidade de emigrantes luso-falante desaparecerá a sua imprensa. Foi assim com todos os outros grupos étnicos. Devo acrescentar que não se extinguirá a imprensa em português porque a imigração brasileira cresce em progressão quase geométrica (em grande parte ilegal, mas aos poucos vai-se regularizando, até pelos filhos que, por nascerem aqui, são americanos) e, a nível nacional, dentro de alguns anos, quando tiver um número de imigrantes devidamente legalizados, irá permitir que o português não só se mantenha como dê mesmo um salto. Neste momento nas universidades americanas o interesse pelo português está a crescer por causa do Brasil. É pouco ainda, mas em termos relativos é já significativo.

2POENOT92 20/12/07 13:54 Página 241

–Quais os motivos da tua própria travessia do Atlântico, na altura? Terra de oportunidades? Aventuras de "Nabogador"?

–A imigração dos Açores para os EUA vai em 200 anos de um lá-e-cá contínuo, se bem que muito mais para cá ficar do que para regressar. A minha avó nasceu na cidade onde vivo, Providence, numa rua a poucos quarteirões do local onde hoje tenho o meu gabinete na universidade. Foi muito jovem para os Açores com os pais. O meu avô paterno esteve três anos aqui na década de vinte. Tenho familiares que nasceram e morreram aqui. Fui o último da minha família a imigrar. A princípio vim apenas visitar a família. Eu já era grandote e estudava em Lisboa. À terceira visita, acabei ficando. Entrei na universidade e saiu-me o diploma de uma namorada logo no início das aulas.

–O teu doutoramento inscreve-se na área da Filosofia, assim como também parte da docência. Que há de filósofo no Onésimo? És essencialmente um indutivo na visom do mundo, como já te definiras?

–A minha formação académica é filosófica. Doutoramento na Brown. E os meus interesses filosóficos acompanharam-me e dominaram sempre toda a minha actividade. Não me entusiasmava uma carreira na filosofia analítica. Ela ensinou-me imenso como instrumento de trabalho, mas não me estimulavam os seus objectos de análise. Surgiu-me uma hipótese de ficar na Brown num então emergente Centro de Estudos Portugueses. Todavia, porque também não me imaginava confinado a essa area, tentei uma via intermédia e apliquei o meu treino filosófico na revisitação de temas da história intelectual e cultural lusófona. É aí que está o núcleo duro da minha escrita, se bem que, por estar demasiado dispersa por dezenas de publicações, sempre à espera de ser reunida em volumes, ela seja quase desconhecida dos leitores dessa minha outra escrita não-académica. No fundo, a temática de ambas é a mesma. A diferença está em que, quando conto estórias, procuro não fazer ensaios. É a diferença entre o dizer e o mostrar. As minhas narrativas revelam interesses filosóficos mas não são um tratado filosófico nem um ensaio. Na praia a gente anda é de calções.

–No território da literatura examinas o que escapa ao discurso empírico e racional?

–Exactamente. A literatura permite uma liberdade fabulosa que o rigor académico do discurso empírico e racional não comporta e quase sempre até exclui.

–As tuas diferentes modalidades de escrita servem para abordar as mesmas problemáticas de perspectivas diferentes?

–Há quase três décadas que lecciono uma cadeira interdisciplinar fundamentalmente de filosofia das

2POENOT92 19/12/07 14:17 Página 242

ciências sociais que tem fornecido todo o arcaboiço teórico dos meus interesses intelectuais. Aliás, criei eu mesmo o programa dessa cadeira em torno das questões que, terminado o doutoramento, me apaixonaram e ainda hoje me absorvem. Nas crónicas elas aparecem aqui e ali, mas quando nelas a teoria tenta esticar um pouquinho de mais o pescoço, a querer emergir, eu afogo-a.

Essa sua referência de há pouco ao empríco e ao indutivo tem a ver com a narrativa, digamos, literária. Procuro nela falar do mundo a partir da minha experiência (daí as estórias) e não preleccionar sobre ideias.

–Passas a vida a cruzar o Atlântico, que chamas «Rio» num dos teus livros, mas com escalas regulares nos Açores. Ainda te sentes em trânsito? Estás ainda dividido entre as duas margens?

–Eu estou em trânsito apenas físico. Cheguei hoje mesmo de Portugal (estou a responder-lhe a estas perguntas depois de nove horas em aviões porque você me deu um prazo impossível), a minha quinta ida à patria desde Janeiro. Confesso, no entanto, sentir-me tão em casa em Providence como nos Açores ou em Lisboa. Mental e afectivamente o meu país tem o seu centro nos Açores e uma fronteira alargada para as duas margens do rio que banha Portugal e a Costa Nordeste dos EUA. Mais uma vez, isso para mim nunca foi metáfora. Descrevi apenas o que me acontece. Já lhe disse que sou realista e não tenho grande imaginação.

–És consciente de ser o maior contribuinte para que esse Rio Atlântico nom afaste Portugal da América?

–Esse termo "contribuinte" só me faz lembrar a eterna chatice de ter que lidar com impostos nos dois lados. Aqui não tenho problema mas em Portugal pediram-me das Finanças em tempos um endereço local e dei o do meu sogro. Depois, passaram a cobrar-me impostos como se eu vivesse lá. Há anos que venho tentando resolver o problema. Sem sucesso, pois continuam a chegar-me mais contas e com juros cada vez mais altos, enviadas por computadores anónimos. Já esgotei todos os canais. Daqui a dias tenho material para um romance. Mas um dia ainda me levam ao tribunal acusado de fugir ao fisco. Acabarei na prisão a ler notícias das manigâncias da malta do "Apito Dourado", com ela a gozar cá fora. Livremente. Portanto não me fale em *contribuinte* que me dá voltas no estômago.

–O assunto da portugalidade vê-se melhor desde fora, desde a açorianidade ou até da margem americana?

–Creio que ela se enriquece vista também de fora. Como tudo na vida. A nossa visão de nos próprios fica enriquecida quando somos informa-

2POENOT92 19/12/07 14:17 Página 243

dos de como os outros nos vêem. Eles observam coisas que nos escapam. Mas também nunca terão acesso a tudo o que sobre nós sabemos.

É, aliás, muito longa a lista de gente que de fora olhou para o seu país com olhos diferentes. E Portugal está cheio de exemplos desses. Basta lembrar Eça. Se bem que *essa* seja evidentemente uma comparação demasiado presunçosa. Como são também as de José Rodrigues Miguéis, Jorge de Sena ou Eduardo Lourenço.

–Boa parte da tua obra ensaística refere-se à questão da identidade açoriana no contexto de Portugal. Tens algumha opiniom formada sobre a identidade da Galiza no contexto da Lusofonia?

–Tenho seguido à distância e não possuo conhecimento bastante para falar do assunto. A sensação que tenho, porém, é de que (e falo do contexto da lusofonia) o receio das complicações políticas com a Espanha (isto é, com Madrid), enfermam o processo. Vemos todos com bons olhos o reforçar-se contínuo da identidade galega, mas há um generalizado receio de envolvimento, dado o excesso de sensibilidade que carrega as relações entre Portugal e a Espanha. É como no caso do senador republicano daqui de Rhode Island que, na votação do congresso sobre a invasão do Iraque, votou contra. Habitualmente comportava-se como um democrata, mas quanto mais os democratas o aplaudiam mais os republicanos se irritavam. Ele acabou perdendo as eleições.

–Creio que já conheces a minúscula Galiza, física e mentalmente, e sei que estás atento às suas referências, inclusive aí na América. Dá para observar mudanças? Que parte conheces melhor?

–O meu conhecimento da Galiza é turístico e superficial. Viajei uma semana com a Leonor e os nossos filhos sobretudo pelas Rias Altas. Tivemos grande sorte com o tempo e ficámos verdadeiramente encantados com a paisagem. Era Julho e as cores divinais. O recorte da costa tem semelhanças com a do Maine, mas de tonalidades mais quentes. Até a frigidez das águas é parecida à daquele estado da Nova Inglaterra. Os rapazes viram uma praia vazia irresistível e mergulharam na água, mas logo nadaram assustados dporessa paar terra a tiritar de frio. A arquitectura e as pessoas, porém, fazem-nos sentir bem mais perto de Portugal.

Santiago conquistou-nos e já lá voltei depois mais uma semana, mas para um congresso, e por isso sempre sem despir o olhar de turista. Todavia gostámos (a Leonor e eu) ainda mais da cidade e apreciámos a sua capacidade de se maquilhar de moderna sem apagar no rosto os sinais da idade, que lhe dão tanto charme. Tudo o mais, só sei dos livros e pelo que me vão contando os meus galegos amigos. E como não gosto de falar de ouvido, prefiro calar-me.

2POENOT92 19/12/07 14:17 Página 244

–Para acabar voltando ao livro, existe nalgumha das peripécias (a do consulado dominicano e o visto, a da mesma Dolly, por exemplo), existe especial procura de ritmo cinematográfico? O Onésimo já escreveu para cinema?

–Não existiu essa preocupação. Em tempos, tive desejo de ser realizador de cinema, mas isso foi parvoíce, pois eu não teria jeito. O ritmo dessas narrativas é o mesmo da minha voz quando as faço ao vivo. Gosto de narrar sem ser chato, se bem que nem sempre o consiga. Creio que é mesmo o lema de tudo quanto escrevo, ficção ou ensaio, ou mesmo quando falo: Não sejas chato!

–Quanto aos textos explicativos que precedem as estórias: arrancam também do prazer de contar ou pretendem isolar o narratológico do contextual?

–O Eduardo Guerra Carneiro tinha um livro intitulado "Isto Anda Tudo Ligado". Funciono muito por associações. Uma palavra lembra-me uma anedota, uma frase lembra-me uma estória. Falo sempre numa espécie de hiper-texto e por isso tenho a tentação de, a propósito de tudo, divagar para assuntos relacionados, como quando lemos um hipertexto no computador e vamos clicando sobre palavras numa infindável série de caixinhas chinesas. Neste livro, procurei separar essas associações (que a crónica permite por natureza) retirando-as da narrativa propriamente dita. Saiu assim a ideia da sanduíche, a diferenciar entre o pão (a crónica) e o recheio (a estória).

–Finalmente, como explicas que o solene meio académico portuga, pessimista e gris, admita com tanta unanimidade um indivíduo como o Onésimo Teotónio de Almeida? Ou será precisamente por isso?

–Não sei se me admitem, se me toleram. Mas, como estou fora, não incomodo ninguém. Apareço de vez em quando, atiro umas larachas, não tenho de ocupar o espaço destinado a outrem, e por isso não custa serem simpáticos comigo porque estou-lá-e-já-saio.

Estou a ser demasiado brincalhão, pois na verdade tenho muitos bons amigos na sisuda universidade portuguesa. Mas nestes últimos tempos ela está a braços com enormes problemas e por isso não quero vir aqui bater ainda mais nela. Gostaria bem que se revigorasse de modo a que tantos e respeitáveis espíritos que ela tem no seu seio se não sentissem desanimados face à degradação que observam à sua volta sentindo-se quase sem condições para se reanimarem e darem à universidade o papel que ela deve ter na formação da juventude de um país.

–Obrigado

–Obrigado eu, costuma dizer-se. E aqui com muita mais razão.

2POENOT92 20/12/07 13:55 Página 245

notas

2POENOT92 20/12/07 13:55 Página 246

2POENOT92 19/12/07 14:17 Página 247

AGÁLIA nº 91-92 / 2º SEMESTRE (2007): 247 - 252 / ISSN 1130-3557

Documentos medievais galegos (5) (*)

José-Martinho Montero Santalha

(Universidade de Vigo)

O documento que a seguir apresento, datado em 1290, procede do mosteiro de freiras franciscanas de Santa Clara, de Santiago de Compostela[1].

O pergaminho original conserva-se no arquivo do convento de São Francisco, de Santiago, entre os documentos procedentes de Santa Clara[2]. É o documento 31 do "livro" 28 (embora na margem superior do pergaminho apareça a notação moderna "29 Nº 31"). Não se trata propriamente de um "livro" (que nos podia fazer pensar num cartulário de cópias tardias), mas de uma colecção de pergaminhos medievais, cosidos e encadernados. A signatura antiga era "leg. 2/40"[3].

(*) Da presente série de documentos galegos medievais publicaram-se anteriormente em *Agália* quatro entregas: a primeira nos núms. 69-70 (1º semestre de 2002), pp. 197-200 (documento procedente do mosteiro de Oia, de 8 de julho de 1253), a segunda nos núms. 75-76 (2º semestre de 2003), pp. 239-244 (documento procedente do mosteiro de Vila Nova de Lourençá, de 2 de janeiro de 1267), e a terceira nos núms. 83-84 (2º semestre de 2005), pp. 255-264 (documento procedente do mosteiro de Monfero, de 6 de março de 1289), e a quarta nos núms. 85-86 (1º semestre de 2006), pp. 231-235 (documento procedente do mosteiro de Montederramo, de junho de 1258).

1. No presente documento não há nenhuma referência explícita a Santa Clara; evidentemente, depois passaria ao arquivo do mosteiro por transmitir-se às freiras a propriedade aqui focada. Sobre a história do mosteiro em geral, fundado na segunda metade do século XIII, podem ver-se, entre outros, os seguintes trabalhos (que indico em ordem cronológica; incluem também referências ou citações de documentos medievais): Manuel de CASTRO (1977-1980): «Santa Clara de Santiago: Origen y vicisitudes», em: *Boletín de la Real Academia Gallega* (A Corunha) 32 (1977), núm. 359, pp. 207-231; 33 (1980), núm. 360, pp. 373-412; Manuel CASTRO Y CASTRO (1983): «El Real Monasterio de Santa Clara, de Santiago de Compostela», em: *Archivo Ibero-Americano* (Madrid) 43 (1983), núms. 169-170, pp. 3-62; VÁRIOS (1996): *El Real Monasterio de Santa Clara de Santiago: ocho siglos de claridad*, Santiago de Compostela 1996.

2. Informação geral sobre os arquivos de São Francisco e de Santa Clara, em: JIMÉNEZ GÓMEZ, Santiago (1973): *Guía para el estudio de la Edad Media gallega (1100-1480)*, Santiago de Compostela: Universidad de Santiago de Compostela (Secretariado de Publicaciones de la Universidad de Santiago, na série «Monografías de la Universidad de Santiago de Compostela», vol. 23) 1973, 168 pp.; pp. 112-113. [Obra excelente, que, apesar de ficar desactualizada nalguns pontos, segue sendo muito útil; mereceria uma reedição actualizada]. Um inventário esquemático dos mesmos arquivos, em: Ermelindo PORTELA SILVA / María del Carmen PALLARES MÉNDEZ (directores), *Inventario das fontes documentais da Galicia Medieval I*, Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega, 1988, 124 pp.; p. 59. [Veja-se a recensão desta obra por Eleutino ÁLVAREZ ÁLVAREZ, em *Estudios Mindonienses* (Ferrol) 5 (1989), pp. 879-880].

3. Em particular, sobre a documentação medieval do mosteiro de Santa Clara (cito igualmente em ordem cronológica): María Gloria EIJÁN MOYANO (1969): *Monasterio de Santa Clara de Santiago de Compostela*, Santiago: Universidad de Santiago de Compostela (Facultad de Filosofía y Letras) 1969 [Tese de licenciatura inédita. Edita também, com bastante correcção, o presente documento: doc. 104, pp. 227-228]; José VIADER SERRA (1975): *El archivo del monasterio de Santa Clara de Santiago. Estudio diplomático de su documentación durante el siglo XV*, Santiago 1975 [Tese de licenciatura inédita]; Clara RODRÍGUEZ NÚÑEZ (1993): «La colección documental de Santa Clara de Santiago (1196 a 1500)», *Liceo Franciscano* (Santiago de Compostela) 45 (2ª época), núm. 136-138 (janeiro - dezembro 1993), 408 pp.

2POENOT92 19/12/07 14:17 Página 248

5) 1290, abril, 22 (Melide)

Maria Viviãez de Maaros e o seu filho Rui Fernández vendem a Martim Fernández de Artonho e a Maria Núnez quanta herdade Maria Viviãez possuía (ganhada do seu defunto marido Pedro Aras e de um filho que dele lhe ficara, a qual herdade correspondia à metade do que ali possuíra Marinha Suárez, mãe do dito Pedro Aras) no lugar de Meixide e em toda a freguesia de São Cristóvão de Borrageiros, salvo o igrejário, por 310 maravedis.

a) Edição paleográfica

\1 Jn nome · de · đs · Amẽ · Sub · ERa · Mª · CCCª · xxª · Viijª τ ·
\2 qºt · xxij dias · da bⁱl Andados · Eu · Maria · uiuiãz · de
\3 Maaros · ₉meu · ffilo · Ruý ffrñ · de bõ curaçõ τ de boa uoõ
\4 tade · por nos τ por toda nossa uoz por sẽpre · Vẽdem⁹
\5 τ ffirme outorgam⁹ · Auos · Martĩ ffrñ dartono τ A Mª · n
\6 unez · qªta · hdade eu · Maria · Viuiãz gaaneý de meu ·
\7 Marido · pedro · Aras · dun · ffilo · q̃ me del fficou · Ap⁹ sa
\8 Morte τ est · Amedia · da q̃ ẽde hý · ouuo · Mⁿª · suarez · M
\9 adre do dło · pedro · Aras · cũ casas τ ₉ entradas τ seý
\10 das · Amõtes τ Affontes · j̃ meýxide τ j̃ todala ffleg^isia
\11 de sã · x^istouao · de borraleýros · seýnte oecłiario · Vẽdem⁹
\12 uos · asý coḿo dło he · por trezẽtos τ dez moŕ dAlffõ
\13 sijs · qªl · p̃ço de uos reçebem⁹ τ q̃ nos outorgam⁹ por ·
\14 bẽ pagados · seia · Maldito · q̃n uos nũca · sobrela · ₉ªriar
\15 τ pᶜte uos · por pea Auos τ Aq̃n ueer j̃ uossa uoz ·
\16 o p̃ço dobrado τ uala · Acarta j̃ ffirme reuor pa ·
\17 sẽpre τ nos · outorgam⁹ · de uos Anpar p nos τ p
\18 todas nossas boas · · ÷ · – — · ÷ · – — ·÷··
\19 Testes · pedro · mrł · Alcaýde de milide τ pº · eanes
\20 Joýz τ M^l · pez · cłigo de sã · pº · de · milide τ domĩgo
\21 domĩg̃z · ḿcador · Joã gordo caualeýro de sã çibrao
\22 τ Joã · mrł · ḿcador de sãtiago τ pº · reýmũdez · scu
\23 deýro τ outros q̃o uiŕ τ oýŕ ·
\24 Eu pedro domĩg̃z noł Jurado do Cũ [*Signo notarial*]
\25 çelo de Milide p̃sẽte foý · τ de meu
\26 Mãdado sc^iuiu meu filo · Domigo · pez
\27 τ Eu sobresc^iuj · τ ₉ff' τ meu sinal
\28 fiz hý jn testemõýo
\29 Eu · dº · pez · p Mãdado · de pº · domĩg̃z · sc^iuj ·

2POENOT92 19/12/07 14:17 Página 249

b) Edição filológica

\1 Em nome de Deus. Amém.

Sub era Mª CCCª XXª VIIIª [= *millesima trecentesima vigesima octava*] e \2 *quot* XXII dias d' abril andados.

Eu Maria Viviãez de \3 Maaros, com meu filho Rui Fernández, de bom coraçom e de boa voon- \4 -tade, por nós e por toda nossa voz por sempre vendemos \5 e firme[mente] outorgamos a vós Martim Fernández d' Artonho e a Maria N- \6 únez quanta herdade eu Maria Viviãez gaanhei de meu \7 marido Pedro Aras, dum filho que me del ficou após sa \8 morte (e ést' a média da que ende i houvo Marinha Suárez, m- \9 adre do dito Pedro Aras), com casas e com entradas e seí- \10 das, a montes e a fontes, em Meixide e em toda-la flegrisia \11 de Sam Cristóvao de Borra[g]eiros, seinte o egrejário: vendemos- \12 -vos assi como dito é por trezentos e dez moravediis d' alfon- \13 siis, qual preço de vós recebemos e que nos outorgamos por \14 bem pagados.

Seja maldito quem vos nunca sobr' ela contrariar, \15 e peite-vos por pea, a vós e a quem veer em vossa voz, \16 o preço dobrado; e valha a carta em firme revor pera \17 sempre. E nós outorgamos de vos amparar per nós e per \18 todas nossas boas.

\19 *Testes*: Pedro Martïiz, alcaide de Milide, e Pedro Eanes, \20 joiz, e Martim Pêrez, clérigo de Sam Pedro de Milide, e Domingo \21 Domínguez, mercador; Joám Gordo, cavaleiro de Sancibrao, \22 e Joám Martïiz, mercador de Santiago, e Pedro Reimúndez, 'scu- \23 deiro, e outros que o virom e oírom.

\24 Eu Pedro Domínguez, notário jurado do con- \25 celho de Milide, presente foi, e de meu \26 mandado 'scriviu meu filho Domingo Pêrez; \27 e eu sobrescrivi, e confirmo, e meu sinal \28 fiz i em testemonho.

\29 Eu Domingo Pêrez, per mandado de Pedro Domínguez 'scrivi.

c) Comentários

Este documento, apesar de proceder do fundo arquivístico do mosteiro de Santa Clara, de Santiago, e de conservar-se ainda hoje no arquivo compostelano de São Francisco, segundo se deduz do próprio texto não deveu de ser redigido na zona de Santiago mas em Melide, no centro da Galiza, pois daí procedem tanto o notário que o ditou ("Pedro

2POENOT92 19/12/07 14:17 Página 250

Domínguez, notário jurado do concelho de Milide", e seguramente também o amanuense que o escreveu, o seu filho Domingo Pêrez) como a maioria das testemunhas presentes (entre as quais se encontram o alcaide, o juiz e um clérigo de Melide: "Pedro Martïiz, alcaide de Milide, e Pedro Eanes, joiz, e Martim Pêrez, clérigo de Sam Pedro de Milide")[4].

O texto portanto deverá reflectir a língua da área de Melide. Mas há que advertir que não oferece particularidades locais ou comarcais notáveis que a distingam do que devia de ser na altura o português comum à maioria do território de língua portuguesa, tanto na Galiza como em Portugal.

O documento aparece escrito por duas mãos diferentes. Como se pode ver pelo conteúdo das linhas finais do documento (linhas 24-29), o amanuense fundamental foi Domingo Pêrez, que escrevia por mandado de seu pai Pedro Domínguez, notário de Melide. Somente as linhas 24-28 apresentam letra diferente: pelo que na mesma passagem se diz, sabemos que são da mão do próprio notário Pedro Domínguez, que, depois de ditar o texto ao seu filho, escreveu esse trecho. A linha final do documento (linha 29) volta a ser da mesma mão que escreveu todo o corpo do texto (linhas 1-23), isto é, do filho Domingo Pêrez, como nessa mesma linha se adverte.

Linhas 1-2. Como se vê, parte da data aparece ainda em latim, o que era frequente nos documentos mais antigos.

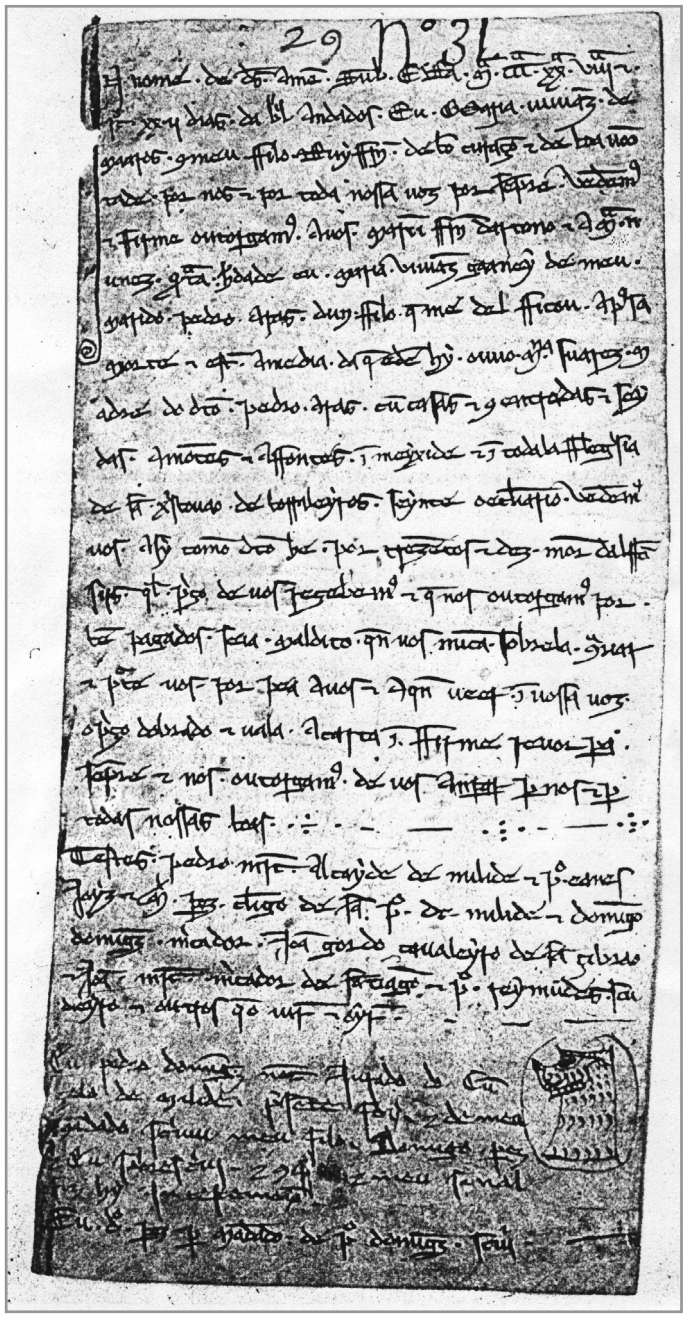
Linha 5. *firme[mente]*: no manuscrito aparece unicamente *firme*, mas deve de ser lapso do amanuense.

"Martim Fernández d' Artonho": *Artonho* é freguesia (que tem como advocação Santa Eulália) do concelho de Agolada (na actual província de Pontevedra); é também o nome de um lugar da freguesia (e esse lugar seria o que deu origem à denominação de toda a freguesia, como tantas vezes aconteceu).

Linhas 10-11. "em Meixide e em toda-la flegrisia de Sam Cristóvao de Borra[g]eiros". Efectivamente, *Meixide* é ainda hoje lugar da freguesia de Borrageiros (que tem como advocação São Cristóvão), no mesmo concelho de Agolada.

4. Aparece também entre as testemunhas "Joám Gordo, cavaleiro de Sancibrao", que deve de ser da mesma zona: *Sancibrao* é uma das freguesias que conformam o actual concelho de Melide. Podemos concluir que outras testemunhas que se citam no documento sem indicar a sua procedência geográfica ("Domingo Domínguez, mercador", "Pedro Reimúndez, 'scudeiro") deviam de ser igualmente da zona de Melide; esta suposição vê-se confirmada pelo facto de que outra testemunha é "Joám Martïiz, mercador de Santiago": neste caso, a explícita indicação "de Santiago" (que parece óbvio devemos subentender como "Santiago de Compostela") supõe que esta personagem é forânea.

2POENOT92 19/12/07 14:17 Página 251



2POENOT92 19/12/07 14:17 Página 252

No que se refere ao nome da freguesia, o amanuense Domingo Pêrez escreveu *borraleyros* (com *y* com ponto por cima, como costuma), que deveríamos interpretar como *Borralheiros*. Hoje esta freguesia chama-se *Borrageiros* (que na normativa gráfica isolacionista se escreve, como habitualmente, com *x* em vez de *g*: *Borraxeiros*).

À primeira vista, observando a grafia deste documento, poderia pensar-se que a pronúncia actual *Borrageiros* fosse uma pseudo-castelhanização de uma forma originária *Borralheiros* (que seria a usada por Domingo Pêrez no documento). De facto existem vários topónimos procedentes da raiz *borralh-*, começando por um *Borralheiros* (lugar da freguesia de Vieiro [que mais correctamente se grafaria *Veeiro*], no concelho de Viveiro, da província de Lugo), e ademais *A Borralha, A Borralhada, As Borralhas, O Borralheiro, Borralhinhos*. Nessa hipótese ter-se-ia seguido no uso popular um processo de castelhanização do topónimo tomando como critério a frequente equivalência entre português *lh* e castelhano *g, j* (por exemplo: port. *filho = hijo, mulher = mujer, abelha = abeja, espelho = espejo*).

Mas não é isso: *Borrageiros* é a forma correcta, pois noutros documentos da mesma época e da mesma zona aparece repetidamente com grafias que correspondem à forma *Borrageiros* (por exemplo, *Borraieyros*: assim na mesma documentação de Santa Clara em documentos dos anos 1287 e, por duas vezes, em 1291). Devemos concluir, portanto, que neste caso houve erro do amanuense, explicável talvez por tratar-se de um topónimo algo afastado de Melide, que ele identificaria erradamente com a citada raiz *borralh-*. No caso de *Borrageiros* é outra a raiz que está na origem, que inclui também vários topónimos: ademais doutros *Borrageiros*, existem *A Borrageira, O Borrageiro, Borrajas* e *Borrajos*. Todos procedem de *borragem* s. f. 'planta herbácea', de etimologia discutida, provavelmente do lat. tardio *BURRAGINEM, acusat. de BURRAGO / *BURRAGINIS s. f. (derivado do lat. tardio BURRA / BURRAE s. f. 'lã grosseira', por meio do sufixo -AGO / -AGINIS, frequente na formação de nomes de plantas herbáceas), em referência à pelugem que cobre as suas folhas.

Linha 21. Como se indicou antes, *Sancibrao* é freguesia (hoje com a advocação de São João) do concelho de Melide (e também um dos lugares que a constituem).

2POENOT92 19/12/07 14:17 Página 253

AGÁLIA nº 91-92 / 2º SEMESTRE (2007): 253 - 258 / ISSN 1130-3557

Um exemplo de posmodernismo minimalista

IvoneFerreira

(Porto)

La salle de Bain, de Jean Philippe Toussaint, é a primeira narrativa deste escritor belga, publicada em 1985. Num aditamento do próprio Toussain à obra, na edição que tenho em mãos (Les Editions Minuit, Paris, 2005), informa-nos que o manuscrito de *La Salle de Bain*, tinha sido recusado por todas as editoras de Paris, a que o tinha apresentado. Enfim, depois de um tempo de espera nas Editions Minuit, foi descoberto 'por acaso', por Jerôme Landon que se interessou por ele, deixando o autor em alvoroço.

A recusa de muitos, a longa espera e ainda mais o facto de ter sido descoberta por acaso é muito interessante, porquanto a obra é depois traduzida para vinte e cinco línguas e posta em cinema por John Lvoff. A versão cinematográfica não surpreende dadas as características desta narrativa. Disso falarei adiante.

Na contra-capa da citada edição, podemos ler um excerto do comentário de Jacques-Pierre Amette, em *Le Point* de Setembro de 1985, que se refere ao autor como "inclassificável e perfeito". Mas numa tentativa de "classificação", afirma " não se tratar de crónica ou romance, mas duma história picaresca, versão compacto, um bric-à-brac de emoções.... uma espécie de milagre que se sustenta no **tom** e não na **história.** Encontra no livro um "encanto ácido, constantemente humorístico...".

Passados que foram já mais de vinte anos, há já uma perspectiva de distanciamento considerável que nos permite a sua integração num movimento estético que começa, *grosso modo*, nos primeiros anos da década de setenta, convencionalmente chamada pós-modernidade em geral, enquanto teoria social, histórica e filosófica e pós-modernismo enquanto movimento em campos específicos da Arte.

Gostaria de reter a ideia de Amiette de que o **tom** é o essencial nesta "história picaresca". Recuando um pouco no tempo, encontramos Almada Negreiros, nos alvores do séc. XX, a falar de modernidade, afirmando, no seu estilo assertivo, que "aquela" a dos seus contemporâneos modernistas, era a última: "Agora é a última modernidade. Mais nenhuma haverá. Mais

2POENOT92 19/12/07 14:17 Página 254

nenhuma". Esquecia-se, porém, do contínuo rolar do tempo e, enquanto este conceito é enformado por um optimismo frente a um futuro que estilhaçaria todo o marasmo estético anterior, a pós-modernidade deixa entrever uma desconfiança, ou, pelo menos, um desconforto em relação a um futuro que não se mostra luminoso, depois da fugaz euforia do pós-guerra e, consequentemente, cria uma forma nova de relacionamento com o mundo.

E é, precisamente esta nova forma de relacionamento em que se substitui o "nós" pelo "eu", em que se evita o social e se elege o isolamento, que gera uma sociedade que procura um refúgio no "seu mundo", em que a privacidade pode ser levada ao limite, como no caso vertente da narrativa em causa, em que o espaço pessoal se circunscreve ao quarto de banho, o único em que ela vai ser possível.

Jean-François Lyotard em *Condição pós-moderna* (1979), procura conceptualizar o movimento pós-modernista sem, no entanto, o teorizar.

Circunscrevendo-nos ao texto de *La Salle de Bain*, veremos se é legítima a sua inserção no pós-modernismo, a partir da atitude da personagem e consequente ambiente psicológico, e do próprio espaço físico central. É muito elucidativo, a referência que o protagonista faz a Mondrian, subtilmente simbolizado num gelado de chocolate: "Je voyais dans ce melange [gelado de baunilha e chocolate quente] un aperçu de perfection. Un Mondrian. Consistance et fluidité. Déséquilibre et rigueur, exactitude". Não é, a única, nem por certo, inocente esta alusão, quer pelas características da iguaria – a perfeição da arte do pintor – quer pelo facto de Mondrian, numa fase da sua vida a partir de 1921, se ter afastado da vida social e se ter refugiado no seu "atelier", afirmando muitas vezes que: "a nova vida se encontrava no espaço livre que a razão e o pensamento abrem" e que "a vida é pura actividade interior e o seu reflexo é abstracto". Estas afirmações remetem-nos para as suas telas, em que os centros são preferentemente brancos, empurrando as superfícies coloridas para as margens, no que é nítido a sua concepção de que "a emoção deriva da estrutura e da organização do conjunto".

Outro ponto de contacto é a opção pelas formas geométricas lineares. Bastará pensar na epígrafe da narrativa – o Teorema de Pitágoras. Há aqui, no entanto, um aparente desvio: Mondrian estrutura as suas composições sobre duas perpendiculares como símbolo da verticalidade do Homem e da horizontalidade da terra, implicitando um valor metafísico. A estrutura de *La Salle de Bain* é um triângulo a que está subjacente, não explícita mas implicitamente, uma circunferência inscrita, que transforma uma triangularidade de forma numa

2POENOT92 19/12/07 14:17 Página 255

circularidade de conteúdo. O elemento geométrico que cria o triângulo é a hipotenusa. Mas também não é ela que vai repor a verticalidade?

Na vertente da expressão, a narrativa corresponde, e este ponto parece não oferecer dúvidas, às características concernentes ao minimalismo. Como é sabido, esta corrente surge como reacção ao expressionismo abstracto do campo das artes, estende-se à literatura e caracteriza-se, neste campo específico da narrativa, por restringir ao mínimo os elementos da composição, logo, pela pequena dimensão, pela economia de vocabulário, pela sobriedade das descrições orientadas para a objectividade, o que as aproxima duma linguagem cinematográfica. Ousaria afirmar que se aproxima do grau zero da escrita, não no sentido Barthesiano, mas no sentido da expressão cénica. Esta linha minimalista, de resto, é perfeitamente consentânea com as opções da época, seja do ponto de vista intrínseco – aparente linearidade duma vivência frustrada (a euforia hippie tinha-se desvanecido) seja do ponto de vista extrínseco – dirigido a uma sociedade "sem tempo nem paciência" que prefere o cinema à leitura de grandes análises psicológicas. E isto não surpreenderá se pensarmos que é o grande momento de viragem na expressão dramática cinematográfica e que culmina uma já longa experimentação no campo da fotografia.

E, no entanto, a narrativa fascina exactamente pelo amargo retrato psicológico secretamente escondido pela aparente futilidade da intriga. A afirmação de Roger Morris "**A simplicidade da forma não é necessariamente simplicidade de experiência**" (N. York –1964), parece-me uma boa expressão deste novo conceito de arte ".

Porquê minimalista? Trata-se duma estrutura de contornos geométricos – um triângulo para o qual é chamada a nossa atenção logo na epígrafe "O quadrado da hipotenusa é igual à soma do quadrado dos catetos". Há, assim, uma triangularidade estrutural, que se reflecte nos macro-espaços e nos tempos, mas, e como já foi sugerido acima, não corresponde ao conteúdo semântico da narrativa.

A matéria da história é, aparentemente, prosaica no que respeita à acção, aos objectos, às conversas, num espaço acrónico.

No que se refere à técnica da construção narrativa – a enunciação – *La Salle de Bain* é uma história curta, que restringe ao mínimo os elementos da sua composição tripartida; é económica em termos de vocabulário, que pode mesmo ser considerado pobre; é económica em termos de elementos cénicos; em personagens que não excedem nem em número, nem em diálogo.

2POENOT92 19/12/07 14:17 Página 256

A narração é feita em primeira pessoa, numa técnica de autoficção através de frases curtas e lineares, em que abundam os advérbios de modo sempre anunciando lentidão porque não há razão para correr vãmente. É de sublinhar, que esta linearidade não nigligencia a perfeição linguística, quase académica.

A descrição das situações e dos objectos é feita com um olho cinematográfico: a "câmara" fixa-se nos elementos objectivos seleccionados funcionalmente, mas num tempo semântico da pintura, o que obriga a uma meta-interpretação.

Subjacente a todo o discurso narrativo, desenvolve-se uma subtil ironia, em que são aproveitados termos aparentemente vulgares e inócuos, mas com uma conotação bem descodificável no grupo socio-cultural que é o destinatário. Dois simples exemplos: o convite para uma recepção, em que a personagem se irá encontrar com diplomatas na embaixada de *Autriche* (tricher – enganar) e no momento discursivo imediato a palavra *Salade* (confusão depreciativa), só aparentemente fora de contexto. Não menos irónica é alusão aos Pensamentos de Pascal *em inglês numa edição de bolso* e cúmulo da zombaria "traînait sur une table de bar".

Quanto aos espaços eles são reduzidos ao mínimo, bem como a sua decoração quase inexistente. O macro-espaço é tripartido geograficamente, sem que a distância ou a diferença cultural altere o comportamento do protagonista. O núcleo espacial obsessivo é a **Casa de banho**, sobretudo a **Banheira**, lugar, por excelência para estar só (funciona como uma cripta) "Je coulais là des heures agréables, méditant". Há, porém, três outros elementos, neste espaço, que não são dispiciendos. São eles o espelho, em que atentamente a personagem vigia o rosto "Je surveillais la surface de mon visage dans un miroir de poche et, parallèlement, les déplacements de l'aiguille de ma montre". E mais adiante "Debout en face du miroir, je regardais mon visage avec attention. J'avais enlevé ma montre, qui reposait en face de moi sur la tablette du lavabo…. À chaque tour, une minute s'écoulait. C'était lent et agréable". Em qualquer dos momentos a personagem olha atentamente o relógio onde os minutos escorrem...

O terceiro elemento deste espaço é a parede degradada em face da qual a personagem se posiciona. "Le mur qui me faisait face, parsemé de grumeaux, présentait des craquelures…une fissure semblait gagner du terrain. Pendant des heures je guettais ses extrémités, essayant vainement de surprendre un progrès".

Em oposição a esta parede que a esconde e lhe esconde o exterior e a vida quotidiana que aí se desenvolve, no parágrafo 26, a personagem

2POENOT92 19/12/07 14:17 Página 257

imobiliza-se diante duma janela num dia chuvoso, observando os transeuntes "apressados". J'approchai mon visage de la fenêtre et, les yeux collés contre le verre, j'eus l'impression que tous ces gens se trouvaient dans un aquarium. Peut-être auront-ils peur?» e mais adiante, no parágrafo seguinte, "C'est moi qui, devant ma fenêtre, par une confusion qui justifiait la crainte que m'avaient inspirée les divers mouvements…alors que s'était l'écoulement du temps, une fois de plus, qui m'avait horrifié".

E, subtilmente vai aparecendo uma linha de ligação: espelho / relógio / vidraça / movimento / imobilidade / fugir inexorável do tempo / medo.

O espaço psicológico é emoldurado pelo tempo climático – chuva ou névoa, mas sempre o tom sombrio, regularidade só interrompida pela chegada da namorada a Veneza.

As personagens são poucas – namorada, polacos, barman, médico e sua família, casal francês. Aparentemente, só o narrador, autoficcionado, tem importância, cabendo às outras a função de catalisadores. Elas são, porém, o veículo inteligente dum quadro social depreciado, sendo as mais evidentes o casal francês que lhe impõe a presença de Paris, através do seu discurso pseudo-intelectual, e os polacos, pintores de arte, destacados, numa atitude de superioridade frente ao estrangeiro mais pobre, para pintar a cozinha. É interessante verificar que o nome Edmondsson é um nome de tonalidade nórdica e não francesa, certamente não por acaso.

Por fim, a acção ou anti-acção – uma descrição aparentemente "nonchalante" e inócua duma realidade exterior como "flâneur immobile", mas muito mais uma descrição reflexiva da sua ocupação ou desocupação em que o tempo *escorre* lenta mas fatalmente, trazendo-nos inevitavelmente, a imagem dos "relógios moles" da célebre *Persistance de la Mémoire* de Dalí.

"Debout devant la fenêtre….avec mon doigt je faisais des dessins sur le carreau, traçais des lignes dans la buée, des courbes interminables dehors" Todo o parágrafo seguinte é ocupado com a exposição das formas de seguir as gotas da chuva . Esta passividade, porém, termina com uma frase denunciadora: "...le mouvement tend essentiellement vers l'immobilité et entrâine continûment les corps ver la mort qui est l'immobilitée".

2POENOT92 19/12/07 14:17 Página 258

Desta abordagem, ainda que muito lacunar, podemos concluir pela inclusão desta narrativa no movimento estético da pós-modernidade, quanto ao subtexto que encerra, e na estética minimalista quanto à sua construção.

Quanto ao primeiro, verifica-se que há nitidamente uma busca de isolamento; um forte egotismo; uma atitude de imobilidade, fruto de um desencanto frente a uma realidade e uma sociedade desinteressantes. É notório o facto de se considerar investigador de Sociologia e não de História.

As referências simbólicas como a banheira que funciona como um refúgio de privacidade e nos remete para água e útero, espaço por excelência de protecção, ou o gelado "La Dame Blanche" que conecta com Mondrian, em Paris, e depois em Veneza explicitando melhor uma *materialização* da sua própria postura menos de calma do que de angústia: "Je regardais la dame blanche fondre devant moi....imperceptiblement la vanille sous la nappe de chocolat brûlant. Je regardais la boule….qui ruisselait lentement… Je regardais le mouvement immobile, les yeus fixés sous la soucoupe. Je ne bougeais pas. Les mains figées sur la table, j'essayais de toutes mes forces garder l'immobilité, de la retenir, mais je sentais bien que sur mon corps aussi, le mouvement s'écoulait".

A esta exposição dum estado alma perturbado que o derreter do gelado simboliza, junta-se outro elemento relevante que reitera o símbolo anterior: o relógio. Este objecto está sempre presente como marcador dum tempo que se escoa.

Finalmente a geometrialidade, apontada na epígrafe, também permite a inserção da narrativa no pós-modernismo.

Este último elemento é um elo de ligação para a classificação de minimalismo que se pretende para a construção da narrativa cujas características foram sendo apontadas ao longo deste comentário.

Surpreendentemente, os últimos parágrafos são um verdadeiro volteface que inverte completamente o sentido da narrativa. A personagem deixa de ser "un reclus de la baignoire", e muda a sua atitude de passividade para uma atitude activa, mesmo a contragosto "Les yeux baissés, en caressant l'émail de la baignoire". O último parágrafo destrói todo o tom niilista da narrativa. Uma só frase sintetiza o abandono duma "quiétude abstraite" e a submissão a uma vida concreta e "normal": *Je devais prendre un risque....*

"Le lendemain, je sortais de la salle de bain."

2POENOT92 19/12/07 14:17 Página 259

AGÁLIA nº 91-92 / 2º SEMESTRE (2007): 259 - 266 / ISSN 1130-3557

Manifesto da *Nova Águia*, Revista de Cultura para o século XXI

Direcção da Nova Águia

(Paulo Borges, Celeste Natário e Renato Epifânio)

"O futuro de Portugal [...] é sermos tudo"
– Fernando Pessoa

1. **Recriar uma revista e um movimento de transformação das mentalidades e das vidas** - A revista *Nova Águia* pretende recriar no presente o espírito da revista *A Águia*, órgão do movimento da Renascença Portuguesa, enquanto aglutinador de algumas das mais notáveis figuras da nossa cultura e impulsionador de um fecundo debate de ideias de que resultaram, pela própria divergência, alguns dos mais importantes movimentos culturais do século XX em Portugal, como os que se expressaram nas revistas *Orpheu* e *Seara Nova*. A *Nova Águia* pretende continuar e recriar, adaptado à contemporaneidade, o melhor desses e de outros movimentos, contribuindo para uma transformação profunda das mentalidades e das vidas.

2. **A profunda crise de Portugal e a aspiração a algo de novo** - Tal como no início do século XX, sente-se que Portugal atravessa no presente uma profunda *crise*, a todos os níveis, com tudo o que a palavra implica de *risco* e *oportunidad*e simultâneos. Agudiza-se hoje de novo, como escreveu Raul Proença num dos manifestos da "Renascença Portuguesa", uma "atmosfera" composta de "um sentimento de mal-estar" e de "um desejo de *alguma coisa*" indefinida, "que nos incite, que nos impulsione, que nos una, que nos salve". Sente-se haver, na nação e na nossa tradição cultural, imensas virtualidades criadoras que desde há muito não são assumidas nos rumos dominantes da nossa vida institucional e pública, cada vez mais condicionados pela busca de soluções meramente materiais, económicas e tecnológicas – que em si mesmas são insuficientes e se têm revelado decepcionantes – e por uma crescente anestesia e massificação das consciências, abandonadas ao consumismo, à publicidade e às distracções mais grosseiras, para que não sintam a alienação e o vazio das suas vidas. Quanto mais se pretende ocultar isso, com novas políticas de fachada, mais se sente vivermos num país onde nada se discute de importante, incluindo o sentido a dar à

2POENOT92 19/12/07 14:17 Página 260

nossa existência colectiva. Sente-se que o verdadeiro problema nacional é um problema de atitude e de mentalidade e haver qualquer coisa de vital em nós que não se conforma ao paradigma produtivista-consumista da globalização civilizacional que domina e devasta o planeta. Sente-se haver uma diferença que aspira a manifestar-se e a ganhar voz. A saudade de um *não sei quê* ainda desconhecido, vago e nebuloso, como diria Pascoaes, mas que aponta a um futuro diverso daquele que nos querem impor. Talvez a saudade de nós mesmos, o pressentimento de tudo o que podemos ser e a dor do pouco ou nada que vamos sendo.

3. **Morte e refundação de Portugal** - Portugal vive um período de morte, que pode ser ou não de ressurreição. O nosso finisterra é hoje um novo *Finis Patriae*, como na visão de Guerra Junqueiro. O enfeudamento do estado português aos grandes poderes políticos, económico-financeiros e culturais mundiais dissolve-nos efectivamente noutras áreas de influência e soberania, preservando-nos apenas uma independência formal, para logro dos ingénuos.

Esta morte é também a da evidente indiferença, descrença e desorientação a respeito do sentido e destino da nação, mais visivelmente traduzido no alheamento e descrédito da grande maioria dos portugueses em relação à classe política, que faz com que a abstenção seja enorme, as eleições ganhas e os governantes eleitos por maiorias francamente minoritárias em relação à totalidade da população, o que não deixa de questionar a sua legitimidade real. Há um fosso crescente entre os cidadãos e os seus supostos representantes, entre governantes que parecem apenas perseguir objectivos pessoais de poder, ou ser meros gestores e funcionários do sistema, e as nossas legítimas aspirações a termos nos postos de decisão pessoas realmente empenhadas no bem comum e com ideias de rumos mais dignificantes a dar à nossa vida colectiva.

Depende de todos nós que esta situação se altere. Portugal necessita de um grande desafio colectivo, que assegure o sentimento de solidariedade cívica sem o qual uma nação não pode existir e que não pode reduzir-se aos entusiasmos fugazes da expectativa de proezas futebolísticas. Há que refundar Portugal, "baralhar e dar de novo", como dizia Agostinho da Silva.

4. **O sentido de Portugal como busca de uma fraterna comunidade humana e vital, alternativa ao esgotamento da civilização dominante** - Portugal, enquanto pátria, é não só o conjunto dos que no seu território nascem, vivem e a sua organização sócio-política, mas também a energia viva dos mitos, símbolos, ideias, valores, vivências, inquietações e aspirações que, na cultura popular e erudita, se plasmam numa língua e

2POENOT92 19/12/07 14:17 Página 261

nos configuram uma identidade cultural dinâmica com um sentido espiritual, ético e existencial e uma vocação histórica. Portugal enquanto pátria transcende a nação espácio-temporal e contribui para o movimento da consciência humana para a universalidade. Sobretudo a partir do momento em que, com o abandono da terra-mãe e o descentramento para o mundo, a nossa própria identidade começou a ser vivida e pensada como busca de uma fraterna comunidade universal, multicultural e multireligiosa, fundada num sentido trans-dogmático e ecuménico do divino ou do absoluto, onde o homem se emancipe material e espiritualmente e aceda a uma vida plena sobre a terra, conforme o culto popular do Espírito Santo, Luís de Camões, Padre António Vieira, Fernando Pessoa e sobretudo Agostinho da Silva o expressaram nas metáforas da Ilha dos Amores, do Quinto Império e do Império do Espírito Santo.

A isto há que juntar a aspiração a uma mais ampla fraternidade vital, que subordine o antropocentrismo ao amor e compaixão por todos os seres sensíveis, como emerge na ética cósmica de Antero de Quental, Sampaio Bruno, Guerra Junqueiro, Teixeira de Pascoaes, José Marinho e Agostinho da Silva, que anteciparam em mais de um século a consciência ecológica e holística que hoje se impõe como condição de sobrevivência da própria humanidade.

Dado que a nossa maior singularidade é precisamente este desejo de infinito e totalidade, o nosso futuro, como proclamou Pessoa, não pode ser menos do que "Ser tudo, de todas as maneiras […] !". Assim, como viu Agostinho da Silva, "Portugal passa a ser não propriamente um determinado país, […] mas sim uma ideia a difundir pelo mundo". A ideia de realizar todas as possibilidades fundamentais do ser humano e viver a irmandade cósmica. O que é uma notável alternativa ao esgotamento de uma civilização em que a maioria dos seres humanos cada vez mais se reduzem à egocêntrica ganância do poder, da riqueza, da fama e do prazer, a sobreviver como escravos produtores e consumidores de coisas fúteis e a bélicos predadores de si mesmos, dos seres vivos e do planeta, numa nítida decadência das faculdades superiores, como a sabedoria, a bondade, a sensibilidade e a criatividade.

5. **As virtualidades e o universalismo da comunidade lusófona** - A comunidade lusófona é o fruto mais imediato e concreto, em termos histórico-culturais, deste impulso português para a universalidade. Portugal não pode ser pensado fora da grande comunidade dos cerca de 240 milhões de falantes, em todo o mundo, da língua que tem vindo a plasmar e a ser plasmada pelas culturas vivas que nela pensam, sentem

2POENOT92 19/12/07 14:17 Página 262

e falam e que resultam daquele ímpeto para abraçar o mundo, irredutível às motivações imperialistas – bélicas, políticas, económicas e religiosas –, que no passado o acompanharam e perverteram e de que hoje nos queremos livres. Desde a Galiza a Timor, passando pelo Brasil, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Guiné, Angola, Moçambique, Goa, Damão, Diu, Macau e todos os lugares onde se fala o português e se prezam os valores lusófonos, há uma comunidade vital irmanada pela língua, pela cultura e pela história que, apesar das suas dificuldades materiais e sociais, mas também por estar à margem dos grandes poderes do mundo, encerra em si virtualidades criadoras, e tão alternativas como necessárias aos rumos dominantes de um mundo em crise, como a vocação para a convivência harmoniosa com todos os diferentes povos, culturas e religiões, expressão ainda do que Jaime Cortesão designou como o nosso "humanismo universalista".

6. **Promover as ideias e valores da cultura portuguesa e lusófona como contributo para uma outra globalização -** O valor e fecundidade da cultura portuguesa e lusófona residem na medida em que, junto com o melhor de todas as culturas planetárias, possa contribuir para dar à civilização tecnológica e material o indispensável e superior sentido espiritual e ético que lhe permita a urgentíssima transformação sem a qual não pode sobreviver a uma mais que provável catástrofe, sobretudo ambiental. As ideias e valores da cultura portuguesa e lusófona – a sua aspiração ao infinito e à totalidade, o seu sentido da irmandade cósmica e do bem universal, a sua vocação para mediar e promover a harmonia entre diferentes povos, culturas, civilizações e religiões – podem ser um importante contributo para uma outra globalização, a da paz, da fraternidade e da sabedoria, alternativa àquela cujo triunfo planetário se pressente como um prolongado e agónico canto de cisne, destino inevitável de todos os grandes impérios históricos e materiais.

Promover assim as grandes ideias e valores da cultura portuguesa e lusófona e dar-lhes visibilidade e efectividade a nível nacional, lusófono e mundial é um serviço prestado a toda a humanidade e a toda a terra e um contributo para um mundo novo. Sem a perversão do "orgulhosamente sós", contrário ao nosso universalismo, que nos capacita para assimilar o melhor que há em todo o mundo, há que reconhecer que boa parte das soluções que os portugueses desde há séculos procuram no exterior pode residir ignorada no mais fundo de nós mesmos. Há que vencer o complexo de inferioridade e subserviência perante o estrangeiro, que faz com que sejamos compulsivamente maldizentes de nós mesmos e só reconheçamos méritos ao que é nacional

2POENOT92 19/12/07 14:17 Página 263

após eles terem sido reconhecidos fora do país. O reencontro e reconciliação dos portugueses e lusófonos consigo próprios, por ser um reencontro com a sua aspiração à universalidade, é a condição de possibilidade de um mais pleno e salutar encontro com a comunidade universal dos povos e das culturas. Já finda o ciclo de esperança e desengano inerente à busca do Paraíso e da redenção em regiões geográfico-culturais parcelares e limitadas: África, Oriente, Brasil, Europa. O desafio actual é encontrarmo-nos e ao mundo, ao mundo em nós, a nós no mundo. Disso depende um outro modo de vivermos a própria integração europeia, aspecto parcial da nossa mais ampla integração no mundo, que seja benéfico para nós e para a própria Europa. Como o viu Agostinho da Silva, se outrora levámos a Europa ao mundo, assumindo boa parte de responsabilidade na globalização dominante, é nossa tarefa trazermos hoje o mundo à Europa, renovando-a pelo convívio com as culturas planetárias e libertando-a do persistente eurocentrismo em que perverte o melhor de si mesma.

7. **Uma pátria alternativa mundial** - Refundar Portugal é repensá-lo e reorganizá-lo inspirados no sentido da cultura e da comunidade lusófona como o de servir o bem do mundo, veiculando uma cultura de paz, diálogo e compreensão entre os diferentes povos, culturas, civilizações e religiões. A própria diáspora planetária da comunidade lusófona é expressão física dessa vocação e condição estratégica fundamental para a difusão de um novo paradigma de convivência planetária.

Portugal e a comunidade lusófona devem assumir-se como espaço mental, cordial e físico de pontes, transições, mediações, diálogos e intercâmbios entre povos, culturas, civilizações e religiões, entre Norte e Sul, Ocidente e Oriente, passado e futuro. Portugal e a comunidade lusófona poderão ser uma espécie de *pátria alternativa mundial*, embrião dessa possível comunidade planetária futura cuja visão é tão presente na nossa tradição. Uma pátria alternativa mundial no sentido de uma *pátria do espírito* – aquela "ideia a difundir pelo mundo" de que fala Agostinho da Silva – que dê o exemplo de ser livre do comum egoísmo nacional e nacionalista veiculando ideias, valores e práticas tão universais e benéficas que todos os cidadãos do mundo nelas se possam reconhecer, independentemente das suas nacionalidades, línguas, culturas, ideologias e religiões. Uma pátria-mátria-frátria que esteja sempre na primeira linha da expansão da consciência, da defesa dos valores humanos fundamentais e das causas humanitárias, da sensibilização da comunidade internacional para todas as formas de violação dos direitos humanos e dos seres vivos e do apoio concreto a todas as populações em dificuldades.

2POENOT92 19/12/07 14:17 Página 264

8. **Libertação de complexos de superioridade e inferioridade** - Perante o que foi dito, devemos reconhecer que as qualidades virtuais do homem e da cultura portugueses e lusófonos se acompanham de não menos evidentes e correlatos defeitos, o maior dos quais é a descrença em si próprios, a excessiva passividade e falta de persistente e metódico cultivo e desenvolvimento dessas mesmas qualidades. A verdadeira superação do referido complexo de inferioridade deve libertar-nos também da sua bipolar mutação num complexo de superioridade, curando-nos dessa oscilação entre períodos de fugaz exaltação extrema e prolongada e profunda depressão que tanto nos caracteriza psicológica e historicamente. Para assumir plenamente a sua vocação histórica, o homem português e lusófono deve começar por se autoconhecer e se libertar dos seus complexos.

Neste sentido, questionamos alguns aspectos da tendência fortemente enraizada na nossa tradição, sobretudo a partir dos Descobrimentos, desde Camões a Pascoaes, Pessoa e Agostinho da Silva, para um lusocentrismo messiânico, em que Portugal, como nas palavras paradigmáticas do Padre António Vieira, tende a ser visto como um "novo povo eleito", do qual dependeria unilateralmente a redenção do mundo. Aqui retemos a crítica de Eduardo Lourenço à "construção mítica da imagem de um Portugal-menino-jesus-das-nações", tanto mais que, a par do irrealismo e das perigosas consequências dos messianismos etnocêntricos, o resultado desta concepção, entre nós, tem sido sobretudo a esperança passiva, sempre frustrada e adiada, de uma mutação miraculosa dos acontecimentos que nos deixa afinal à margem e à mercê do seu encadeamento, no mero limbo desse "salto para fora da história", como caracterizou Oliveira Martins o sebastianismo, que não se converte numa recriação da realidade e da vida. Além disso, Portugal e a comunidade lusófona não são essências ou supra-entidades individuais, com uma vida própria, que se possam substituir aos indivíduos concretos que pensam e agem e assim se podem eleger, em todas as nações e culturas, para incarnar ideias que melhorem o mundo.

9. **Novas Confrarias: um movimento cultural, cívico e pedagógico** - O projecto *Nova Águia* não se esgota na revista assim designada, mas visa ser uma das expressões de um movimento mais vasto de carácter cultural, cívico e pedagógico. Um movimento que pretende a transfiguração do presente imediato e não apenas um futuro distante. Embora visemos em última instância transformar a sociedade, a nação e o mundo, sabemos que isso só é possível a partir da nossa própria transformação individual e do seu alastramento contagiante a outras transformações individuais. A este nível, de ninguém dependemos se não de nós mesmos e portanto tudo é desde já possível.

2POENOT92 19/12/07 14:17 Página 265

Destinamos estas ideias e proposta a todos os cidadãos, mais imediatamente aos portugueses e lusófonos, mas também aos homens de todo o mundo, que na sua universalidade se possam reconhecer. Propomos mesmo que, retomando o projecto de Agostinho da Silva nos últimos anos de vida, e a exemplo do culto popular do Espírito Santo, nascido na nossa Idade Média e disseminado por todo o planeta, todos os que nestas ideias se reconhecerem se organizem em *Novas Confrarias*, que sejam núcleos de debate e difusão desta proposta e sobretudo espaços de fraterna convivência onde desde já se antecipe o mundo melhor que todos desejamos. É a partir deste movimento cultural, social e cívico de base que se podem progressivamente transformar os poderes instituídos, de modo a substituir-se uma política escrava da incultura, da vontade de poder e da obediência aos *lobbies* financeiros mundiais, pela acção de pessoas desinteressadamente empenhadas em servir o bem comum e com um sentido ético-espiritual, cultural e civilizacional da política, que saibam e pratiquem como a sabedoria e o amor são indispensáveis à melhor organização do mundo.

A *Nova Águia* e o amplo movimento cultural e cívico aqui proposto assumem a tarefa pedagógica de difundir ideias fundamentais de modo acessível a todos. A *Nova Águia* não é uma revista de intelectuais e artistas para intelectuais e artistas, convocando uns e outros – quase sempre demasiado fechados nas suas carreiras e obras – a porem o seu saber, sensibilidade e criatividade ao serviço da transformação da sua vida e da dos seus concidadãos.

10. **Unir céu e terra: É a Hora !** - Ao escrever e publicar este *Manifesto* assumimos a nossa responsabilidade e não fugimos ao grave desafio do momento presente. Fazemo-lo com a alegria de quem não cala o que pensa e sente, por mais incómodo que possa ser para muitos e para nós próprios. Aqui ficam estas ideias e proposta. Assuma-as ou critique-as, melhorando-as, quem quiser e puder e vigie se o fazemos ou não.

A *Nova Águia* vai levantar voo. Por natureza habita os mais altos cumes e paira nos mais elevados e insondáveis espaços, contemplando o sol face a face. Mas esta *Nova Águia* tem um coração de Pomba. Por isso tanto mais se ergue no céu virginal e puro quanto mais desce em direcção à terra, para aí pacificar, libertar e erguer para o mesmo céu os olhos e os corações de todos os seres, seus irmãos. Que todos ganhem asas e para sempre unam céu e terra é o seu único fim.

Valete, Fratres !
É a Hora !

2POENOT92 19/12/07 14:17 Página 266

Como é sabido, a revista *A Águia* foi uma das mais importantes do início do século XX em Portugal, em que colaboraram algumas das mais relevantes figuras da nossa Cultura, como, entre outros, Teixeira de Pascoaes, Jaime Cortesão, Raul Proença, Leonardo Coimbra, António Carneiro, António Sérgio, Fernando Pessoa e Agostinho da Silva.

A ideia de relançar a revista, agora sob o nome de NOVA ÁGUIA (título que já registámos oficialmente, junto do Instituto Nacional de Propriedade Industrial e da Entidade Reguladora de Comunicação), pretende ser uma homenagem a essa tão importante revista da nossa História, procurando recriar o seu "espírito", adaptado aos nossos tempos.

Não se trata, nessa medida, de fazer uma revista voltada para o passado, meramente revivalista. Trata-se, antes, de fazer uma revista para os tempos de hoje, para o século XXI.

Tal como n' *A Águia*, procuraremos o contributo das mais relevantes figuras da nossa Cultura, que serão chamadas a reflectir sobre determinados temas. A ideia é que cada número verse sobre um tema específico, estando, à partida, a revista disponível para publicar todos os textos que lhe cheguem (depois de, obviamente, aprovados pela Direcção).

Temas para os primeiros números:

- 2008 > A Pátria ainda existe? Actualidade da ideia de Pátria / António Vieira, 400 anos depois do seu nascimento: o sentido da Comunidade Lusófona.
- 2009 > O Iberismo: fantasma ou realidade? / Agostinho da Silva, 15 anos após a sua morte: o primeiro português do Portugal futuro?
- 2010 > A Europa: presente e futuro da União Europeia / Portugal entre Norte e Sul, Ocidente e Oriente: o diálogo entre Culturas e Civilizações.

À partida, a Revista terá, pois, uma periodicidade semestral, com o primeiro número a sair no final do primeiro semestre de 2008.

Procuraremos que a Revista venha a ter impacto, mesmo para além das nossas fronteiras – daí o nosso propósito da edição bilingue de alguns textos. Para além disso, teremos correspondentes em todos os países lusófonos, bem como nalguns países da União Europeia.

Não pretendemos fazer mais uma revista universitária, apenas para universitários. Pretendemos uma revista com um grafismo apelativo, que suscite a curiosidade e o interesse de muitos. Para tal, estabelecemos contactos com editoras e distribuidoras, de modo a viabilizar esse intento, havendo já um acordo com a Zéfiro.

Temos já igualmente assegurada a cobertura institucional da Associação Marânus/Teixeira de Pascoaes, que será a nossa sede a norte, e da Associação Agostinho da Silva, que será a nossa sede a sul (Rua do Jasmim, 11, 2º andar – 1200-228 Lisboa; E-Mail: agostinhodasilva@mail.pt; Tel.: 21 3422783 / 96 7044286; www.agostinhodasilva.pt).

Convidamo-lo, desde já, a enviar um texto para o primeiro número da Revista (até 31/12/07).

2POENOT92 19/12/07 14:17 Página 267

AGÁLIA nº 91-92 / 2º SEMESTRE (2007): 267 - 273 / ISSN 1130-3557

Um sonho a caminho de ser realidade

Isaac Alonso Estraviz
(Universidade de Vigo)

1. Antecedentes.

Depois da divisom da Galiza em duas: portuguesa e espanhola, com o tempo surgiram problemas de todo tipo. Pola parte portuguesa fomentou-se como uma espécie de complexo a respeito da galego e procuraram esquecê-lo. A isso contribuiram as autoridades portuguesas e espanholas, distância que fomentaram os intelectuais. Na Galiza espanhola fomentou-se o esmorecimento. Na parte portuguesa fomentaram-se complexos a respeito do Norte. Os gramáticos portugueses —na Galiza espanhola nom os havia— procuraram enterrar o tempo de uma vida e um falar comum.

João de Barros na sua *Gramática da Língua Portuguesa* fala no Minho e o Douro, como origem da língua portuguesa:

> «Nã sómẽte os que achamos per escrituras antigas, mas muitos q[ue] se usam antre Douro e Minho, conservador da semente portuguesa: os quáes algũuns indoutos desprezam, por nam saberem a raiz donde náçẽ»[1]

Sempre houve pola parte portuguesa um certo afã de ignorar as origens territoriais completas da sua língua. Nom nego que tanto da parte de Além como de Aquém-Minho, se reconhece um momento na História de uma literatura comum a ambas as partes, a dos Cancioneiros Galaico-Portugueses das cantigas medievais. Mas a partir de uma determinada altura, fora de importantes e contadas excepções, existe um grande prurido de prescindir da Galiza e dos Galegos. Ainda hoje, depois de toda uma série de estudos, ao estarmos em grupo onde galegos e portugueses reconhecem a unidade linguística, aparece sempre alguém que fala na língua portuguesa e na língua galega como duas realidades diferentes.

1. João de Barros, *Gramática da Língua Portuguesa* (1540), Reprodução facsimilada, leitura, introdução e anotações por Maria Leonor Carvalhão Buescu, Lisboa, 1971, p. 168.

2POENOT92 19/12/07 14:17 Página 268

Estava a falar da Galiza que pertence ao estado espanhol. Mas todo o mundo sabe que em tempo dos Romanos a Galiza abrangia um território muito mais amplo. A Galiza, melhor dito, a *Gallaecia*, abrangia: parte das Astúrias, Leom, Samora, províncias galegas e o território que chegava até ao Douro, ou segundo Rodrigues Lapa, *usque ad Mondecum*, até Coimbra.

Essa ignorância da Galiza completa durou muito tempo. No século XIX Alexandre Herculano escreve a sua História de Portugal e reelabora uma história comum a Galiza e Portugal. Depois houve portugueses que percorreram as terras galegas e galegos que fizeram o mesmo polas portuguesas. Alguns portugueses falaram bastante mal mesmo da catedral de Santiago, outros, pola contra, foram afervoados admiradores da terra e cultura galegas. Em 1912 Teixeira de Pascoes, diz-nos:

> "O único povo que sente a Saudade e o povo português, incluindo, talvez o galego, porque a Galiza é um bocado de Portugal sob as patas do Leão de Castela. A Galiza é a nossa Alsácia!"[2]

Teixeira de Pascoaes foi um apaixonado da Galiza e sua cultura. Nos seus poemas dedicados à nossa Terra umas vezes fala dela como "Galiza,terra irmã de Portugal" e noutras "Da terra da Galiza, a nossa terra Mãe!"[3]

Por último vou citar, a respeito deste apartado, o que escreveu Teixeira de Pascoais a Risco, publicado no primeiro número da revista *NÓS* e que ele recolhe num dos penúltimos artigos que publicou sobre o tema: «...A Galiza é irmã e mãe de Portugal. Portugal saiu dos seios da Galiza; depois abandonou a Mãe e foi por esses mares fora: fugiu como o filho pródigo. Mas é chegado o tempo do seu regresso ao lar materno. Temos de voltar a viver espiritualmente em comum. Assim o exige o destino das nossas Pátrias que ainda não está cumprido»[4]. Este pensamento que Teixeira aplicava ao português, Lapa aplica-o ao galego em termos de língua e de cultura[5].

2. Teixeira de Pascoaes, *O Espírito Lusitano ou o Saudosismo*, Ed. Renascença Portugesa, Porto, 1912, p. 13.
3. Eloísa Álvarez e Isaac Alonso Estraviz, Os intlectuais Galegos e Teixeira de Pascoaes. Epistolário, Ed. do Castro, 1999, pp. 263-274.
4. Revista *NÓS*, nº 1, Ourense, 30 de Outono de 1920, p. 18, nas notas *Os Homes, os Feitos, as Verbas*, Rodrigues Lapa, «O Problema Linguístico da Galiza, sobre Cultura e Idioma na Galiza», discurso pronunciado em Aveiro o 16 de Julho de 1982, publicado em *Galiza Portugal uma só Nação*, Nova Arrancada, Lisboa 1997, p. 35.
5. Cf. «O Problema Linguístico...» in *Galiza Portugal uma só Nação*, pp. 35-36.

2POENOT92 19/12/07 14:17 Página 269

2. Manuel Oliveira Guerra.

Falaram muito bem da Galiza Teixeira, Rodrigues Lapa, Eugenio de Castro[6] (este publicou lindas poesias às principais cidades galegas, publicou *Do Mondego à Galiza,* que é uma visom estupenda da nossa pátria por este escritor. Mas eu acho que o autor que mais se identificou connosco foi Oliveira Guerra.

Oliveira Guerra, tomou contacto espiritual com a Galiza e os Galegos num hospital do Porto. Quando tinha 18 anos criou o jornal *O GIRASSOL* solicitou de galegos colaboraçom em galego enxebre para o mesmo. Surgiu nele um amor e uma paixom por Galiza e os Galegos incrível. Eis como ele o conta:

> "...Eu não sei donde me vém este sonho, que é naturalmente de raízes ancestrais, como já aventei algures, mas isso não importa e o que é certo é que, ainda que adormecido depois, durante alguns anos de vida agitada e de andanças por outros meios, outros interesses e outros mundos, ele manteve-se incólume e adormecido dentro de mim para despertar um dia, mais tarde, com toda a sua força latente, para vir a resssurgir com mais força que nunca."

Percorreu a nossa terra de parte a parte várias vezes e por causas diversas, empenhou-se na formaçom de um grupo de estudos galaico-portugueses e para isso começou com a publicaçom da revista *Céltica Caderno de Estudos Galaico -Portugueses (Iniciação para a formação do grupo de estudos galaico-lusitanos em projecto e estudo)*. Desta revista foi ele o organizador e o editor, com a colaboraçom literária e artística de alguns amigos da Galiza e de Portugal. Dos quatro números que sairam, ele foi o organizador, o impressor e correu com todas as despessas que tal obra significava. Os números publicados formam um grosso volume de 336 páginas e nela estám presentes, já desde o primeiro número, galegos e portugueses.

6. Eloísa Álvarez e Isaac Alonso Estraviz, *Eugénio de Castro e a Galiza,* próximo a sair a lume.

2POENOT92 19/12/07 14:17 Página 270

No primeiro número publicam pola parte galega, Luís Carré Alvarelhos, Maria Victória Armesto, José Luís Castroverde, Abuin de Tembra, González Garcés. Aparecem uns poemas de Rosalia junto ao Monumento que tem a autora no Porto, um poema de Oliveira Guerra a IRMÃ GALIZA, um trabalho de Hugo Rocha sobre Noriega Varela, junto com um desenho do mesmo e algumas poesias, uma recensom do livro de Celso Emílio *O SONO SULAGADO*, outra recensom de três obras de González Garcés junto com dous poemas, um poema de A. Abuin de Tembra e outro de Celso Emílio. No segundo, o número aumenta: José Maria Castroviejo (em castelhano), Manuel Maria, Luís Carré Alvarelhos, Leandro Carré, Pura Vázquez, Hugo Rocha (trabalho sobre Eduardo Pondal), Manuel Maria (2 vezes), Pura Vázquez (3 vezes), Manuel V. Peña, Xosé Mª Álvarez Blázquez, Abuin de Tembra; no terceiro, Leandro Carré, António Lousada, José González López, Isidro Conde, F. Javier Carro, António Tovar, Dora Vázquez, Maria Victoria Armesto, José Maria Álvarez Blázquez, Enrique Chao Espina, Dora Vázquez, Pura Vázquez, José Díaz Jácome, Álvaro Paradela e A. Abuin de Tembra. Hugo Rocha publica um artigo sobre Cabanilhas; no quarto, Hugo Rocha estuda a Francisco Añón, Ugio Carré Alvarelhos, Maximino Castinheiras García, Diego Bernal, Pura Vázquez, Novoneira, Aquilino Iglesia Alvariño, Manuel de la Fuente, Dora Vázquez, Abuin de Tembra, Manuel Maria, Miguel González Garcés, António Tobar Bobillo. No quarto e último número publicam-se os Estatutos do Círculo de Estudos Galaico-Portugueses.

3. A Galiza de Manuel Oliveira Guerrra.

Em todos os números aparece uma secçom intitulada *AO QUE VENHO...* onde manifesta o seu pensamento a respeito da Galiza e do projecto que tem presente, de elaborar os Estatutos do *Grupo de Estudos Galaico-Portugueses*. Eis como Oliveira Guerra contempla no primeiro número a Portugal e Galiza:

> "...Ainda imberbe, mas ardendo em sonho alto e crepitante, o filho saíu um dia da casa da mãe para correr a sua aventura na Vida e não se pode dizer que o tivesse feito com jeitos muito corteses, antes saíu de sobrecenho turvo, olhar desconfiado, com disposições um tanto façanhudas. Deixá-lo! Ele lá tinha ou julgava ter as suas razões, que outras mais não fossem seriam as da natural e humana aspiração à independência e liberdade, mas no fundo do coração

2POENOT92 20/12/07 13:55 Página 271

> ele era bom e digno e um dia, passados os primeiros assomos e satisfeita aquela ânsia de vida própria, os sentimentos familiares voltariam à superfície, vindos lá do fundo do sangue e do espírito, e uma boa e renovada amizade sempre igual ficaria a dourar-lhes a vida e a vizinhança pelos anos fora..."
>
> (...)
>
> "Naturalmente triste e desgostosa com essa atitude seca do filho (como se lhe não bastara a sua pobreza e humildade, as suas tristuras amargas e caladas, as suas canseiras, tão duras no amanho da sua casa, no tratar dos campos, no lidar com os gados), a mãe repetidamente lhe volveu olhares tristes e um tanto recriminatórios, de quem pedia ao menos umas palavras amigas e algum conforto sentimental. Mas o ingrato nunca se deixou comover muito por aquela súplice ternura e apenas consentiu, durante largos anos, que velhos parentes humildes e trabalhadores viessem lá da terra para as suas herdades, trabucando e colhendo algum provoveito da sua riqueza acumulada e dum bem estar que chegou a ser enorme e até deslumbrante..."[7].

Continua a falar do ressurgimento havido na Galiza, do desconhecimento existente nos portugueses a respeito da Galiza e nos galegos a respeito de Portugal e da urgente necessidade de que isso desapareça quanto antes. Sentimentos que sente também Luís Carré Alvarelhos, mas expremidos numa linguagem anárquica e deturpada. Semelha assombroso que pessoas que se sentem tam geminadas escrevam a mesma língua com ortografias tam opostas e incompreensíveis. O seu pensamento pode sintetizar-se na seguinte frase por ele escrita:

> "Por isso, quando viajamos pola terra irmã, sentimo-nos na casa, e ao falar com os seus filhos, e ao ouvirmos a família polas ruas das suas cidades, parece-nos viver no nosso próprio povo"[8].

No mesmo número, um bocadinho mais diante, em *Carta a um Galego*, Oliveira Guerra ainda se mostra mais explícito:

> "Mais uma vez deixei essa vossa e nossa querida terra da Galiza para nos passarmos a esta nossa e vossa terra de Portugal. Mais uma vez transpuz a fronteira política e oficial que pretende separar-nos ou que nos separa apenas política e oficialmente, para termos a

7. Ib. p. 3.
8. "O primeiro paso", p. 5.

2POENOT92 19/12/07 14:17 Página 272

> mor e melhor consciência de que ela, essa fronteira, não nos separa quase nada, afinal. Mais uma vez..."[9].
>
> (...)
>
> "...Mais uma vez eu vim revendo em sonho e com ternura a vida humana, rácica, social, étnica, ética, política, espiritual, religiosa, estética, folclórica dessa Galiza finisterra, isolada, narcisada, ensimesmada, virada para dentro desde antanho e arrancada um dia do seu sonho de séculos e de névoa pelas barulhentas cruzadas e pelos romeiros do mundo demandando o Apóstolo..."[10].
>
> (...)
>
> "...Mais uma vez deixei a Pátria da minha Pátria donde um dia se destacou o pequeno país que a partir de Guimarães e numa arrancada heroica, até ao Algarve, expulsou os Mouros, para dali, com olhos célticos no mais além, investir pelos mares e dar assim começo à construçom do mundo de hoje, do nosso mundo actual..."[11].

Carta a um Galego, é o texto com mais vibraçom, devoçom, paixom, sensibilidade, sentimento, ternura, e cheio de adjectivos laudatórios da Galiza que se tem escrito através da História. Texto que os galegos devíamos decorar e gravar em letras de outro por toda a parte.

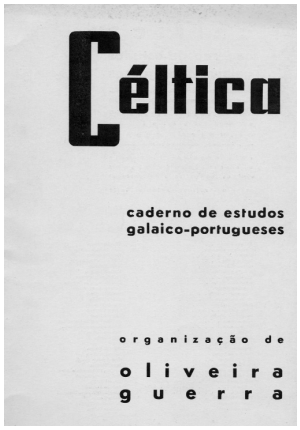
Foram inúmeros os problemas e obstáculos que teve para levar avante o seu projecto. Contactou com todos os meios de comunicaçom galegos e portugueses, intentou falar com grande número de intelectuais. Teve dificuldades para procurar um distribuidor da revista e separatas. Deslocou-se várias vezes por Galiza explicando o seu projecto. Fizeram-lhe entrevistas na Galiza e Portugal. O seu projecto saiu dos limites da Galiza e Norte de Portugal sendo conhecido em todo o território peninsular. Elaborou os Estatutos do Círculo de Estudos Galaico-Portugueses e deu-os a conhecer a todos os meios de comunicaçom. O número quarto está em grande parte feito por ele. Passou 15 dias em território galego falando com uns e com outros e espalhando simpatia por todas as partes.

Eis como ele nos relata todas essas vicissitudes:

> "Percorrendo mais uma vez, fascinado, a querida e maravilhosa Galiza, percorrendo-a humildemente, tal como sou, sem um nome

9. P. 16.
10. P. 17.
11. P. 20.

2POENOT92 19/12/07 14:17 Página 273



literário que razões intimas não me permitiram realizar, mas com as mãos limpas e com o coração nas mãos- a Galiza, pelas vozes de muitos intelectuais que me acolheram e que pensam talvez como muitos outros que não conheci, a Galiza, repito, abriu-me os braços e manifestou-se abertamente, cordialmente de acordo. Depois, terminado esse giro fatigante mas optimista e convincente, novas adesões chegaram por carta até mim, suscitadas talvez por notícias, artigos e entrevistas que durante 15 dias e tendo por objectivo a minha digressão foram publicados pela imprensa galega. E agora a propósito, registe-se esta nota impressionante e agradável. E sobretudo a mocidade que comparece, que vem, que se manifesta. E sobretudo a mocidade com os seus solnhos, com as suas aspirações inquietas, que se mostra atraída pela ideia de pôr de novo frente a frente os galegos e os portugueses do norte, restabelecendo entre eles a comunhão espiritual que noutro tempo, mais do que o sangue, os irmanava, regressando ao passado longínquo dos cancioneiros em que por eles foi criada uma obra poética comum de Beleza única e imorredoira."[12]

4. Um projecto truncado.

Céltica desapareceu uma vez publicado o número quatro aproximadamente em Julho-Agosto de 1961. Os problemas de saúde de Oliveira Guerra foram em aumento e, como ainda nom estava em funcionamento o Círculo, este projecto ambicioso —como muitos outros— nom foi para a frente. Manuel de Oliveira Guerra morreu no Porto em 1964.

O projecto de Oliveira Guerra, com a sua morte, foi malogrado. O mesmo aconteceu com outros muitos. Esse e outros projectos mantiveram a luz acesa da fraternidade, da identidade cultural e linguística e, graças a eles, estamos no momento oportuno de que tudo isso seja em breve uma realidade.

A AGAL pretende, levando a diferentes lugares da Galiza uma Exposiçom sobre a sua vida e obra, reparar o longo silêncio a que foi submetida uma das pessoas que mais se apaixonou pola nossa Terra e a nossa Cultura.

12. Número 3º, p. 148-149.

2POENOT92 19/12/07 14:17 Página 274

AGÁLIA nº 91-92 / 2º SEMESTRE (2007): 274 - 277 / ISSN 1130-3557

Teatro e Literatura ao serviço da identificaçom de um país. *Turismo Infinito*: Nova e maior vida para os heterónimos de Fernando Pessoa

Joel R. Gômez
(Grupo Galabra-USC)

A tal ponto me enredei nas fascinações de não ser eu, que me chega a ser difícil falar com o que os outros compreendam que é sinceridade
(Fernando Pessoa)

Os heterónimos de Fernando Pessoa ocupam um lugar central no cánone da Literatura Portuguesa do século XX, talvez mesmo o mais elevado se se toma de conta que som o produto do campo das Letras que mais internacionalizou Portugal e a sua cultura na passada centúria, a que se somou sobretodo em 1998 a atribuiçom do Prémio Nobel a José Saramago. A fortuna dos heterónimos estivo favorecida em grande parte por emergerem para o consumo num instante especialmente oportuno, por volta da metade do século, quando maior esplendor tinha a Estilística na produçom e na crítica. Alberto Caeiro, Ricardo Reis, Álvaro de Campos e os restantes heterónimos surgidos da invençom pessoana suponhem desenvolver ao máximo as possibilidades de aquela escola, pois cada um tenta ser um estilo diferente, mas todos surgidos de um mesmo produtor. Daí que, sem ser total novidade, pois na própria literatura portuguesa encontra-se também como precedente Fradique Mendes, proposta colectiva de Eça de Queirós e outros escritores coevos do XIX, sim representou umha formulaçom muito original de inegável impacto para a literatura. Pessoa espelhava assim de umha forma nova as contradiçons que a modernidade gerava no ser humano, ao tempo que se ajustava às necessidades de umha crítica que procurava a singularidade individual, a genialidade, com umha produçom muito vultosa e necessitada da mediaçom de especialistas para chegar ao mercado, o que oferecia ainda maior atractivo para os profissionais da crítica e da ediçom textual. *Turismo Infinito*[1], um trabalho teatral alicerçado nesse mundo pessoano, tenta beneficiar-se dessa projecçom

1. Feijó, António M. (2007), Turismo Infinito, a partir de textos de Fernando Pessoa e três cartas de Ofélia Queirós. Estreia mundial para teatro aos 7-XII-2007 no Teatro Nacional São João, do Porto, sob interpretaçom de João Reis (Álvaro de Campos), Emília Silvestre (Maria José, Ofélia Queirós), Pedro Almendra (Fernando Pessoa), José Eduardo Silva (Bernardo Soares) e Luís Araújo (Alberto Caeiro); com encenaçom de Ricardo Pais; consultoria literaria de Fernando Cabral Martins.

2POENOT92 19/12/07 14:17 Página 275

fot. João Tuna

internacional e demonstra umha das possíveis colaboraçons entre literatura e teatro, aqui ao serviço da identificaçom de um país.

A estreia deste espectáculo anunciou-se com meses de antecedência. Foi muito promovida em Portugal e também no estrangeiro, com implicaçom directa do Instituto Camões, que convidou pessoas (também na Galiza, entre gentes do teatro, do ensino e dos meios de comunicaçom, que tivérom umha representaçom nada habitual num acontecimento internacional destas características) e facilitou a sua presença nos três dias agendados para a estreia. Coincidiu esse lançamento público numhas datas de Dezembro em que Portugal era por um lado referente internacional político, pola sua condiçom de sediar a cimeira UE-África em Lisboa; mas também para o teatro, ao ser igualmente sede no Porto da reuniom da União dos Teatros da Europa, que congregava representaçons de muitos países.

O produto teatral atingido foi da máxima profissionalidade. Atractivo cenário: umha grande caixa a modo da cabeça de Pessoa em que se

2POENOT92 19/12/07 14:17 Página 276

desenvolviam todos aqueles mundos e possibilidades, desenhada por um arquitecto; excelente encenaçom e direcçom de actores, e um trabalho posto ao dispor do locimento dos heterónimos com um texto cuidado que combinava acertadamente excertos humorísticos para quebrar a densidade dos continuados monólogos. As músicas, as transformaçons do cenário, a iluminaçom, gizavam um todo que tentava oferecer o maior atractivo para este produto de Pessoa-Feijó.

Os meios de comunicaçom portugueses ocupárom-se deste espectáculo, que se apresentava como lugar central para o Portogofone 2007, um acontecimento teatral com muita presença internacional agendado na altura. Editárom-se materiais específicos para a ocasiom, em que se salientavam elementos como as conhecidas cartas de Fernando Pessoa a Adolfo Casais Monteiro e a João Gaspar Simões em que se esclarece a funcionalidade dos heterónimos e mesmo se justifica serem umha proposta para encenar, com maior destaque para o Pessoa dramaturgo, de regra secundarizado polo lírico na valorizaçom no campo literário.

Este trabalho cénico tivo também como destinatário preferente o público de centros de ensino portugueses, com o que se procura afiançar este produto literário como parte do imaginário identificativo do país que deve ser assumido na formaçom obrigatória, por considerá-lo exemplo de um produto autóctone de sucesso no estrangeiro, onde tem sido estudado, traduzido, imitado e criticado sem desmerecer o melhor de qualquer outro país, até situar-se num lugar cimeiro internacional da Literatura do Século XX. Mesmo sem ter conseguido esse paradigma de consagraçom actual que é o Prémio Nobel, Fernando Pessoa atingiu um reconhecimento exterior que nom se discute, e que contribui para que se apresente como modelo para as novas geraçons de Portugal. Quem assista com atençom à encenaçom de *Turismo Infinito* sairá com umha ideia bem formada dos heterónimos focados, e da relaçom com o amor de Fernando Pessoa, outro dos temas que se privilegiam também polo seu grande atractivo e capacidade de interessar o auditório[2].

Um teatro público, como é o São João portuense, faz assim umha missom que é esperável dele. E adianta-se para com as exigências de internacionalizaçom que se lhe fazem, como também se esclarece em

2. Um auditório por certo que, de nom estar iniciado na temática da encenaçom, pode talvez suportar mal os 90 minutos desta proposta, pola falta de diálogos que movimentem mais a acçom e com um maior dinamismo. Alicerçar os heterónimos e oferecer o máximo destaque para que o público lembre a sua singularidade é um objectivo central desta proposta cénica, e para isso a sucessom de monólogos parece ter maior funcionalidade.

2POENOT92 19/12/07 14:17 Página 277

algum dos materiais editados com ensejo desta estreia. Se Pessoa desfruta dessa posiçom de internacionalidade, é de esperar que um trabalho sobre o mais internacional dele beneficie também este produto. Umha hipótese de partida que se deverá confirmar, mas que demonstra como teatro e literatura podem colaborar e servirem-se mutuamente: o teatro para alicerçar ainda mais um modelo literário que interessa promover desde muitas elites e polos poderes públicos, e a literatura para oferecer ao teatro elementos de sobrevivência e de destaque, e possibilidades de organizar umha produçom como esta que seria dificilmente assumível por um meio particular, arriscando capital privado e só dependente do mercado, mas que pode prosperar polo guarda-chuva do financiamento público do Ministério da Cultura.

Nos finais da década de 80, com ensejo do centenário pessoano, chegou-se a afirmar que "tanto Pessoa já enjoa". Este novo produto alicerçado nos seus textos evidencia como nom foi assim. Fica ainda porventura muito Pessoa para "descobrir" e rendibilizar, e o teatro nom será alheio[3]. Afinal, encontramo-nos perante mais um resultado de um processo de canonizaçom, que nom finaliza apenas com umha comemoraçom, por importante que seja, mas que se consolida com novas formas. Fernando Pessoa parece ser dos modelos que Portugal quer ocupem um lugar de centralidade, que já nom se lhe discute e que *Teatro Infinito* confirma e reafirma mais umha vez, até ao ponto de se apresentar como um produto "pessoano" por mais que o autor real seja António M. Feijó, que dá assim mais e maior vida ao ortónimo, heterónimos, e outras criaturas e paisagens do mundo que Fernando Pessoa deixou como herança.

Porto-Compostela, Dezembro 2007.

3. E assim acontecerá também com Saramago, para quem se anunciam já novas propostas neste ámbito para o ano 2008, com ensejo do décimo aniversario do Premio Nobel e do 25º da publicaçom de *Memorial do Convento*, umha das suas narrativas mais celebrada. E o mesmo aconteceu com Eça de Queirós, com ensejo do centenário no ano 2000, que possibilitou a encenaçom de *A Relíquia* entre outras posibilidades dos seus textos para o palco.

2POENOT92 20/12/07 13:55 Página 278

AGÁLIA, 91-92

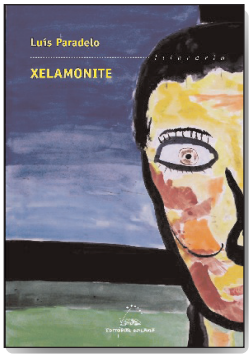
2POENOT92 20/12/07 13:55 Página 279

recensons

2POENOT92 19/12/07 14:17 Página 280

CONTRA O MAL SOCIAL

por Luís G. Soto
(Universidade de Santiago de Compostela)



Voz sem nome

Em *Xelamonite*[1], conta-se-nos umha história, umha peripécia vital, a través da vivência do seu protagonista. E também a través das suas palavras: com efeito, é o próprio personage quem narra a história que protagoniza. Dele é a voz —sem nome— que ouvimos neste romance: em primeira pessoa fala de si (e também algumha vez a si, em segunda pessoa) e vai contando a sua vida (até ao fim? nom o sabemos). O protagonista, pois, nom tem nome, mas tampouco o tenhem os outros personages. Serám todos seres anónimos[2].

Peripécia, narraçom

Essa peripécia vital, a historia contada, discorre mormente em Ourense, na cidade e os seus arredores, e um tempo nos EUA. Transcorre numha época inconcreta mas nos nossos dias, começando no século XX (a infância em Ginzo, a juventude...) e rematando no XXI (o final em Ourense). O contado nom é, pois, umha aventura ocasional, senom umha trajectória existencial: um périplo vital, quiçá nom acabado mas quase: suspendido, ficando a sua continuidade numha incógnita.

A narraçom arranca em Newark e Nova Iorque, quando vive e trabalha ali, e segue na Galiza, desenvolvendo-se, tras umha viage a Santiago[3], em Ourense. Ali todo acontece em só um dia e pico de primavera, ao fio de um passeo pola cidade. O relato que fai o protagonista é linear, mas algo borroso, ao estar salpicado —e embaçado— polas suas percepçons (sensaçons, reflexons, etc.) e as suas rememoraçons (do passado imediato, como o seu amor/desamor com a americana, do passado anterior, como o roubo da gelamonite, e do passado remoto, as evocaçons da juventude e até da infância), assi como por algumha projecçom ao futuro (como, nos EUA, o regresso a Galiza).

1. Luís Paradelo, *Xelamonite*, Galaxia, Vigo, 2006.
2. Ele, o eu protagonista, a mai e o pai dele, a americana, ela, o amigo músico, o amigo pintor, os dous activistas, ela,... etc.
3. O 10 de março: vai apresentar-se a umhas oposiçons que nom leva preparadas. Nom chega a examinar-se, pois cai doente. É hospitalizado em Santiago. Sai restabelecido, mas, a seguir, precisa tratamento. A sua doença é séria e, provavelmente, crónica (*Xelamonite*, p. 48).

2POENOT92 19/12/07 14:17 Página 281

Ele

Ele, o protagonista, é um home: exactamente, um adulto juvenil envelhecido. Ainda é jovem, quanto à sua idade, mas está já envelhecido. Move-se num ambiente ainda juvenil, o de aqueles que venhem de deixar atrás a juventude. Ora, ele contempla esse seu entorno e o mundo em geral com olhos de velho, com a mirada de alguém que está quase já fora do mundo. E ademais ele encara a vida que tem diante sem nengum projecto: vive luitando com o presente, mais virado para o passado (que ainda o tem bastante colhido) do que para o futuro (umha incógnita e, só por isso, aberto).

O mundo, o amor

Sem projecto vital algum, com o único de sobreviver, ele mantém umha relaçom crítica com o mundo: de distância, quando nom de rejeitamento, com o universo que o rodea, com os ambientes polos que transita[4]. A sua única conexom com o mundo, o contacto que com este estabelece, é polo amor. No passado, pola relaçom de parelha e a vida de casal; mas, no presente, acabada aquela, polos encontros amorosos: o sexo, a paixom. Nesta, ele quererá ver ou tentará estabelecer um relacionamento.

Assi, quando ele começa a sua narraçom, nos EUA, o amor entendido como relacionamento (namoro, emparelhamento, convivência) está a devir já cousa passada (exactamente, fracassada). Em adiante, ainda nessa estada americana e depois, de regresso no seu Ourense natal, ele, tras várias tentativas, vai ter só algumhas experiências amorosas (sexo, paixom). Um par de vezes vai conhecer o amor como acontecimento: de só um momento, o sexo (umha noite numa praia de Virgínia); com algumha duraçom, a paixom (umha noite e umha manhá em Ourense). Nesta ocasiom, ele crerá ter, nom um encontro, senom um relacionamento: umha coincidência e umha comunicaçom com outra pessoa, indício e início de umha comunidade e umha convivência com ela.

Traços

Aí damos com um traço grosso, definitório quiçá, da biografia do protagonista, pois marca um antes e um depois na sua experiência vital: ele é umha pessoa que tivo relacionamentos, em Ourense, antes da sua partida aos EUA, mas que agora, no final da sua estada americana e no seu regresso à Galiza, tem encontros. E essa diferença, relacionamento/encontro, ele nom a gere bem. Como tampouco a lógica das acçons, a causalidade que liga umhas a outras. Estas duas dificuldades, além de pessoais, remetem para o "mal social"[5]: a dificuldade —quase impossibilidade— de passar do eu ao nós, e de fazer nós que nom afoguem o eu.

Relacionamentos

Na sua juventude, ele tivo relacionamentos: o mais importante o amor que viveu com a professora de inglês em Ourense e que motivou a sua ida com ela para os EUA. É o protótipo dos seus relacionamentos: um vínculo intersubjectivo estabelecido polo

4. Paradigmaticamente, o percorrido polo centro comercial: *Xelamonite*, pp. 76-99.

5. "Concibo que o que un é só pode vir polos outros, e interrógome polo mal, non as catástrofes, os accidentes ou as enfermidades, senón polo mal social... Por que nos estamos a matar de indiferenza, de fame, de odio? E constato que todo esforzo por converter o eu singular nun nós universal, no que o eu se recoñeza, deita un balance frustrante" (*Xelamonite*, p. 138).

2POENOT92 19/12/07 14:17 Página 282

interesse mútuo dos sujeitos nas suas respectivas pessoas. Ora, o problema será que, nesse caso, esse interesse na pessoa do outro (polo menos é o que lhe acontece ao protagonista) é muito —se nom totalmente— dependente do valor —a quotizaçom (erótica, económica)— que adquire esse sujeito no contexto. O valor dele, para ela, em Ourense é aceitável: no entanto, nos EUA deprecia-se por completo. Ele quotiza à baixa, e acaba por nom quotizar, no contexto americano.

Mas, em Ourense, outrora também tivo outros relacionamentos: amizades. Eram de dous tipos: umhas que poderíamos chamar éticas, centradas na vida privada, tecidas em torno a um bem partilhado, o prazer (reportado pola música e/ou a droga); e outras que caberia denominar políticas, dirigidas ao espaço público, constituídas em torno a um bem ideal e colectivo, umhas ânsias de justiça. Estes relacionamentos, que teriam sido interrompidos —na verdade, suspendidos— com a partida e a estada transatlântica, reaparecem —reformulam-se— como encontros quando ele regressa a Ourense.

Encontros

A diferença dos relacionamentos, os encontros som ligaçons entre sujeitos travadas polo interesse mútuo, nom nas suas respectivas pessoas, senom nalgumha acçom ou objectivo comuns. Som coincidências de duas (ou mais) pessoas nalgum objecto, eminentemente numha acçom. A sua natureza, a duraçom, etc. vem dada (e limitada) por essa coincidência, pois o encontro nasce e se extingue com ela. Resulta tentador confundir-se: crer que hai um interesse pessoal, polo sujeito implicado, nessa ligaçom. Tomar, ou querer tomar, um encontro por um relacionamento ou polo começo de um relacionamento. Algo disto passar-lhe-á ao protagonista com a activista revolucionária que opta pola violência como acçom política. Será um erro, ou umha tentaçom, crucial.

Mas, antes, de volta na sua cidade, passeando da manhá à noite, ele vai ter vários encontros, propiciados polos anteriores relacionamentos, as velhas amizades, que em geral nom se acha em disposiçom nem com vontade de reatar. Tal sucede com o amigo pintor (e traficante) que lhe brinda a sua casa, à qual recorrerá essa mesma noite quando nom possa voltar à sua ocupada pola polícia. E assi sucede também com os seus ex-camaradas, com os companheiros nas luitas políticas, ainda que neste caso se verá arrastado, mais alá da sua vontade e contra ela, polo curso que tomam os acontecimentos.

Actos, factos

Damos aí com outro traço grosso da biografia do personage: a sua dificuldade para gerir a acçom, para fazer-se com a lógica causal das acçons. Ele vê-se envolvido e obrigado polas consequências das suas acçons e pola sequência das acçons em que se embarca. Ignora —ou parece ignorar— as regras de causalidade que regem o agir, o fazer e o acontecer. Quando alguém realiza umha acçom ou entra num curso de acçom, depois nom pode desentender-se e/ou desembaraçar-se disto até a causalidade que liga uns factos com outros lho permite. Um exemplo disto, sem maiores consequências, som as correrias na noite de festa em Nova Iorque. E outro exemplo, com consequências fatais, é a sua colaboraçom com a parelha de activistas revolucionários em Ourense.

2POENOT92 19/12/07 14:17 Página 283

Essa colaboraçom com eles enraiza num feito passado, anterior à partida aos EUA, umha acçom comum dentro do seu relacionamento político de outrora: um roubo de gelamonite, com o objectivo (nunca realizado) de fazer voar umha mini-central em construçom. Por isso, apesar de nom partilhar com eles a sua visom política violenta[6], colaborará: primeiro, deixando-lhes o seu piso para se ocultarem umha noite; depois, ajudando a ela na fugida; e, finalmente, implicando-se por completo, com ela, numha veloz e fugaz carreira polo amor e a morte. Que remata intentando saltar um control da polícia.

Final?

Ela morta, detido, hospitalizado em estado muito grave, a sua última palavra é "agardo"[7]. O mesmo que ele dissera sentado na catedral[8], onde entrara porque chovia. Tem, daquela, algumha esperança? De escapar à morte? No sentido da violência como expressom política, cousa que nom partilha[9]? No valor do seu sacrifício por amor, um sacrifício quase involuntário por um amor quase só imaginário[10]? Quiçá o que haja seja —parece ser— umha espera, sem desesperaçom mas também sem esperança.

Obra-prima

Antano, o aprendiz culminava o processo de aprendizado fazendo a sua obra-prima; hoje, com este nome designamos aquela obra que se sai do corrente e na qual o seu autor patenteou a sua mestria. Em *Xelamonite*, de Luís Paradelo, dá-se esta feliz coincidência.

6. *Xelamonite*, pp. 60-70.
7. "E agardo" (*Xelamonite*, p. 152). Aí sobre-ponhem-se duas situaçons da sua vida: a do momento actual, ele no hospital, e umha outra sonhada-evocada da infância, ele sentado nos degraus da entrada da casa familiar.
8. "Agardo... fago como se agardase algo... mensaxes..." (*Xelamonite*, p. 56).
9. O diálogo com ela, e as conclusons dele: *Xelamonite*, pp. 136-138.
10. *Xelamonite*, pp. 142-144.

2POENOT92 19/12/07 14:17 Página 284

DICIONÁRIO TEMÁTICO DA LUSOFONIA

por José-Martinho Montero Santalha
(Univ. de Vigo)

O *Dicionário Temático da Lusofonia*, publicado pela Texto Editores, de Lisboa[1], e promovido pela «Associação de Cultura Lusófona» (ACLUS), é uma obra de inspiração e feitura originais: ocupa-se do mundo da Lusofonia olhado desde diversas perspectivas, em primeiro lugar linguísticas mas também sociais em geral: culturais, geográficas, históricas, económicas, artísticas, políticas.

Trata-se de um volume de natureza enciclopédica, com cerca de mil páginas (exactamente 976). Nele colaboram uns 350 especialistas de diferentes áreas e países, sob a direcção de uma equipa constituída pelo professor Fernando Cristóvão (cordial amigo da Galiza e bom conhecedor da nossa situação sócio-cultural, quem foi a alma do projecto, e agiu como director e coordenador dos trabalhos) e pelas professoras Maria Adelina Amorim, Maria Lúcia Garcia Marques e Susana Brites Moita. Entre essa longa lista de colaboradores há outros grandes nomes da cultura lusófona: por exemplo, por citar só alguns (especialmente dos mais próximos ao campo linguístico-literário), os professores Evanildo Bechara, Leodegário de Azevedo Filho, Malaca Casteleiro, Ivo Castro, José Mattoso, Oliveira Marques, Urbano Tavares, Salvato Trigo, Fátima Mendonça, Pires Laranjeira, Adriano Moreira, Alfredo Margarido, Ximenes Belo, e o antigo presidente da Assembleia da República portuguesa António de Almeida Santos. Veremos logo que também há uma presença, não grande mas digna, de colaboradores da Galiza.

A empresa achou o seu campo de germinação na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, precisou de um período de elaboração de uns 4 anos, e teve o patrocínio do Instituto Camões no labor de preparação, e de várias Fundações na edição (Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e a Tecnologia, Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento, Fundação Engº. António de Almeida, Fundação Oriente).

1. Fernando Cristóvão (Dir. e Coord.), Maria Adelina Amorim, Maria Lúcia Garcia Marques, Susana Brites Moita (2005): *Dicionário Temático da Lusofonia*, Lisboa: Texto Editores; 976 pp.

2POENOT92 19/12/07 14:17 Página 285

Aparece organizado por grandes temas, que abrangem os mais variados assuntos referentes a todo o mundo da Lusofonia: em primeiro lugar, aos oito países independentes (em ordem alfabética: Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste), mas também a outras áreas como a Galiza, Macau, Goa. Como é habitual nas boas enciclopédias, cada verbete vem assinado e acompanhado de uma selecta bibliografia no fim.

Destinada ao grando público, a obra quer apresentar, com rigor e exactidão mas em linguagem acessível a todos, os múltiplos laços (linguísticos em primeiro lugar, mas também sociais, afectivos, culturais, económicos e políticos) que unem os diversos territórios lusófonos.

Como se explica no próprio texto, o termo *Lusofonia* começou a difundir-se sobretudo a partir das negociações e sessões de discussão para o Acordo Ortográfico de 1986, cujos trabalhos se desenvolveram no Rio de Janeiro em maio desse ano. A ideia da Lusofonia tem a língua portuguesa como elo de ligação de um grupo de territórios, constituído por aqueles estados ou países ou regiões "que têm ou tiveram a língua portuguesa como língua materna, oficial, de adopção ou de património" (p. 5). Neste tempo de globalização, a Lusofonia é um laço de familiaridade linguística, e portanto cultural e afectiva, de uns duzentos milhões de pessoas nos cinco continentes.

Para os galegos que defendemos a pertença da Galiza a esse ancho mundo da Lusofonia, e portanto a plena integração linguística e cultural nessa nossa família, é um grande gozo ver que nesta obra se inclui também, como é de direito, o nosso pequeno país, apesar de não ser um estado independente. São quatro os autores galegos aí presentes, que contribuem com achegas da sua respectiva especialidade, todos professores da Universidade de Santiago: o professor José Luís Rodríguez escreve as entradas «Galiza: História, Literatura, Cultura» (pp. 343-345) e «Morrinha» (p. 737), a professora Maria Isabel Morám Cabanas «Rosalia de Castro» (p. 891), o professor Carlos Quiroga «Afonso Daniel Rodríguez Castelao» (p. 30), o professor Elias Torres Feijó «Ricardo Carvalho Calero» (pp. 890-891).

Como se vê, não é muito o que se dedica à Galiza, e, embora exista outra informação dispersa ao longo da obra, seguramente se poderiam incluir ainda outras entradas mais, mesmo tendo em conta que geografica e populacionalmente o nosso país é uma parte pequena da Lusofonia. É de esperar e de desejar que em futuras edições desta obra, ou em futuros projectos similares, se preste mais atenção aos temas galegos, como já se fez, por exemplo, no *Dicionário de Literatura* dirigido por Jacinto do Prado Coelho (onde se fazia notar a presença galega até no mesmo título da obra: *Dicionário de Literatura: Literatura portuguesa, Literatura brasileira, Literatura galega, Estilística literária*). Claro é que a questão política, isto é, o facto de que a Galiza seja parte do Estado Espanhol, não tem porque ser obstáculo, quando o factor determinante da Lusofonia é a língua; e menos problema deve ser agora quando a Galiza e Portugal fazem parte conjuntamente de uma entidade política unificadora como é a União Europeia, que felizmente eliminou na prática a fronteira política entre ambas as áreas, e estabeleceu uma moeda comum.

Seria natural que naqueles temas em que se presta atenção aos 8 países lusófonos individualmente, ou pelo

2POENOT92 19/12/07 14:17 Página 286

menos na maioria deles (porque, na verdade, algum como «Forças Armadas da Galiza» não teria muito sentido), se dedique também um verbete próprio à Galiza. Passando uma rápida revista aos temas mais desenvolvidos, poderíamos sugerir para uma futura edição que se considerasse a possibilidade de introduzir, entre outras possíveis, as seguintes entradas referentes à Galiza: «Arquivos da Galiza», «Arte na Galiza», «Bibliotecas da Galiza», «Cidade de Santiago de Compostela (Capital da Galiza)», «Desporto na Galiza», «Economia da Galiza», «Editoras na Galiza», «Ensino na Galiza», «Gastronomia da Galiza», «Geografia da Galiza», «História da Galiza», «Imprensa na Galiza», «Língua (Portuguesa) da Galiza», «Literatura da Galiza», «Museus da Galiza», «Música da Galiza», «Organização Político-Partidária da Galiza», «Rádio na Galiza», «Religião na Galiza», «Sistema judiciário na Galiza», «Televisão na Galiza», «Teatro na Galiza», «Turismo na Galiza».

No campo relativo às instituições seria oportuno incluir os seguintes itens: «Autonomia da Galiza», «Estatuto Galego de Autonomia», «Junta da Galiza (Governo Galego)», «Parlamento da Galiza», «Real Academia Galega» (e, se entretanto se constitui, como se espera, «Academia Galega da Língua Portuguesa»).

No que se refere à Literatura Galega, poderia completar-se com alguns novos verbetes; poderiam ser talvez estes: «Álvaro Cunqueiro», «Curros Henríquez», «Eduardo Pondal», «Guerra da Cal», «Otero Pedraio», «O Padre Sarmiento», «Ramom Cabanilhas».

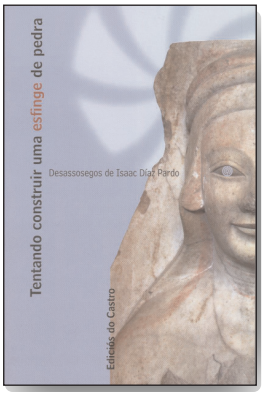
Poderia parecer que estas propostas de novos verbetes implicariam não tanto uma certa desproporção na importância atribuída à Galiza quanto um considerável aumento material do volume. Mas, supondo que cada um desses 35 novos verbetes ocupasse, como média, uma coluna de texto (isto é, meia página), o aumento não chegaria às 20 páginas (10 folhas). Em total, contando os verbetes já incluídos nesta primeira edição, a parte relativa à Galiza não ultrapassaria as 20-22 páginas, o que, num volume de umas mil páginas, não parece excessivo nem desproporcionado com o significado, pelo menos histórico, da Galiza no conjunto da Lusofonia.

A respeito das achegas galegas presentes no volume, antes aludidas, só resta dizer que são magníficas, como era de esperar dos autores que as elaboraram. Até a limitação de espaço contribuiu para que os resultados fossem, mais que magníficos, magistrais no seu esforço de síntese.

2POENOT92 19/12/07 14:17 Página 287

TENTANDO CONSTRUIR UMA ESFINGE DE PEDRA

por José-Martinho Montero Santalha
(Univ. de Vigo)



Este livro é, que saibamos, a primeira obra de Isaac Díaz Pardo que aparece publicada em normativa reintegrada (neste caso revisada por outro Isaac, Alonso Estraviz, como ele mesmo assina, corrigindo a errada grafia tradicional *Estravís*)[1].

Díaz Pardo dedica o livro a seu pai, o pintor, escenógrafo e desenhador Camilo Díaz Baliño (assassinado nos primeiros dias da guerra civil de 1936-39): "Lembrando a meu pai / que me deixou o alcamote", e em nota de rodapé explica que *alcamote* é o vocábulo com que na gíria dos *arginas* se denomina o martelo (p. 11).

Na contracapa, Begoña Soneira Beloso (investigadora nascida em Marim em 1976, e autora de vários livros publicados por Ediciós do Castro: *O arquitecto Constantino Candeira*, 2006, 114 pp.; *O drama dos arquitectos na Guerra Civil e no Exilio*, 2006, 167 pp.; *Unha ollada ó Laboratorio de Formas ós 44 anos da sua creación*, 2007, 215 pp.) explica que "Isaac Díaz Pardo, num escrito que conheço, diz estar no fundo de um poço desde o qual expectante olha para o céu. A obra maior a que deu vida está-se escuartejando, cumprindo-se assim o pior dos seus pesadelos"; e define o presente livro como "um diálogo poético e surrealista com uma esfinge de pedra, reencarnaçom das suas utopias, do seu afám criador, da ingente obra oculta trás o nome de Laboratório de Formas".

O texto abre-se com uma «Justificaçom» (pp. 13-14), datada "San Marcos, 2007" (p. 14), onde se lê: "Estes papeis que vam a continuaçom foram escritos a partir do ano 68 quando eu já deixara a República Argentina e me dispunha a construir o novo Sargadelos. [...] / Eram mais papeis que os que vam a continuaçom. Transcorreram muitos anos e cousas de mais importância nom soube cuidá-las e levaram consigo o trabalho de uma vida que vale mais do que esses papeis escritos que se perderam. [...] O que estávamos a fazer em Sargadelos, com o esforço que reclamava, a ilusom que pedia e os problemas que se apresentavam, tudo isso fazia-se presente no meu interior com os meus desafogos por construir e dialogar com essa Esfinge de pedra" (p. 13).

1. Isaac Díaz Pardo (2007): *Tentando construir uma esfinge de pedra: desassossegos*, Ediciós do Castro, Sada - A Corunha; 69 pp.

2POENOT92 19/12/07 14:17 Página 288

O livro estrutura-se em 25 capítulos, em geral breves, que o mesmo autor apresenta numa espécie de índice inicial, intitulado «A modo de resumo indicador» (p. 15), da seguinte maneira:

> *"Estes desafogos vam numerados respondendo à ordem em que se foram escrevendo.*
>
> *O nº 1 – é a teima desse homem absurdo por querer encontrar uma saída à sua inquietaçom mortal construindo um oráculo ao que lhe possa contar o seu desespero.*
>
> *O nº 2 – recolhe a sua evidência de que a cousa nom é tam fácil e vê que passará o resto da sua vida trabalhando nela.*
>
> *O nº 3 – recolhe o seu pedido a Deus para que nom lhe interrompa o trabalho que se propõe fazer.*
>
> *Os nºs 4, 5, 6 e 7 – recolhem os diálogos do construtor com a pedra.*
>
> *O nº 8 – é como um interlúdio no qual o construtor da Esfinge lembra os seus primeiros anos na rua onde nasceu que o condicionam.*
>
> *Os nºs 9, 10 e 11 – semelham um tímido regresso à realidade.*
>
> *Os nºs 12, 13, 14, 15 e 16 – representam a visom dos absurdos nos que se move o construtor.*
>
> *Nos nºs 18 e 19 – a Esfinge é crítica com as obsessões do construtor.*
>
> *Os nºs 20, 21 e 22 – som sonhos e referências do passado que ilustram o presente e marcam o NOM da existência.*
>
> *Nos nºs 23 e 24 – o construtor aproxima-se à realidade.*
>
> *O nº 25 – regista a destruiçom da Esfinge".*

O autor encontra-se, de início, "sozinho comigo mesmo". "Só ficam estas pedras que baixaram do monte e este alcamote, que meu pai me dera"; "sei que lá noutros tempos existia um animal alado, com seios e face de mulher e gadoupas de fera, que contestava a tudo quanto lhe perguntavam se lho pediam com fé. / E com esta grande pedra e o alcamote que tenho tentarei fazer este animal para gastar nele todos os meus dias" (p. 17).

E assim por diante vai tecendo os seus desassossegos, por libertar-se desse modo da amargura e da decepção que o invadem.

O capítulo 3 é uma oração:

> *"Hoje vou falar-te, meu Deus, para pedir-te que me deixes desenhar esses olhos. Nom me digas agora que era mais importante terminar com a injustiça, para o que tiveste tempo e nom fizeste, escorrentar as meigas que guardam os segredos revelando essas leis das cousas que nom vemos, ou deixar quando morra, sem saber para quê, constância de mim mesmo. / [...] / Mas deixa-me protestar, que eu nom tenho a culpa, Senhor, que seja como som e cheirar como cheiro" (p. 21).*

No capítulo 8 (pp. 31-33) rememora, de modo similar a como já o tem feito nas anteriores memórias (especialmente no livro *Galicia hoy y el resto del mundo*, Ediciós do Castro, Sada - A Corunha 1987; 2ª edição em 1990), a sua infância na compostelana Rua das Hortas, perto da Praça do Obradoiro e da catedral, e sente que a esfinge lhe diz: "nom é que histories cousas de como tens nascido, é que voltas à tua infância fugindo de ti mesmo, dando voltas e voltas, fracassada uma vida, sem te mover do sítio" (p. 33).

"Fracassada uma vida": compreende-se bem que, nas actuais circunstâncias,

2POENOT92 19/12/07 14:17 Página 289

Díaz Pardo sinta a tentação de ver a sua vida como um fracasso, após ter sonhado e trabalhado tanto por Galiza, pela sua identidade artística, económica e cultural. Porém, suceda o que suceder com as iniciativas que ele criou, claro está que, por muito injustos e tristes que sejam os factos sobretudo no nível pessoal, poucos galegos poderão sentir a sua vida como mais lograda e proveitosa. É o que sentimos muitos amigos de Isaac, que, com o coração magoado e receoso, assistimos ansiosos mas impotentes ao desenvolvimento deste drama.

Todo o livro vem ilustrado abundantemente com debuxos do próprio autor, de inspiração e encanto inconfundíveis.

Um filho de Díaz Pardo, Xosé Díaz, é autor da capa.

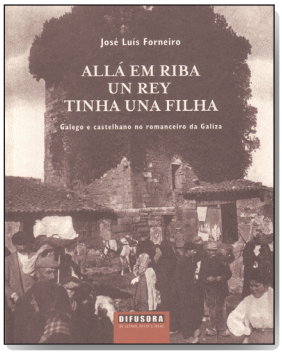
Isaac Díaz Pardo merece os nossos parabéns e o nosso agradecimento, e de toda a Galiza, por tantas cousas que leva feito.

Agora que vemos publicado este livro na normativa que corresponde à ideia reintegracionista que Díaz Pardo sempre defendeu, desejaríamos também ver editados do mesmo modo outros trabalhos dele, não só do material ainda inédito ou da sua produção futura mas também do já publicado anteriormente em circunstâncias diferentes às da "rude adversidade urgente" (que dizia Pondal): em primeiro lugar, os seus escritos de carácter mais literário (especialmente a produção teatral *Midas. O ángulo de pedra*, Ed. Citania, Buenos Aires 1957, e as prosas literárias do livro *Unha presa de dibuxos feitos por Isaac Díaz Pardo de xente do seu rueiro*, Edicións Arsnovos, Buenos Aires 1956, das quais o professor Carvalho Calero recolheu várias amostras na antologia de *Prosa Galega* [volume segundo, «Dos novecentistas aos nosos días», 1978, pp. 122-124], o que está a indicar a alta valoração literária que lhes atribuía); e, em segundo lugar, os seus artigos na imprensa, em vários dos quais reafirmou insistentemente a sua concepção da unidade linguística galego-portuguesa e criticou a atitude isolacionista e culturalmente suicida de algumas instituições galegas (como o Instituto da Língua Galega e a actual Real Academia Galega). Já em *Agália* se tem feito referência a algum desses artigos (*Agália*, núms. 69-70, 1º semestre de 2002, p. 272), onde dizia: "O achegar-se a Portugal é o único que pode salvar o galego dumha morte segura. Ou os que se laiam de que o galego morre tenhem outra fórmula para o defender? E com Portugal iríamos entrando num mundo de mais de cem milhons de galego/luso falantes" (de um artigo publicado no jornal corunhês *La Voz de Galicia* na segunda-feira 14 de janeiro de 2002).

2POENOT92 19/12/07 14:17 Página 290

ALLÁ EM RIBA UN REY TINHA UNA FILHA. GALEGO E CASTELHANO NO ROMANCEIRO DA GALIZA, DE JOSÉ LUÍS FORNEIRO

por Carlos Garrido
(Univ. de Vigo / Comissom Lingüística da AGAL)



O interessante trabalho que aqui glossamos, três anos voltados desde a sua publicaçom, constitui um bom exemplo da grande utilidade que, para o conhecimento da riqueza histórica do galego e, *por conseguinte*, para a sua codificaçom actual, encerra a compilaçom e análise de *enunciaçons fossilizadas* pertencentes à tradiçom oral da Galiza, sejam elas provérbios, contos e cançons populares ou, como neste caso, *romances*, i. é, composiçons poéticas de carácter narrativo. Numha modalidade lingüística como a galega, em que as contingências da história fôrom empobrecendo e obliterando o seu património, tais testemunhos de um passado mais ou menos recuado, mas ainda actualizado na fala espontánea do povo, permitem reconstituir para o presente, como que agrupando os destroços de um naufrágio, um corpo idiomático de maior genuinidade e vigor, a realçar o estreito vínculo existente entre o galego *codificável* e as suas variantes meridionais, socialmente estabilizadas. Se, a esse respeito, para um largo público hoje interessado na língua da Galiza já estavam disponíveis na bibliografia claros indícios de tal utilidade no caso dos provérbios (veja-se, por exemplo, o capítulo sobre o futuro do conjuntivo na introduçom ao *Refraneiro Galego Básico* compilado por Xesús Ferro Ruibal) e no caso das cantigas populares (veja-se, por exemplo, a *Literatura popular de Galicia* de Saco e Arce [comentada por Maurício Castro em *Agália*, 56], ou o grande rendimento que, na abonaçom de estruturas morfossintácticas genuínas, mostra na *Gramática* de Xosé Ramón Freixeiro Mato o *Cancionero popular gallego* compilado por P. Ballesteros), o livro que agora resenhamos oportunamente vem a confirmar –e, como veremos, de modo quase paradoxal– aquela estratégia restauradora também com base no romanceiro tradicional da Galiza.

Estamos a referir-nos a *Allá Em Riba un Rey Tinha una Filha. Galego e Castelhano no Romanceiro da Galiza*, livro[1] de muito oportuna apariçom e muito rigorosa feitura em que José Luís Forneiro analisa, com afám divulgativo, a constituiçom da língua em que o romanceiro da Galiza é veiculado, língua de natureza híbrida galego-castelhana, como patenteia o curioso título escolhido para o volume.

1. José Luís FORNEIRO. 2004. *Allá Em Riba un Rey Tinha una Filha. Galego e Castelhano no Romanceiro da Galiza*. Difusora de Letras, Artes e Ideas. Ourense.

2POENOT92 19/12/07 14:17 Página 291

José Luís Forneiro, professor titular do Departamento de Filologia Galega da Universidade de Santiago de Compostela e investigador que foi da Fundaçom e do Seminário Menéndez Pidal, publicara com anterioridade *El romancero tradicional de Galicia: una poesía entre dos lenguas* (2000), polo que cabe atribuir-lhe a condiçom de grande especialista nesta interessante manifestaçom da cultura popular galega. O livro do Prof. Forneiro que aqui resenhamos divide-se, após a introduçom, em duas partes. Na primeira, intitulada "O bilingüismo da Galiza e a mistura lingüística do romanceiro galego", procede-se a desenhar umha caracterizaçom sociolingüística da Galiza, enquanto matriz em que som inicialmente acolhidas e posteriormente reelaboradas umhas composiçons épico-líricas de origem maiormente castelhana que, ao longo do tempo, serám parcialmente galeguizadas, para darem assim origem ao tam peculiar acervo romancístico da Galiza. Nesta análise sociolingüística, interessa muito ao autor vincar a precoce e prolongada "–desde o fim da Idade Média até à actualidade–" exposiçom das camadas camponesas galegas à língua castelhana, familiarizaçom com o castelhano que, em conjunto com a histórica subalternizaçom sociocultural da língua galega e o carácter memorialís-tico do romanceiro, explicariam o facto de na Galiza, em contraste com o que aconteceu em Portugal, as composiçons romancísticas castelhanas nom terem experimentado mais do que umha leve adaptaçom lingüística, de modo a originar-se a língua híbrida galego-castelhana, com nítida preponderáncia castelhana, peculiar do romanceiro da Galiza. A nosso juízo, nesta parte do livro, o Prof. Forneiro acerta plenamente ao assinalar, recorrendo ao contributo de diversos sociolingüistas, a prolongada e importante influência lingüística do castelhano no mundo tradicional galego (pág. 16: «Ainda que seja difícil esboçar os diversos graus de bilingüismo que se produzírom na sociedade galega durante os diversos períodos históricos [...], julgamos que nom se tenhem tido em conta algumhas realidades que induzem a pensar que a presença do castelhano na sociedade galega vem de muito mais longe.»), a qual nom apenas ajuda a entender a substancial conservaçom da expressom castelhana no romanceiro da Galiza, como também –e aqui o autor está muito consciente de erodir umha «*base até agora inquestionável do discurso cultural da Galiza contemporánea*»– a própria descaracteriza-çom, profundamente castelhanizante, da língua da Galiza. Numha altura em que os representantes da corrente codificadora isolacionista com tanta facilidade aventam peregrinas hipóteses de "evoluçom lingüística autónoma na Galiza", destinadas a legitimar, em detrimento da coesom galego-portuguesa, inverosímeis alinhamentos unilaterais do actual galego popular com o castelhano (como a da "espontánea" generalizaçom pós-medieval dos cultismos em *-ción* [numha Galiza analfabeta!]), a chamada de atençom do autor para o carácter entranhadamente bilíngüe (e preponderantemente castelhano) da expressom romancística assimilada e transmitida desde a Idade Média polo povo da Galiza decerto contribui para derrubar o "mito", tam caro aos codificadores da RAG-ILG, de umha pureza e isolamento lingüísticos do campesinato galego que se estenderia até ao século XIX.

A propósito desta primeira parte do livro, de argumentaçom muito rica e

2POENOT92 19/12/07 14:17 Página 292

eficaz na integraçom de diversas fontes de informaçom, o redactor desta recensom quereria manifestar apenas um ponto de discrepáncia com o autor: a apaixonada vindicaçom que no estudo se fai do interesse cultural e lingüístico do romanceiro da Galiza –totalmente justificada– e a constataçom da histórica familiarizaçom do camponês galego com a língua castelhana –a qual é de facto atestada polo romanceiro– levam por vezes o autor a insinuar juízos de valor sobre a condiçom alegadamente bilíngüe da comunidade galega que, com indepen-dência do sinal ou orientaçom daqueles, no contexto do presente trabalho, polo seu carácter científico e divulgativo, talvez fosse conveniente omitir (p. ex., pág. 38: «Em contraste, pode observar-se em determinados ambientes cultos das comunidades bilíngües umha atitude de intolerante paternalismo quanto ao direito exercido polos falantes do mundo rural de recorrer à língua 'exterior' quando o consideram conveniente, e um desejo de que os camponeses vivam encerrados num absoluto monolingüismo.»).

A segunda parte do livro, de carácter expositivo e intitulada "Interesse filológico da língua do romanceiro galego", representa umha notável achega, por um lado, aos estudos sobre a interferência lingüística, pois, a partir da análise da língua do romanceiro galego, aqui é realizado um pormenorizado levantamento de categorias de interferência entre galego e castelhano –o mais completo até à data–, ilustrando-se cada umha delas com numerosos exemplos retirados do acervo de romances galegos: interferências fonéticas, morfofonéticas, morfossintácticas e léxico-semánticas; por outro lado, e na linha do consignado no início da presente recensom, o autor oferece nesta segunda parte do livro um rico –e às vezes surpreendente– repertório de castiças construçons e vozes galegas que, hoje esmorecentes ou já por completo desa-parecidas na fala, testemunham a existência de um galego espontáneo mais rico e genuíno do que o actual e, por isso, mais solidário com o luso-brasileiro, ao mesmo tempo que inequivocamente confirmam a legitimidade e conveniência de umha estratégia de codificaçom cabalmente regeneradora. Assim, a partir do estudo da língua do romanceiro da Galiza, e de modo só aparentemente paradoxal –já que, embora se trate de um acervo textual caracterizado por umha maciça interferência entre galego e castelhano, o galego que nele está presente (enquanto língua interferidora!), como explica o Prof. Forneiro, é genuíno na sua *antigüidade* e *ruralidade*–, podemos verificar a radical galeguidade e vigência popular, entre outras «jóias expressivas», do futuro do conjuntivo e do infinitivo flexionado (profusamente representados no romanceiro!), dos sufixos *-aria* e *-çom*, dos pronomes mesoclíticos e de vozes como *aborrecido* 'enfastiado', *abranger*, *atraiçoar*, *embora* (adv. intensificador do verbo *ir-se*), *ensinar*, *escada* (sentido geral), *França*, *janela* (como *jinela*), *Natal*, *povo*, *quinta-feira*, *ruivo*, *sino*, *sumir* 'desaparecer', *tanger*, *tirar* 'extrair', *trovom* (como *trevom*), *valoroso*...

Já no aspecto formal, o livro destaca pola sua boa redacçom e atraente formato, se bem que, a esse respeito, caiba também fazer-lhe duas pequenas críticas, a segunda das quais referida a umha circunstáncia que provavelmente nom seja imputável ao autor: por um lado, na composiçom da monografia, de modo antieconómico, aparecem mistura-dos dous sistemas de referência bibliográfica, o baseado nas notas de rodapé e o

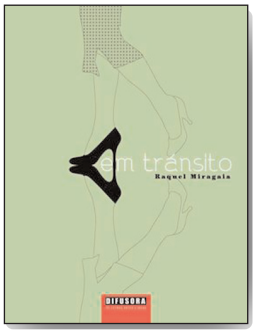
2POENOT92 19/12/07 14:17 Página 293

baseado na inclusom de um capítulo final de fontes bibliográficas, sem que no corpo do texto figurem as correspondentes remissons; por outro lado, o corpo de letra escolhido para o estudo introdutório (e, sobretudo, para o índice!) é pequeno demais para possibilitar umha leitura cómoda do texto. Finalmente, duas palavras (esperançosas) sobre a editora que deu a lume o interessante ensaio aqui resenhado. Desconhecemos as condiçons financeiras em que esta publicaçom foi realizada, mas, para já, damos os parabéns e manifestamos o nosso reconhecimento aos responsáveis da Difusora de Letras, Artes e Ideas porque, sendo esta umha entidade com vocaçom comercial, aqueles nom se recusam a abrir o seu catálogo à produçom de criadores e investigadores que escrevem em galego-português, quando ainda hoje, numha atitude sectária e censora, indigna de um país civilizado, tantas outras editoriais galegas continuam a recursar-se, *por princípio*, a publicar qualquer texto que nom estiver composto em galego-castelhano.

Em conclusom, *Allá Em Riba un Rey Tinha una Filha. Galego e Castelhano no Romanceiro da Galiza*, obra do Prof. José Luís Forneiro, pola originalidade do tema abordado, polo rigor do seu tratamento e pola sua clareza expositiva, representa um notável contributo para a lingüística galega e, ao mesmo tempo, constitui umha leitura muito recomendável para toda a pessoa interessada na cultura e na língua da Galiza.

EM TRÁNSITO: O BRASIL COMO PANO DE FUNDO NA NOVA PROPOSTA NARRATIVA DE RAQUEL MIRAGAIA

por Joel R. Gômez
(Grupo Galabra-USC)



Mas a realidade tem muita facilidade para tornar-se sempre vencedora. Marcos e Inês sentiram como essa realidade se apoderava aos poucos das suas vidas, do tempo, do espaço… e cada vez eram maiores o balcom do bar e as ruas da cidade. Dia após dia iam reduzindo as viagens, as malas, as fotos nas paredes. Até que já nom havia mais que realidade.
(Raquel Miragaia. *Em tránsito*, p. 50)

Na primavera de 2007 publicou-se *Em tránsito*[1], um conjunto de nove narrativas de Raquel Miragaia, que tenhem como nexo comum o deslocamento das pessoas. Textos breves em que o meio de transporte veicula histórias que combinam a quotidianidade com o excepcional, e evidenciam diferentes aspectos da comunicaçom, desde o transporte

1. Miragaia, Raquel, (Abril de 2007), *Em tránsito*, Ourense, Difusora das Letras, 96 páginas.

2POENOT92 19/12/07 14:17 Página 294

convencional à íntima necessidade de contacto. Os oito primeiros relatos referenciam diferentes modos de mover-se: "A pé" (pp. 7-16), "De comboio" (pp. 17-22), "De autocarro" (pp. 23-33), "De balom" (pp. 35-41), "De aviom" (pp. 43-53), "De carro" (pp. 55-64), "De metro" (pp. 65-72) e "De barco" (73-84). O último, "Na estaçom" (pp. 85-96) está ambientado numha antiga, abandonada e solitária estaçom de combóios.

Ao igual que no seu anterior volume[2], quando a estreia no campo literário galego, o comboio tem maior presença, aqui em dous dos relatos. No entanto, som muitas as diferenças entre ambos os produtos. A principal de todas é que naquele primeiro livro Miragaia centrava-se no próprio território, numha aldeia da Galiza, nas mudanças e transformaçons que experimentara, e evidenciava como num espaço muito reduzido conviviam contrastes e modos de enfrentar a vida que podiam aparecer contraditórios, mesmo incompreensíveis, mas bem reconhecíveis. Os contrastes e diferentes modos de viver emergem igualmente nesta nova proposta, só que aqui o espaço difere, mesmo nem sempre é necessariamente a Galiza.

Com ensejo do lançamento de *Em tránsito*, os meios de comunicaçom recolhêrom depoimentos de Miragaia, em que explicava que parte destas narrativas surgírom no decurso de umha viagem ao Brasil, polo impacto que provocou nela aquele imenso território, com tanta diversidade, distante também em tarefas do dia-a-dia com a Galiza apesar da convergência na língua. Acreditando, pois, nessa génese, o certo é que as preocupaçons, dessassossegos, aspiraçons e modos de reagir que se apresentam nom resultam estranhos para as pessoas da Galiza nestes inícios do século XXI.

Nestes nove relatos encontramo-nos pessoas com mundos predizíveis e que se questionam a ordem da sua vida, a lógica pessoal, que conhecem todas as palavras e discursos que escuitam mas que por vezes nom compreendem ou nom querem compreender. Presenças novas que transformam o espaço conhecido, que contagiam de humanidade o "cadáver urbano", coreografias que se intercalam sem interferir. Vidas inteiras dedicadas à observaçom, rotinas que podem servir também para atingir a felicidade. Rituais com "qualquer coisa de antropofágica", de pessoas a consumirem-se a si próprias. Desaparecimentos selectivos na memória, angústia irracional, resistência a esquecer lembranças. Oportunidade de conhecer mundos insuspeitos ao pé de onde se vive, ignorados pola sua invisibilidade social. A ánsia por chegar, e como com a passagem do tempo desaparecem existências que podem suscitar curiosidade, ou outras que decepcionam apesar da expectativa que porventura pudessem gerar ao serem novidade. Pessoas solitárias, sem ninguém a quem pedir ajuda e próximas ao pánico, sem contornos nem lembranças do que deixavam para atrás. E também o encontro do amor em lugares insuspeitos, verificar como é difícil a excepcionalidade, como pessoas bem diferentes podem confluir.

Todo isso está nestes breves textos, bem construídos por umha autora que exerce profissionalmente leccionando literatura, e que demonstra o seu bom

2. Miragaia, Raquel, (Dezembro de 2002), Diário Comboio, Santiago de Compostela, Agal/Laiovento.

2POENOT92 19/12/07 14:17 Página 295

domínio da técnica narrativa, do tratamento de tempo, espaço, diegese e personagens, de como atrair a atençom e facilitar o seguimento da leitura com imagens por vezes muito fortes e felizes, que fazem o texto ganhar atractivo, ou com associaçons surpreendentes como, v.gr., quando afirma na página 35 que "há algo de mulher grávida num balom cheio de ar, a pairar por cima de qualquer cousa".

A procura para ultrapassar a desorientaçom, a conquista de espaços para a comunicaçom, a luita contra os imperativos do tempo, o ser humano, em definitivo, no seu agir para transformar a realidade e moldá-la segundo os seus interesses e necessidades, para ser actor e nom só espectador, para ordenar o seu mundo e o gosto construído com a subjectividade do amor e da liberdade, encontram-se nestes relatos em que os reptos e as angústias da contemporaneidade se trabalham como assunto literário, conformando um produto cultural do maior interesse. A ternura, o apreço ao corpo, a formulaçom de novas possibilidades das rotinas quotidianas, a defesa da individualidade contra a uniformidade, e também a afirmaçom do eu frente às imposiçons exteriores, som outros elementos que transparecem numha narrativa de atractivo.

O volume, muito bem editado, complementa-se com ilustraçons de Mauro Trastoy, um produtor de outro campo com o que, segundo se nos informa na badana, já tinha colaborado anteriormente Miragaia.

Em definitivo, um livro que oferece possibilidades de diálogo sobre muitos aspectos da comunicaçom, da afirmaçom do ser humano perante as constriçons que lhe chegam do exterior, e que vale a pena ser lido e valorizado. Raquel Miragaia atinge um produto que dá coerência e continuidade à sua obra de estreia, na forma de narrar e no conteúdo ideológico, que a colocam em posiçom muito singular no panorama das letras galegas. Demonstra que nom é necessário acudir ao exotismo ou à importaçom de modas e referentes exteriores, mas que se podem fazer propostas literárias que dialoguem com a actualidade com umha visom particular e tendo sempre presente a própria realidade embora nom sempre se parta dela. Galiza nom é ilha isolada e os problemas partilham-se, mas a procura de soluçons tem de ser desde dentro, sem imposiçons nem seguidismos desnecessários, e a narrativa de *Em tránsito* expom problemas e tenta indicar caminhos e respostas, o que já é um valor. Um produto, enfim, com ambiçom literária, com afám de interactuar, de incidir num campo tam complexo como o da literatura e a cultura galegas actuais.

Com *Diário Comboio* Raquel Miragaia conseguiu quebrar alguns entraves, o que foi favorecido em parte pola valorizaçom desde o politicamente correcto do trabalho das mulheres, mas também sem sombra de dúvida pola novidade que representou aquele livro. *Em Tránsito* merece ganhar novos ámbitos, por mais difícil que isso poda parecer pola defesa do cánone ortográfico do Galego-Português, umha opçom bem significativa nesta produtora formada nas filologia Galego-Portuguesa e Hispánica, profissional nesta última, que nom busca propositadamente ser periferia na Galiza, mas contribuir desde alternativas válidas de língua e comunicaçom para que a Galiza e a sua cultura deixem de ser periferia.

Compostela, Novembro de 2007.

3PERCURS92 20/12/07 13:57 Página 296

AGÁLIA, 91-92

3PERCURS92 20/12/07 13:57 Página 297

AGÁLIA: 91|92

percurso

3PERCURS92 20/12/07 13:57 Página 298

AGÁLIA, 91-92

3PERCURS92 20/12/07 13:57 Página 299

Proposta sobre Carta Europeia das Línguas vetada

A deputada María Olaia Fernández da Vila apresentou no *Debate de Política General sobre el Estado de la Nación*, ao abrigo do relatório do Conselho da Europa apresentado no ano 2005, no qual se recolhe o incumprimento por parte do Estado Espanhol da Carta Europeia das Línguas Regionais ou Minoritárias, umha proposta de resoluçom em que se pedia um maior compromisso por parte da Administraçom Geral espanhola com a língua galega e o cumprimento da Carta Europeia (direito da cidadania a ser atendida em galego pola Administraçom Geral, revisom da toponímia galega nos bancos de dados dependentes do Estado e recuperaçom da estaçom de rádio RNE4 bem como as emissões na Galiza da RNE, TVE e versom em galego das emissões digitais da TVE). A proposta foi ignorada pola falta de apoio do PSOE e o PP♦

Memória de Elixio Rodríguez e Luís Soto

por Luís Gonçales Blasco "Foz"

Vem de morrer Elixio Rodríguez, galego bom e generoso, militante nacionalista desde a sua juventude (nas Mocidades Galeguistas primeiro e no partido depois) até a sua morte. Tivem o prazer de conhecê-lo graças a outro Elixio; Elixio Villaverde, historiador galego especializado no nosso exílio mexicano. Algumhas vezes jantamos juntos, ambos Elixios, Maria Gloria (viúva do meu lembrado amigo) e eu. Outras vezes fora-o ver ao seu quase natal Bande. Sempre hospitalar e lúcido informava-me dos galeguistas exilados em México para um trabalho meu em curso.

Estám a aparecer necrológicas a falarem del e contando a sua vida. Resulta curioso, melhor seria dizer injusto, que em nengumha das que vim até agora se mencione o nome de Luís Soto. Elixio Villaverde tem-me comentado o estranho silêncio que há sobre um dos fundadores da UPG.

Nalgumhas dessas necrológicas fala-se de um «romance autobiográfico» intitulado *Matádeo mañá*, este livro nom é um «romance», som as suas memórias que lhe ajudou a escrever Villaverde; ainda que si se pode ler como um romance, como um romance de aventuras. A vida de um home que escapou várias vezes da morte, que foi encarcerado e sempre se mantivo fiel aos seus ideais de moço; que tivo relaçons de amizade com Fidel Castro e com Che Guevara quando estes residiam em México e desde ali preparavam a sua expediçom a Cuba. Recomendo a leitura do livro citado para quem quiger saber mais sobre umha vida tam rica como a sua.

Elixio Rodríguez participou em todas as actividades culturais e políticas de carácter galego que se figérom em México, desde o programa radiofónico *Hora de Galicia*, até as revistas *Saudade* e *Vieiros*. Contarei como foi o nascimento desta última, segundo el mesmo diz no seu

3PERCURS92 20/12/07 13:57 Página 300

livro: «Um dia (Carlos Velo) convidou-nos a Luís Soto, a Florêncio Delgado e mais a mim para discutir a maneira de fazer realidade o sonho que desde havia algum tempo vínhamos acarinhando: a criaçom de umha revista de alto nível nacionalista e cultural, totalmente escrita na nossa língua...».

Essa revista seria *Vieiros* que tam grande impacto produziu na cultura galega. O problema da revista estava no seu financiamento; para conseguir sacá-la adiante tinham que recorrer a emigrantes galegos enriquecidos que muitas vezes nom partilhavam o seu ideal nacionalista. Luís Soto contou-me umha anedota que me voltou contar Elixio e que este inclui no seu livro: Luís Soto tivera a idéia de lhe sacar dinheiro para a revista, ainda nom aparecera o primeiro número, a um destes galegos ricos ao que Elixio define como fascistoide.

Fôrom ambos a falar com el e prometeu-lhes umha boa quantidade de dinheiro com a condiçom de que a revista fosse bilíngüe, Soto dixo-lhe que nom havia problema e ao saírem, Elixio mostrou-se preocupado pola reacçom que pudesse ter aquel galego ao ver o primeiro número de *Vieiros* ao que lhe respondeu Luís que nom haveria problema ou é que já esquecera que se iam publicar artigos em português.

Este bilingüismo nom era tal para os dous amigos: ambos consideravam o galego e o português como a mesma língua.

Elixio nunca foi da UPG, ainda que colaborasse com ela, a razom que me deu foi que el nom era comunista como Soto. Também me dixo que nada do que se fazia em México se poderia fazer sem o activismo de Luís Soto. É por isso que, como Villaverde, considero injusto tanto silêncio.

Nom quero rematar estas linhas sem manifestar as minhas condolências a Maria Gloria, tam nacionalista como o seu home♦

Escolarizar em galego

A 20 de Julho, no Auditório da Galiza (Compostela) catorze entidades do ámbito do ensino figérom público um manifesto em defesa do direito à escolarizaçom em galego. Apoiado pola confederaçom de AMPAs públicas, as principais organizações estudantis da secundária e os principais sindicatos do ensino (que representam 9 em 10 professores), entre outros. Reclamavam a aplicaçom dos consensos para a normalizaçom lingüística. Em concreto, figérom referência ao informe aprovado em 2005 polo Comité de Ministros do Conselho da Europa em que se indicava que o sistema educativo galego nom estava à altura dos compromissos de normalizaçom lingüística adquiridos a nível intercional polo Estado espanhol. Entre outras cousas reclamárom da Conselharia de Educaçom mais professores, planos «ambiciosos» de formaçom, umha atitude «próxima e diligente» da inspecçom educativa e campanhas de sensibilizaçom para acabar com os preconceitos contra o galego♦

Suplemento de humor 'O Pasquim' no *Novas da Galiza*

Coincidindo com o Dia da Pátria o *Novas* lançou, com o apoio da Conselharia de Cultura, o seu suplemento de humor de quatro páginas a toda cor, *O Pasquim*, dirigido polos desenhadores Suso Sanmartim e Xico Paradelo. A equipa que contribui ao primeiro Pasquim, assim como os diferentes colaboradores confirmados para os seguintes números, acreditam na máxima de que «o humor, sao e bem entendido,

3PERCURS92 20/12/07 13:57 Página 301

começa por um mesmo». E já que «se nom sabes rir de ti mesmo nom tens direito a rir dos outros», a estreia do suplemento dedicou-se a «rir de nós mesmos, nacionatas e indepes que somos», assegurava Suso Sanmartin no texto de apresentaçom, na capa d'*O Pasquim*♦

XI Expofeira da Lusofonia em Viana

A Expofeira do livro de Viana do Castelo, que anda já na sua ediçom nº 27 e se celbra anualmente no mês de Junho, integra, desde há onze anos a Expofeira da Lusofonia, com dias dedicados a cada um dos países lusófonos. No dia 27, dedicado à Galiza, deslocárom-se a Viana os membros do Conselho da AGAL José Paz e Margarida Martins (vogais da associaçom), o Presidente Alexandre Banhos e o Vice-Presidente Isaac A. Estraviz para participar das actividades, completar acordos e pôr os alicerces para a AGAL trazer à Galiza umha interessante exposiçom organizada pola biblioteca municipal de Vila Nova da Gaia♦

Vozdagaliza.com

Vozdagaliza.com surge com a missom de se converter no forum referente e transversal para o debate na Internet de toda a cidadania galega. O novo web pretende-se um forum de debate livre aberto a toda cidadania galega (e de comunidades culturais próximas) sobre temáticas relacionadas com a Galiza nos diversos aspectos: político, cultural, económico, social, científico e outros♦

O novo Valedor do Povo

A Mesa pola Normalizaçom Lingüística instava, no passado mês de Agosto o novo Valedor do Povo a rectificar «de imediato» as suas últimas declarações sobre o idioma galego no Ensino e na Justiça. Concretamente, Benigno López assegurou que as matérias de Língua e Literatura galegas som secundárias e que o uso do galego na Justiça, se nom se tiver avondo domínio, «pode resultar muito perigoso». Para a associaçom, estas opiniões resultam

3PERCURS92 20/12/07 13:57 Página 302

«preconceituosas» e nocivas para a convivência. Para a organizaçom, o valedor deveria poupar «polémicas inúteis» realizadas, no melhor dos casos, «sem meditar nas suas conseqüências»e gastar as suas energias em assegurar, desde a sua instituiçom, «a defesa decidida dos direitos lingüísticos da cidadania» face às constantes vulnerações e negações que têm de padecer todas as pessoas que desejam viver em galego na Galiza.

De outra banda a CIG considera que Benigno López deveria «abandonar o cargo» e o Parlamento «retomar a sua nomeaçom», pois as suas declaraçons som inéditas e só acordes com os sectores «mais antigalegos e reaccionários da sociedade», quando deveria preocupar-se com a «desgaleguizaçom do ensino e com a perda de galego-falantes dentro da mocidade galega».

Por seu turno NÓS-Unidade Popular emitiu um comunicado em que salienta três aspectos em relaçom às palavras de Benigno López: a contradiçom com as funçons que correspondem a um Valedor do Povo, teoricamente encarregado de «defender os direitos das galegas e os galegos e evitar a sua vulneraçom por parte das instituiçons»; a pertença de López ao ámbito judicial, o que converte o caso numha «mostra da nula disponibilidade da administraçom de justiça para se adaptar, nem que seja minimamente, à realidade lingüística galega»; e o facto de ter sido eleito de maneira consensual polas três forças presentes no Parlamento autónomo da Galiza. A formaçom independentista reclama a «urgente destituiçom» de Benigno López e a sua «inabilitaçom como magistrado» e umha «progressiva depuraçom da judicatura em exercício na Galiza, como única possibilidade de democratizaçom real e garantia da assunçom dos direitos lingüísticos que correspondem à comunidade lingüística galega»♦

V.O.

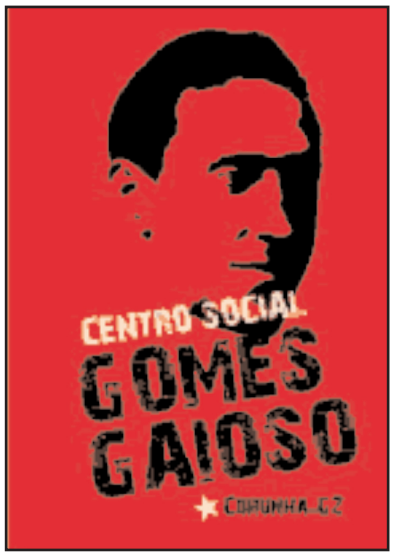
O site *Versão Original* gerido por Celso Álvarez Cáccamo acresceu aos seus materiais umha antiga palestra de António Gil Hernández, pronunciada em Carinho no ano 1991 com motivo da apresentaçom da desaparecida associação reintegracionista «Arco», em que o professor explica as suas razões para chegar a defender o reintegracionismo; umha palestra dum ciclo organizado polo MDL que sob o título «Estamos na NET» teve lugar no Centro Social A Revolta, em 7 Junho 2007, contando como participantes com J. Ramom Flores das Seixas, Celso Alvarez Cáccamo e Vítor Lourenço; e umha entrevista a Suso Sanmartim realizada no Dia do Orgulho Lusista e Reintegrata, 25 de Maio, Dia Internacional da Toalha, no programa da Rádio Galega As Quimbambas♦

Novo centro social

O passado 24 de Julho, faziam a sua apariçom pública os promotores e promotoras do Centro Social Gomes Gaioso da Corunha. Segundo eles próprios explicárom aparcem «em cena com a ideia fundamental de dotar Corunha de umha ferramenta sob o parámetro de esquerda soberanista», pondo ao dispor da comarca e do bairro «um espaço com dinamismo e a força dos apoios que incem o projecto de actividades». Para além dos aspectos políticos, o C. S. Gomes Gaioso nasce como umha entidade plural e com o intuito de se abrir «a outros colectivos ou pessoas que quigerem compartilhar de algum jeito o que oferecemos», para assim dinamizar e estreitar os laços das redes populares da Corunha querendo-se fazer do Centro um espaço livre; um espaço ao serviço dos movimentos

3PERCURS92 19/12/07 14:15 Página 303

sociais da comarca da Corunha; convertê-lo num espaço para a criaçom de um lazer alternativo. Na apresentaçom, os promotores, explicárom que o nome do centro é umha homenagem a José Gomes Gaioso, «umha pessoa que morreu assassinada polo fascismo» e que entregou a sua vida à defesa dos trabalhadores e trabalhadoras, primeiro desde o sindicalismo e posteriormente desde a guerrilha antifascista. «Na nossa cidade é onde descansam os seus restos. Por todo isto quigemos recuperar a sua memória e dedicar ao nosso centro o seu nome», explicavam. Este novo centro social conta com um espaço web no sistema de blogues do PGL e cujo endereço é http://csggaioso.agal-gz.org♦



XXXI Jornadas do Ensino

Foi no Liceu de Ourense: *XXXI Jornadas do Ensino da Galiza e Portugal,* entre 27 de Agosto e 8 de Setembro. Com 200 participantes de média, quadriplicou o público de 2006. Entre a representaçom galega, os membros do Conselho da AGAL Isaac Alonso Estraviz, J. Manuel Barbosa, José Paz e Manuela Ribeira, integrárom a comissom organizadora e participárom como tertulianos ou conferencistas, ao igual que o presidente da AGAL, Alexandre Banhos. Completárom a organizaçom do evento Ana Mª. Nóvoa, Núria Paz, Helena Colmeneiro e José Luís Fernández♦

Língua portuguesa cresce a grande ritmo na Rede

O site Internet World Stats oferece as mais actualizadas estatísticas relativamente ao uso da Internet, fornecendo o número de utentes por países e regiões do mundo. O Brasil ocupa o 10º lugar entre os dez países com maior número de utilizadores/as com 25 milhões de Internautas, quanto ao tanto por cento da populaçom que utiliza a Internet, Portugal figura em 4º lugar com 73,8%. Contudo, o dado mais relevante tem a ver com o crescimento da língua portuguesa contrastando os dados de 2007 e 2000. A nossa língua ocupa o 2º lugar nesta classificação com um crescimento de 527% só superado polo árabe. O Português é a sétima língua da Internet superada, por esta ordem, polo inglês, o chinês, o espanhol, o japonês, o francês e o alemao♦

Congresso Lusófono de Educaçom Ambiental

O evento, organizado polo Centro de Extensom Universitária e Divulgaçom Ambiental da Galiza, reuniu participantes de todos os países da Lusofonia para discutir estratégias destinadas a enfrentar as mudanças climáticas e conservar a biodiversidade através da sustentabilidade e a instrumentalizaçom da cooperaçom internacional. Também durante o evento, lançou-se um programa conjunto de Educaçom Ambiental para a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa♦

3PERCURS92 19/12/07 14:15 Página 304

Cursos de português em Vigo e Ponte Vedra

O Instituto Camões organiza cursos de português intercomunicativo em colaboraçom com o Centro de Línguas da Universidade de Vigo a decorrer durante o presente curso académico 2007/2008. Em Vigo disponibilizam-se cursos de nível elementar e intermédio, sendo estes ministrados na Casa de Arins, sita no casco velho da cidade. Em Ponte Vedra os cursos terám lugar na Faculdade de Ciências da Educaçom e do Desporto, mas só de nível elementar. Com 45 horas de duraçom, todos eles serám convalidáveis para a comunidade universitária por dous créditos de livre configuraçom♦

«Fronteiras» na rede

Já está disponível na rede o documentário *Fronteiras*, realizado por Rubén Pardiñas, seleccionado para o Cineuropa 07 e que se emitiu na TVG o passado 25 de Julho. Em *Fronteiras* faz-se um percurso polas regiões estremeiras galegófonas das Astúrias e Castela e Leom batendo o ponto sobre qual a comunidade cultural à que devem pertencer. Na fita recolhem-se declarações de vizinhos das diferentes terras visitadas, mas também de personagens de projecçom pública como Héctor Silverio (académico da RAG no Berzo), Marisa Cela (Associaçom de Gaitas de Vila Franca), Xosé Manuel Beiras, Manuel Fraga, Xosé Luís Méndez Ferrín, Anxo Angueira, Maurício Castro, Xavier Frías, Ramón d'Andrés, Xosé Manuel Barreiro ou Ana Cano (presidenta da *Academia de la Llingua Asturiana*, ALLA. Na fita tampouco falta umha visita às terras minhotas de ambas as margens do rio para bater o ponto sobre a tam debatida unidade lingüística. Apesar das opiniões, que podem ser divergentes, em *Fronteiras* comprova-se a plena unidade do idioma Aquém e Além-Minho numha situaçom muito similar à do Eu-Návia. *Fronteiras* recebeu em 2006 o Prémio Xpréssate em Tui ao melhor projecto de documentário no Play-Doc e estreou-se este ano no mesmo festival♦

Português ganha força... na Estremadura

Na Estremadura espanhola estudam dous terços do alunado total de Português no Estado espanhol, após umha década de aposta na língua vizinha por parte do governo autónomo nos diferentes ámbitos e níveis educativos estremenhos. A oferta de Português começa ali aos três anos e prolonga-se até os cursos para idosos que realizam algumhas instituições. Assim, as nove escolas oficiais de idiomas existentes na comunidade autónoma estremenha incluem o Português na sua oferta educativa, tal como um bom número de centros de Primário e institutos de Secundário das duas províncias. A Língua Portuguesa tem também umha importante introduçom no ensino universitário, além das actividades formativas e outras actividades de promoçom do Gabinete de Iniciativas Transfronteiriças, organismo criado pola Junta da Estremadura para fomentar o relacionamento entre essa regiom espanhola e o

3PERCURS92 19/12/07 14:15 Página 305

vizinho Portugal. Só para este ano, este organismo programou o financiamento de quase 100 cursos de Português um pouco por toda a Estremadura. A progressom e boa saúde do Português, desde que em 1996 começaram a aprendê-lo os primeiros 467 alunos e até os mais de 9.000 previstos para este ano lectivo, tem sido posto como exemplo contrastivo face à lenta e insuficiente introduçom num outro território vizinho de Portugal: a Galiza♦

II Festival da Mocidade em Vilar de Santos

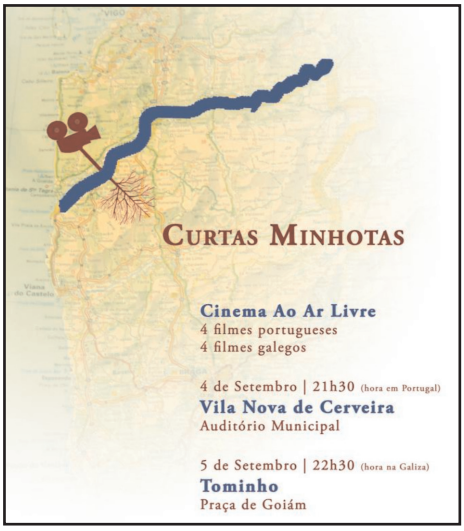
Com o lema «Autodeterminaçom é o que nos une!!» o Centro Social Aguilhoar, em colaboraçom com a AGAL e outros colectivos do País, organizou no passado dia 29 de Setembro a segunda ediçom do Festival da Mocidade. O festival, que teve lugar em Vilar de Santos, contou com umha zona de campismo de graça, roteiro em bicicleta pola comarca, almoço ecológico, obradoiro de percussom, jogos populares, charangas, umha ceia popular e os concertos de Skárnio, os Guezos e os lisboetas Kumpania Algazarra. O programa de actividades incluiu também umha conferência sobre o direito de autodeterminaçom, pendurada já no blogue *Alter Galiza*, onde diferentes ponentes nacionalistas e independentistas (Pilar Garcia Negro, Antom Santos, Carlos Taibo e Anton Dobao) dêrom a sua visom sobre o exercício da livre determinaçom como naçom♦

'Fillos da Galicia' atinge os 5 mil membros registados

Fillos.org, a maior comunidade galega da Rede, situa-se como o 8º centro galego mais grande do mundo em número de participantes. Segundo vem de fazer público mediante nota de impresa, a Associaçom Cultural 'Fillos de Galicia' com sede no Concelho biscainho de Baracaldo, é umha das entidades mais novas ainda que com mais vigor da diáspora galega e acolhe hoje em dia a muitos mais utentes do que a maioria dos centros tradicionais, vindo de ultrapassar a barreira dos 5 mil após experimentar nos últimos nove meses um crescimento do 25% no número de membros registados. Entre outras acactividades político-culturais a associaçom vem de apresentar o etiquetal.com, um web que permitirá achar amigos/as de todo o mundo com interesses comuns empregando para isso unicamente palavras em galego («etiquetas»)♦

3PERCURS92 19/12/07 14:15 Página 306

Curtas Minhotas, festival de cinema galego-português



Organizado pola Associaçom Cultural Audiência Zero em conjunto com a *Agência Audiovisual Galega* e a produtora *Mr. Misto Films* e com o apoio das Câmaras Municipais de Vila Nova da Cerveira e Tominho, desen-volveu-se nos passados dias 4 e 5 de Setembro em ambas as margens do rio Minho, concretamente em Vila Nova de Cerveira e Goiám (Tominho), o primeiro festival de cinema galego-português «Curtas Minhotas». Nele fôrom exibidas quatro curtametra-gens de autoria galega e outras tantas portuguesas, com projecçom ao ar livre e grande assistência de público. Da boa qualidade das fitas apresenta-das, podemos destacar *A Língua que nos une*, de vários autores, e *Cousas do Kulechov*, de Susana Rei Crespo. Os objectivos futuros som estender o festival a outras vilas das duas mar-gens, divulgar novos valores, exibi-çom de cinema ao ar livre, estabelecer um ponto de encontro do sector audiovisual galego e português e pro-moçom da regiom minhota♦

Promotora da Academia

A Comissão Promotora da *Academia Galega da Língua Portuguesa* organizou em Compostela duas palestras ministradas polos professores Evanildo Bechara, da *Academia Brasileira de Letras*, e Malaca Casteleiro, da *Academia das Ciências de Lisboa*. Com a apresentaçom dos catedráticos galegos Martinho Montero Santalha, José Luís Rodrigues e Maria do Carmo Henriques, o acto tivo lugar no 8 de Outubro, na Faculdade de Filologia, USC. Recentemente pessoas de diferentes colectivos galegos constituírom a Associação Pró-Academia Galega da Língua Portuguesa, que disponibilizará proximamente DVD do anterior evento♦

VI Colóquio Internacional da Lusofonia

De 3 a 6 de Outubro decorreu na cidade de Bragança o VI Colóquio Anual da Lusofonia. O tema central foi «O português no século XXI, a variante brasileira». O evento, que contou, mais umha vez, com numerosa participaçom galega, incluiu também um tema especial para celebrar o centenário do nascimento de Miguel Torga, intervenções que atendêrom os problemas da Tradução relativos à língua portuguesa e foi palco para o estudo da situaçom do Acordo Ortográfico e a sua aplicaçom♦

3PERCURS92 19/12/07 14:15 Página 307

Centros Sociais Galegos no Google Maps

Aproveitando a ferramenta Google Maps já está disponível um plano com a localizaçom de todos os Centros Sociais actualmente existentes na Galiza, bem como algum outro dado de interesse relativo aos mesmos, que pode ser visitado desde os próprios webs destas entidades♦

AGAL e «I Jornadas de Didáctica»

Após o grande sucesso alcançado polas últimas Jornadas do Ensino da Galiza e Portugal, a AGAL impulsionou as «I Jornadas de Didáctica da Língua Galega», que homologadas pela Conselharia de Educaçom decorrêrom em Alhariz de 15 a 25 de Outubro de 2007♦

Galeguia dedicada a Cabo Verde

Ângelo Gonçalves, um dos coordenadores, assegurou no seu balanço que «com experiências como *Galeguia* verificamos em primeira pessoa a potencialidade da nossa língua». As Jornadas, voltadas para o «Encontro com Cabo Verde», encerraram a sua primeira edição, bem sucedida, conforme a organização do evento. Um grande concerto na Sala Capitol compostelana dos músicos Filipe Santos e Blick, que deram a conhecer a música caboverdiana mistura de raízes africanas e influências europeias, pôs a despedida com chave de ouro às mesas e palestras voltadas para a cultura, o turismo e a pesca, actividade económica através da qual muitos caboverdianos arribárom a localidades costeiras da Galiza, como é o conhecido caso de Burela. A *Fundación Vía Galego* é a organizadora das Jornadas, que terám periodicidade anual e tencionam apertar os laços com a Lusofonia. Conta com apoio de Vice-Presidência, Conselharia de Cultura, Câmara de Compostela e Obra Social de CaixaGalicia♦

Congresso «O pensamento luso-galaico-brasileiro entre 1850 e 2000»

Celebrado no Campus da Foz do Centro Regional do Porto da Universidade Católica Portuguesa, o I Congresso Internacional 'O Pensamento Luso-Galaico-Brasileiro entre 1850 e 2000' decorreu com sucesso entre 9 e 12 de Outubro de 2007. Do ponto de vista académico, o congresso caracterizou-se por acolher as participações de diferentes vultos dos ámbitos da Psicologia, a Filosofia, a Teologia, a História da Literatura ou a Sociologia, com umha importante representaçom galega.

Quanto às participações galegas cumpre referir contributos de muito interesse para o reintegracionismo como os do Prof. Elias J. Torres Feijó para o conhecimento do relacionamento galego-português cultural e político desde a segunda metade do séc. XIX, o trabalho de Joel R. Gômez na divulgaçom do pensamento reintegracionista de Ernesto Guerra da Cal, o estudo das componhentes religiosas e políticas na nom publicaçom de *Os Eoas* apresentado polo Prof. Luís G. Soto, a análise do pensamento galego dos últimos 150 anos do Prof. Xosé Luís Barreiro Barreiro, a comunicaçom do Prof. Roberto Samartim e Gonçalo Cordeiro relativa ao pensamento cultural galego em referência a Portugal no tardofranquismo e na transiçom, a análise da ideia de

3PERCURS92 19/12/07 14:15 Página 308

Portugal em 150 anos de textos (proto-)estatutários galegos do investigador da USC Carlos Figueiras, os contributos à análise do pensamento feminista na Galiza do últimos 150 anos da Prof. Maria José Agra ou o estudo das figuras de Rosalia, Teixeira de Pascoaes e Castelao do Prof. da Universidade de Évora António Cândido Franco. Todas as comunicações serám publicadas em breve pola Imprensa nacional – Casa da Moeda, facto que incrementa, ainda mais se couber, o prestígio e importáncia da participaçom de umha tam nutrida e activa representaçom galega num evento internacional lusófono destas dimensões♦

Luso-Galaico-Franceses do Livro Infantil e Juvenil

A Biblioteca Almeida Garrett, no Porto, recebeu de 15 a 17 de Novembro, a 13ª edição dos Encontros Luso-Galaico-Franceses do Livro Infantil e Juvenil. Este ano, a iniciativa subordinou-se ao tema «Do Livro à Cena» e esteve voltada para as panorámicas da literatura dramática galega, portuguesa e francesa, bem como as adaptações teatrais para o ensino nos seus diferentes níveis. Os encontros contárom com numerosa participaçom galega, entre os quais os reconhecidos Paula Carvalheira e Cándido Pazó♦

Rubém Cela recebeu a AGAL

O novo Conselho da AGAL continua tomando o pulso e dialogando com as diversas instituições galegas que têm a ver com a língua e a sua promoçom. Desta vez, na terça-feira, 30 de Outubro de 2007, Alexandre Banhos, Presidente da AGAL, e José Manuel Outeiro, Secretário do Conselho, reunírom com o Director Geral de Juventude e Solidariedade, Rubén Cela Díaz, que se reconheceu assíduo leitor do *Portal Galego da Língua*♦

AGAL num Encontro BrOffice

Os passados 26 e 27 de Outubro, a comunidade brasileira de usuários da suite ofimática OpenOffice realizárom um congresso internacional, o Encontro BrOffice, no qual também houvo participaçom galega através da iniciativa Mancomun. Cumpre salientar também que como parte da participaçom do nosso país também fijo parte a Associaçom Galega da Língua, representada por José Ramom Flores das Seixas♦

3PERCURS92 19/12/07 14:15 Página 309

La Voz de Galicia recebe quase 1 milhom de euros

O Diário Oficial da Galiza publicou as ajudas atribuídas directamente polo Governo bipartido à frente da Junta às empresas jornalísticas e de radiodifusom instaladas na Galiza em 2007. Em comunicado, a formaçom independentista Primeira Linha denuncia que o espanholismo e conservadorismo parecem ser os principais critérios na hora de repartir dinheiro público no ámbito comunicativo e diz que a «Junta da Galiza financia os media mais reaccionários e antigalegos»♦

Língua Portuguesa obrigatória no Uruguai

Os estudantes uruguaios, que frequentem o 6ª ano de escolaridade, terám já a partir do próximo ano lectivo, como disciplina obrigatória, a Língua Portuguesa, anunciou o Governo desse país. O ensino do Português, como língua estrangeira tinha anteriormente um carácter facultativo e um estatuto de matéria extracurricular. As aulas serám coordenadas por um programa nacional do Departamento de Educaçom Bilíngüe da ANEP (Administraçom Nacional da Educaçom Pública), com claros delineamentos metodológicos e com o objetivo de formar cidadaos que dominem os dois idiomas♦

A associaçom «Galicia Bilingüe»

A presidenta da associaçom «Galicia Bilingüe», Gloria Lago, realizou, no passado dia 6 de Novembro, umhas manifestações para a agência de notícias Europa Press segundo as quais o ensino do galego nos centros escolares da Galiza, regulado polo decreto aprovado pola Junta de Galiza, pode causar «prejuízos psicológicos mui grandes» aos escolares dado que «se lhes está obrigando a aprender um idioma que nom é o seu»♦

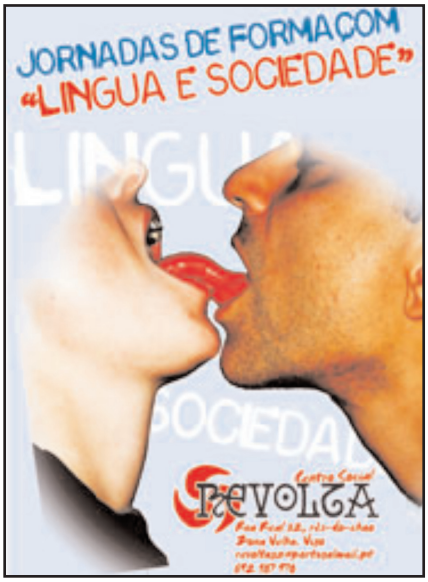
Televisões portuguesas na Galiza

Carlos Callón, Presidente da *Fundación Vía Galego*, anunciou, no contexto das *Jornadas sobre Língua e Uso* realizadas na Reitoria da Universidade da Corunha, a reclamaçom ao Ministério de Indústria espanhol para que conceda um novo múltiplex à Galiza para permitir a emissom das televisões portuguesas em formato digital. Além disso, Via Galego também se dirigirá ao Governo galego para que este faga a correspondente negociaçom com esse ministério espanhol. Da fundaçom lembrou-se também que recentemente já foi outorgado na faixa catalá por razões culturais. Em passado 21 de Novembro, também o deputado do BNG no Congresso dos Deputados, Francisco Rodríguez, solicitou ao Governo da Espanha um novo múltiplex digital para a emissom na Galiza dos canais portugueses de televisom. A reivindicaçom, surgida há duas décadas no seio dos colectivos de defesa da língua, foi

3PERCURS92 19/12/07 14:15 Página 310

retomada há 3 anos pola Plataforma pola Recepçom das Televisões e Rádios Portuguesas na Galiza e assumida progressivamente por diversos colectivos♦

Jornadas de Formaçom sobre Língua e Sociedade em Vigo



Organizadas pola recém criada Comissom de Língua do Centro Social Revolta as *Jornadas de formaçom sobre lingua e sociedade*, tivêrom como objectivo prioritário aproximar um público nom exclusivamente erudito às causas da reduçom da presença social do galego e da perda dos seus traços lingüísticos característicos. As jornadas contárom com participantes como Celso Alvarez Cáccamo, Maurício Castro, Eduardo Sanches Maragoto, Xosé Manuel Sánchez Rei, Sechu Sende, Iván Cuevas, Xurxo Souto, *Xan Bouzada*, *Xaime Subiela*, *Francisco Xosé Rei Garcia*, *Gomis Parada* e *Beatriz Péres Bieites* e completárom-se com a projecçom do documentário «Línguas cruzadas»♦

Acordo ortográfico para a Língua Portuguesa

Portugal anunciou que ratificará até o final do ano um protocolo que abre caminho à aplicaçom do acordo ortográfico, documento assinado em 1990, há quase 17 anos, com o objectivo de unificar a escrita da língua portuguesa. Assim, o processo de rectificaçom parece ter ganho um novo ímpeto, de um momento para o outro. Basta fazer uma pesquisa rápida no serviço Google News com as palavras «acordo ortográfico» ou «língua portuguesa» para ver a vasta lista de notícias que se têm publicado recentemente sobre este assunto, em ambos os lados do Atlántico♦

Publica-se o Manual Galego de Língua e Estilo

O livro, da autoria de Maurício Castro Lopes, Beatriz Peres Bieites e Eduardo Sanches Maragoto, preenche um espaço vazio nom só para o reintegracionismo, mas para todas as pessoas que usam o galego, seja qual for a normativa seguida. De facto, trata-se de um instrumento de grande utilidade para todas as pessoas preocupadas com os problemas da língua ao nível do estilo, que sofre umha grande dependência do espanhol através da língua veiculada polos meios de comunicaçom. A AGAL participa, ao lado de outras 13 entidades sócio-culturais, na ediçom do livro, que poderá ser comprado aos colectivos editores e nas principais livrarias do País♦

3PERCURS92 19/12/07 14:15 Página 311

Adigal renova página web

O reintegracionismo galego na diáspora continua o seu trabalho graças ao esforço e dedicaçom das amigas e amigos da A Associaçom Civil Amigos do Idioma Galego (Adigal), que tam ilustres personalidades tem dado para a defesa e promoçom da nossa língua, cultura e identidade em Buenos Aires. O actualizado e ampliado espaço web disponibilizando interessantes trabalhos na sua nova secçom «Etimologias»♦

«Mana Galiza», de Fernando Venâncio

Na secçom «Afinidades», o jornal *Expresso* de primeiro de Dezembro ofereceu um trabalho com título «Mana Galiza», constituído por seis magníficas peças: «Mana Galiza», artigo central do trabalho, elaborado por Fernando Venâncio; «Os espelhos de Madrid», opiniom de Ramiro Fonte, director do Instituto Cervantes em Lisboa; «Uma avidez por Portugal», opiniom de Samuel Rego, director do Centro Cultural Português de Vigo; «A língua é um bem enriquecedor», entrevista a Elías Torres Feijó, vice-reitor da Universidade de Santiago de Compostela; «A Moderna Cultura», exemplos da cultura galega actual (que inclui uma carinhosa referência, com imagem, ao nosso PGL) e «Vestidos à espanhola», artigo de Carlos Quiroga♦

Cinema galego em Braga

No ámbito da exposiçom *O sorriso de Daniel*, promovida polo *Consello da Cultura Galega*, o Centro de Estudos Galegos da Universidade do Minho organiza um ciclo de cinema galego através do qual convida toda a cidadania bracarense a fazer «uma rápida mas intensa incursão no cinema galego» com o visionado dos filmes Sempre Xonxa, O Lapis do Carpinteiro e Entre Bateas♦

Do Reino da GZ à Lusofonia

A Fundaçom *ViaGalego* promoveu na Galeria Sargadelos de Compostela, em 11 e 12 de Dezembro de 2007, duas interessantes conferências voltadas para a Galiza e a Lusofonia. Os relatores convidados fôrom, por um lado, o historiador medievalista Anselmo Lopes Carreira e, polo outro, o político e intelectual –membro de honra da AGAL– Camilo Nogueira Romám♦

Medalha Díaz Pardo

A pedido da Asociaçom Cultural "Fuco Buxán", apoiada por varias dezenas de assinaturas dos mais destacados representantes institucionais, sociais e culturais da Galiza, o Ministério de Trabalho espanhol outorgou-lhe a Medalha de Ouro a Isaac Díaz Pardo reconhecendo-lhe o mérito de umha conduta socialmente útil e exemplar no desempenho dos deveres que impom o exercício da sua profissom♦

3PERCURS92 20/12/07 13:57 Página 312

Efemérides de Ernesto Guerra da Cal

Ao segundo semestre do ano 2007 correspondem duas interessantes efemérides de Ernesto Guerra da Cal (Ferrol, 1911- Lisboa, 1994), Membro de Honra da Associaçom Galega da Língua e colaborador de destaque e integrante do Conselho Assessor da *Agália* até à sua morte.

1.- **Estreia Poética**. Em Novembro de 1937, em *Nova Galiza*, publicaçom editada em Barcelona e que se autodefinia como "Revista quincenal dos escritores galegos antifeixistas", Ernesto Guerra da Cal publicou o seu primeiro poema, intitulado "Mariñeiro fusilado", que apareceu com a epígrafe "A noite de tres cores de Serafín Ferro". Em 1940, sem esta epígrafe, foi reproduzido numha revista editada em Cuba por exilados galegos; e com posterioridade, em diferentes ocasions.

A última vez que se reimprimiu essa composiçom foi no ano 2002, no volume de homenagem *Ernesto Guerra da Cal. Lonxe da súa terra matricial*, editado pola Cámara Municipal do Ferrol, em que autores de vários países contribuem com trabalhos sobre ele. Nesse livro, Luís Gonçalez Blasco, além de difundir o texto completo, faz a seguinte valorizaçom: "É de salientar no poema o lirismo com que trata um assunto tam trágico, isto fai que o poema fique muito longe do panfletarismo como ocorre, às vezes, em poemas que tratam temas parecidos. Em quanto à língua é de notar a sua grande correcçom para a época em que foi escrito e a utilizaçom de formas como *ao, direito* ou *até*, todas elas coincidentes com as formas portuguesas e proibidas ou desaconselhadas pola normativa actual [da RAG-ILG] ou a separaçom com um traço do verbo e o pronome enclítico".

Na historiografia da Literatura Galega na Guerra de Espanha de 1936, este poema foi referenciado por diferentes estudiosos, como Xesús Alonso Montero, Claudio Rodríguez Fer ou Xosé Lois García. Mais recentemente, também Henrique Dacosta o pom em destaque no volume *Ferroláns na Historia da Literatura Galega*, publicado neste ano 2007.

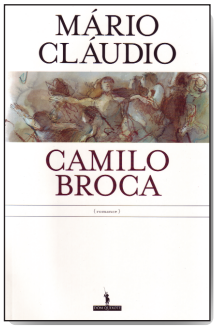
2.- **D. C. Warnest**. Em 1977, ano do seu aposentamento como docente na City University of New York e do seu deslocamento para o Estoril, Da Cal datou a morte de D.C.Warnest (umha das formas em que escreveu o seu nome, com adaptaçom para a língua inglesa: (D.=Da; C.=Cal; War=Guerra; [Er]nest= Ernesto), que se revelou para o público no ano 1984, com um poema de homenagem a Federico García Lorca, intitulado "Ritual Pavane For a Murdered Poet", publicado conjuntamente com umha versom bilingue portuguesa assinada por Ernesto Guerra da Cal como "Pavana Ritual para um Poeta Assassinado", citada e reeditado em muito diferentes ocasions. Na Galiza esse trabalho foi incluído pola Cámara Municipal de Compostela no ano 1998 num volume de homenagem a García Lorca por parte de autores galegos. Com posterioridade publicárom-se outros trabalhos de D.C. Warnest, entre eles um poema de homenagem a Rosalia de Castro. Da Cal elaborou e difundiu por diferentes meios umha biografia de muito paralelo com a sua para Warnest, que teria nascido na Galiza polaca, e utilizou igualmente várias citas assinadas por Warnest em trabalhos próprios♦

[Joám Manuel Araújo]

3PERCURS92 19/12/07 14:15 Página 313

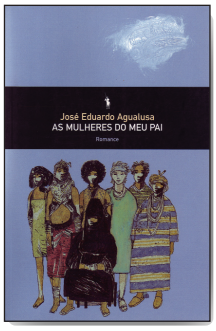
ESCOLHAS NARRATIVAS *[de Carlos Quiroga]*

Lídia Jorge,
Combateremos a Sombra.
Magnífico livro, e bem contado, o último de umha autora que raramente defrauda. Conta a história de Osvaldo Campos, um psicanalista que recebe a visita de um antigo paciente no último dia do ano. A partir daí, o mistério, a peripécia conspirativa, o precipitar-se dos acontecimentos. Perde a mulher nessa noite, ganha outra mulher nessa noite, e aquela sua paciente a quem chama a magnífica, Maria London, coloca-o diante de umha realidade clandestina de dimensões incalculáveis, que toca nos alicerces do país, etc. e tal... Tensom psicológica e até algo policial que mantém o leitor empolgado♦



Mário Cláudio,
Camilo Broca.
Álbum de retratos ficcionados a 3 vozes: Camilo Castelo Branco, a irmá Carolina Rita -descendentes de uma família transmontana oriunda de Vila Real, os Brocas-, e a voz do próprio narrador. E 3 partes: «Os Companheiros» (Camilo conta momentos da infância), «Os Viajantes» (o narrador acompanha a tentativa de escrita da saga familiar por parte de Camilo, narrando as histórias de seis varões transmontanos da família Broca) e «Os Sobreviventes» (Carolina Rita conta a vida de Simão António -protagonista do *Amor de Perdição*, em versom bastante diferente da que Camilo nos deixou- e faz um resumo da sua vida, contrariando o que Camilo havia contado na primeira parte)♦

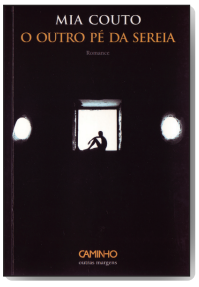
José Luís Peixoto,
Cemitério de Pianos.
O José Luís Peixoto parece finalmente preocupado pola etiqueta que estava começando a ganhar (o estribilho para umha música com letra dele seria um «Quero morrer!», brincava o Rui Reininho há uns tempos). A marca de morte está patente no título, e apesar disso trata-se de fugir disso, trata-se de contar a história da família Lázaro, residente na freguesia lisboeta de Benfica. Só isso. Peixoto insistiu em que nom é um livro amargo, nom é um romance fatalista, é muito diferente dos seus anteriores... Isso sim, coincide na escrita, ritmos bem medidos, construçom das frases♦



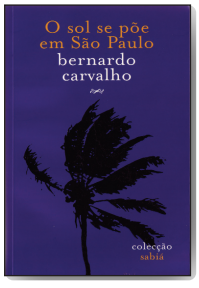
José Eduardo Agualusa,
As mulheres do meu pai.
Umha realizadora de cinema chamada Laurentina, a filha mais nova de Faustino Manso, famoso compositor angolano que deixou ao morrer sete viúvas e dezoito filhos, tenta reconstruir a atribulada vida do falecido músico. O autor da narrativa deixa-se acompanhar polas quatro personagens do romance que escreve, enquanto viaja, por cenários como Luanda e Benguela, Namibe e as areias da Namíbia que cruza, alcançam Cape Town na África do Sul, marcam ainda no rumo Maputo, Quelimane♦

Armando S. Carvalho/Maria V. da Costa,
O Livro do Meio.
Resultado do levantamento de umha cumplicidade de anos de convívio, via correspondência. Foi entre o início de 2006 e finais de Junho do mesmo ano. Armando Silva Carvalho e Maria Velho da Costa revisitam com ferocidade e compaixom o Deus, Pátria e Família, e saltam nomes de gente viva e morta, memórias de infância, leituras e notícias do quotidiano, exaltante ou sórdido. Amigos e inimigos. Perdas e danos. Escárnio e louvor. E a amizade indefectível de ambos autores♦

Tabajara Ruas,
O Amor de Pedro por João Tabajara Ruas.
Dos anos de exílio. O outro lado da militância política, a solidão, a esperança, o carinho. Os protagonistas procuram abrigo inicialmente no Chile socialista de Allende, mas, afugentados pola revoluçom de Pinochet, partem para um novo exílio na Europa. For a este o segundo romance de Tabajara Ruas, escrito em Copenhague durante o próprio exílio imposto ao autor pola ditadura militar, agora em nova ediçom, e utiliza já a linguagem cinematográfica que será caracterísitoc deste gaúcho de Uruguaiana, escritor, tradutor e roteirista de quadrinhos, televisom e cinema♦



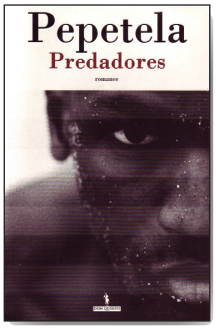
Mia Couto,
O Outro Pé da Sereia.
Diferentes viagens entrecruzadas. Umha vaga presença da ensonhaçom pairando por cima de todas. E a mesma escrita densa para todas. Gonçalo da Silveira, Mwadia Malunga, um casal de afro-americanos, um missionário português, pessoas à procura, personagens que atravessam séculos e distâncias, o escravo Nimi, a estátua de Nossa Senhora viajando de Goa para África. E a aldeia de Vila Longe... O romance ganhou recentemente o prémio brasileiro Passo Fundo Zaffari & Bourbon de Literatura♦



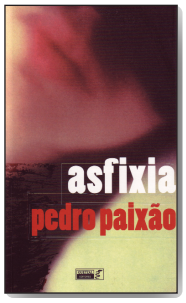
Bernardo Carvalho,
O sol se põe em São Paulo.
Um descendente de japoneses que perdeu o contato com a cultura dos seus antepassados, um publicitário desempregado, um escritor sem livro, ouve de umha velha imigrante japonesa umha história duvidosa que lhe vai servir de desculpa para a sua própria fuga, para a sua própria vida, para a sua própria escrita. E viaja ao Japom para esclarecer os detalhes obscuros dessa história, história que envolve um romance inacabado de Junichiro Tanizaki, um dos grandes nomes da literatura japonesa do século XX, e apresenta ao leitor um triângulo amoroso no Japom do imediato pós-guerra, com toques de erotismo perverso típicos de Tanizaki. O drama sexual, como se saberá ao longo do livro, encobre tragédias maiores, em umha sucessom abissal de nomes falsos e identidades trocadas♦

3PERCURS92 19/12/07 14:15 Página 315

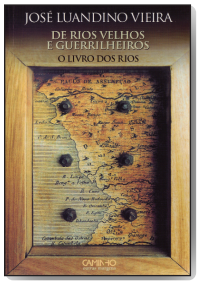
António Lobo Antunes,
Ontem não te vi em Babilónia.
António Lobo Antunes está ilegível. No seu último livro se prova. Ontem não te vi em Babilónia nom é um romance, nom é umha história, nom tem personagens, tem um acúmulo de vozes e um título carregado de misticismo cujo único sentido é nom ter sentido nenhum. Seria bom, experimental até, se isso nom estivesse já mais do que feito. É a vida inteira entre as capas de um livro, diz, mas isso já está inventado, e dito, e os primeiros livros do autor nom podem servir eternamente de amparo a um nome♦



Pepetela,
Predadores.
Regresso do grande Pepetela, um dos nossos angolanos preferidos, agora com um retrato do novo-riquismo no seu país. O olhar atento de quem conhece esta realidade, associando a vertente crítica à capacidade de criar umha história cativante. A trama tem início no ano de 1992, por altura das eleições e socorrendo-se de avanços e recuos, evolui até 2004. O ambiente político, os negócios que servem a ascensom de novas fortunas (acautelados pola "sombra" do poder) e as implicações de todo esse quadro na evoluçom do próprio país. História de plena actualidade para tomar o pulso da Angola de hoje♦

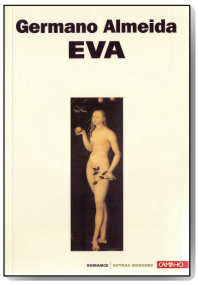


Pedro Paixão,
asfixia.
Pedro Paixão sempre nos chamou. Nom sei se só pola escrita ou também polo nome. Também aqui o estilo simples e directo, mas tocado do dedo erudito e filosófico. Os temas urbanos e actuais. As relações amorosas frustradas. A solidão. O paradoxo entre filosofia e religiom. A vida viva de todos nós em volta. Por vezes asfixiante. Segundo críticos, a obra de Paixão tem duas fases: a primeira mais introspectiva e atenta ao dia-a-dia da classe média-alta da sua geraçom; a segunda marcada pola observaçom das problemáticas do mundo actual♦



Luandino Vieira,
De Rios Velhos e Guerrilheiros O livro dos Rios.
Voltou finalmente Luandino, e eis as marcas essenciais da sua escrita e da sua obra de sempre. A quebra da sintaxe convencional, a presença de neologismos, a incorporaçom de expressões em quimbundo. Trata-se do primeiro volume de umha trilogia voltada ainda sobre Angola e a sua história recente, ma nom só. O Livro dos Rios também se ocupa de certa contemporaneidade e de problemas eternos♦

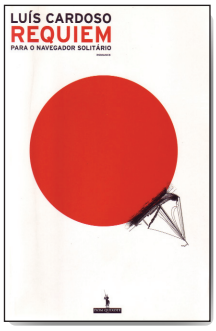
Ruy Duarte de Carvalho,
Desmedida - Luanda, São Paulo, São Francisco e volta.
Ruy Duarte de Carvalho é um antropólogo angolano pouco conhecido entre nós. Poeta, ficcionista, Professor da Universidade de Luanda, nesta obra procura, através de inúmeras viagens, compreender o Homem e o seu papel nas continuidades e contiguidades entre o Brasil, Angola e Portugal. Crónicas do Brasil, registo de narrativa de viagem e alusões aos domínios da sociologia, história, filosofia e literatura, um périplo por paisagens reais ou de ficçom. Muuuito recomendável♦



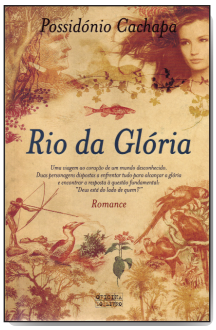
Germano Almeida,
Eva.
Outro regresso, o de Germano Almeida, que nos conta a história de umha mulher e três homens. A história arranca nos anos 60, em Lisboa, transfere-se para Cabo Verde após a independência e termina em Lisboa numha longa investigaçom às origens. Além da preocupaçom emocional, está a memória política das ilhas e da sua relaçom cortada com Portugal por altura do 25 de Abril. Actualidade, mas também viagem às origens dos personagens e preocupaçom em descobrir o passado que está na base dos seus percursos. História de um trio unido e dividido por umha mulher♦

Sérgio Luís de Carvalho,
Os peregrinos sem Fé.

Dous homens partem numha viagem entre Lisboa e Santiago de Compostela. _Um é um médico humanista da Universidade de Coimbra, no ano de 1537; outro é um cantor lírico actual. Diferentes tempos, diferentes motivos da peregrinaçom, um movido polo temor da Inquisiçom, o outro em busca de umha paixom moribunda._Contudo, e sem que o saibam, algo os une: as memórias do passado, a arte da música e da poesia e, sobretudo, a estranha descoberta de si mesmos. _Compostela é longe, talvez nem cheguem. Mas, mais importante do que a chegada, é a sua viagem polo caminho de Santiago. Ainda que seja umha peregrinaçom sem fé♦

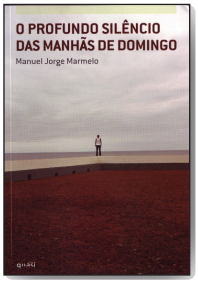


Luís Cardoso,
Requiem.
Também o Luís Cardoso está de volta com um novo romance. Há uma gata de jade que olha a vida de Catarina desenrolar-se desde que, ingénua, caiu em Timor julgando que aí ia encontrar o amor da sua vida. Nunca devias ter vindo, começa a história, quase toda passada antes da 2ª Grande Guerra. O conflito, a ocupaçom militar japonesa, apressam-se nas últimas páginas. Mas nom é especificamente da Guerra que o livro trata. É mais da vida, dos interesses e influências à sua volta. Catarina esperou o seu príncipe encantado - o navegador solitário - de dia, de noite com um petromax aceso na varanda, no porto de Dili. Um dia o navegador chegou. E partiu. Catarina ficou. Porquê? O "Requiem" de Luís Cardoso é quase uma fábula♦



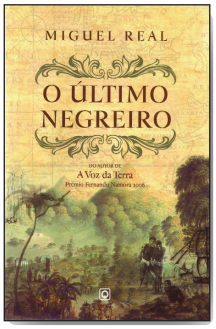
Possidónio Cachapa,
Rio da Glória.

Em 2005 Possidónio Cachapa atravessou o Brasil, de mochila às costas, para escrever este Rio da Glória, esta viagem ao coraçom de um mundo desconhecido. Nela coloca duas personagens dispostas a enfrentar tudo para alcançar a glória e encontrar a resposta à questom fundamental: "Deus está do lado de quem?". O livro narra a história de umha escritora del corazon, abandonada na infância, e agora lida e reconhecida por milhares de pessoas, chamda de repente ao Brasil pola tentativa de recuperar os corpos dos pais falecidos de forma trágica. No mesmo aviom segue Mário, um padre tocado por todas as graças e que, por isso mesmo, enfrenta o medo e o ódio de umha hierarquia que perdeu a fé na bondade humana. O resto, é só lendo...♦



Manuel Jorge Marmelo,
O Profundo Silêncio das Manhãs de Domingo.

Relatos breves que arrancam com umha chuva de flores, apontamentos calmos com livros de referência, recordações de amizades ainda que nom só, e tudo devagar e calmo como as manhás de domingo. Talvez chegar inicialmente às bancas, entre esses livros gratuitos dessas campanhas vulgares, tirou algum valor a esta obra deste autor que mesmo continuando jovem já se vê consolidado♦



Miguel Real,
O Último Negreiro.

A história do último traficante de escravos portugueses, que começou na Bahia por alugar três escravos para tarefas definidas, deitou fogo à propriedade de um banqueiro e fugiu num barco para África, onde tivo cem filhos, fundou umha dinastia e foi negreiro até à morte, mesmo depois de abolida a escravatura.

_O Último Negreiro, romance sobre o tema da escravatura, narra a vida do negreiro português Francisco Félix de Sousa entre São Salvador da Bahia, terra de acolhimento dos barcos tumbeiros carregados de escravos, e Ajudá, no Daomé (hoje Benim), feitoria central de exportaçom de escravos do Golfo da Guiné♦

3PERCURS92 20/12/07 13:59 Página 318

AGÁLIA, 91-92

3PERCURS92 19/12/07 14:15 Página 319

Normas para o envio e selecçom de Trabalhos
a publicar na Revista *Agália*

a) Só serám admitidos para publicaçom os trabalhos que cumpram estritamente as Normas Técnicas e editoriais assinaladas nesta secçom.

b) Os trabalhos, em disquete, CD ou por correio-electrónico, devem ser enviados, impreterivelmente, antes dos dias 1 de Maio e 1 de Novembro de cada ano –para serem avaliados e eventualmente publicados no semestre a seguir–, para os seguintes endereços:

. Revista *Agália*
Aptdo. 453
32080 Ourense (Galiza)

. Carlos Quiroga
Faculdade de Filologia – USC
15782 Santiago de Compostela (Galiza)

correio-e: <pragalia@agal-gz.org>, <fgtinta@usc.es>

c) O envio de trabalhos pressupom a aceitaçom da decisom, inapelável, do Comité Científico.

d) *Agália* publica Estudos, Notas e Recensons de livros. Entende-se por Estudo um trabalho de investigaçom de mais de 10 páginas de texto dactilografado a dous espaços; as Notas som trabalhos de menor extensom.O texto enviado para a secçom de Estudos deverá vir acompanhado dum breve resumo (de nom mais de 1200 caracteres) e de Palavras-chave (em número nom superior a sete), com a correspondente tradução para inglês ou francês.

e) O texto enviado para a secçom de Estudos, incluindo resumo, notas e bibliografia, nom deve superar os 80.000 caracteres (contando espaços), excepto autorizaçom expressa dos Comités Científico e Redactoral.

f) No texto enviado para a secçom de Notas ou Recensom nom é requerido resumo e o seu tamanho máximo situa-se nos 20.000 caracteres, excepto autorizaçom expressa dos Comités Científico e Redactoral.

g) Os trabalhos serám seleccionados por membros do Comité Científico de *Agália*, com carácter confidencial.

h) Será motivo de exclusom da ediçom prevista a publicaçom prévia do trabalho –ou de parte substantiva dele– em qualquer outro meio impresso ou electrónico, sem autorizaçom da Direcçom da *Agália*.

i) Serám excluídos aqueles trabalhos que, a juízo do Comité Científico, nom tenham o nível suficiente. O Comité Redactoral da Revista só se compromete a entrar em contacto com remetentes de trabalhos seleccionados para publicaçom.

j) Em virtude da Lei de Propriedade Intelectual espanhola, a direcçom da *Agália* deve garantir que os trabalhos sejam originais e inéditos. Esta lei, no seu art. 32 (cap. II) do R. D. Legislativo 1/1996 de 12 de Abril, que aprova o texto refundido da Lei de Propriedade Intelectual, explicita claramente: "*É lícita a inclusom numha obra própria de trechos de outras alheias de natureza escrita [...] sempre que se tratar de obras já divulgadas e a sua inclusom se realizar a título de citaçom ou para a sua análise, comentário ou juízo crítico. Esta utilizaçom só poderá ser realizada com fins docentes ou de investigaçom [...] indicando a fonte e o nome do autor da obra utilizada.*" Por outro lado, se os trabalhos incluirem qualquer tipo de materiais gráficos (fotos, gravuras, mapas, quadros, esquemas, gráficos, diagramas, tabelas, planimetria, etc.) os/as autores/as farám mençom clara e explícita da fonte dos mesmos, no caso de nom serem de elaboraçom própria.

3PERCURS92 19/12/07 14:15 Página 320

k) O único idioma oficial para a publicaçom na revista *Agália* é o galego-português, em qualquer das suas variantes. Se o Comité Redactoral o julgar de interesse, poderám aparecer na revista, na sua versom galego-portuguesa, trabalhos originalmente redigidos noutras línguas (referenciando o título original do trabalho e o responsável pola traduçom).

l) A opiniom do texto e a modalidade lingüítica é de responsabilidade do seu autor ou autora.

m) Cada autor ou autora de trabalhos publicados na revista *Agália* terá direito a um exemplar do volume em que aparece o seu trabalho, que lhe será oportunamente enviado no momento da ediçom. Se algum autor ou autora desejar que lhe seja feito o envio de mais exemplares, deverá contactar com o Comité Redactoral, e esse envio será feito pagando no momento da recepçom os preços postais correspondentes.

n) Qualquer assunto nom previsto nestas normas será objecto de resoluçom, no seu caso, por parte dos Comités Científico e Redactoral da Revista.

NORMAS TÉCNICAS

1) TEXTOS: Poderá usar-se qualquer das versons dos processadores OPENOFFICE ou Microsoft WORD para os sistemas operativos Apple-McIntosh (preferente), MS-DOS/Windows ou Linux.

2) MATERIAL GRÁFICO: A inclusom de material gráfico deve garantir a originalidade. No caso de incluir referências, nos originais constará com toda a clareza a sua fonte e / ou localizaçom, inclusive com mençom expressa da concessom da permissom de reproduçom se for o caso. O material gráfico digitalizado deverá adequar-se aos seguintes parámetros:

- Desenhos, planos, mapas, gravuras, etc.: formato .TIFF, tendo em conta que o processo de digitalizaçom ("scanning") se fará em linha ou mapa de bits (nunca em escala de cinzentos), ao tamanho real da imagem (100%) e com umha resoluçom mínima de 1.200 pontos por polegada (p.p.p).
- Fotografias: formato .TIFF a cores ou escala de cinzentos (a preto e branco) conforme proceder, ao tamanho real da fotografia (100%) e com umha resoluçom mínima de 300 pontos por polegada (p.p.p.).
- Gráficos: Preferentemente numha página em Excel (arquivos .XLS) (os gráficos de Word apresentam freqüentemente problemas de conversom aos programas profissionais de diagramaçom), ou no formato do Openoffice (.SXC).
- MUITO IMPORTANTE: Com independência de o material gráfico poder ir inserido no documento de texto, como orientaçom para a localizaçom das imagens, cada umha das imagens ou gráficos deverá ser entregue como arquivo independente, sujeitando-se às especificaçons supracitadas.

3) Os textos levarám o cabeçalho deste modo (Times, corpo 11):

título da comunicaçom: **centralizado, minúscula, negrito**.
nome e apelidos do/a autor/a: debaixo do título, direita, minúscula.
universidade ou centro –no seu caso: debaixo do nome, direita, minúscula.

Exemplo:

O Horizonte da Galeguia

Raquel Oliveira Constante
Univ. dos Açores

3PERCURS92 19/12/07 14:15 Página 321

4) As notas de rodapé (Times, corpo 8) deverám ser compostas com a opçom específica do processador de texto. Se seguir sinal de pontuaçom ao número de chamada, o sinal de pontuaçom irá depois do número da chamada e nunca antes: exemplo[1]. e nom exemplo.[1]

5) No corpo do texto (Palatino ou Times, corpo 11), o avanço de parágrafo da primeira linha deve ser feito com a opçom específica do menu formato ou desenho de parágrafo; nunca se usará tecla de espaçamento nem tabulaçom. A mesma indicaçom serve para as notas de rodapé.

6) A citaçom de trecho longo disporá-se como parágrafo independente (corpo 10), sem aspas, com a correspondente remissom bibliográfica no fim do trecho entre parênteses; deverá ser composta (também as tabelas ou quadros) com a opçom específica do processador de textos, nunca com espaçamentos ou tabulaçom. Se a citaçom tiver menos de quatro linhas, deve dispor-se no corpo do texto, entre aspas duplas (se houver necessidade de utilizar aspas dentro da citaçom, elas serám simples, '...').

7) Bibliografia: deve consignar-se sob a epígrafe BIBLIOGRAFIA (centralizada, minúscula, negrita). As entradas, ordenadas alfabeticamente, irám do seguinte modo: APELIDO(S) [VERSALETES] Nome (minúscula): *Título do livro* [itálico] ou do "Artigo de revista ou colaboraçom em obra colectiva" [pode ir entre aspas, rectos], resto dos dados do livro: lugar, editorial, ano [rectos] ou Título da revista ou obra colectiva [itálico]. Exemplos:·

– 1. Referências correspondentes a livros:

COMISSOM LINGÜÍSTICA DA *AGAL*. 1985. *Prontuário Ortográfico Galego*. Associaçom Galega da Língua: Santiago de Compostela.

CARVALHO CALERO, Ricardo. [7]1997 (1966) *Gramática elemental del gallego común*. Editorial Galaxia: Vigo.

CARVALHO CALERO, Ricardo. 1984a. *Letras Galegas*. Associaçom Galega da Língua: Santiago de Compostela.

DARWIN, Charles Robert. 2005 (1859). *A Origem das Espécies*. (Trad. do ingl., de *The Origin of Species by Means of Natural Selection*, por Dora Baptista). Publicações Europa-América: Mem Martins.

– 2. Referências correspondentes a artigos, trabalhos inseridos em actas, colectáneas:

ÁLVAREZ CÁCCAMO, Celso. 1987. "Fala, bilingüismo, poder social". *Agália*, 10: 127-150. [caso com aspas]

ÁLVAREZ CÁCCAMO, Celso e Mário J. HERRERO VALEIRO. 1996. O continuum da escrita na Galiza: entre o espanhol e o português. *Agália*, 46: 143-156. [caso sem aspas]

CHAVES DE MELO, Gladstone. 1996. "A língua poética de Ernesto Guerra da Cal, modelo de reintegração". *In* Maria do Carmo Henríquez Salido (org.): *Actas do IV Congresso Internacional da Língua Galego-Portuguesa na Galiza*: 233-240. Associaçom Galega da Língua: Santiago de Compostela. [caso com aspas]

8) Na disquete ou CD deve ser rotulado o nome do autor, título completo do trabalho, processador de textos utilizado e versom do mesmo.

9) É possível que, nalgum caso, sejam enviadas provas a algum dos autores. Os autores corrigirám as primeiras provas, admitindo-se só correcçons tipográficas e ortográficas, e, sempre ao juízo dos editores, aqueles acréscimos ou eliminaçons de texto que nom afectarem a diagramaçom da publicaçom.

10) Para além de cópia digital, deverá ser enviada cópia impressa do trabalho.

3PERCURS92 20/12/07 13:58 Página 322

AGÁLIA, 91-92

2º SEMESTRE 07